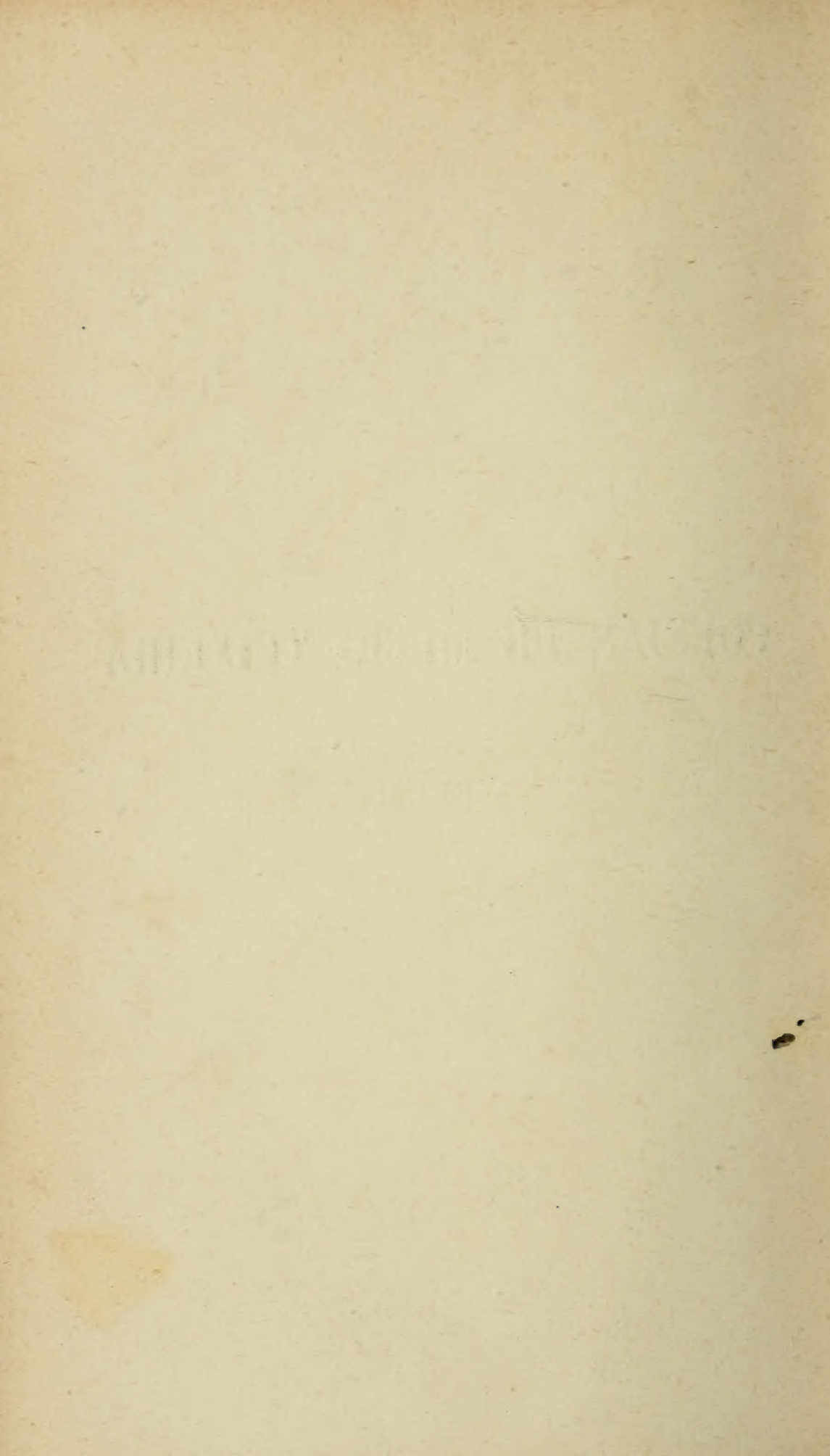
Mucio Teixeira

Poesias

H. Garnier

RIO DE JANEIRO

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

TOMO II

POESIAS

DE

MUCIO TEIXEIRA

NOVA EDIÇÃO

Precedida do juizo critico de escriptores nacionaes
e estrangeiros,
de uma Apotheosis poética e de notas

POR

ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA

TOMO II

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1903

LIVRO II

MOCIDADE

I

NO TÚMULO MATERNO

¡Ó santa de bondade e santa de virtudes!
¡Pudessem traduzir estes meus versos rudes
A funda gratidão e mais que a gratidão
Esta saudade immensa a encher meu coração!

Hoje, que nada vejo além desse mysterio
Que alevanta entre nós a cruz dum cemiterio,
Hoje é que comprehendo o quanto fui feliz
Nessa idade de sóes, de auroras e de abris,
E o quanto soffro agora, em plena mocidade,
Por ver-me a tactear nas trevas da orfandade.

¡Que thesouros de luz guardavas para mim,
O teu único filho! — ¡o lirio do jardim
Dos teus sonhos de moça! ¡o astro dos arcanos
Que fulgia no azul dos teus ligeiros annos!

¡Que espléndido porvir, glorioso, triumphal,
Sonhavas para mim!... O éco festival
Das vozes de meu Pai, coberto de victorias,
Quando voltou da guerra, aureolado em glorias,
Tu ouvias talvez nos risos infantis
Do filhinho entretido em brincos pueris...

Quantas vezes, a sos, comtigo não dizias,
Querendo adivinhar os meus futuros dias:

— « Sim, elle ha de seguir os passos de seu Pai;
« ¡Ha de ser um heróe ou ser um genio! » —

Ai!...

São sempre assim as Mâis: ¡de amor e de esperanças
Vão embalando e enchendo os berços das crianças!

Mas si foi esse o sonho, a aspiração constante
Do teu curto existir... ¡Tambem a Mâi do DANTE
Teve sonhos assim! ¡E as GOETHES e os CAMÕES
Recebem de sua Mâi as bênçãos e as lições!
Pois bem, eu lutarei! embora o desalento
Por vezes me interrompa a acção do pensamento...
Farei do teu sepulchro o ponto de partida:
Pedirei tudo ao nada, á tua morte a vida
Que aos poucos me fallece... e assim espero, um dia,
No marmóreos doceis do templo da Poesia,
Dos louros que colher formar-te uma corôa,
A ti, luz que me inspira, alma — que me abençôa!

Rio, 17 de Maio de 1881.

II

MINH'ALMA

Ha umas almas sensíveis
De umas eternas crianças,
Que dormem com esperanças
E sonham com *impossiveis*.

São bandos de pombas mansas,
Que — com azas invisíveis —

Vôam por ceus indizíveis
Entre saudosas lembranças.

Scismando, de plaga em plaga,
Tambem minh'alma divaga
Sem ter destino e sem medo.

E assim, perdida na bruma,
Parece um flóco d'escuma
Que a onda lança ao rochedo.

III

A IRONIA DA ESTATUA

I

Catharina da Russia, que sentia
Santos enthusiasmos de mulher
Pelo frio propheta da ironia,
O tremendo e sarcástico Voltaire;
Encommendou a Houdon, o estatuario,
Um soberbo prodigio de esculptura,
Que apresentasse á geração futura
Do velho sabio o vulto solitario.

Feito o assombro d'Arte
Depois de morta a bella Imperatriz,
Um dos seus successores,
Ao vel-o entrar em seu palacio, diz :
« Ponham-no em qualquer parte,
« Num desses corredores,
« No Palacio de Inverno ou no jardim,
« Contanto que o não veja ao pé de mim ».

Annos depois, ouvindo o Imperador
Rugir a plebe, em baixo, nas muralhas,
Ergue-se com valor
Afim de impor silencio aos vis canalhas...

Por um sombrio corredor avança,
Indo d'encontro a um vulto erguido ali,
Que o feríra na fronte...

Atroz lembrança
Corre-lhe pela mente régia e fátua...
Contempla, mudo, a solitaria Estatua:

¡ E a muda Estatua solitaria — ri!

II

Passam-lhe pelo cérebro agitado
Uns pensamentos trágicos, sinistros,
Como um antro de feras povoado.

Reprehende severo os seus ministros,
Ordenando que ponham noutra parte
Aquella coisa, ou façam-na em pedaços.

— Senhor! ¡ si aquillo é um prodigio d'Arte!
« ¡ Seja o que for! Não quero nos meus paços
« A figura fatal que ri de tudo...
« Aquelle riso me faz mal aos nervos! »

Levam d'ali, no mesmo instante, os servos
Do sabio o vulto solitario e mudo.

. . . .

Correm fidalgos a dizer um dia
Ao grande Imperador,
Que um torreão do seu palacio ardia,
¡ Desabando as paredes, com fragor,
Por cem línguas de fogo devoradas !...

¡ Os incendios são feitos para os Neros
Applaudil-os das torres, ás risadas !

Corre contente o bravo Imperador
Ao salão do castello do Levante ;
Mas, afastando o reposteiro... ¡ Horror !
¡ Horror ! Naquelle instante :
— ¡ Aos vivos reverberos
Da chamma rubra, intensa, extraordinaria,
De novo ao pé de si
Contempla, mudo, a Estatua solitaria :

E a muda Estatua solitaria — ri !

III

Num accesso de furia arrebatado,
Tenta o forte senhor quebrar de um sôco
O mármore pesado ;
Mas ha ! que toda a força imperial
Apenas conseguiu mover um pouco
Da dura Estatua o firme pedestal.

« ¡ Quebrem esta figura em mil pedaços ! »
Bradou, enraivecido :
« ¡ E ai d'aquelle que em meus régios paços
« Ouse abrigar por um so dia mais
« Este eterno bandido !... »

Num dos vastos salões imperiaes
Estava a galeria de esculptura
Da morta Imperatriz ;
Bem podia a sarcástica figura
Jazer ali em paz eternamente,
Que o bello Imperador ¡ homem feliz
La não penetraria certamente.

O tempo distendeu seu longo manto
Por sobre aquillo tudo;
E atraz da galeria, la num canto,
Jazia o vulto solitario e mudo.

IV

Travou-se emfim a guerra da Criméa.

O grande NICOLAU sentira um dia
Passar-lhe a sombra duma negra idéa
Pela mente prophética, que ardia
Na febre de fataes presentimentos...

Uma noite (o luar batia em cheio
Nos régios aposentos)
O rei, parado do salão no meio,
Espêra alguem de certo ; neste instante,
— Silêncioso, pálido, sombrio, —
Assoma o Ajudante.

« ¿ Derrotado, não é ?! »
A um discreto signal affirmativo,
Corre-lhe pelo dorso um calefrio...
Então, perdida a calma,

Brada convulso, trémulo, insofrido :
« ¡ Derrotado ! ¡ Batido !... »

Era a notícia da batalha d'Alma.

« ¡ Batido ! ¡ Derrotado ! » Alguns momentos
Permaneceu immovel, silencioso,
No meio do salão ;
¡ Densa nuvem de escuros pensamentos
Atravessou-lhe o cérebro raivoso,
Turbando-lhe a razão !...

Depois, machinalmente, foi andando
Dum para o outro lado ;
Por um extenso corredor passando,
Entra emfim num salão abandonado.

De repente... estremece, olha... e recua,
Como si a propria sombra o assustara :
— Batia a luz da lua
Num pedaço de pedra de Carrara...

— A figura fantástica do pária
Estava ali, por traz da galeria ;
Fitou, chorando, a Estatua solitaria :

¡ E sempre a Estatua solitaria — ria !

V

Nisso, ao Conde Adelsberg, seu ministro,
Que ahi chegara nesse mesmo instante :
« ¿ Que ordem dei eu ? ! » pergunta em tom, sinistro

Em trémulo, offegante,
Aponta para a Estatua, suffocado.

« ¡ Perdão, Senhor! Seria atroz peccado
« O destruir-se este prodigio d'Arte;
« Demais, Sua Magestade a Imperatriz »...
— ¡ Basta! » E cobrando novamente a calma :
« Olha, conserva-o, porém noutra parte...
« — ¡ Si soubesses que funda cicatriz
« A Ironia da Estatua me abriu n'alma! »

. . . .

VI

O Conde tinha espirito... sinão,
Vejam o que elle fez :
Para que Nicolau nem uma vez
Visse mais essa Estatua de Voltaire,
— Mandou deposital-a no salão
Onde a Bibliotheca Imperial
Jazia entregue ás eruditas traças...

E assim bradou : *¡ Eureka!* Outro qualquer
Não teria essa idéa original.

Os ministros, ás vezes, têm chalaças...

IV

INTERROGAÇÃO ETERNA

¿ Donde sahimos nós?... Da sombra do Mysterio...
¿ Aonde vamos? não sei; a cruz do cemiterio
Pode ser uma porta aberta á eterna vida,
¡ Mas pode ser tambem uma barreira erguida
Entre a luz e a treva! »...

Assim, a humanidade
Caminha, sem saber para onde vai...

¿ Quem ha de
No Oceano fatal das Dúvidas eternas
A sonda mergulhar?...

A boca das cavernas,
Os olhos dos leões, o ventre dos abysmos,
Têm ímans, attracções, fluidos e magnetismos...
As ruínas ao luar e o interior dos templos
Produzem impressões mais fortes que os exemplos
Das severas lições.

Em vão nós procuramos
Saber quem foi que deu ás árvores os ramos,
Canto ao pássaro, aroma á flor, escuma á vaga...
A flamma da razão bruxoleia e se apaga
Em plena escuridão...

Por essa noite escura
Passam as gerações do berço á sepultura.

V

A GLORIA

Sinto amor pela gloria : a eterna companheira
Dos genios, dos heróes, artistas e poetas.
É ella quém desfralda a marcial bandeira,
É ella quem dá força ao pulso dos athletas.

A gloria é uma mulher morena e de olhos grandes,
Cheia de seducções e cheia de languores;
Faz que os amantes seus subam além dos Andes,
Num vôo inda maior que o vôo dos condores.

Seus labios sensuaes provocam mais desejos
Que as virgens de MURILLO em lânguidas posturas;
VIRGILIO fez-lhe a côrte... HOMERO deu-lhe beijos...
E MILTON vai com ella ás gerações futuras.

Foi amante do TASSO e de PETRARCA e DANTE,
¡Rival de ELEONORA... e LAURA... e BEATRIZ!
Festejava MOZART, quando elle ind'era infante...
Tem o berço na Grecia — e casas em Pariz.

Traz na fronte um laurel de estrellas em myriades;
Tem o escopro, o pincel, o camartello, a penna;
Meditou com SOLÓN... sorriu com ALCYBÍADES...
Cantou com MALIBRAN, chorou com MAGDALENA.

Subiu com JESUS CHRISTO o monte do Calvario
E desceu com MOYSÉS do alto do Synai;

Abriu as cathedraes antigas ao templario;
Sua Mãi é a humanidade : ¡ e Deus — é o seu pai!

Nos castellos feudaes das épocas lendarias,
Ao ver as castellãs em seus balcões de flores,
Inundava de amor o coração dos párias,
Dando filtros fataes á voz dos trovadores...

Em todas as nações e em todas as idades,
Ella foi sempre assim : ¡ espléndida, divina!
Espalha os filhos seus por todas as cidades :
Em Pantheons e hospitaes, no theatro e na officina.

¡ A Gloria!... Essa mulher por todos venerada,
Embora aperte ao seio o peito dos amantes,
É mais pura que o ar no azul duma alvorada;
Casta como o botão das flores odorantes.

É pura, é casta — e é Mãi; assim tambem Maria,
A Mãi do Nazareno, o martyr divinal,
Si a crença de meus pais não foi uma utopia,
Era pura, era casta : ¡ e Mãi — e virginal!...

Na floresta cendrada, onde ella passa os dias,
Brincam Fáunos gentis e Sátyros tambem :
E ella mergulha, a rir, nas águas claras, frias,
Onde a Náyade, a furto, espreita mais alguem...

Esse alguem — é o ideal do século das luzes,
O ideal do trabalho, o ideal da sciencia;
Elle — que adormeceu aos gritos dos obuzes...
Elle — ¡ que despertou á voz da Consciencia!

Pois bem, essa mulher, eterna e legendaria,
Que abre as mãos ao heróe e off'rece o braço ao genio,
Cedeu a BENVENUTO a mão da estatuaria...
Ouviu RACINE, e entrou com TALMA no proscenio.

O mais — vós o sabeis : seus filhos são gigantes,
De têmpera tão forte e dimensões tamanhas,
Como as aspirações dos moços estudantes...
Ou a sombra que cai do alto das montanhas.

VI

AMAR

Amar aos vinte e dois annos
E ser poeta, mulher,
É um desvendar de arcanos
Que os não desvenda qualquer;
É um desfiar de bagas
De um collar feito de chagas
Abertas no coração...
Um fulgir de vagalumes,
Com tantos brilhos, taes lumes,
¡Que nos deslumbra a razão!...

Assim, em louca cegueira,
Nessa voragem fatal,
Noss'alma vai de carreira
Bater ás portas do mal...
E como a leve phalena
Queimando as azas sem pena

Em derredor de uma luz,
Em busca de primaveras,
Vai, tropeçando em chymeras,
Cahir nos braços da cruz. .

Amar — é viver sosinho,
Tendo alguem perto de si;
Ser pombo, fazer o ninho,
¡E a rolinha sempre ali!...
É um nunca fechar de braços,
Que se trocam em abraços
Que estreitam dois corações;
Um turbilhão de desejos
Que se desmancham em beijos...
E passam como illusões.

Amar — é fechar os olhos
E ver-se... ¡o que não se vê!
¡É caminhar, entre abrolhos,
Colhendo grinaldas! — e...
Depois... não sei; mas, eu penso
Que o homem fica suspenso
Por azas de um cherubim:
E vai voando... voando...
Por entre estrellas passando...
Naquellas plagas sem fim.

Amar — assim como eu amo,
¡É um delírio talvez!
Uma loucura não chamo,
Pois louco não sou, bem vês;
Mas ha por força um mysterio
Nesse *não sei quê* de ethéreo

Que *não sei donde* ha de vir...
Umas attracções de abysmo,
Uns fluidos, um magnetismo
Que sentimos... ¡sem sentir!

VII

O LEGENDARIO

NA MORTE DO GENERAL OSORIO

— ¡Todos choram a morte do guerreiro!...
Como é bello, meu Deus, um povo inteiro
Chorando um homem so!
(MUCIO — *Violetas*)

Eu vi o nosso heróe nos transes derradeiros
Do derradeiro instante :
Forte como um leão, grande como um gigante,
¡Parecia passar nos campos das batalhas,
Á frente dos guerreiros,
Por entre um temporal desfeito de metralhas!...

Não é mais bello o sol, como um Titão sangrento,
No occaso avermelhado;
Eu vi (¿sonho ou visão? ¡febril deslumbramento!)
Nos olhos seus profundos,
Com tristezas de morte e audacias de soldado,
— Vivas radiações
De esplendorosos mundos
No sombrio estendal das amplas vastidões.

. . . .

Ha não sei quê de forte
Na maneira de olhar dos velhos legendarios;
Parece até que a Morte,
Varrida pelo espaço
Na eterna repulsão dos vultos planetarios,
Ja talvez na suprema angústia da impotencia,
Aos ceus levanta o braço,
Feito de músculos d'aço
Na forja sideral do azul dos arrebóes...
Bradando : « ¡ Ó Providencia!
« ¡ Ó Deus das tradições
« Da Tragedia Sagrada!
« Dá-me ímpetos de mar e fúrias de tufões
« Para eu poder lançar á solidão do nada,
« No poente da morte... ¡o vivo sol dos sóes!...

E eu vi que o Legendario
Era de certo assim : bello, sereno e forte,
Nas horas em que a morte
O deixava a scismar, soberbo e solitario,
Na sombria extensão dos campos de batalha...

¡Quanta vez, encostado a uns restos de muralha,
Não pensava na patria o lutador valente!
O' Dante! ¡tuas visões passavam-lhe na mente,
Envoltas em trophéus e envoltas em mortalha!...

Depois, quando soavam
Clangorosos clarins metálicos, vibrantes,
Ao rufo atroador de inúmeros tambores...
¡ E as bandeiras então — como azas de condores
Nos ares fluctuavam!...
E longe, muito ao longe,
Extensas legiões,

Escuras como a cor do hábito de um monge,
Tomavam posições,
Emquanto que as espadas
Scintillavam ao sol, vivas, desembainhadas...

Como que se operava a transfiguração,
Dos cimos do Thabor :
Osorio, aureolado em ondas de um clarão,
¡Era o genio da guerra — assombro do valor!

No confuso vai-vem
Dos inquietos corceis das bravas cavallarias,
Que mascavam o freio em cóleras sombrias,
Varados pelas balas
Que voavam d'além...
Abriam-se de chofre os pelotões em alas
Para passar alguem :

Então, nesse momento,
No dorso de um corcel de crina sòlta ao vento,
Num galope febril, fantástico infernal,
Forte, como o exemplo eterno do Calvario,
Passava o General...
O General Osorio, — ¡o nosso Legendario!...

Ia colher mais louros,
Si mais louros houvesse ainda por colher;
Bradava, então, a Morte : « ¡Eu posso te suster
Com meus pulsos fataes ! »
Respondia o heróe : « ¡Eu vou para os vindouros ! »
¡E galopava mais !...

¡E galopava mais ! e mais... e tanto, tanto,
Que os primeiros heróes o perdiam de vista :

Viam somente, ao longe, attônitos de espanto,
Um vulto indefinido... ¡ o Anjo da Conquista !

Procuravam, em vão, seguir de Osorio os rastros
Os velhos Marechaes ;
Assim, tambem na esphera espléndido dos astros,
Estão longe do sol — ¡ planetas immortaes !

Foi assim que o heróe, nos campos de batalha,
Glorificou a vida — exposto sempre á morte.
¿ Como é que vem a sorte
Envolver seus trophéus nas dobras da mortalha ?!...

¡ Povo ! ¿ não vês que chora uma nação inteira
Aos pés de um homem so?
(O presente não sonha em mystica cegueira
A escada de Jacob)... !
E mister levantar um monumento a Osorio,
— O maior General dos nossos generaes —
Um monumento enorme, assim como o zimborio,
Das amplas cathedraes :

Bem o podes talhar ao moldo do seu nome,
Que o tempo não consome.

— E si faltar material bastante
Para nas praças erigir-lhe estatuas,
Si essas vaidades transitórias, fátuas,
Perdem-se á sombra desse heróe gigante,
Não vas grinaldas enastrar de flores,
Nem ás estrellas mendigar fulgores...
— Temos na terra o que não ha no céu :
Apanha as armas que a seus pés cahiram,

¡ E ajunta as balas que os canhões cuspiram
La na provincia onde esse herõe nasceu!...

Curva-te, ó patria, sobre o chão do Pampa,
Recolhe os ossos dos titães soldados,
E então — de sabres e canhões e balas,
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal da estatua
Que irá nas brumas se perder do espaço...
¡ E assim aos astros erguerás seu craneo,
E ao mundo inteiro estenderás seu braço!

VIII

VERSOS Á MARIA

Pomba minha, andando pelas fendas das pedras ou nas cavernas das ladeiras, mostra-me tua vista, faze-me ouvir tua voz; porque tua voz é doce, e tua vista agradavel.
(*Cantares*, Cap II, vers 14)

I

Nos teus aromas de flor
Fluctua o meu pensamento
Num vôo manso, suave,
Perdido no firmamento,
¡ Nas tuas azas de ave...
Nos teus aromas de flor!

II

Ao teu scismar de mulher,
Fico em silencio, scismando;

E vêm-me então á lembrança
Pombos e cysnes em bando,
¡ Ao teu sorrir de criança...
Ao teu scismar de mulher!

III

Ha muita coisa do sol
No brilho dos teus olhares,
Que ora resfria, ora estua;
Teus olhos — são dois luares:
¡ E nesses rivaes da lua
Ha muita coisa do sol!

IV

Nos marmóreos pedestaes
Dos poemas de esculptura,
Bem podias, minha amada,
Pela fórma e pela alvura,
¡ Ser a estatua alevantada
Nos marmóreos pedestaes!

V

Sinto nos hálitos teus
Uns perfumes de verbena,
De violetas, de rosas...
Uma mistura serena
De essencias mysteriosas
Sinto nos hálitos teus.

VI

Esses aromas subtis,
Violentos, enervantes,
Embriagam mais qne os vinhos
Purpurinos, escumantes,
A quem sorve aos bocadinhos
Esses aromas subtis.

VII

Por isso vivo — a morrer...
¡ Mas esta morte — é a vida !
Mas esta vida, criança,
De saudades consumida,
Ja vai perdendo a esperança...
¡ Por isso vivo — a morrer !...

IX

A UM POETA

De verre pour gémir, d'airain pour résister.
(Victor Hugo)

Amigo, eu li teu livro e dou-te os parabens.

¡ És um prestigiador !... A inspiração que tens
É selvagem e nua, expande-se e não cora ;
Tem hysterismos — ri e ao mesmo tempo chora...
Outras vezes, então, faz coisas da assustar :
Lança-se impetuosa á profundez do mar

E depois, fluctuando, agita as ondas cérulas,
¡ Atirando no azul — uma porção de pérolas !...

Vi tua Musa, scismando, á luz crepuscular :
Tinha o azul do céu na limpidez do olhar,
Uns reflexos do sol nos cabellos de Ondina
E uns timbres musicaes na voz branda, argentina.

A alma era um mysterio, o corpo era um primor;
E como que escondia as azas — no pudor...

Seu olhar de criança, ingênuo e insistente,
Parecia querer enamorar a gente...

Oh ! não tenhas ciume : eu, como tu, tambem
Sou moço e tenho Musa... ¡ E quero tanto bem
Á minha bella amante ! Embora ella não seja
Tão feiticeira assim, seus labios de cereja
Têm beijos para mim e risos para os mais,
Tanto, que elle sorriu ao ler teus madrigaes.

Si as nossas Musas, pois, são duas raparigas
Modestas como nós, bem podem ser amigas.

A minha é acanhada : e isso é natural
Nos pobres como nós, que nos vestimos mal,
Mettidos sempre em casa, a trabalhar, sosinhos,
Mas contentes, cantando, assim como nos ninhos
Os pássaros...

Vocês, pelo contrario, eu sei
Que já têm ido até cumprimentar o Rei...
Eu não fui, mas mandei um verso alexandrino.
Vocês vão ao *Mozart*, aos bailes do *Cassino*,

Ao *Lyrico* e ao *Prado*, á rua do Ouvidor:
Pergunta-te um Barão: — « ¿Como passou, Doutor?
« Minha senhora... » — e ella, a tua amante, a Musa,
Com sorrisos de moça e gestos de andalusa,
Acena levemente a fronte esculptural,
Com aquella altivez de quem não tem rival,
Deixando atraz de si um rasto de perfumes,
Ella — ¡que anda espalhando assombros e ciumes!...

A minha... ora, ambas são irmans, e afinal
Irmans de pai e mãi — a Crença e o Ideal.

Si as nossas Musas, pois, são duas raparigas
Modestas como nós, bem podem ser amigas,

Deixemol-as em paz e vamos ao jardim
Ouvir o sabiá, colher algum jasmim...
Recita versos teus: um madrigal dolente
¡Que traduza um amor impetuoso, ardente!
Um idyllio, ¡ou então um hymno marcial
Que respire bombarda! uns versos de metal
Puro, com vibrações de libras *sterlinas*
E os brilhos vivos, crus, das pedras diamantinas.

Foste cantar na guerra, ao lado dos Heróes,
Como a Aguia que vai fitar de perto os Sóes;
E voltaste de la com as mãos cheias de glorias,
Espalhando na patria os hymnos das victorias.

Cantaste a Paz e a Luta, as Pombas e os Leões,
O lago em somnolencia e o mar em convulsões;
— Herschel, Napoleão, Schiller e Rafael, —
¡O Telescópio, a Espada, a Penna e o Pincel!

Millionario que és tu, ó ROTHSCHILD de ideias,
Que espalhas, a cantar, thesouros ás mãos cheias...

¿E por cantar assim fizeram-te soffrer?
¿Porque tentas, então, na sombra adormecer?...

¿Pois não vês que o Talento é quasi sempre isto:
Na vida — *João Valjean*, na morte — JESUS CRISTO?

O povo — que seguia os passos de JESUS,
Foi o mesmo a bradar em alta voz: — « Á Cruz! » —

São raros os SANSÕES que desmoronam templos:
Si o Genio dá lições, o Mártyr deixa exemplos.

Eu, si delles seguisse a marcha triumphal,
Havia de avançar até chegar á Historia;
Embora, para entrar no Pantheon da Gloria,
Tivesse de ir bater á porta do Hospital...

¿Como procuras tu, Bohemio do Porvir,
Adormecer á sombra, em meio da jornada?
¿É por ter de laureis a fronte engrinaldada?
Mas isso é um incentivo: — obriga-te a seguir.

¡Á liça, lutador! ¡O' marinheiro, ao mar!
Solta as velas do barco ao fresco das aragens,
Banha em ondas de luz a noite dos selvagens...
Homem — ¡trabalha ao sol! Poeta — ¡vem cantar!

X

INTIMA

Si houvesse uma palavra que exprimisse
Tudo o que sente a alma de um poeta,
Ou si um olhar, ao menos, traduzisse
Todas as lendas da paixão secreta,

Então — feliz seria quem sentisse
Este fogo que eu sinto e que me inquieta;
Quem, chorando de amor, de amor sorrisse,
Na sombra da mudez a mais discreta.

A verdade, porém, é tão amarga,
Que, quanto mais a aspiração se alarga,
Mais longe devo estar — de quem procuro...

Ah! e *ella* não sabe... ¡ e eu não lh'o digo!
Mas — ¡ hei de ter commigo, quem comsigo
Tem minh'alma, meus sonhos, meu futuro!

XI

A NOITE DAS VISÕES

I

Eu estava á janella, a pensar, so e mudo;
Aberta a alma á terra, ao mar, ao ceu... ¡a tudo!...

Na terra, as maldições soavam num concerto;
O mar bramia em furia, o ceu era um deserto...

Abri os olhos d'alma a tudo : e vi — o nada,
Silente como o ar e frio como a geada.

As virações do mar, gemendo muito ao longe,
Faziam-me pensar nas orações de um monge.

Lembrei, ao vêr cahir a chuva sobre o mundo,
A lágrima que cai num rosto moribundo.

Os ventos, apagando as trémulas luzernas,
Pareciam leôes rugindo nas cavernas.

Era uma noite negra, ameaçadora, horrenda,
Prolongada, sem fim...
¡ Era uma noite — irmã da bíblica legenda
Do tétrico CAIM !...

A chuva, que cahia dos espaços,
Fazia em estilhaços
Os vidros das janellas ;
E ao rolar sobre a terra, enraivecida,
Pulava, recuava — espavorida...
¡ Ella, com medo, a filha das procellas !

Ante a furia brutal dos rugidores ventos
Tremiam de terror os muros dos conventos.

Cahiam pelo chão as folhas do arvoredo ;
Os hómens tinham raiva, ¡ as feras tinham medo !

Os trovões, a rolar na escuridão do espaço,
Eram carros de bronze entre caminhos d'aço.

Eu julgava escutar os berros dum gigante,
Dalgum desses heróes descriptos pelo Dante.

Não causa tanto horror a fauce do Vesuvio
Como uma noite assim — ¡ reflexo do Diluvio!...

Era a franqueza d'agua, a sátyra do vento,
¡ A hypérbole da tréva em pleno firmamento!

. . . .

II

Então, eu vi surgir do ventre dum abysmo
Um monstro, um Satanaz, impávido, disforme:
Tinha o corpo felpudo, arripiado, enorme...
¡ Olhar de cão damnado!
Era *elle* o Scepticismo.

Volteavam-lhe em torno, emagrecidos, fracos,
Irrequietos pygmeus,
Soltando os guinchos d'aço, assim como os macacos
Mostrando os filhos seus
Ao caçador, que os deixa, e segue impressionado
Por vêr aquelle instincto assim tão pronunciado.

E saltavam ao pé do monstro vil, ligeiros,
Como a cobra que dança aos gritos do selvagem;
Assim, quando um *captivo* expira, os seus parceiros
Prestam-lhe a derradeira e fúnebre homenagem,
Dançando ante o esquife, alegres, prasenteiros,

Pensando que do morto a alma está no ceu...
Ou ao lado dos seus — na terra onde nasceu.

E o monstro pavoroso,
Athlético, grosseiro,
Como o vulto orgulhoso
De um velho granadeiro;

Em tom de voz medonho e abafado,
Como o agonisar dalgum gigante,
Ou um vulcão ha séculos suffocado
Que rasgasse a cratera chammejante;
Firme o olhar, cabello desgrenhado,
Húmido o pello, a boca faiscante,
Estas palavras disse, sem tremer,
Fazendo a propria tréva enegrecer :

« O ceu é um vácuo enorme; a terra — a sepultura
Onde apodrece, exposta aos vermes da vaidade,
A triste humanidade;
A virtude é um sonho, a honra uma mania;
A intelligencia — um crime, a gloria — uma utopia,
A vida — dia claro : a morte — noite escura.

« A aguia da razão, librando-se no seio
Das vastidões do ar, aninha-se no espaço :
E, desatando o laço
Que a humana geração prendia á ignorancia,
Deixa as religiões na mais pungente ancia,
Fazendo vêr que o ceu — é puro devaneio.

« Alma — palavra vã, que o sabio não exprime;
Deus — orgulho sem fim, eterno despotismo;

Vida — sombrio abysmo;
Morte — transformação de um sêr em muitos sêres;
Homem — filho da dor e órfão dos prazeres...
Materia — o que ha de eterno, o único, ¡o sublime!...

« ¡O mais tudo é mentira!... As grandes cathedraes
Abrem ao bom e ao mau as portas igualmente;
O verdadeiro crente
É aquelle que descrê, ou o que crê — no nada...
O mundo é um carnaval... Sorri desta farçada
A caveira que rola ao pé dos vegetaes ».

III

Depois... a lua cheia, o pálido satéllyte,
A vaporosa Ophélia a fluctuar no azul,
Tremendo appareceu na solidão ethérea,
Ao leve respirar das virações do sul.

Vinha lánguida e triste: a face de uma tysica,
Á embaciada luz do sol crepuscular,
Não tem mais pallidez, nem é mais branca a pétala
De um molhado jasmin rolando á flor do mar.

As nuvens cor de chumbo, os grandes mantos fú-
Que toldavam do ceu o puro azul sem fim, [nebres
Reposteiros ideaes do negro umbral dos túmulos,
Mostram constellações num fundo de setim.

E o monstro da descrença, esse vampiro tétrico,
Anguloso, felpudo, informe, colossal,
Desfez-se com a tréva: a lúgubre irmã gêmea
Daquella alma da cor de um grande tremendal.

E então eu vi surgir... — ¡ apparição fantástica !
Das bandas do Oriente uma visão immensa :
Transparente, ideal, clara, rosada, lúcida,
Era a filha do Céu — ¡ o cherubim da Crença !

IV

¡ Ó Crença ! raio último
Dos olhos de Jesus,
Quando, sobre o Calvario,
Fechou as rôxas pálpebras,
Abrindo os braços nús...
¡ Dos braços de uma cruz !

Tu és um riso cândido
De cândida criança ;
Tens azas : és um pássaro,
Pássaro de esperança.

Adeja, sobe, eleva-te
Por esse espaço além...
Mas ah ! os braços abre-me :
Christo os abriu tambem.

Deus ! ¡ como é bella, tímida,
Meiga, modesta e calma,
Ella — que vem de júbilos
Encher toda a nossa alma !...

Tinha o olhar sereno e doce das crianças ;
Um riso aberto e claro — assim como as janellas
Que deitam para o mar... ¡ e um turbilhão d'estrellas
Estava a engrinaldar-lhe as odorosas tranças !...

Em delírios a luz cahia dos espaços,
Ajoelhando em torno áquella visão branca;
E com sonora voz, sincera, alegre, franca,
Disse, as azas abrindo e levantando os braços :

« Eu sou um mixto encantado
De aromas e sons e luz ;
O Christo, o Deus humanado,
Abriu-me os braços, da cruz.

Quando o último sorriso
Frisou os labios de Adão,
Ao deixar do Paraiso
A celestial mansão ;

Aclarei da noite a treva,
Acendendo, astro de amor,
Na face pálida de Eva
Uma pérola de dor.

Enchuguei, com uma penna
Das azas de Jehovah,
O pranto de Magdalena...
As lágrimas de Eloah...

Da luz do nascer do dia,
Das ardentias do mar,
Das brisas d'*ave-maria*
E dos orvalhos do ar ;

Do trino dos passarinhos
E da escuma que fluctua;
Do morno calor dos ninhos
E dos serenos da lua;

Das neblinas, das pennugens,
Dos aromas, dos fulgores,
Dos arminhos e das nuvens,
Mais das pétalas das flores,

Fiz o manto de rainha
Que pende dos hombros meus :
E — leve como a andorinha —
Desço aos homens... ¡subo a Deus!

Da igreja (a esposa suave
De Jesus), filha dilecta ;
Fiz o meu ninho de ave
No coração do poeta.

É em mim que elle se inspira :
Com a fronte no meu seio,
Ou fere as cordas da lyra
Ou perde-se em brando enleio.

De meus olhares aos prismas
Eu o deixo, em mago effluvio,
Boiando em lagos de scismas,
Como a Arca no Diluvio...

Si a alma christã se aninha
No calor dos seios meus,
Tão leve como a andorinha
Desço aos homens... ¡subo a Deus!

A muita luz do dia, em turbilhões, em jorros,
Cahindo da amplidão, descendo pelos morros,
Tremendo sobre o mar,
Fez com que o anjo bom, o seraphim dos crentes,

Batendo nesse instante as azas transparentes
Se perdesse pelo ar.

XII

O INFINITO

Onde o corpo não vai — projecta-se o olhar ;
Onde pára o olhar — prosegue o pensamento ;
Assim, nesse constante, eterno caminhar,
Ascendemos do po, momento por momento.

Muito além da atmosphera e além do firmamento,
Onde os astros, os sóes, não cessam de girar,
Ha de certo mais vida e muito mais alento
Do que nesta prisão mephítica, sem ar...

¡ Pois bem ! si não me é dado, em vigoroso adejo,
Subir, subir... subir — aos mundos, que não vejo,
Porém que um não sei quê me diz que inda hei de ver,

— Quero despedaçar os élos da materia :
Perder-me pelo azul da vastidão ethérea
¡ E ser o que so é — quem ja deixou de ser !...

XIII

A LUVA

(AO POETA E AMIGO A. E. ZALUAR)

I

No Jardim dos Leões, diz SCHILLER que se achava
A côrte reunida em massa ; e esperava
Que El-Rei FRANCISCO désse um signal com a mão,
Para surgir na arena o rugidor leão.

Em derredor do circo estavam aggrupados
Padres e cortezãs, duquezas e soldados ;
Misturavam-se ali as sedas dos vestidos
Das deusas do bom tom, co'os *paletots* compridos
Dos *dandys* de luneta e luvas de pellica,
Romeus... que andam atraz de *Julieta* — rica.

El-Rei dá o signal : range o portão de ferro ;
Tremem todos, ouvindo um horroroso berro,
E surge nesse instante, a passo firme e lento,
O rei dos animaes : a juba sôlta ao vento,
O olhar a desprender lampejos inflammados,
Garboso, a caminhar dum para os outros lados ;
E relançando o olhar por sobre o povo inteiro,
Estende os membros seus no centro do terreiro.

Novo signal d'El-Rei fez alta porta abrir-se :
E um rugido maior que o outro deixa ouvir-se...

Apparece na arena um tigre, nesse instante,
Raivoso como um rei. Bramido horripillante
Sólta o leão, torcendo a cauda, a contemplal-o
Com um olhar talvez capaz de atravessal-o :
¡ Atroa rudemente os ares!... E de novo
Descança o corpo enorme, olhando para o povo.

Ao terceiro signal novos portões se abriram :
E então de seus covis horríficos sahiram
Dois leopardos que, prompto, investem destemidos
Para o tigre — que assesta as garras...

Aos rugidos
Que desprende o leão, nesse momento a erguer-se,
Fitam-se os animaes... ¡ Era horrivel de vêr-se :

¡ Arrojam-se ao leão o tigre e os leopardos !
Vigorosos, crueis, terríveis e galhardos,
Estrangulam-se os bons guerreiros sem espada,
¡ A lutar e a rolar na arena ensanguentada !...

II

Mas, nisso, do amphitheatro
Uma donzella, a sorrir,
Descalça a mão, e a luva
Deixa na arena cahir.

Leviana, como muitas
Dessas cabeças gentis,
Olhando para seu noivo
Estas palavras lhe diz :

« Disseste que morrerias
Por meu amor... eis aqui
A occasião de provar-m'o,
Erguendo a luva d'ali ».

III

E o rapaz, mais ligeiro que o vento,
Nesse instante atirando-se á arena,
Ergue a luva do meio das feras,
Encarando-as com fronte serena.

Toda a gente, em redor, contemplando
Desse moço a bravura sem par,
Eu não sei si de assombro ou respeito,
Nem podia, siquer, respirar.

Quando á moça o rapaz corajoso
Dava a luva, modesto e cortez,
O silencio rompeu em applausos...
¡E os applausos cahiram-lhe aos pés!...

IV

Erguendo-se a donzella, então, formosa e lánguida,
Contempla-o com respeito e com amor sorri;
E diz-lhe, ao receber a luva, com voz trémula:
« Amo-te! nunca mais me esquecerei de ti! »

Mas elle, recuando um passo e cortejando-a,
Desta fórma agradece os cumprimentos seus:
« Guardai o vosso amor dentro da luva; odeio-vos;
Esquecei-vos de mim — que vos despréso. Adeus! »

XIV

ESTROPHES SOLTAS

Tens qualquer coisa de vago
Na abstracção desse olhar,
Manso ás vezes como um lago
Visto em noites de luar,
Outras vezes scintillante
Como um broche de rubis,
Ou a pedra de brilhante
Desse teu annel de *onyx*.

Os fios dos teus cabellos
São fibras de um alaude,
Por onde passam meus zelos,
Vibrando argentinos sons,
Na orchestra selvagem, rude,
Das minhas inspirações.

Ha nos teus seios morenos,
Macios como as maçãs,
Uns fluidos castos, serenos,
Que imagino ser um mixto
Dos olhos de Jesus Christo
E o rir de nossas irmãs;
E um não sei quê de velludo,
De plumagens e de arminhos,
Umas rêdes entre uns ninhos...
Uns nadas — ¡ que encerram tudo!

Teus pés são dois demoninhos,
— Mágicos prestigiadores,
Que passam, por entre espinhos,
¡ Deixando rastos de flores !...

Tuas mãos, á semelhança
De alguma historia encantada,
Dessas que a gente em criança
Adormece quando escuta...
Essas mãos são chaves d'oiro,
Que abrem a porta da gruta
Onde repousa uma fada
Por séculos adormecida,
¡Até que um príncipe loiro
Vá num beijo dar-lhe a vida !...

¡ Quem me dera, ó minha amada,
Quem me dera, ó meu thesoiro,
Que tu fosses uma fada...
E eu — um príncipe loiro !

XV

A PENHA

(NA PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO)

No píncaro do monte o templo se alevanta,
— Abrigando no seio a Imagem Sacrosanta
Da immaculada Mãi dos náufragos e afflictos,
Desses de quem o Céu não emudece aos gritos,
Quando, á face da Morte, ou diante de um Perigo,
Nos braços maternaes da Cruz acham abrigo.

É bello e é solemne o prisco monumento
Exposto dia e noite aos látegos do vento,
Na solidão da rocha, ao frio das alturas,
Perto do Creador... ¡ longe das creaturas!

A um lado — ruge o mar, em convulsões tamanhas,
Que borrifa de escuma o dorso das montanhas;
Outras vezes, porém, em somnolencia mansa,
Nos leva a recordar as lendas que em criança
A gente ouve no lar: — de um *príncipe*, que dorme
Aos beijos duma *Fada*... ou um Gigante, enorme,
Forte — como SANSÃO, grande — como GOLÍAS,
Perdendo lentamente a acção, as energias,
— Ao veneno mortal dos sensuaes abraços
Das DALILAS crueis... OMPHALES, que nuns laços
Astuciosos, subtis, enredam os amantes:
¡ Chegando a escravisar os HÉRCULES possantes!

Ahi, fluctua á flor das ondas agitadas
Verde grupo gentil de ilhotas arejadas,
Onde floresce o galho e amadurece o fructo,
Entre a vegetação do sólo nunca enxuto.

Do outro lado, enroscado em curvas caprichosas,
O *Rio da Costa* deixa as aguas bulicosas
Lamber lascivamente a margem verdejante
Da planicie que vai á povoação distante
Da *Barra do Jucú*. É la, que em horas mortas,
Quando os ventos do Sul batem ás amplas portas
Daquellas solidões, um rumor instantaneo,
Cavernoso, abafado, um múrmur subterraneo
Sôa, numa extensão de quasi duas léguas,
Ecoando em confusão além do *Mar das Éguas*.

¡Que riquezas, ó povo! encerram estas terras,
Desde a vasta planicie até ás altas serras!...
E dormes, indolente, em meio disso tudo, [mudo!
Como aos sons duma orchestra um triste surdo-

Faltam braços, bem sei. Queres um grande exemplo,
Um austero incentivo? ¡Eil-o, — naquelle templo!

Na solemne mudez desse edificio em ruínas
Ainda ecôa um som das músicas divinas
Das orchestras de Deus... Como que a Providencia
Deu áquelle silencio a mystica eloquencia
Da linguagem subtil das coisas silenciosas...

Conversam entre si pelo aroma as rosas,
Os ecos pelos sons, os sóes pelos lampejos,
Os prismas pela cor, as rôlas pelos beijos,
As almas pelo olhar...

¡E olhar e som e cor
E lampejo e aroma — é tudo um verbo: Amor!

Foi esse sentimento, eterno e immutavel,
Que levantou ali a crença inabalavel
De um venerando asceta: o Amor, o Amor Divino,
Fundido no crysol de um rígido destino,
Amor que tem o olhar no azul do firmamento,
Emquanto sangra os pés, momento por momento,
Nas sarças do caminho aspérrimo, tortuoso,
De lágrimas molhado, um córrego lodoso,
Por onde os crentes vão, seguindo a lentos passos,
Pedir amparo á Cruz — que a todos abre os braços.

... ¡ Ó Crença de meus Pais ! ¡ ó tábua salvadora
Dos náufragos da vida ! ¡ ó rutilante Aurora
Que has de raiar depois da Noite da mortalha!...
¡ Derrama sobre mim a tua luz ! espalha
Pela minha cabeça a convicção : — ¡ que é,
Para as chagas moraes, o bálsamo da Fé !

XVI

AS MÀIS

O Màis ! da Mãi de DEUS vós despertais lembranças
Nessa augusta missão — tão cheia de poesia:
Quando embalais ao collo as tímidas crianças,
¡ Eu penso ver JESUS — nos braços de MARIA !

¡ Vós sois uns anjos bons ! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flor nos seios virtuosos ;
— Nos filhos reflectis vossa felicidade,
Como em límpido espelho os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes ;
¿ Quem, antes, osculou a fronte dos prophetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes ?

¡ Ó Mãis ! de minha Mãi vós me trazeis lembranças...
¡ Encheis-me de saudade !... Eu amo-vos por isto.
Quando embalais, cantando, aos seios as crianças,
¡ Eu sonho ver MARIA acalentando o CHRISTO !...

Meu Deus! não sei dizer o que ha de mais ungido
De bálsamos do ceu, si ha mais sublime cousa
Que a Mãi, que embala ao berço o filho adormecido,
¡ Ou — o filho que resa ante a materna lousa!...

XVII

O MEU ALVARO

Ter um filhinho assim, é ter na terra
Um dos anjos do céu : e um céu aberto
Limitado no lar que esse anjo encerra.

Quando elle vem, tão lindo e tão esperto,
Espalhando sorrisos e brinquedos,
Bolindo em tudo quanto encontra perto;

Nada resiste ao toque de seus dedos :
Nem os jornaes, de que elle faz navios,
Nem meus cigarros — de que faz torpedos.

Seus grandes olhos castos, erradios,
Nostálgicos, talvez, d'outra existencia,
Enchem-me a alma de clarões bravios.

Encerram tudo os nadas da innocencia ;
E eu leio mais nos olhos de meu filho
Do que em todos os livros de sciencia...

Aquelle doce e brando e claro brilho
Dos seus olhos azues, bons, carinhosos,
Illuminam as sendas por que trilho ;

Aos seus vivos lampejos gloriosos
Eu retempero as armas para a luta
E sinto os pulsos meus mais vigorosos.

Temos dentro de nós alguma gruta,
Povoada de féras famulentas,
Cujo estranho rugir ninguem escuta...

São as aspirações vagas, sedentas,
Famintas de ideal e de utopias,
Que nos assaltam pelas noites lentas.

¿ Que seria de mim, si nestes dias
De um prolongado inverno de tristeza
Não brilhasse este sol das alegrias ?

Caio, ás vezes, em antros de incerteza,
Quando, por elle, penso no futuro :
¡ E vejo so o espectro da pobreza !

Ah ! mas com esse olhar por palinuro,
Quero ver se inda vejo o que antevejo
Na cerração deste presente escuro...

¡ Ou cegarei, por ver o que não vejo !

XVIII

ADA

Da minha noite és a aurora,
Doce filhinha innocente,

Que ensaias risos... agora,
Que eu scismo, triste e descrente.

Emquanto tu balbucias
Meu nome, que a inveja insulta,
Ao gelo das ironias
Meu tédio profundo avulta.

Si tu viesses mais cedo,
Como o Alvaro, ha tres annos,
Não verias meu degredo
Tão cheio de desenganos.

Vieste tarde : a rajada
Do meu destino é tão forte,
Que não me resta mais nada
Sinão a idéa da morte...

Idéa atroz, que não dorme ;
¡ Nem a fé me resta ao menos !
— ¡ Assusta-me a noite enorme,
Por ter dois filhos pequenos !...

Ai ! si eu me conservo mudo
Quando repetes meu nome,
E que vejo o nada em tudo...
¡ É que o tédio me consome !

E o que me dóe mais ainda
— O medo que est'alma encobre —
¡ É ter nascido — tão linda
A filha de um pai — tão pobre !...

XIX

A ONDINA

(MINHA PRIMEIRA SOBRINHA)

ONDINA, minha ONDINA, é muito cedo ainda
Para que possas tu comprehender, ¡ ai, linda!
A sublime intenção desta singela offerta...

É que um presentimento horrivel me desperta
A idéa de morrer bem cedo... — ¡ Anjo! ¡ perdôa,
Si esta revelação sombria te magôa!
Mas... nem eu sei; minh'alma está compenetrada
De que em breve de mim não restará mais nada,
Além duma lembrança em coração amigo,
E um nome — ¡ que talvez nem leiam no jazigo!

Deixo o teu nome aqui, para que, quando um dia
Eu dormir para sempre em cova escura e fria,
Vas, chorando, resar na campa deslembrada
De um infeliz — por quem tu foste muito amada.

Assim, si um dia tu, na sala de visitas,
Do album folheando as páginas bonitas,
Demorares o olhar ante a photographia
De um pálido rapaz, cuja visão sombria
Inspirar-te tristeza, e esse não sei quê...
Isso que a gente sente, ás vezes, quando lê
CASTRO ALVES, CASIMIRO... ou mesmo as poesias
De ALVARES DE AZEVEDO, ou de GONÇALVES DIAS...

Si pensares então em mim, como em ti penso,
Bem sei que has de levar aos olhos o teu lenço.

Si outras vezes, sentada a um banco do jardim,
Á luz crepuscular — lembrares-te de mim...
Pede á tua Mãi que leia os versos deste louco,
¡ Que amou e soffreu tanto... e que viveu tão pouco!

Si uma lágrima, então, rolar na face della,
Como gota de orvalho em pétala singela
De purpurina rosa... oh! nem eu sei si o diga...
¡ ONDINA, meu amor! ¡ minha innocente amiga!
Abraça-a, beija-a, sim, enxuga os prantos seus,
Esconde o meu retrato... ¡ e rasga os versos meus!

XX

ATALA

A LUIS DOS REIS

« Je ne suis point la *Vierge des dernières amours* .... » Je te plains de n'être qu'un méchant idolâtre. Ma mère m'a faite chrétienne; je me nomme *Atala*, fille de Simaghan aux bracelets d'or et chef des guerriers de cette troupe. Nous nous rendons à Apalachucla, où tu seras brûlé. « En prononçant ces mots, Atala se lève et s'éloigne.»
(CHATEAUBRIAND — *Atala.*)

Era noite. Os indígenas haviam
Acampado nas abas da floresta ;
De espaço a espaço os ecos repetiam
Umas canções de festa.

Eu, sentado por entre os caçadores
Que me eram vigias, meditando
Junto ao *fogo da guerra*, de repente
Escutei entre as folhas uns rumores...

Ólho : e eis sinão quando
Uma visão p'ra mim se dirigia,
Como um cysne nas aguas da corrente
De tão leve que andava sobre as flores;
E tão triste e gentil — ¡ que parecia
Ser a *Virgem dos Últimos Amores !...*

Disfarçando do túmulo os horrores,
Os indígenas mandam aos captivos
Uma pálida virgem feiticeira,
Para passar a noite derradeira
Em prazeres lascivos...

Surgira de repente
Aquella branca apparição do ceu,
Meio occulta na gaze transparente
Dum indiscreto veu.

Tinha os olhos de lágrimas nublados;
E sobre os seios nus
Tremeluzia uma pequena cruz
Da fogueira aos clarões avermelhados.

Era um primor de plástica belleza ;
Mas, havia em seu rosto
Não sei quê de paixão e de pureza,
Mixto de sol de Abril em mez de Agosto...
¡ Isso que tem quem sonha um *impossivel!*

Era de uma attracção irresistivel :
    Havia em seu olhar
A triste e merencoria profundez
De um Oceano em noite de luar.

¡ Sublimidade extrema !... Era talvez
Anjo exilado de outros Paraisos,
Com as azas occultas sob o veu,
    ¡ Mostrando nos sorrisos
    Umas coisas do Ceu !

    Tremente, balbuciante,
Eu disse-lhe : « ¡ Criança ! ¡ tu mereces
Os primeiros amores, os primeiros
    De um coração constante !
¡ Pobre filha das selvas ! ¿ como desces
Ao vir buscar meus beijos derradeiros,
Mesmo junto á fogueira crepitante ?... »

« — Eu, a *Virgem dos Últimos Amores*
    Não sou ». Disse a donzella,
E umas lágrimas vi nas faces della,
Como orvalhos em pétalas de flores.

Perguntou-me depois si eu era filho
De CHRISTO ou de *Tupan* ; e como visse
No meu sombrio olhar o vivo brilho
(Que os selvagens não sabem disfarçar
Quando pensam nos Genios do seu lar),
Triste guardou silencio ; depois, disse :

« ¡ Lastimo bem que sejas um idólatra,
    Ó filho de Tupan !

A crença que te inspira o Grande Espírito
É uma crença van...
¡ Os teus irmãos, os filhos dos teus Gênios,
Vão matar-te amanhan !
¡ Lastimo bem que sejas um idólatra,
Ó filho de Tupan !...

« ¡ Bemdita sejas tu, Mãi ! que na infancia
Me tornaste christan !
¡ Bemdita sejas tu, crença dos mártyres
Da geração pagan !
Bemdita sejas tu, — idéa única
Dos crentes de amanhan...
¡ Bemdita sejas tu, Mãi ! que na infancia
Me tornaste christan !

« Sou *Atalá*, — a bella primogênita
Do forte Simaghan ;
Acham-me linda, ¡ dizem que sou émula
Da Estrella da Manhan !
Tenho aromas de flor, dentes de pérolas
E labios de roman :
Sou *Atalá*, — ¡ a bella primogênita
Do forte Simaghan !

« Lastimo bem que sejas um idólatra...
Ai, matam-te amanhan !
Vê si pode salvar-te o Grande Espírito
Da tua crença van...
Eu vou resar por ti, ¡ que não tens lágrimas,
Nem orações de irman !
Lastimo bem que sejas um idólatra...
Ai ! ¡ matam-te amanhan !...

Atalá, apoiando-se num braço,
Ergueu-se e foi-se embora...
Findara a Noite. Pelo azul do espaço
Vinha raiando a Aurora.

XXI

O POETA E A GLORIA

(A FERNANDES COSTA)

Na vasia extensão de um areial deserto,
Sem oásis, sem luz, sem brisas, sem perfumes,
Triste como uma esposa em noite de ciumes,
Vagava um louco atraz dum fogo-fátuo, incerto.

Quando tremeluzia esse clarão mais perto,
Seu vulto apparecia, além, entre os negrumes;
Mal se iam apagando os oscillantes lumes,
Perdia-se de vista o sonhador desperto.

Impellido, talvez, por um febril desejo,
Na voragem fatal de uma esperança ingloria,
Dos lagos aos paúes, do roseiral ao brejo,

Ia, como o Hebreu da sacrosanta historia;
E nós vamos tambem... Ah! mas eu penso ¡e vejo
Que esse louco é o Poeta e o fogo-fátuo a Gloria!

XXII

INTER DIVOS

A CARLOS GOMES

I

O sonho extraordinario
Do Genovez desperto
Não era o ideal de um simples visionario;
Elle viu, atravez das nuvens e das vagas,
Sob o manto subtil das vaporosas brumas,
A indefinida luz
Dum crepúsculo ou sol, um foco ou um deserto,
Viu-a tremeluzindo e fagulhando á flux
Das límpidas escumas
Do mar que ia beijar do Novo Mundo as plagas.

E foi... E desfraldou as atrevidas velas
Do barco aventureiro,
Afrontando soberbo a furia das Procellas,
O ímpeto dos Ventos,
O Temporal desfeito, a Calmaria morta;
Assoberbando o Mar, domando os elementos:
¡ E assim abriu a porta
De um Mundo, até então fechado ao Mundo inteiro!

¡ Que Mundo! ¡ Que arrebóes!...
— ¡ Parecia o paiz fantástico das Scismas,
A região do Sonho, a patria do Ideal!
¡ O sol tinha mais luz, a luz tinha mais prismas

E os prismas eram sóes !...
Faiscavam rubís purpúreos, cambiantes,
Como gotas de luz em taças fulgurantes
De vítreo, transparente, alvíssimo crystal.

Os lagos somnolentos
Arfavam, de mansinho, á claridão dos astros,
Como as velas de um barco, ao ciciar dos ventos,
Oscillam, balançando os rangedores mastros.

Corriam em silencio as frescas noites claras ;
E a surdina dos ninhos
Soava nos caminhos
Borrifados de orvalho e pétalas de flores,
Emquanto as virações gemiam nas taquaras,
Ou na sombria gruta
Onde as virgens da ocára iam scismar de amores,
¡ E as filhas de Celuta
Apertavam ao sei os moços caçadores !

De manhã cedo, o sol, como um menino inquieto,
Vinha espreitar, curioso,
A dormencia subtil das coisas em repouso,
Desde o mais alto monte ao mais rasteiro insecto.

Na florída extensão das víridentes zonas,
Corria á superficie azul do Amazonas
A *pororóca* audaz, num impeto feroz ;
¡ Parecia um corcel de crina solta ao vento,
Fogoso, a borrifar d'escuma o firmamento...
Escarvando o cascalho, a galopar veloz !...

II

¡ O minha Patria ! ¡ Ó maravilha espléndida
Da Natureza — que em subtis vertigens,
Embala gérmens e alimenta origens,
Equilibrando no Infinito os sóes !
Tu, que nas amplas regiões sidéreas
Crivas de estrellas o nocturno manto,
Mãi, que no peito tens o filtro santo
Que inspira Genios, reforçando Heróes ;

¡ Ó minha Patria ! tu, que déste um gládio
Ao braço forte dos Heróes do Pampa :
Osorio — ¡ o vulto, que cresceu na campa,
Enchendo um mundo com seu nome so !
Menna-Barretos — os athletas gêmeos
Da grande raça de Gigantes farta...
E Andrade Neves — ¡ que da prisca Sparta
— De lança em punho — revolvêra o po !...

¡ Ó minha Patria ! tu, que tens a gloria
De possuir de um Alencar a penna,
E o plectro altivo e a doce lyra amena
Do nobre Castro e do divino Abreu ;
Tu, que escutaste Bossuet no púlpito
Quando no templo Mont'Alverne orava,
¡ E da eloquencia o vivo sol brilhava
Nesse recinto transformado em Céu !...

¡ O minha Patria !... Como és rica e pródiga
De Heróes e Genios, de ideaes e feitos !
¡ Que hercúleas raças aleitaste aos peitos !
¡ Quantos Gigantes a beijar-te a mão !...

A Mâi dos Gracchos não sentiu mais júbilos
Por ter taes filhos, — e tu contas tantos...
¡ A Mâi de Christo não verteu mais prantos
Que tu « do Pampa no funéreo chão!... »

¡ Ó minha Patria ! si em brilhante synthese
Queres teus Genios resumir num Genio ;
E si da Historia no eternal proscenio
Um personagem queres dar por ti ;
Ergue-te agora : que *elle* vem da Italia,
Mais inspirado do Vesuvio ás flammas...
Abre-lhe os braços, pois bem sei que o amas,
¡ Com esse amor que eternisou — *Pery !...*

¡ Ó Carlos Gomes ! sê bem vindo : a Patria
Abre-te os braços e te aperta ao seio ;
Salve ! colosso de energias cheio,
¡ Rival daquelles — que não têm rivaes !
¿ Vês como é bella a vastidão da América ?
Pois bem, ¡ teu nome, aureolado em gloria,
Ha de nas folhas da brasílea Historia,
Tão grande e bello, crescer mais... e mais !...

XXIII

O GENIO E OS SÉCULOS

NO TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

Tres Séculos estão prostrados, em dois Mundos,
Ante a Sombra do Heróe do Pensamento humano,
Que o cortinado abriu do leito do Oceano,
Sob a cúpola azul dos vastos céus profundos,

Mostrando á Humanidade os Nautas portentosos
Que desfraldaram, rindo, aos ventos das Procellas,
¡ Dos galeões do Gama as atrevidas velas,
Que deixaram no mar uns sulcos luminosos !

O nome de Camões resume toda a Historia
Do velho Portugal, — que paga finalmente
Uma dívida de Honra á face do Presente,
Que o Passado exigiu ao seu Porvir de gloria.

Não sei qual é maior : si em um Século obscuro
O Genio, que illumina um Mundo na Epopéa,
Ou si o Mundo que dá, no Século da Idéa,
O Genio do Passado ás bênçãos do Futuro.

XXIV

SULTAO

(LENDA GAÚCHA)

Chamava-se *Sultão* ;
Era grande, delgado e escuro, como o são
Nas regiões do polo as noites de seis mezes ;
Tinha o pello macio e crespo e scintillante,
Como árabes corceis de azevichada cor ;
A cauda extensa e basta ; os olhos, umas vezes
Húmidos de languor,
Como os olhos sensuaes da mórbidas donzellas
Hystéricas, nervosas,
Outras vezes então de um brilho fulgurante,

Como as scintillações espléndidas e bellas
Das pedras preciosas.

Creado de pequeno
Com toda a profusão de mimos e desvelos,
Que dispensam á infancia os corações singelos,
Os corações da mãis;
Sultão, o mais ditoso e o mais fiel dos cães,
Passava o dia inteiro entregue a seus instinctos
E as noites — a fitar a pallidez da lua...
Cedendo de bom grado os restos do jantar
Aos magros cães da rua,
Humildes e famintos,
Que andavam como Job, leprosos e a uivar...

Seu dono, que o amava,
Bem como o Nazareno ás tímidas crianças,
Como sabem amar as almas chrystallinas,
Frescas como as campinas,
Verdes como esperanças;
Seu dono via nelle a imagem dum amigo
Discreto, estremecido, e sempre bem disposto:
Que não trepidaria em face de um perigo,
Comtando que o livrasse assim d'algum desgosto.

Prendia o dono ao cão o laço da amisade
Mais desinteresssada e mais affectuosa,
Que prende a sombra ao corpo
E prende ao galho a rosa;
Exemplo: o amor das mãis; o ideal da verdade
Perante Epaminondas;
V oscillação constante e perennal das ondas;

As immutáveis leis
Que regem o fatal systema planetario;
A crença do templario...
A embriaguez feudal, que precedeu os reis!

Passou o tempo assim; mas, uma vez, o amigo
Do venturoso cão,
Tendo de viajar por terra, diz comsigo:
« Levarei o *Sultão* ».

E partiram os dois, tranquillos, silenciosos,
Unidos e sosinhos;
Atravessando a nado os rios caudalosos,
Dilacerando os pés na sarça dos caminhos.

O dono ia buscar — ditosa criatura —
A inesperada herança
De um tio, que, ao baixar á fria sepultura,
O teve na lembrança;
E o cão, o cão fiel, contente e satisfeito
Por estar a seu lado,
Disfarçava o cansaço, a fome; e de bom grado
Velava toda a noite em torno do seu leito.

De volta para casa,
Pousaram no caminho, á beira duma estrada.

O dono, que trazia a herança cubiçada,
Sentia um anjo mau roçar-lhe a ponta d'aza,
¡O anjo da ambição!
— Levantava no ar castellos fabulosos:
Via baixelas d'ouro em deslumbrantes mesas;
Mulheres ideaes, em leitos voluptuosos...

Amigos em tropel, servos em profusão;
Conquistas nos salões, encontros ao luar...
¡ Orgias de Duquezas,
Festins de BALTHASAR!...

Assim que amanheceu
Levantou-se nervoso, inquieto, aborrecido,
Como um homem que espera alguem, que se demora,
E ouvindo passos fora
Reconhece não ser ainda quem procura.

Monta a cavallo, parte...
E o cão, o pobre cão,
Que passou toda a noite a lhe velar o somno,
Não recebe um olhar, um gesto de seu dono,
Que, da louca ambição na febre que o tortura,
De tudo se esqueceu...
— ¡ Ai, mísero *Sultão !*

O fiel companheiro,
Lendo talvez no olhar raivoso do senhor
A rápida mudança,
Que lhe inspirava medo e lhe causava dor;
Ao ver ficar na relva o saco de dinheiro,
Investe allucinado e resoluto avança :
¡ A saltar e a latir,
Com o olhar em lava!
Procurando impedir
O passo do animal que o dono cavalgava,
Na impotencia fatal de lhe dizer então
Em alta voz : « ¡ Senhor! olha-me, escuta, espera...
A tua ingratidão
Enche-me de pesar, mas não me desespera;
O que me faz soffrer

E não ter nem siquer a mímica de um mudo,
Neste instante cruel em que abandonas tudo,
¡ Até mesmo o dinheiro
Que te fez esquecer este fiel rafeiro! »

O dono, que seguia
Ao trote do animal,
Mergulhado num mar de mera fantasia...
Arrancado de chofre á rêde imaginaria,
— Essa teia ideal —
Onde a chymera embala e prende os sonhadores,
Não poude resistir á raiva involuntaria :
E num desses repentes
Que tiram a razão aos calmos pensadores,
Avança contra o cão (que humilde, supplicante,
Corre a lamber-lhe os pés)
¡ Impetuoso, cruel, na furia dos dementes,
Dá-lhe um tiro! mais outro... ¡ e o arroja distante
A duros pontapés!...

¡ O mísero animal
Lambia, uivando triste, o sangue das feridas,
Cahido sobre o secco, inhóspito areal.
De vez em quando, erguia as vistas doloridas
Para o ponto onde estava o saco de dinheiro;
Depois, volvia mudo o nostálgico olhar
Para as bandas por onde o dono ingrato e louco
Se sumiu pouco a pouco...
¡ Assim como o sombrio e triste forasteiro
Que em vão procura ver o tecto de seu lar!

E o bárbaro senhor,
Ja bem longe d'ali, sombrio como Othelo,

(Como quem acordou de um longo pesadelo,
Que inda lhe causa horror)
Lembra-se commovido
Do mísero *Sultão* — aquelle bom amigo,
Discreto, extremecido e sempre bem disposto,
Que não trepidaria em face dum perigo,
Comtanto que o livrasse assim d'algum desgosto...

No espírito humano,
Passado o atroz momento
Do ódio, da vingança, ou desespero insano,
É que surge o remorso... o arrependimento:
Dessa fórma tambem
Depois da tempestade é que a bonança vem.

Mal tinha se apeado,
Mesmo antes de abraçar esposa e filhos seus,
Lembrou-se o desgraçado
Do saco de dinheiro. ¡ Oh! poderoso Deus!

Como tremem de medo
As almas infantis ao acordar no escuro...
Como batem d'encontro ao parapeito duro
De escarpado rochedo
Os vagalhões do mar, que os ímpetos do vento
Erguem em turbilhões ao alto firmamento,
Ou cavam no profundo abysmo subterraneo;
Assim, naquelle craneo,
¡ A dúvida e o remorso, em negra confusão,
Turbavam-lhe a razão!...

Sombrio, desvairado,
Louco, em febre, em delírio, e surdo e cego e mudo,

Salta sobre o cavallo e parte, allucinado,
Pensando em nada... ¡ em tudo!

O possante animal furou o negro espaço...
¡ Partiu, mascando o freio, aos saltos, aos arrancos,
Assim como os *potrancos*
Que sentem no pescoço as cócegas do laço!

Não correm mais depressa os ventos no Oceano :
¡ Era um galope insano!
Erguiam-se do chão, em espiraes fantásticas,
Densas nuvens de po ; pareciam elásticas
As patas do cavallo!... A crina, sôlta ao vento,
Trazia ao pensamento
— A idéa fascinante
Do pennacho ideal do gorro dum gigante.

De súbito, porém,
O animal empaca ; empina-se... recua...
E sem alento cai!...

No azul ethéreo — a lua
Vinha surgindo além...

Rubras manchas de sangue,
E sangue ainda morno, estavam sobre o chão...

O homem decifrou o mysterioso enigma
Que o desditoso cão
Deixara ali, talvez já moribundo, exangue,
¡ Como tremendo stigma!...

Seguiu, silencioso,
O rasto ensanguentado : o rasto ia direito

Até esse logar onde elle havia feito
O derradeiro pouso.

Um raio do luar, qual baço candieiro,
Se estendia no chão :
Via-se sobre a relva o saco de dinheiro,
E a seu lado, ja frio — ¡ o corpo do *Sultão!*

XXV

OS TRES PARIAS

(A J. A. DE BARROS JÚNIOR)

Em torno da tarimba, á noite, na caserna,
Limpando o correame, estavam tres soldados,
De um baço candieiro aos tons avermelhados,
Sinistros como um ébrio á mesa da taverna.

Falavam entre si de um modo circumspecto,
Como quem narra um caso estranho, mysterioso;
— E soltavam do olhar o fluido luminoso
De quem conta um segredo ou tem um mal secreto.

Disse o joven sargento : « Emquanto junto aos bra-
No campo do estrangeiro a Patria eu defendia, [vos,
¡ Meu pai (que foi outr'ora o *meu senhor*) vendia
A minha pobre mãi a um mercador de escravos! »

Disse o corneta : « Eu vi meu pai, arcabuzado,
Cahir, estrebuchando, ao pé da bateria

Onde fizera fogo... ¡E emquanto elle morria,
Eu tocava o clarim á frente do quadrado! »

Disse o velho anspeçada (e arrebentou-lhe o pranto):
« Quando voltei ao lar, ferido do combate,
Achei minha mulher nos braços dum mascate...
¡Estrangulei-a aos pés! — ¡E eu a amava tanto! »

XXVI

ARVORE FUNESTA

(A CARLOS FERREIRA)

I

Da árvore fatal de minha vida,
Que eu vi tão cedo rebentar em flor,
Deitou-se á sombra a Musa, enlanguecida,
E sonhou, sem dormir, sonhos de amor.

E da árvore em flor por entre as franças
Suspiravam as brisas dos sertões;
Chegavam, a voar, as esperanças...
¡Pousavam, a cantar, as illusões!

II

Mas o vento espalhou pelos caminhos
Os aromas e sons... De cada flor
Rebentou um espinho: ¡e dos espinhos
Brotou um fructo venenoso — a dor!

E da árvore, então, por entre as franças
Sibillavam, crescentes, os tufões :
Voavam, a fugir, as esperanças...
¡ Cahiam, a tremer, as illusões !...

III

E da árvore á sombra, nas devezas,
Sonhava a Musa — exposta ás tempestades :
Voavam, assustadas, as tristezas...
¡ Pousavam, silenciosas, as saudades !...

Cahiu mais tarde o temporal medonho,
A árvore esfolhou-se... De tal sorte
Passou a Musa, sempre entregue ao sonho,
Do ermo da vida á solidão da morte.

IV

Ó mulheres, que andais pelas devezas,
Ó moças, que scismais nas soledades :
Passai, — que ahi so pousam as tristezas...
Fugi, — ¡ que ahi pernoitam as saudades !...

— Jaz, agora, sem folhas e sem flores,
Mas sempre erguido, o tronco solitario
Que foi outr'ora o ninho dos amores
Do coração do moço visionario.

V

Como os grupos travessos de crianças
Que apedrejam as aves dos sertões,

A intriga — afugentou-me as esperanças...
A inveja — ¡ espavoriu-me as illusões!...

XXVII

Á MINHA NOIVA

Tens a graça das moças cisplatinas;
E a solemne altivez duma princeza:
Falas — e a gente escuta umas surdinas...
Surges — ¡ e a gente sente uma surpreza!...

Esmerou-se em extremo a Natureza
Moldando as tuas fórmas peregrinas;
Não pode haver no mundo igual belleza,
¡ So tens irmans — nas regiões divinas!

É por isso que ás vezes tenho medo
Que, por seres tão bôa, muito cedo
A Morte encha minh'alma de Saudade...

Ah! mas hei de esconder-me em teu jazigo,
Si um Genio Mau arrebatar comtigo
¡ Belleza, Amor, Virtude e Mocidade!

XXVIII

REVELAÇAO

A PESSANHA PÓVOA

Eu gósto da altivez selvagem dos heróes,
Que reflectem no olhar fulgurações de sóes;

Dos ímpetos febris da ardente mocidade,
Atraz do Eldorado em flor da Liberdade,
Essa utopia azul, espléndida, opalina,
Batida dos clarões da auréola ampla e divina
Da fronte de JEHOVAH, no monte solitario,
Dando as *Tábuas da Lei* ao Santo Visionario.

Eu gósto da ignorancia ingênua das donzellas,
¡ Mais lindas por não vêr o quanto assim são bellas!
Somnâmbulas de amor! lânguidas pombas mansas,
Meigas como o olhar sereno das crianças.
¡Ó Virgindade! eu sei que as sombras são medonhas,
Mas nas sombras da noite é que tranquilla sonhas
Com as ondas de luz em gorgolhões brilhantes
Do bello alvorecer do Dia dos amantes:
Quando a gente acha um seio onde feliz se acoite,
Na Noite Nupcial — ¡ que eu não sei bem si é Noite!

Gósto da independencia heróica dos Poetas,
Almas que têm um quê das azas irrequietas
Da mariposa audaz — que deslumbrada gira
Em torno duma luz: atraz duma mentira
Elles correm, tambem, os loucos sonhadores...
Vão do berço de arminho e pétalas de flores
Ao *leito de Procusto:* ou seja, em Portugal,
O catre onde CAMÕES expira no Hospital,
Ou seja — no Brasil — a pedra da calçada
Onde cai de VARELLA a fronte profanada...

É muito raro vêr-se um BYRON atrevido
Morrer aos sons dum hymno, entre os Heróes cahido;
Ou ANDRÉ CHÉNIER, na Revolução Franceza,
Subir á Guilhotina á voz da *Marselhesa.*

Teve o *Rei dos Judeus* em vez de um throno a Cruz.

¡ Vivem sempre na Sombra os pródigos de Luz!

Homero, illuminando os Séculos vindouros,
Tinha os olhos sem luz. ¿ De que serviam louros
Naquella fronte larga — onde escorria ainda
O sangue que ensopara essa corôa linda
De espinhos rebentando em lágrimas de sóes?...
É de espinhos que é feita a corôa dos Heróes
E dos Genios tambem : ¡ mas delles rompe a Luz
Sangrando uma cabeça igual á de Jesus !...

Tasso, cantando á luz da lavas do vulcão,
Bem cedo emudeceu na Noite da Prisão :
Noite tempestuosa, onde d'espaço a espaço,
Como gládios de fogo a lampejar no espaço,
Os raios da loucura em seu fulgor bravio
Lhe faiscavam n'alma o reverbero frio !...

Gósto de tudo quanto é nobre e santo e bello,
Desde o nada de um Sonho ao todo de um Anhelo;
Nas amplas expansões nevrálgicas do sêr,
A lágrima da Dor e o riso do Prazer
Têm na minh'alma um eco...

Assim tambem no templo
Reboa a voz do sino... Assim um grande exemplo
Tem no mundo moral a percussão, que vibra
Na consciencia humana, essa argentina fibra
Do alaúde d'alma, — harpa do sentimento
Vibrando dentro em nós momento por momento.

XXIX

SEM SENTIR

Quando converso comtigo
E ficas a olhar p'ra mim,
Como quem diz la comsigo :
« Pois ha alguem que ame assim? »

Meu olhar, este mendigo
Que pede a esmola de um *sim*,
Quasi affrontando o perigo
De um desengano por fim...

Disfarça, discreto e mudo;
Corre por todos, por tudo,
Qual aza dum colibri;

Mas ai! distrahido, abstracto,
Vai *sem sentir*, insensato,
Pousar outra vez... em ti!

XXX

DOIS EDIFICIOS

(A BÉTHENCOURT DA SILVA)

I

Passo sempre sombrio e silencioso e so
Por entre as multidões que se arrastam no po;

O confuso rumor das turbas doudejantes
Não ousa afugentar os bandos palpitantes
Das minhas illusões, que vão — de azas abertas —
A cantar pelo azul das amplidões desertas,
Onde adejam tambem as nuvens e os condores
¡Quasi a roçar no ceu, boiando entre fulgores!

Desço ás vezes o olhar nostálgico e cançado,
Ao ver cahir por terra um galho despencado
Das árvores em flor que ensombram meu caminho,
Donde um pássaro foge em busca de outro ninho...
Ouço um lamento (onde eu ouvia um trino outr'ora)
Quando, ao tombar da tarde ou ao surgir da aurora,
Daquelle mesmo ramo um pássaro voava,
Ia e vinha... ¡e pousando, ali mesmo, cantava!...

Uma vez, ao passar por um palacio aberto,
A orchestra seduziu-me e eu quiz ouvir de perto
Aquellas vibrações frenéticas, violentas,
Que expiravam subtis em harmonias lentas.
A música tem isto em mim, como os perfumes:
Enche-me de paixões, de crenças, de ciumes,
De loucuras, de amor... de tudo o que ha de bom
E tudo o que ha de mau: abre-me o Pantheon,
E atira-me, depois, dentro de um cemiterio...
Fala-me pela voz profunda do mysterio...
¡Vejo Osorio, apertando a mão dos veteranos;
E Alvares de Azevedo expirando aos vinte annos!...

Entrei pelos salões de estatuas povoados,
Respirando offegante aromas amornados;
Vi flores e crystaes sobre opulentas mezas,
¡Um diluvio de luz a espadanar surprezas!...

Mulheres sensuaes de fórmas peregrinas,
Afogueando ao calor das bocas purpurinas
A alvura glacial das taças scintillantes,
Cheias a transbordar de vinhos espumantes...

E no altivo sollar do Orgulho e da Vaidade
O *D. Juan* do Prazer beijava a Ociosidade...

II

Desviei, silencioso, o meu olhar austero
Dessa imagem pagã das saturnaes de NERO;
Afastei bruscamente o reposteiro; e ia,
Triste, sombrio e so, descendo a escadaria,
Quando avistei ao longe o Templo do Trabalho,
Onde uns abrem o livro, outros erguem o malho.

¡Que allivio!... ¡Como é bom passarmos de repente
De um ruidoso salão a transbordar de gente
Para uma sala extensa e larga e arejada,
Com janellas p'ra o mar e flores para a estrada!...
¡Como eu me sinto bem na habitação modesta
Onde batem de manso os corações na festa
Dessa alegria calma, intima, forte, sã,
Dos que semeiam hoje os fructos de amanhã!...

Aquella habitação, fechada noite e dia
Á ostentação, que humilha; ao goso, que enfastia;
Abre-se para a luz : — é como que uma ponte
Por onde as almas vão de CHRISTO a AUGUSTO COMTE:
Da crença á convicção, da fé ao raciocinio,
Cheias de aspirações, como um replecto escrinio
Onde os raios do sol firam no mesmo instante
A esmeralda e o rubim, a opala e o diamante.

É la dentro que estão, alegres, as crianças,
Que são de tantas Mãis tão vivas esperanças,
Recebendo lições e vendo, com surpreza,
O que a Sciencia mostra em toda Natureza.

E a Mulher — essa luz do ceu, que nos fascina, —
¡Quando esposa — sagrada; e quando Mãi — divina!
A mulher tambem acha ali o seu logar,
Para bem completar sua missão no Lar.

E foi sobre um montão de heroicos sacrificios
Que te ergueram á luz, *Lyceu de Artes e Officios*...
¡Mas de pé ficarás, altivo, a offuscar tudo:
Tendo a um lado o trabalho, ao outro lado o estudo!

XXXI

NOITE NUPCIAL

(MANUSCRIPTO DUM PHILÓSOPHO, NA LUA DE MEL)

Deste-me os teus pudores de donzella,
Com essa timidez de pomba mansa
Que em vão as azas bate, em vão se cança
Por se livrar das furias da procella...

¡Que lutas, que emoções! ¡Como eras bella,
Com desejos de medos de criança,
Quando entre beijos desatei a trança
Que tinhas presa á virginal capella!...

O mais... ¡foi um mysterio de loucuras!

Um poema de amor e de venturas
Que a virgem lê so uma vez na vida...

Mas os sons dessa eterna symphonia
Gemem nos nossos seios, noite e dia,
Numa eterna surdina indefinida.

XXXII

SARAH BERNHARDT

(RECITADA NA SUA FESTA ARTÍSTICA NO RIO DE JANEIRO)

Eil-a diante de nós, ó povo brasileiro,
¡A Mulher que assombrou o Velho Mundo inteiro!
E que espalhando gloria e luz por toda parte
Se ostenta como um sol no firmamento d'Arte.
¡Sublime encarnação dos ideaes modernos!
Tu, que roubaste o fogo aos antros dos infernos,
E o gelo ás creações da antiga estatuaria,
¡Peregrina genial! errante e solitaria

Pelas plagas da terra, onde andas foragida,
Cançada de buscar uma rival em vida —
Ja que so tens irmãos, émulos e rivaes,
Na necrópole aberta aos mortos immortaes...

¿Que vieste fazer á terra das montanhas?
¿Ver as coisas ideaes, fantásticas, estranhas,
De um mundo inda não visto, ou quizeste offuscar
O nosso sol — com a luz dos sóes do teu olhar?...

Eu dizia commigo, a sos, nas solidões,
Quando ouvia cantar as aves dos sertões :
« Não pode haver no ceu músicas mais suaves
Que o gorgeio subtil das palpitantes aves » ;
Mas ouvi tua voz : — ¡ e percebi então
Que ha músicas assim... so no teu coração !

Povo ! eu tenho applaudido, em silencioso pasmo,
As fortes explosões do sagrado enthusiasmo
Com que tens te atirado, exánime, sem pulso,
Aos pés desta Mulher : como o jaguar convulso
Que lambesse a ferida, a rolar, no deserto,
Com a sétta fatal no largo peito aberto.

É a força subjugada á sombra da fraqueza :
Os homens, o valor ; e a mulher, a belleza,
Numa luta sublime, um duelo sem morte,
¡ Onde o bello se impõe ás ovações do forte !...

E sobre todos paira o anjo da victoria,
Pois todos vemos nella o Genio, a Arte, a Gloria !

Ao ver essa Mulher, que passa triumphante,
Eu me lembro que a Lua, além, de tão distante,
Tambem encrespa o mar em noites transparentes,
Agitando-lhe, calma, as líquidas correntes...

¡ E ao satélyte frio, envolto em leves brumas,
O mar atira, exhausto, um turbilhão de escumas !...

Salve ! ¡ Mulher sublime, assombro do proscenio !
Salve ! ¡ Povo feliz, que ves de perto — o Genio !...

XXXIII

PRIMEIRA AUSENCIA

¿Porque não vejo os olhos seductores
Que me ferem a vista quando os vejo?
¿E os seios, onde dorme o meu desejo,
Num leito de perfumes e de ardores?...

¿Onde dos labios rubros os licores,
Que embriagam no êxtasi de um beijo?
¿E essa volupia, disfarçada em pejo,
Das horas em que mostra — so primores?...

— *Sou tua!* — ella me disse : e nesse instante
Deu-se-me em corpo e alma, delirante,
Por me ver doudo por seguir-lhe os passos...

Deu-se me assim.. para roubar-me a calma :
¡Pois, tendo-a dia e noite na minh'alma,
Não posso tel-a sempre nos meus braços!

XXXIV

O RELOGIO

Ever! Never!
(LONGFELLOW.)
Es una verdad que parece sueño.
(ZORILLA.)

Quer vogue na amplidão a lua silenciosa,
Quer seja escura a noite e a praça erma e sombria,

Ouve-se sempre, sempre, aquella voz saudosa,
Como si alguem gemesse em horas de agonia.

É o relogio da torre, imperturbavel, triste,
Sentinella-perdida, alerta no seu posto;
Parece um olho aberto a tudo quanto existe,
Monge, a pestanejar, sem que desvie o rosto.

Quem passa por ali, ás vezes, estremece
Ante o nada de tudo : — a única verdade :
É que o tempo se encurta á proporção que cresce;
¡E a esperança, por fim, transforma-se em saudade!

É o relogio da torre, ali na treva densa,
Move tranquillamente o pêndulo pausado;
¡Fazendo-nos lembrar a fúnebre sentença
Lida numa prisão, diante do condemnado!

Parece-nos até qne uma visão dantesca
Sopra a trompa fatal de Ernani ao nosso ouvido;
¡E que nos corações de Paolo e de Francesca
Range ainda o punhal do trágico marido!...

É que o velho relogio, altivo e so na torre,
Diz a Reis e plebeus, a Lucrécias e Venus :
— Tudo passa; isto é po; tudo que vive, morre...
¡Cada instante de mais é um instante de menos! —

E fica sempre ali, sem que ninguem se afoite
A esperal-o de pé... ¡si nem o sol o espera!
O sol é o olhar do dia, elle é o olhar da noite :
E impera no Occidente e no Levante impera.

A criança, a donzella, o velho, o moribundo,
Viu-os nascer, sonhar... ¡para morrer um dia!
E imperturbavel, calmo, o seu olhar profundo
Vendo tudo o que vê — nada vê do que via...

Symbolo da verdade, a nossa vida inteira
Jaz limitada ali num limitado espaço;
Erguemo-nos á luz ao tempo em que a poeira
Ri-se, talvez, de nós... seguindo-nos o passo.

E emquanto a morte afia a fouce fria, adunca,
Com que nos vem ferir mais tarde fatalmente,
A alegria, a voar, passa — e não volta nunca...
Nunca, diz o relogio : e *sempre* espera a gente.

XXXV

O SONHO DOS SONHOS

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distrahido
Por tanto bem — tão mal comprehendido,
Por tanto mal — ¡tão bem recompensado!...

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido :
Andei tanto — em tão pouco... ¡e ja perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prosigo, sempre audaz e errante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada — de tudo que ja tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida — ¡o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!...

XXXVI

***

No cárcere, os condemnados
Passam a noite sombria
Á espera que a luz do dia
Bata nos muros pesados.

Vêem vultos macillentos :
O Remorso — sempre rindo —
E o Tempo, que vai fugindo
A passos longos e lentos.

Mas, quando um raio do dia
Treme nas grades escuras,
¡Um reflexo de alegria
Doura essas almas impuras!

Os poetas, visionarios,
Que proseguem, de olhar fito
No sol, no azul, no Infinito,
A tropeçar nos Calvarios ;

¡Levam a louca esperança
De encontrar, no chão do mal,
Aquillo que não se alcança
E que se chama — Ideal!

São os calcetas da Sorte
Na sepultura da Vida :
Passando desta jazida
Para a jazida da Morte.

Como o cadaver silente
No fundo do mausoléu,
Eu, triste, mudo, doente
Da nostalgia do ceu,

Encerrado noite e dia
No meu triste isolamento,
Vivendo, si é que eu vivia,
Sem ar nem luz, num momento

Vi o sol, sorvi o ar,
¡Bem como si nesse instante
Eu entrasse num mirante
Com janellas para o mar!...

¡Que perfumes! ¡que alegrias!
¡Que sensações! ¡que prazer!
Senti fluidos e harmonias...
¡Coisas que eu nem sei dizer!

Desde então, a nossa vida
Tem sido um sonho constante :
Tu — cada vez mais querida,
Eu — cada vez mais amante.

E assim passamos os dias ;
Mas ¡que estranhas naturezas!
Tu — a sorrir de alegrias...
Eu — ¡a chorar de tristezas!...

Temos um quê de crianças
Por essas leviandades :
Tu — a viver de esperanças,
Eu — a morrer de saudades.

E nessas chymeras falsas,
Que consomem nossos dias,
Emquanto pensas em *valsas* ...
¡Eu medito — em *utopias !*

XXXVII

LIBERDADES POÉTICAS

Quando eu abotoei tua luva de pellica,
Apertavas na boca um pétalo de rosa,
Olhando para mim, a rir, maliciosa,
Com aquella altivez de toda moça rica.

A linguagem do olhar, muda, mysteriosa,
Que a mente comprehende e o labio não explica,
Tem um fluido subtil que as almas purifica,
Como si as borrifasse uma onda luminosa.

Gósto da candidez ingénua das crianças,
Que vivem de illusões, de crenças, de esperanças,
Emquanto eu vivo, a sós, morrendo de saudades...

Mas gósto muito mais de ver o teu semblante
Vaidoso, principesco, altivo, petulante,
Si dizes : — *¡ mais amor e menos liberdades!*

XXXVIII

IN TERMINIS

Ganz spat, nachdem die Teilung langst geschehen,
Naht, der Poet, er kam auss weiter Fern';
Ach, da wuar uberall nichts mehr zu sehen,
Und alles hatte seinen Herm.
(Schiller — *Die Theilungder Erd.*)

Deus, quando viu completa a humanidade, outr'ora,
Disse-lhe : « O mundo é vosso ; é repartil-o agora ».

Correram nesse instante as virgens e as crianças,
Em busca de illusões, de crenças, de esperanças.

As mulheres, então, encheram com presteza
De mysterios a alma e o corpo de belleza.

A mocidade, forte, audaz, e allucinada,
Lançou-se atraz de tudo — ¡ em tudo vendo o nada !

Os velhos, trepeçando ao peso atroz dos annos,
Mal puderam colher lições e desenganos.

Entregaram-se ao vento os rudes marinheiros,
¡ Expostos dia e noite a rijos aguaceiros !...

Via-se o lavrador a semear as terras ;
Coroaram-se os reis... ¡ começaram as guerras !

Muito tempo depois da terra partilhada,
Vem de longe, a cantar, um homem pela estrada...

¿O meu quinhão? — ¡Pois que! ¿so vens buscal-o
Eu andava, Senhor, perdido la por fóra, [agora?

« Cantando o teu poder; ¡e em mystica cegueira
« Admirava o Creador na Creação inteira! »

— ¡Poeta, os teus irmãos levaram tudo, tudo!... —
O visionario ficou alguns instantes mudo :

Emfim, ja que não ha mais fructos nem mais flores,
« ¿A quem déste, meu Pai, as lágrimas e as dores? »

— Pedes-me justamente o que ninguem queria. —
— « A propria morte, ó Deus, de ti, eu bemdíria! »

— Dou-te a dor e a morte. Ah! mas terás, depois,
A eternidade e o ceu. —

E affastaram-se os dois...

XXXIX

RIVAL DE PENÉLOPE

És duma fina distincção radiosa;
Mas a minh'alma foge do teu lado
Receando que o vérme do peccado
Lhe sugue o mel das pétalas de rosa.

És a estrella funesta e mysteriosa,
De que resta um lampejo avermelhado

Num pedaço da noite do passado
Da minha vida curta e tempestuosa.

Quando passas altiva, nem presumes
Que ha quem chore (que amor! e que ciumes)!
Por vêr... que te não vê como eu te via!...

Penélope gentil, vaidosa e rude,
Vais a teia invisivel da virtude
Tecendo e destecendo noite e dia.

XL

TRAGEDIA NO OCEANO

(A' MEMORIA DOS 120 NÁUFRAGOS DO PAQUETE RIO APA)

O martyrio de Hamleto, a dúvida suprema
Dos que tentam vencer esse fatal dilemma
Do *ser e do não ser*... a enervante ironia
Que ás gargalhadas ri, num chôro de hysteria;
A febre que nos mina e que não tem remedio,
A insomnia, o desalento, o desespero, o tédio...
— Eis o mal que lateja e cresce surdamente
No afflicto coração da inconsolavel gente
¡Que entregou as porções mais caras de sua vida
A esse Navio-Esquife! — a máchina homicida
Que houve quem atirasse á solidão deserta
Do mar — que não é mais do que uma cova aberta:
Onde o mastro é a cruz, e os ventos os coveiros,
Que passam, a cantar, por entre os derradeiros
Estertores e ais dos náufragos: que rolam

Na revòlta extensão das vagas, que se empolam
E saltam, rebentando... e fervem, marulhosas,
Escumando e rugindo, em convulsões teimosas;
Ora se erguendo ao ceu, em líquidas montanhas,
Ora se retrahindo ao fundo das entranhas
Do immenso abysmo em tréva, escancarado, eterno,
Onde ha monstros, onde ha vulcões, onde ha o inferno!

Eu naufraguei : ¡eu posso imaginar horrores!
Posso pintar ao vivo as explosões de dores,
Os preságios, o espanto, a rápida esperança
Que surge, p'ra mais fundo ir enterrando a lança
Do medo, do terror, — dessa mortal tristeza
Que nos invade a alma em face da certeza
De um perigo imminente, horrivel, sobrehumano,
¡Vendo tão longe o ceu... e tão vasto o oceano!...

. . . .

Estou vendo a correr dum para o outro lado
Um pequeno, que ri, vendo o pai espantado...
¡Outro, que pede á Mãi um doce — no momento
Em que ella crava mais o olhar no firmamento!...

¡É horrivel de vêr-se a náu desarvorada :
A corda, que rebenta ao choque da lufada,
Sibilla, estalla, zune... O panno, que se rasga,
Tem não sei quê da voz da féra que se engasga
Com os ossos da presa, emquanto ruge, rouca,
Sentindo-a espernear por lhe fugir da bôca!...

Estoura o raio! estoura a embarcação! ¡estoura
A onda — que de escuma o firmamento doura!...

— Empina-se o navio — e range surdamente...
¡Cai o mastro, esmagando um marujo valente;
Uma vaga, que lambe a prôa, cospe n'agua
O homem do leme, e outra inunda a viva frágua.
Oh!... ¡rebenta a caldeira em nuvem de estilhaços!...
Uns, nem soltam um ai; outros, ficam sem braços,
Sem olhos, sem saber da esposa idolatrada,
Do filhinho gentil, da Mãi — que de assustada
Nem podia resar!...

Ja ninguem mais se entende...
¡E um côro sem igual de súpplicas se estende
Da vasta solidão dos implacáveis mares
Á vasta solidão dos insensíveis ares!...

¿Onde está Deus? — Não sei...

Ah! mas si Deus existe
¿Como é que Elle não vê aquelle quadro triste,
Horrivel, monstruoso?!... Esse naufragio bruto
Que a tantos leva a morte e a tantos traz o luto!...

¡Como é triste morrer, de um modo tão pungente,
— A virtuosa Mãi; o filhinho innocente;
O esposo honrado e bom: a esposa casta e bella;
E a virginal irmã — que a virginal capella
Ostentava, gentil, tão cheia de esperanças!...

E os bandos infantis das tímidas crianças,
Com lágrimas na fala e súpplicas nos olhos,
Que a onda arrasta... atira, esmaga nos escolhos!...

Ha um confuso lutar, como as visões dum sonho...
¡E tudo se afundou num turbilhão medonho!...

. . . .

Mas nem todos alli morreram n'esse instante;
Para maior angustia e dor mais lacerante,
Dizem... é espantoso! — e dizem a verdade:
Que rolaram do mar na immersa soledade,
Dia e noite a lutar — lutando tantos dias —
Uns míseros, que após tão lentas agonias
Deram á costa... e la, de todo abandonados,
Uns morreram á fome... ¡outros — apunhalados!...

O cão, que encontra o cão ferido em seu caminho,
Lambe-lhe o ferimento e leva-o com carinho;
A formiga, que vê as outras esmagadas,
Deita-lhes terra em cima, e toma outras estradas;
Os elephantes têm necrópoles sombrias:

E so o homem deixa, assim, por tantos dias,
¡Tantos homens, ó Deus, naquellas águas frias!...

XLI

A LORD BYRON

Anch'io son pittore!

De um manso lago a superficie calma
— Ferída pela sétta sibillante —
Mil círculos desenha nesse instante,
Ferve, borbulha... mas por fim se espalma.

Ha um lago, porém, que não se acalma,
Que nunca mais reflecte o azul distante

Desde que nelle a aresta dum diamante
Fere o crystal, que vibra. . É a noss'alma.

¡Comprehendo-te, Byron! — Forasteiro
No teu proprio paiz, — o mundo inteiro
Percorreste, sombrio, a largos passos...

Cantaste, dos baldões aos tiroteios :
Ah! ¡mas uma Princeza — abriu-te os seios!
¡De um povo a Liberdade — abriu-te os braços!...

XLII

13 DE SETEMBRO

(DIA DE MEUS ANNOS)

O mar ja me tentou : aspirações fogosas
Fizeram-me idear fantásticas viagens;
Eu sonhava trazer de incógnitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosas,
Um palacio escondido em múrmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as cândidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

(Gonçalves Crespo — *Nocturnos*.)

¿Que nos resta depois das luctas desta vida?
A tristeza do *adeus* no instante da partida...
Uma lágrima nossa e a lágrima chorada
Por quem irá, depois, cahir tambem no nada.

¿Amamos? mas o amor é uma illusão que passa;
¿Sonhamos? mas o sonho é a sombra da fumaça
Que cedo se desfaz no azul da immensidade.
Dos seios da esperança aos braços da saudade

Passamos, sem sentir, como a folha que o vento
Lança do galho em flor ao po do isolamento.

So ha nesta existencia uma verdade pura:
¡ O amor de nossa Mâi ! o amor da creatura
Que parece feliz — por nos julgar felizes —
E em nós mostra um signal de fundas cicatrizes.

¡ O mais tudo é mentira!... As gerações de agora
Hão de passar, bem como as gerações de outr'ora;
O futuro começa — onde acaba o passado;
O presente... nem sei si existe: é um estado
Veloz, de transição imperceptivel, vago,
Como as ondulações concêntricas dum lago
— Onde cáia do ar um pássaro ferido,
Que estremece no azul, rolando, sem sentido,
Com a cabecinha na aza, arrufada a plumagem,
Mergulhando, da luz, nas trévas da voragem.

Tudo é velho na terra, ó triste humanidade,
Que has de trocar por lodo orgulhos e vaidade;
O que mais penetrar nos bárathros da sciencia,
Mais aproxima o pé do abysmo da demencia.

Sinto a doença atroz p'ra que não ha remedio:
Dúvidas, saciedade e desespero e tédio...

No entretanto eu ja tive as mesmas esperanças
De que vivem ainda as virgens e as crianças;
Quiz gosar: ¡prelibei mais favos que as abelhas
Da moças mais gentis nas bocas mais vermelhas!
Viajei: — percorri fantásticos logares,
Por montanhas azues e por virentes mares;
Sonhei nas capitaes palacios sumptuosos,

Abrindo ás multidões seus pórticos faustosos;
E em alcovas, jamais abertas para os pagens,
Os membros repousei depois dessas viagens,
Scismando, embriagado entre os subtis vapores
Do ópio, do xerez, e aromas de mil flores;
¡E sonhei, sem dormir, em noites enervantes,
Como o rei Salomão, outr'ora, entre as amantes!

Imaginei, mais tarde, uma cabana occulta
Entre a vegetação duma floresta inculta;
¡Árvores colossaes, ubérrimas, daquellas
Que so no meu paiz podemos ver tão bellas!
Uns lagos cor do ceu e ao longe umas montanhas;
¡Umas coisas ideaes, chyméricas, estranhas!
— Ter ali a família, o sonho do acordado:
A esposa, o amor sublime, o filho, o amor sagrado!
E uma espingarda, um cão, um poncho para o frio,
O cavallo — no campo, e a canôa — no rio...

Ahi posso encontrar, (disse eu), — tranquillidade.
Pensei... ¡Vejo que em tudo apenas ha viadade!...

Lembrei-me de estudar; cancei, vendo que os sabios,
Com a dúvida na alma e o sarcasmo no labios,
Acabam como acaba o néscio, de maneira
Que é inutil gastar tão mal a vida inteira.

¿De que nos serve, então, seguir por esta estrada,
Calçada pela dor, que nos conduz ao nada?...
Oh! ¿porque nasci eu?... ¡Para viver — morrendo
Por ser o que ja fui: e o que hei de ser... não sendo!...

XLIII

LINS DE ALBUQUERQUE

(Poesia recitada no cemiterio, ao dar-se o cadaver do poeta á sepultura)

> A morte não me sai do pé do leito!
> Esta mulher, que dita leis tyrannas,
> Ja me resfria o coração no peito...
> (Lins de Albuquerque.)

Eil-o afinal vencido pela morte,
Depois de ser vencido pela vida;
¡Vencido sempre, um coração tão forte!
¡Mais um heróe — levado de vencida!...

Elle era bom e meigo e generoso,
O nosso companheiro, o nosso amigo:
E a morte, ao vel-o alegre e descuidoso,
Cruel, lembrou-se de o levar comsigo.

— ¡Ó divindade trágica do nada!
¿Porque procuras tu, de preferencia,
Toda a fronte que ves engrinaldada
Pelos verdes laureis da intelligencia?

¿Porque hão de sempre aquelles que mais sentem
Ser os que, sem sentir, se vão mais cedo?
E assim — as nossas esperanças mentem:
¡E assim — o forte ha de tremer de medo!

¡Pobre Lins! quando *os outros* passam rindo
Nos ruidosos festins da mocidade,

Sentiste, uma por uma, irem fugindo
Todas as illusões da nossa idade!...

¡Como foste roubado pela sorte!...
Tiraram-te o amor, a gloria, tudo;
E neste leito gélido da morte
Vais ficar so, enregelado e mudo!...

Quando alguem me pedir notícias tuas,
— Recitarei teus versos de memoria:
Louco, ¡que andaste á tôa pela ruas...
Como has de andar mais tarde pela historia!

XLIV

AFFONSO PEIXOTO

¿E a crença? a meiga voz que nos embala,
Como uma voz de Mãi, e que nos fala
Desse além ideal, da vida nova?...

Neste logar... recua, empallidece;
Ante cada cypreste ella estremece...
E segue, a tropeçar, de cova em cova!...
(AFFONSO PEIXOTO.)

PARECE-ME que a Morte anda pelas estradas
A procurar os bons — para os levar comsigo,
Tantas são entre nós as víctimas sagradas!...

¡Meu pobre companheiro! ¡ó meu saudoso amigo!
¡Bem presentias tu que havias d'ir, tão cedo,
Pedir a um cemiterio o derradeiro abrigo!...

Assim, o Casimiro, o Freire, o Azevedo,
O Castro, e tantos mais, que pranteámos tanto,
Foram-se, como tu, cheios de febre e medo...

Julgo ainda escutar as vozes do teu canto:
¡E no entanto bem sei que dormes, frio e mudo,
No ermo onde pernoita a legião do espanto!...

Quebrou-se-me da crença o derradeiro escudo;
A dúvida invadiu-me: ¡e eu vejo agora o nada
Povoando o vasio — onde renasce tudo!...

Tinhas de aspirações a fronte engrinaldada;
E era o teu coração um ninho de esperanças
Onde pousava o amor, cantando, na alvorada.

Voavam-te da mente em bandos as lembranças
Pelo passado a dentro... e sorrias, scismando,
Com esse riso ingenuo e meigo das crianças.

Teu nostálgico olhar, seguindo o alado bando,
Nem via que so via o que se vê — não vendo...
E ficavas, assim, olhando á tôa, olhando

Para o mundo, talvez: este oceano tremendo,
¡Onde uiva o temporal e o turbilhão delira,
Emquanto a vaga escuma, estrellejada!... Ou tendo

Ante o olhar o passado inteiro: essa mentira
De vinte annos de vida, — um sonho mal sonhado,
Rápido como o som ferido numa lyra.

Aos vinte annos, bem sei, quasi não ha passado;
Tem-se o berço tão perto, ¡e o lar inda vibrante

Da voz de nossa Mãi que véla ao nosso lado!

Concentravas-te, eu sei, num martyrio constante,
Entre o tédio e a dor, entre a dúvida e o susto,
¡Vendo o abysmo do nada escancarado adiante!

Lançou-te o desalento ao leito de Procusto;
Espremeste na boca a esponja do *Rabbino*:
Resignado sorriste ao teu destino injusto...

¡E é por ti que tua Mãi — ouve dobrar o sino!...

XLV

CAMPO SANTO

Não tarda muito o dia de finados,
Dia em que os vivos vão, em romaria,
Visitar os que jazem enterrados
Na cova escura e fria.

Tambem mais tarde hão de ir nossos vindoiros
Ver nossas campas, nesse mesmo dia,
¡Sem ver na lama os teus cabellos loiros...
Na cova escura e fria!

Eu sou daquelles que se vão bem cedo...
¡Assim, bem cedo irás, triste, sombria,
Visitar o meu último degredo,
A cova escura e fria!

¿Queres ir á necrópole?... E te canças
Em ir?... Não é preciso... olha, Maria,
¡Meu peito é um cemiterio — de esperanças,
Meu coração — é cova escura e fria!...

XLVI

VERSOS A UM FÉTO

To be, or not to be, that is the question.
(SHAKSPEARE — *Hamlet*, *III*, I).

INVEJO-TE!... Si tu entrasses pela vida,
Serias, como eu sou, levado de vencida
Na inconsciencia fatal do ser e do não ser...
¡Tudo é dúvida e dor!... ¡Como assusta o não ver
Nem um raio de luz por traz da sepultura!...

¿E este sonho voraz extíngue-se ou perdura?...

Nada sei; nada vejo. Entro na escuridão
Como o cégo que entrega o seu destino a um cão.
Antes não ter nascido, ou nascer como nasces,
Com o sangue arterial gelado até nas faces.
¿Que lucrarias tu em ser homem por fim?
Terias de sentir o que hoje sinto em mim,
Ou então ser um nescio, um'alma satisfeita
Em resomnar depois da digestão ja feita.

A vida não é mais que um rude batalhar
Por manter uma luz que a morte ha de soprar.
Tarde ou cedo, na terra, em po nos tornaremos:
Eis o que hontem se viu... ¡eis o que sempre vemos!

Admittamos, porém, a hypóthese de que
Naceste para a vida: — ¿o que é a vida? Vê...
Olha o sol no Levante: ergue-se victorioso,
Altivo, porém, cai no occano silencioso...
Passou entre ovações, como os antigos reis,
Mas submettido á acção de mysteriosas leis;
E é esse mesmo sol — a aurèola do horisonte —
Quem a sêde te inflamma e quem te abrasa a fronte.

O vento, que suspira e geme ao perpassar
Pelas flores, não tarda a vil-as desfolhar;
Elle tambem suspira e geme aos teus ouvidos,
Mas amanhã, a uivar, sobre os mares varridos,
Si o teu lenho encontrar na líquida extensão,
Vira-o... ¡e vai cantar mais longe outra canção!

A nuvem, que desenha agora pelos ares
Castellos e torreões, paizagens singulares,
A nuvem não é mais que o transparente veu
Que mostra o temporal, sem deixar ver o ceu...

A terra, que ora agita um leque de mil flores
Ao sol da primavera, ás aves multicores,
Tambem veste a mortalha alvíssima e fatal
Dos gelos de que faz a túnica hybernal...

No templo, onde teus pais iam resar, outr'ora,
¡Verás os teus irmãos a blasphemar agora!

A mão, que te embalou e abençoôu-te, a mão
De tua Mãi — apodrece occulta sob o chão...
O seio, onde bebeste a nutrição primeira,
Delle sugam o sangue os vérmes, na poeira...

O sêr, que mais amaste, o sêr que mais te amou,
Jaz no lodo... ¿e ao teu labio o riso inda voltou?!...

¿Lembras-te que tiveste uns loiros companheiros
Nos brincos infantis? Hoje... uns, são conselheiros,
Outros calcêtas; um, morreu na guerra; dois
Enriqueceram; tres formaram-se: e depois
Trataram, no poder, de liquidar a patria:
Quem puder faça assim, quem quizer idolatre-a!
O mundo é um carnaval ruidoso, atroador,
Onde o vício afivella a máscara do valor.

E entre tantos heróes e tantos salteadores,
Genios, mortos á fome; e justos, sem louvores;
¡Entre os bons e os maus, príncipes e plebeus,
Nem um so é feliz!...

¡Ha muitos Prometheus!...

XLVII

NAUFRAGIO DO CORAÇAO

(A BITTENCOURT SAMPAIO)

¿Viste, Poeta, a nau das minhas alegrias
Ir bordejando além, por esse mar a fóra?
Foi cheia de illusões, de crenças, de utopias...
E o que será de mim, sem ter mais nada, agora?

¡Como é triste lembrar que se foi tudo embora,
Nessa nau, tão pequena e fragil, que hontem vias

Ancorada na praia, alegre como a aurora,
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias !...

Agora, no alto mar, os vagalhões do oceano
A lutar e a rugir, num desespero insano,
Lançam-na á solidão da eterna profundez.

¡Que naufrágio!... E ao mar as naus se precipitam :
O mar é esta existencia, onde as paixões se agitam :
E a nau — é o coração, ¡que enchi de mais, talvez!

XLVIII

O LEÃO ENFERMO

(DURANTE A ENFERMIDADE DE D. PEDRO II)

Á AUGUSTA PRINCEZA IMPERIAL

Á semelhança dos Heróes antigos
De que resam as lendas gloriosas,
Que tombavam nos braços dos amigos,
Contemplando com vistas dolorosas
As montanhas, o espaço, a natureza,
— Tudo cheio de nuvens de tristeza —
E o oceano — a lutar eternamente...
E o sol, ¡ que é sempre o sol, mesmo no poente!

Eil-o prostrado, o forte, não vencido,
Lutando sempre por se erguer de novo ;
Ás vezes, cai exhausto, — ¡adormecido
No coração sincero do seu povo!

Depois — ergue-se, forte como outr'ora,
Qual águia altiva pelo azul distante,
¡Dourando a patria com clarões de aurora
O seu olhar de olympico gigante!

Nas horas em que a febre lhe marulha
Em confusão no cérebro as idéas,
Um alvo pombo no seu peito arrulha,
¡E ha nos seus labios versos de epopéas!...
Elle não tem os tétricos delírios
Desses que espalham prantos e martyrios;
Tem sonhos de poeta: e voga, em scismas,
Num lago manso de serenos prismas.

So nas horas de accesso, quando o susto
Nos assalta (pois nós nada sabemos),
É que pode sonhar tranquillo o justo:
¡Sem soffrer por saber quanto soffremos!...
Nesses momentos trágicos, sinistros,
É que elle vê, por um aspecto novo,
O sarcástico rir dos seus ministros...
¡E as lágrimas sentidas do seu povo!...

Vi-o de perto, em horas de descanço;
Vi-o de perto, em rápidas viagens;
E fosse no tumulto ou no remanso,
Sempre colhendo bênçãos e homenagens;
Mas homenagens expontâneas, santas,
Como rosas — abertas ás suas plantas,
¡E bênçãos tão altivas e tão puras
Como os astros que giram nas alturas!...

Nunca pensei que fosse tão completo
O ideal supremo do altruísmo:

¡Elle parece, neste *meio* abjecto,
A luz batendo em cheio num abysmo!
Como lâmpada accesa em templo escuro,
Espancando as visões que a sombra gera,
¡Elle ha de erguer-se aos olhos do futuro,
Como o sol nas manhãs de primavera!...

Eil-o agora em repouso... Inda mais bella
Que a sua c'rôa — de dois Imperadores —
É a grinalda alvíssima e singela
De seus cabellos brancos pelas dores.
« ¡Os reis são tão felizes! » diz a gente...
¡E o destino dos reis como é pungente!
Assim, ¡tambem os montes mais erguidos
Pelo fogo do céu são mais feridos!...

Eil-o ainda em repouso... Dorme e sonha
« Tendo no labio um riso de criança » ;
Não ha um so remorso que se opponha
Á paz da consciencia. E na lembrança
Surge-lhe claro o seu passado inteiro,
Arqueado num íris de victorias!
¡Nobre Herdeira do Throno Brasileiro!
Tens em Teu Pai um symbolo de glorias.

XLIX

PRIMUS INTER PARES

Quando rompeu no azul a orchestra dos fulgores,
As cortinas do Tempo ergueram-se nos ares,
O Sol entrou em scena: ¡e a Natureza em flores
Cantou nas solidões, nos montes e nos mares!

Mas essa voz não tinha um éco nos palmares,
Nem o timbre que agita as pombas e os condores :
É que faltava ainda a Esposa dos Cantares,
Que ensina aos corações a lenda dos amores.

Um dia... o Creador, absorto em vagas scismas,
Sonhou um ideal de cambiantes prismas,
Sentindo que o ser Deus é ser tambem poeta.

E assim, de um céu aberto afugentando as brumas,
— Como a Venus pagã molhada das escumas —
Surge a Mulher : mostrando a Creação completa.

L

A AURORA

Posso vel-a e ouvil-a, finalmente,
Senhora Dona Aurora... Eu bem queria
Ha muito tempo vir pessoalmente
Cumprir este dever de cortezia,
Trazer-lhe o meu cartão modestamente.

Como sou refractario ás etiquetas,
Deixei na quente alcova silenciosa
Ao lado da casaca as luvas pretas,
E vim beijar-lhe os dedos cor de rosa
Como quem beija um ramo de violetas.

Vibrei nervoso e cautelosamente
A campaínha eléctrica, ruidosa ;
Ninguem me viu entrar, ninguem ; somente

Sua irmã, a Estrella d'Alva, curiosa,
Sorriu-me — da janella do Oriente.

Transpuz o corredor, sem que me visse
Nenhum dos seus criados : — com certeza
Dormem ainda os preguiçosos, — disse;
E vim assim causar-lhe esta surpresa
Tão agradavel... para mim. ¿Sorri-se?

Perdõe esta imprudencia. ¡Que selvagem
Que eu sou, minha senhora ! Mas, em summa,
Eu so vim tributar-lhe esta homenagem;
Ah! nada tema, pois pessôa alguma
Viu-me, a não ser o seu alado pagem,

Aquelle sabiá, que está cantando,
Viu-me, quando transpuz a galeria
Que dá para o jardim; mas, mesmo quando
Elle fosse indiscreto : — ¿que podia
Dizer um pássaro? ¿até mesmo um bando?...

Sei que Vossa Excellencia não se cança
Em dar ouvidos ao que dizem... Ora,
Somente um louco ou mesmo uma criança
Poderia estranhar que Dona Aurora
Recebesse um poeta... ¡Que lembrança!

Demais, seu claro *boudoir* parece
Ter paredes de vidro transparente,
Pois seu leito de nuvens apparece,
Atravez das cortinas do ambiente,
Numa nudez de virgem, que adormece

Sobre a areia das praias resguardadas
Pelos juncos, que as ondas embalançam,
Qual Venus, entre escumas agitadas,
Enchugando os cabellos, que se entrançam
Nas fórmas — inda d'agua borrifadas...

Ja do salão nos candelabros d'oiro
Apagam-se as estrellas scintillantes,
Á cuja luz fulgura o seu thesoiro
De pérolas, rubís e diamantes
Da auréola do seu noivo, o astro loiro,

O sol : — Príncipe alegre e triumphante,
Elle deve vir vindo... sim, parece
Que aquelle prisma que transluz distante,
Como um rosto de noiva que enrubece,
Reflecte o vivo olhar do seu amante.

Bem; agora, que tenho a felicidade
De merecer-lhe a fina cortezia
De poder vir, com toda a liberdade,
Vêl-a, depois da noite... antes do dia...
Beijo-a : na sombra... ¡quasi á claridade!

LI

¡TU... SO TU!

Tu, so tu, puro amor!..
(Camões.)

I

Ouçam outros as notas peregrinas
De Schubert, Massenet, ou Berlioz;

Da alma de Mozart ás cavatinas,
Do Boito ás mais fantásticas surdinas
Prefiro a tua voz.

II

Vejam outros as télas scintillantes
De Murillo, do Sanzio, ou de Makart;
Do florentino ás deusas triumphantes,
Da Fornarina ás fórmas palpitantes
Prefiro o teu olhar.

III

Gosem outros de instantes que lhes sejam
Suaves como o orvalho é para a flor;
Sorriam, como os noivos que se beijam,
Que eu, a tudo que os mais tanto desejam,
Prefiro o teu amor.

LII

¿QUE É O AMOR?

I love and hate her.
(Shakespeare — *Cymb. III*, 5).

Quando o amor se prende a um sêr único, attinge então tal intensidade, tal grau de paixão, que, si não pode ser satisfeito, todos os bens do mundo e a propria vida perdem o seu valor.
(A. Schopenhauer.)

¡O Amor! — esse prodígio mysterioso
Que ora nos torna uns grandes desgraçados,

Ora nos leva — em êxtases sagrados —
¡A um ceu aberto, a transbordar de goso!

O Amor! o Amor... a espléndida loucura
Que nos deixa a sorrir como crianças,
¡Enchendo a minha mente de esperanças
E alagando-te os seios de ternura!...

O Amor, que fez Camões morrer de amores
E solitario andar por entre a gente,
Nesse contentamento descontente...
Em que vivia — ¡cego de explendores!...

Essencia — que embalsama todo o espaço;
Relâmpago — que fulge a todo o instante;
¡Visão divina, — a Beatriz do Dante!
¡Sonho de um louco — a Eleonor do Tasso!...

O Amor nos faz cantar, mesmo gemendo;
Bandido, que nos fere e nos soccorre;
O Amor... ¡o Amor é a vida de quem morre
Por viver dessa morte revivendo!...

A virgem, que num sonho vaporoso
Vê passar, de um exército seguido,
Um guerreiro, inda moço, mas ferido,
Morrendo aos sons de um hymno victorioso;

Ou então, numa noite constellada,
Fica no ermo, a sos com seu poeta,
Que lhe recita a estrophe predilecta,
Ambos sob a folhagem da ramada;

A noiva, que se entrega vergonhosa
Ás súpplicas do noivo allucinado;
Quando o pudor palpita, arrebatado
Numa vertigem negra e luminosa...

Nessa luta suprema e sem repouso,
Sentindo muita sêde e muito medo,
Quando os olhos conversam em segredo,
¡Dizendo o que com a voz dizer não ouso!...

Os amantes, que se olham insofrídos,
Temendo tudo — e todos provocando
No mais rápido olhar, de quando em quando,
Sentindo que se sentem sem sentidos...

Prolongando num beijo uma existencia,
Noutro beijo esgotando a vida inteira;
Sem nunca se fartar dessa maneira,
De viver a morrer nessa vehemencia...

Pedindo ao ceu que as horas passem breves,
Somente emquanto esperam encontrar-se;
Maldizendo do ceu — por separar-se
Sem perceber que as noites correm leves...

E *ella*... ter de mostrar-se indifferente
Ao olhar d'*elle*, ao vêr outros olhares:
Quando sabem os ceus e terra e mares
O que saber não deve a sábia gente...

. . . .

Oceano — ¡que se agita na procella!
Sonho — ¡que se desmancha em pezadelo!...

¡Meu Amor! pois ¿ si é meu, devo escondel-o?
¡É que — sendo so meu — é todo d'ella!...

Amigo — que nos salva... nos perdendo,
Bandido — que nos fere... e nos soccorre...
O Amor, ¡o Amor é a vida de quem morre
Por viver dessa morte revivendo!

LIII

ERROS DO PASSADO

Dentre as muitas *escravas* da Fazenda
Nenhuma era tão linda como Sara,
— Typo ideal, de vaporosa lenda,
Da cor dos gomos tenros da taquara...

Não tinha a alvura das visões insanas,
Nem das marmóreas epopéas d'Arte;
— Era como as morenas indianas,
Que resistem ao sol de qualquer parte.

Tinha um quê de franzina e delicada,
Brincava com as meninas de collegio,
E aprendera a lêr — por caçoada —
Com uma das irmãs do mestre-regio.

Uma noite, em que o velho padre cura
Jogava com o dono da Fazenda,
Vendo Sara, num canto, na costura,
Disse-lhe á meia voz: « ¿ Aquella prenda

« Tambem é obra tua?... » Então, abrindo
A caixa de rapé, o fazendeiro
Apenas respondeu, rubro, tossindo :
« ¿Que queres tu? — loucuras de solteiro »...

LIV

O PALHAÇO

I

Elle era um desgraçado, um magro aventureiro
Que sorria, a chorar, chorando por sorrir;
Passava no cortiço, occulto, o dia inteiro
E so no circo, á noite, o pobre forasteiro
Sentia a multidão seus gestos applaudir.

Quando a pilheria livre, a ínfima chalaça
Estourava expontanea ao gosto popular,
Os moleques então — a flor da populaça —
Corriam, assobiando, em derredor da praça,
Atirando o seu nome aos saltos pelo ar.

¡Era de causar pena e despertar remorso
A humildade fatal do mísero hystrião!
Ahi, elle fazia um concentrado esforço,
E qual burro que leva a carga sobre o dorso
Carregava mais tempo a cruz da humilação.

Era um heróe obscuro, um Mártyr solitario,
Com as torturas da carne e sem a luz da fé;
Conduzia cançado o lenho ao seu Calvario,

Em sombria mudez, qual velho dromedario
Que em deserto areial tarda em mover o pe.

II

Eu vi-o, foi no circo : a multidão, sentada
Das bancadas de pau na curva escadaria,
Aguardava impaciente a hora annunciada
Para encarar de perto o genio da Alegria,
¡ O deus da Gargalhada !

A Gargalhada, o pranto, a angustia disfarçada
Na máscara cruel de um soffrimento occulto,
Que, por não rebentar numa explosão sagrada,
Ferve em ebulição nervosa, concentrada,
Como expontaneo insulto.

III

Elle tinha passado aquelle dia inteiro
Entre as cogitações incertas do futuro ;
E — vendo-se sem nada — um vil pelotiqueiro,
Quando ha tantos ahi tão cheios de dinheiro,
Pareceu-lhe a existencia um fardo enorme e duro.

¿ Que via atraz de si ? — o galho desfolhado
Que despencou de si o fructo de um Mysterio,
Ou de um Crime, talvez... O berço abandonado
Das crianças sem pai, ¡ os filhos do Peccado,
Sem carícias no lar, nem cruz no cemiterio !

¿ Que é que fazia ali ? Ria... si não gemia,
Parodiando o riso em gesto contrafeito ;
Sentia dentro em si a grande nostalgia

Do nauta no alto mar, em plena calmaria,
Cruzando os braços nus no bronzeado peito.

Pudera! Ha *Jean-Valjeans* em todos os paizes;
Miseraveis — que a fome atira ao calabouço;
Peitos — em cuja carne a dor cria raizes,
Onde o sôro do sangue é fel de cicatrizes,
Como o limo esverdeado e húmido dum poço.

Assim, a ruminar naquillo, o desgraçado
Sentiu em si o horror que encerra um antro escuro.
¡ Elle — que nem chorava — a rir era forçado!
¿ Como não blasphemar, lembrando o seu passado?
¿ Como não delirar, — pensando no futuro?!...

Eis o grande problema, a resolver no abysmo
Da ignorancia fatal da noite da consciencia:
Donde veio? onde vai? A infancia sem baptismo
E a velhice sem lar... ¡ Dum lado o Cataclysmo
E doutro lado o cháos!... ¡ A cova ou a demencia!...

IV

« ¡ Venha o palhaço! ¿ Então?! » a multidão bradava,
Por entre uma algazarra estúpida, brutal:
Como elle demorasse, a turba, em furia brava,
Pateou-o d'entrada: ¡ e a creatura escrava
Sorria... com um riso impávido, infernal!

Como a féra na jaula exposta noite e dia
Ás vistas imbecis, que excitam ódio e dor,
Havia nesse rir sarcástico a Ironia
Da força acorrentada aos pés da Cobardia...
Do *escravo* quando toma *a bênção* ao *senhor!...*

LV

MINHA RIQUEZA

Tu tens, ó bem amada,
No labio de cereja
A cor que ruboreja
A pétala encarnada

Da rosa, inda orvalhada,
Que trémula viceja
E efflúvios mil poreja
Á luz da madrugada.

Tu tens tudo o que encerra
O Mar, o Ceu, a Terra :
Astro, Coral e Flor.

E eu tenho mais ainda
Do que isso tudo, ¡linda!
Pois tenho — *o teu Amor.*

LVI

PÉROLAS IDEAES

I

No baile do Visconde, assim que o loiro pagem
Afastou pressuroso o verde reposteiro,

Surgindo no salão teu vulto sobranceiro,
Altivo como o sol e brando como a aragem ;

Uns convivas boçáes de histórica linhagem,
Disputando entre si a gloria de primeiro
Curvarem-se a teus pés de um modo lisongeiro,
Cercam-te, aos encontrões...Mas eu,rude,selvagem,

Com aquella altivez sombria do proscripto
Que sente dentro em si a grande nostalgia
Da patria que se esvai na sombra do Infinito...

Mal pude disfarçar um riso de ironia :
¡ Ao ver no teu collar de pérolas fulgentes
Brilhando de tua Mãi as lágrimas pungentes!...

II

Outra vez, ao passar, no meio de uma rua,
Entre o vai-vem febril da multidão inquieta,
Pensando no poder da formosura tua;

Levantando no ar castellos de poeta,
Bem como um visionario á claridão da lua,
Desenhando na mente a imagem predilecta ;

Eis sinão quando, páro, ouvindo, de repente
O timbre musical da voz duma donzella,
Robusta, vigorosa, ágil, sadia e bella,
Trabalhando e cantando uma canção valente.

Tinha a fronte morena ; e no olhar ardente
Relâmpagos talvez de interior procella...

E em vez do teu collar, scintillações de estrelia
Nas bagas de suor da fronte resplendente.

III

Mais tarde, da familia ao tépido agasalho,
Na mansa placidez das affeições sinceras,
Como a rosa orvalhada em verdejante galho,
Ou pelo vasto azul o Sol nas Primaveras;

Encontrei-te, engolfada em maternaes carinhos,
Beijando, ora o esposo, ora umas frontes loiras,
Trazendo-me á lembrança os pássaros nos ninhos;

Elles abrem tambem as azas protectoras
Sob ellas abrigando as aves inda implumes,
Que estremecem de goso, a pipillar baixinho.

Mas quando, de uma febre aos afiados gumes,
Vias em convulsões o teu gentil filhinho,
¡Choraste!... ¡E de teu pranto as gotas crystalinas
Formavam um collar — de pérolas divinas!...

LVII

MANSENILHA DE AMOR

Ha nos desertos da Africa
Uma planta traiçoeira:
É uma copada árvore
Chamada *Mansenilheira.*

O viajor, reclinando-se
Sob esses galhos fataes,
Adormece em doces êxtasis :
¡ Porém não desperta mais !

Assim, nos teus seios túmidos,
Em indolente abandono,
Deitei minha fronte pállida
E louco peguei no somno.

Sonhei constantes delícias
À sombra das illusões :
— ¡ O teu seio foi o túmulo
Das minhas aspirações !

LVIII

A UMA SENHORA CATHÓLICA

Pulvis, cinis et nihil.

Vossa Excellencia perde inutilmente
Seu precioso tempo em discutir commigo [*crente :*
Questões de fé ; no entanto, eu me confesso *um*
Porque *creio no nada*... e as coisas investigo.

Tudo que existe eu considero eterno,
Mas tudo é submettido ás leis do transformismo ;
Ha chuvas no verão, o sol brilha no inverno ;
E a flor, que se abre á luz, nasce tambem no abysmo.

A Dúvida levou-me de vencida
Pela escura extensão de um árido deserto :
Sei que a Transformação me espera ao fim da vida;
¡ E sinto sempre a Dor — a me seguir de perto!

É bem feliz quem crê noutra existencia,
Onde a Virtude encontra o merecido premio,
Sendo o Vício punido ; e eu sei, Vossa Excellencia
Desses fieis está no religioso gremio.

Eu não pertenço a gremio algum ; trabalho
Por dar aos filhos meus o exemplo do meu nome ;
E tudo quanto aspiro e tudo quanto valho
É so por altruismo. A crença abandonou-me.

Dirão, talvez : « ¡ Que excêntrico ! ¡ que louco ! »
E eu sondo a profundez do mar por onde vogo.
É que analyso tudo : — e acho tudo tão pouco...
Que so no tédio emfim é que eu me desafógo.

Deve ser realmente delicioso
Acreditar num céu — illuminado e vasto —
Onde vôe, a cantar, o bando glorioso
De Archanjos... ¡ e onde o Amor seja perenne e casto!

Deve ser muito bom pensar que a vida
É o dormir — a sonhar — da incauta humanidade :
Que do sonho voraz da noite mal dormida
A gente, ao despertar, entra na eternidade.

Mas eu não posso crer nessas chimeras ;
Mirrou-se-me na alma a flor das alegrias :
Flor — que tanto reguei de lágrimas sinceras
Ao vel-a sobre o gelo, exposta ás ventanias.

O Desalento é noite de geada
Onde úiva como um cão o vento da Descrença;
Rasga mais tarde o sol as brumas da alvorada,
Mas brilha e não aquece: — ¡é uma ironia immensa!

É bem cruel, bem triste, bem pungente
Ver que não se vê mais que cinza, po e nada;
Creia, eu não posso crer que a existencia presente
Venha a ser noutra vida, ao menos, relembrada.

Tudo acaba no chão do cemiterio;
Embora tudo, ahi, reviva em sêres vários;
A Sciencia invadiu a Noite do Mysterio...
¡Do craneo de um atheu fazem-se relicarios!

LIX

A MULHER

(NO ANNIVERSARIO DA ESPOSA DE UM AMIGO)

Quando a Mulher é bella, pode a rosa
Ser comparada á formosura della;
Nem ha na terra coisa mais preciosa
Do que a Mulher, quando a Mulher é bella.

Quando a Mulher é casta, ao vel-a, a gente
Os pensamentos maus p'ra longe afasta...
E as almas vão, num êxtasi eloquente,
Cahir-lhe aos pés, quando a Mulher é casta.

Quando a Mulher é bôa, irmã ou filha,
Esposa ou Mãi; o pássaro — que vôa,

A flor — que aromatisa, a luz — que brilha,
Tudo é melhor, quando a Mulher é bôa.

E tu, que vês na esposa virtuosa
Tão peregrinos dons, Bardo! por ella
Vibra constante a cythara gloriosa,
Á bôa e casta, intelligente e bella.

LX

NINHO MYSTERIOSO

Scribitur ad narrandum, non ad probandum.

Tenho um castello, escondido
No fundo duns arvoredos,
Occulto como os segredos
Que são compromettedores;
La poderei resguardar-te
Dos olhares indiscretos
Desses eunuchos abjectos
Que intrigam nossos amores.

Ante as marmóreas columnas
Dos altos portões fechados,
Dois leões domesticados
Passam as noites alerta;
Ou vagueiam, lentamente,
Pelas ruas de palmeiras,
Contemplando horas inteiras
A estrada longa e deserta.

Escutando, em horas mortas,
Rodar minha carruagem,
Elles abrem-me passagem,
Encrespada a juba ao vento ;
E quando desço do carro
Deitam-se, humildes, na areia,
Emquanto que uma sereia
Canta no lago, ao relento.

La dentro — ha muita riqueza,
Ha muita coisa exquisita,
Que ninguem viu, acredita,
Mas que has de ver algum dia :
São os secretos thesouros
Que eu herdei dum visionario
— Que viajou solitario
Pelo paiz da Utopia...

Diante dos grandes espelhos
Dos salões alcatifados,
Verás — por todos os lados —
Teu vulto reproduzido :
Teus risos e meus olhares,
Meus beijos e teus encantos
Multiplicados por quantos
Não deixa vêr... ¡teu vestido !...

No meu castello, que escondo
No fundo dos arvoredos,
Occulto como os segredos
Que são comprommettedores,
Vem depressa resguardar-te
Dos olhares indiscretos

Desses eunuchos abjectos
Que invejam nossos amores.

LXI

A' M. H.

Eu quero ver-te sempre a provocar assombros,
Em scismas virginaes, românticas, insanas,
Sôlto o cabello escuro e basto pelos hombros,
Como as Virgens christans nas cathedraes romanas.

Ha nesse teu olhar scintillações tão vivas,
Que eu penso vêr cahir diluvios de fulgores :
E fico a olhar p'ra ti, na sombra das ogivas,
Como um crente ajoelhado ante um altar de flores.

¿ Sabes ? longe daqui, numa cidade triste,
(¡ A terra onde nasci, onde morrer quizera !)
Formosa como tu, uma mulher existe
Que pensa em mim saudosa e triste em vão me espera.

Ha muito que a não vejo : ¡ e nos amamos tanto !
¿ Tens ciumes ? meu Deus ! que criancice vã...
Inda eu não disse tudo : a flor do meu encanto
Não é uma rival, criança, — ¡ é minha irmã !

LXII

MINHA VISINHA

Eu creio que anda doente
Aquella minha visinha,
Que vejo sempre á tardinha
Scismando languidamente.

Com as madeixas cahidas,
Fica sosinha á janella
Horas e horas perdidas
A contemplar uma estrella...

¿ Quantos não terão vontade
De ser o astro fulgente
Que o seu olhar innocente
Contempla na immensidade?

E vejo-a sempre scismando,
Scismando, sem dizer nada :
— ¿ Acaso será lembrando
Alguma historia encantada ?...

¿Ou pensa, talvez, quem sabe?
Que a sua fronte adorada
Na sepultura gelada
Em pouco tempo desabe ?...

Si passa um pássaro rente,
Rente dos nossos telhados,

O seguem pelo ambiente
Os seus olhares cançados...

E fica em funda tristeza,
Naquella mesma attitude,
¡ Como a estatua da Virtude
No pedestal da Pobreza !

Um rapaz, sempre que a via
Scismando ao pé da janella,
Por vel-a tão triste e bella
Escreveu-lhe uma poesia.

Era um pobre sonhador
Que aspirava emprego e gloria ;
Eu tenho inda na memoria
As taes quadrinhas de amor.

Sob uma sétta, pintada
Com tinta cor de violeta,
Dizia assim o poeta
Á saudosa bem amada :

— « Costureira, costureira,
¿ Quem te fez tão pobre assim ?
¡ Trabalhas a vida inteira
Nesse trabalho sem fim !

« ¡ Quem me dera, ai quem me dera
Mais uns cem mil réis por mez,
Que não vivias á espera
De algum marido burguez !

« Oh! que si a gente hoje em dia
Pudesse viver de amor,
A nossa vida seria
Astro e luz, aroma e flor! »

Eu, a principio, julgava
Que aquella sua tristeza
De algum amor com certeza
Secretamente emanava;

Porém, estando outro dia
No gabinete, escrevendo,
Notei que a pobre tossia...
¡ E sempre e sempre cosendo!

Além disso, um primo della,
Falando-se a seu respeito,
¡ Disse que soffre do peito
Aquella moça tão bella!

¡ Coitada! na flor dos annos,
Na primavera da vida,
Ao peso dos desenganos
Ja tem a fronte abatida.

Vê-se que está bem doente
Aquella minha visinha
Que eu vejo sempre sosinha...
¡ Vendo passar tanta gente!...

LXIII

LEI DE GRAVITAÇAO

Agita-se do Mar a superficie nua
Ás forças de attracção do frio olhar da Lua.

O cedro da montanha, o cedro colossal,
Treme a um fluido subtil, magnético, animal.

As leis de repulsão e de attracção dos mundos
Equilibram os sóes nos páramos profundos.

A materia immortal, potente, única e forte,
Submette-se á pressão *ephêmera* da Morte...

Ha uma lei que attrai os corpos para o sólo;
O pombo quer a rôla, a agulha busca o pólo.

¿ Como não queres tu que eu siga, deslumbrado,
De teus pequenos pés o rasto illuminado ?...

LXIV

EM FLAGRANTE

Eu estava, a sos com *ella*,
A falar sobre um sujeito

Que, encostado ao parapeito
Da janella,

Se conserva o dia inteiro
— Haja sol, ou caia chuva —
A namorar a viuva
Dum banqueiro.

A viuva não espera
Enlouquecer a ninguem...
Sim, mas eu sei muito bem,
¡ Pudera !

A razão porque esse moço
Passa ahi o dia inteiro :
É que a velha — de dinheiro
É... ¡ um pôço !...

Bem : eu estava com *ella*
A falar a tal respeito,
Encostado ao parapeito
Da janella ;

Quando o seu pequeno irmão,
Que deixáramos na horta,
Se escondeu atraz da porta
Do salão.

O rapaz comprehendera
Os nossos extremos, e
Eis o motivo porque
Se escondera.

Nós... ¿quando é que íamos nós
Deixar de pensar então
Que estávamos no salão
Os dois sós?

Sabendo que a visinhança
Não nos enchergava, pois,
E tendo os pais em nós dois
Confiança;

Eu sério, *ella* a olhar p'ra o chão,
Trocávamos juramentos,
¡ Ambos nos deslumbramentos
Da paixão!...

Corando e rindo, nós dois,
Palpitantes de desejos,
Sellámos juras com beijos:
E depois...

Assim que — pálido e mudo —
Fui beijal-a — semimorta...
Salta elle de traz da porta
E diz, pulando: « *¡ Vi tudo!* »

LXV

A LENDA DOS AMORES

I

Tu pediste-me, em febre voluptuosa,
¿ E quem pode esquivar-se aos teus desejos?

Que eu cantasse o *romance* de teus beijos
Aos sons da minha lyra harmoniosa.

Fôra preciso, ó pálida formosa,
Para realisar esses almejos,
¡Ter das harpas-eóleas os harpejos,
Brilhos de estrella e pétalas de rosa!

O mesmo amor, que eternisara o Dante,
— Atordoando o cérebro do Tasso,
De *Marilia* arrojou *Dirceu* distante...

Pois ha de ser tambem de amor o laço
Que ha de unir nossos nomes, doce amante,
Como nós nos unimos... ¡num abraço!

II

Si ha nos meus livros páginas brilhantes,
Que fluctuam no azul do romantismo,
Mais ricas de fantástico lyrismo
Hão de ser as estrophes scintillantes

Que descrevam, com tintas cambiantes,
Teus caprichos, teu lânguido hysterismo :
E as noites de febril sensualismo
Em que beijo os teus seios palpitantes.

Dizias ser de gelo... ¡e és de fogo!
Da volupia no louco desafogo
Revivias — ¡mais morta do que viva!...

¡Como eras bella assim, sem ser esquiva!

¡Nós éramos coriscos de desejos
No temporal desfeito desses beijos!...

III

Tens o sabor dos pècegos molares,
Um ácido de fructa prohibida...
No seio uma volupia indefinida,
Fluidos fataes nos lánguidos olhares.

És a moderna Esposa dos Cantares...
¡A sereia do mar da minha vida!...
Tens na apparencia a calma duma ermida,
E a gélida brancura dos luares.

No entanto, Senhora, ha nos teus seios
Um Vesuvio nevrálgico de anceios,
Uma sêde infinita como o espaço.

É por isso, talvez, que me fascinas,
Me seduzes, me prendes, me dominas,
Como a attracção do íman sobre o aço.

IV

Não és mais bella, não, quando mergulhas
Em veludo os contornos palpitantes,
Nem quando em teus cabellos odorantes
Scintillam os rubis como fagulhas;

Tu me cravas desejos, como agulhas,
Eléctricos, nervosos, irritantes,
Como a tosse dos tísicos amantes,
Que inflamma do tubérculo as borbulhas.

Uns desejos estranhos, fortes, novos,
Que saltam, indomáveis, aos corcovos,
¡ Como um touro enlaçado pelas guampas!

Quando, após um duello atroz de abraços,
¡ Prisioneira de goso entre meus braços,
Vivandeira de amor, sorrindo — acampas!

V

Tens ás vezes o gelo dos crystaes
E a transparencia vítrea das redomas,
Quando cerras as pálpebras e domas
Os poldros dos desejos sensuaes...

Como as nuvens, em fortes temporaes,
Inflammam-se, a tremer, as tuas pomas :
E desmaias, lasciva, ébria de aromas,
¡ Em volupias sombrias, infernaes!...

¡ És o Anjo do Mal ! bem o previa ;
¡ Tens o riso insolente da ironia
E o cynico disfarce da bacchante!

¡ Perdôa-me, Senhora ! eu sou um louco :
De amor vou definhando pouco a pouco...
¡ De ciume te insulto a cada instante!...

VI

Si ainda mais se adorar fosse possivel,
¡ Queria vêr-te morta, enregelada,
Inerte, muda, pálida, insensivel,
Na escuridão de um túmulo enterrada!...

Nem mesmo eu sei, ¡ó bella desgraçada!
O que faria então... ¡Parece incrivel!
¡Tu serias por mim mais adorada,
Si ainda mais se adorar fosse possivel!

Oh! pudesse a nevrose violenta
Arrebatar-te — em noite de tormenta —
Ao fundo escuro de um revolto mar...

Pois so na placidez de um ataude
Tu — não ultrajarias a virtude...
Eu — ¡não me envergonhara de te amar!...

LXVI

SONHO ALLEMÃO

Por dormir logo após á lauta ceia
Do gordo reverendo, que, a pedido
De uma certa cantora, se dignara
De enviar-me um convite por escripto,
Tive um sonho allemão...

Allemão, digo,
Por ser assim á moda do que o GOETHE
Apresenta no *Fausto* — esse tal *Sonho*
Da noite de Walpurg...

Bem embuçado
Numa capa hespanhola (brasileira)
De chapéu desabado e umas botas
De excellente verniz, como as que usava

Esse francez audaz — que por façanhas
Foi subindo do povo á realeza,
Chegando a dividir, pelos parentes,
Thronos, como aos parceiros damos cartas
Numa mesa de jogo...

Assim vestido,
(Mal soôu meia-noite no relogio
Da casa do visinho) a passos lentos,
Assim como do *Ernani* os conjurados
Logo que principia o acto quarto,
Fui para o palacete da formosa
Neta da baroneza...

La chegando,
Atirei-me a seus pés... Estava linda
A tímida criança aristocrata,
Com os negros cabellos ondeados
Soltos, a flutuar pelas espáduas
¡ Mais alvas do que a espuma que o barbeiro
Nos põe no rosto ao nos fazer a barba!...

— Nunca estiveste assim tão feiticeira,
Mulher dos meus desejos, ¡ flor cheirosa
Dos vergeis ideaes do pensamento!
Fosse eu hoje um Sultão, que dentre todas
As lánguidas, lascivas Odaliscas,
Havia de dizer ao teu ouvido :
— ¡ És tu so, tu, so tu, a favorita! —
Mas... ¿ si eu nem sou o último dos turcos?
— Esses entes felizes, felizardos,
Que têm tantas mulheres quantas calças
Possue o teu irmão — ¡ aquelle *dandy!*...

— « Ja sei que vens... »

— ¡Pois não! Adivinhaste;
Venho ver-te, mais morto do que vivo,
Magro, desfigurado, com olheiras...
¿E tudo isto porque? — pela saudade,
Aquillo que o GARRETT... ¿Inda não leste
Os versos do Visconde? Pois não leias.

¿E tu tambem não pensas muitas vezes
Nessas horas de fogo e *morbidezza*
Em que tremes, desmaias nos meus braços,
Sentindo o maior gosto desta vida,
Emquanto, desvairado e offegante,
Eu sorvo, sequioso, a longos tragos,
O licor de teus beijos — pela taça
Desses lábios de amoras, mais vermelhos
Que o miolo das frescas melancias?... »

— « E nosso filho? »

« ¿Pois nós temos filho?!
Não fales nunca em similhante coisa...
¡Cruzes! ¡DEUS nos acuda! ¿Pois tu queres
Ir procurar camisa de onze varas?
(Or'esta! ¡e eu mettido em calças pardas!)
¿Não sabes que a mulher, depois do parto,
Deixa de ser a Deusa decantada
Pela Musa dos lyricos poetas?...
¡Não fales nunca nisso!

— ¿E nosso filho
Ha de ficar na sombra, abandonado,
Sem mimos maternaes, lições paternas,

Um nome, com que possa erguer altivo
A fronte varonil entre os mais homens?
¡ Não! tu não és um bárbaro...

E, chorando,
Esse sermão de lágrimas prégava
(Que por certo escutaste muitas vezes,
Talvez de mercador fazendo ouvidos),
Quando eu, vendo que nada nessa noite
Podia conseguir... achei prudente
Dar as costas á bella inconsolavel,
Que soluçava, assim como as crianças
Quando querem comprar algum brinquedo,
Ou sahir rua fora atraz das outras.
Sahi.

Até aqui, nada de novo :
Mas agora é que a coisa toma os ares
Das pavorosas lendas da Allemanha.

Esqueceu-me dizer que isto se passa
Numa noite de inverno, noite ingleza :
Da cúpula do azul cahia em dobras
Um denso cortinado de vapores...
E a lua, sosinha, no seu *quarto*,
Numa colcha de névoas embrulhada,
De vez em quando arregalava os olhos
A ver si alguma estrella se atrevia
A botar o nariz para planeta
Onde escrevo estes versos, que algum dia
Podem, talvez, ainda ser transcriptos
Pelos jornaes do Sol... ¡ou de Saturno!

Mãos á obra. Mal tinha entrado em casa

Quando o creado (que sou eu) curvado
Tirava as minhas botas :

Offegante,
Trémula, desgrenhada, esbaforida,
Investe porta a dentro a inconsolavel
Neta da baroneza...

— ¿ Então, não queres
A promessa cumprir? »

— ¿ Mas que promessa?

— ¡ Basta, tyranno, basta!... Ao menos morra
Em presença do algoz víctima imbellee.

E mal estas palavras tinha dito,
Engatilha um *rewolver* de seis tiros,
Ergue os olhos ao ceu, benze-se ás pressas
E nos ouvidos descarrega a bucha.

A polícia, que ouvira o estampido
A taes horas da noite, em nossa casa
Apparece de chofre (caso raro)
Como D. Carlos — o real estroina
Dos reinos hespanhóes, nesse momento
Em que sai do armario (isto se entende
Com quem lê Victor Hugo, simplesmente).

— ¿ Que quer isto dizer? — ¡ brada, raivoso,
Um esguio sargento, de bigodes
A Victor Emanuel :

— ¡ Está bonito!

Matar uma mulher como quem mata
Uma pulga, um piolho, um carrapato...
Mas, inda bem que o pilho aqui mettido,
Como dizem « co'a mão na ratoeira ».

— Eu, senhor... »

— ¡Qual senhor, nem pera nada!...
Mataste esta mulher, és criminoso;
¡ Vamos, caminha !

— Espere um pouco, eu juro...

— ¿ Quem é que ainda crê em juramentos?
¿ Não queres ir por bem ? ¡ irás á força !...

Puxa-me por um braço...

¡ Arre ! ¡ que susto!...
Acordo nesse instante... inda sentindo
Alguem que me puxava realmente
Pelo braço direito...

Mas não era
O barbudo sargento de polícia...

Era a joven cantora, que fizera
O gordo reverendo convidar-me
Para a ceia da véspera, que estava
Cançada de esperar que eu acordasse,
Afim de acompanhal-a nesse instante
A tomar o gostoso chocolate
Que esfriava na chícara doirada.

LXVII

ARTHUR DE OLIVEIRA

— O proprio Theophilo Gautier, com sua prodigiosa e exactissima téchnica universal, não lograria imprimir no forte e polido mármore de seu estylo largo e impecavel, uma idéa fiel d'*Elle*...

Elle congela e petrifica os *ohs!* e os *ahs!* da nossa admiração... Desvaira, suffoca, embriaga, convulsiona, subjuga e prende-nos ás bronzeas cadeias de seus ferozes e estupendos enthusiasmos.

(Arthur de Oliveira)

I

Conheci-o de perto, conheci-o
O necessario para amal-o ; e amei-o
Na insensatez do seu viver sombrio.

II

Era, á primeira vista, rude e feio ;
¡ Ah ! mas transfigurava-se falando,
Tinha leões na mente, aguias no seio!

III

Parece-me que estou inda escutando
O timbre dessa voz, — ora suave
Como um pássaro, ao longe, gorgeiando,

IV

Ora ríspido e áspero, qual trave
Onde entra o prego, a golpes de martello,
Ou ferrolho, que range quando a chave

V

Volteia, tilintando, élo por élo,
Os grilhões da corrente que resvala
Nas lages da prisão d'algum castello.

VI

Havia um não sei quê naquella fala,
Que fazia lembrar trovões, que estouram,
Quando a chuva, no asphalto, salta, estala...

VII

Na idade em que as paixões as crenças douram,
As dúvidas vieram, e roubaram
As crenças d'Elle, e Elle... ¡ e la se foram !

VIII

¡ Que estupendos assombros rebentaram !
¡ Que loucuras divinas e secretas
Como andorinhas leves emigraram !

IX

Elle tinha os mil nadas dos poetas,
A ingenuidade e o riso das crianças,
A febre e a presciencia dos prophetas.

X

Pobre de almejos, rico de lembranças,
Ai, — ¡ vivia morrendo de saudades,
Quando os mais todos vivem de esperanças !

XI

Sentia umas profundas anciedades,
Uns tedios ideaes... umas subtis
Indolencias de freiras entre grades...

XII

¡ Que ironia!... — passava por feliz
Quando está por nascer inda o primeiro,
Depois que morra o último infeliz!...

XIII

Passou sempre sombrio e forasteiro
Por entre a multidão, que o estranhava,
Mas que nem Elle viu, de tão ligeiro

XIV

E tão preoccupado que passava,
A ver de mais aquillo que não via,
Sem que chegasse a ver o que enxergava.

XV

Um dia... (não esqueço aquelle dia)
Perguntei-lhe: — « Onde moras? » — Que se espera,
A não ser o cartão de cortezia?

XVI

¿ A indicação pedida? Qual! chimera..
Disse, sem se importar que alguem ouvisse:
« Moro no bairro em flor da primavera

XVII

« Número tres de abril »; e, como eu risse,
Accrescentou: « chalet de violetas »...
E mais diria se inda eu mais ouvisse.

XVIII

¡ Estava então radiante! As borboletas
Sobre uma flor ja murcha muitas vezes
Vôam, pousam, revôam, indiscretas.

XIX

Assim tambem nos mais varridos mezes
Dum prolongado inverno, o sol brilhante
Corta a vaporação de céus inglezes.

XX

Num dia de verão, vi-o, offegante,
Suando, esbaforido, na carreira,
Com uns gestos de athleta agonisante;

XXI

— Onde vais? perguntei-lhe; — « A soalheira
« Provoca-me, elle disse, — vou vingar-me,
« Vou perder-me... na curva da banheira ».

XXII

E a marche-marche, assim como um gendarme,
Passou, batendo os saltos na calçada,
Qual desertor mettido num alarme.

XXIII

Encontrou logo adiante um camarada
E disse-lhe, a fugir : « ¡ Vai-te, eu prosigo,
Bem sei que estou cheirando á carne assada ! »

XXIV

... Era sereno e calmo no perigo;
Nervoso e assustado quando via
Uma criança ao collo dum amigo.

XXV

Quando muitos choravam, Elle ria:
Ah! ¡mas aquelle riso era pungente,
Pois era sempre assim que Elle soffria!

XXVI

Disse-me um dia: « Eu sou tão indigente
Que nem lágrimas tenho »... ¡E no entanto
Quantas rolam no mundo inutilmente!

XXVII

Mísero!... ¡Nem o bálsamo do pranto
Suavisava as íntimas feridas
Daquelle coração, que sangrou tanto!

XXVIII

Nas renitentes horas consumidas
Em soffrer, por saber que alguem soffria,
Elle apertava as pálpebras doridas,

XXIX

Arrancava os cabellos, ria... ria...
(Mas de um modo que até lembrar não quero)
¡Numa explosão de trágica ironia!

XXX

Era outras vezes bom, meigo, sincero,
Cheio de mansidão e de ternura
Como o trémulo avô, grave e severo,

XXXI

Quando beija, curvado, a face pura
Do netinho gentil, que a loira fronte
Roça nas barbas de macia alvura.

XXXII

Como na superficie duma fonte
Se reflectem, tremendo, as vivas cores
Do iris que se arqueia no horisonte,

XXXIII

Assim nelle tambem todas as dores
E todas as paixões reverberavam
Como um éco de todos os rumores.

XXXIV

Mil excentricidades agitavam
O seu perfil estranho, de selvagem,
Que os ímpetos do genio assoberbavam.

XXXV

Quando esteve na Europa, de passagem
Um pintor dos mais célebres lembrou-se
De caricatural-o, — uma homenagem

XXXVI

Que a bem poucos prestara ; Elle indignou-se !
— « ¡ Pelintra ! ousar prostituir-me a cara ! » —
Não sei si houve duello, mas falou-se...

XXXVII

¡ Pobre Arthur de Oliveira ! Não raptara
A Estrella d'Alva... sim, nunca de um trago
Sorvera um Oceano... ou empalmara

XXXVIII

O Pão d'Assucar... ¡ Dyscolos ! ¿ que estrago
Causou ao povo, ao clero, á fidalgia
Aquelle pobre millionario vago ?...

XXXIX

Amava os vegetaes ; e si sentia
O cheiro dos hoteis e restaurantes,
    Famulentos tupys ! » Elle dizia :

XL

« ¡ Comem os animaes seus semelhantes ! »
E nem por uma hypóthese as donzellas
Podiam ver um *beef*... ¿ Pois os DANTES

XLI

Transformam as BEATRIZES em estrellas,
Sabendo que ellas comem gallinaceos ?!
E queixam-se depois de erysipelas...

XLII

Elle ás vezes julgava-se em palacios
Adornados de púrpuras custosas,
Como um MECENAS escutando HORACIOS...

XLIII

¡ Creaturas carnívoras, gulosas !
¿ E mastigaes os pombos e os cordeiros ?
¿ E digeris as vaccas silenciosas ?!

XLIV

Depois que a dura enxada dos coveiros
Encher de terra as bocas, que hoje em dia
Encheis de autos de fé dos cozinheiros ;

XLV

O DEUS, que tudo espreita, tudo espia,
Quando soar no val de Josaphat
O clangor de que fala a prophecia,

XLVI

Ha de chamar-nos ; ¿ e eu a JEHOVAH
Que poderei dizer, si Elle disser-me :
« ! Pois tu comeste mesmo o *petit-pois ?!*

XLVII

« Bem ; mando-te de novo áquelle verme
Que roeu teus pulmões, como roías
O peixe, a carne, o vegetal inerme ».

XVLIII

¡ Elle sentia as grandes agonias
Desse atroz e fatal presentimento
Que tanto amargurou seus curtos dias !

XLIX

Além da febre intensa do talento,
Veiu a febre voraz da enfermidade,
E a tosse, que augmentava o seu tormento.

L

Cheio de resignada heroicidade,
Despediu-se de todas as loucuras
Da sua tempestuosa mocidade.

LI

Do cigarro as fumaças mais escuras
Elle via fugindo... — e não podia
Prendel-as, ou seguil-as nas alturas...

LII

Dos seus vicios fieis se despedia
Com um olhar tão triste, ¡ que mostrava
Que era o último adeus que lhes dizia!

LIII

Quando por fim — sosinho — agonisava
Num leito de hospital, se retorcendo
Ja nos braços da Morte, que o gelava;

LIV

Um cão entrou nesse aposento : e vendo
O prato com dieta, sobre um banco,
Ao pé do catre, esgueira-se, tremendo,

LV

Mas Elle, arregalando um olhar branco,
Olhar que leva o coração comsigo,
Disse, abraçando o cão, no extremo arranco :

LVI

« ¡ Morro ao menos nos braços dum amigo ! »

LXVIII

O SONHADOR-PROPHETA

POEMA SYNTHÉTICO

(AO SENHOR D. PEDRO DE ALCÂNTARA) [179]

Não contente, Senhor, com merecer da sorte
O prophético dom dum régio nascimento,
Conseguiste elevar esse alto monumento
Onde o mundo contempla o teu egregio porte.

Estendes ao teu povo o braço amigo e forte,
Dás á sciencia impulso, ás letras luzimento;

E semeias o bem, momento por momento,
Das vastidões do Sul ás vastidões do Norte.

Por isso VICTOR HUGO, o HOMERO do presente,
O Fantasma dos Reis... curvou-se altivamente
Diante do teu valor : ¡que dupla magestade !

Na alma nacional tens um poema escripto :
E o Cruzeiro do Sul reflecte no infinito
De teu sereno olhar a intensa claridade.

Côrte, Maio, 1883.

CANTO PRIMEIRO

INTER DIVOS

I

Imagino o effeito deslumbrante
Dum collar de mil pedras preciosas
Que fosse desfiado lentamente,
Gotejando brilhante por brilhante
Dentro de vasto escrinio transparente,
Feridas as facetas luminosas
Pelos raios do sol em pleno dia :
¡ Ah ! ¡e nem mesmo assim eu poderia
Pintar ao vivo a intensa claridade
Desse tremeluzir vertiginoso,
Fantástico, ideal, maravilhoso,
Reflectido por toda a immensidade!...

¡ Coai toda a brancura das auroras
Átravez do rubor das primaveras,

Quando ainda nas sombras da deveza
Não pipillam as aves mais canoras ;
Quando a terra parece um paraiso,
Nesse vago crepúsculo indeciso
Em que geme e palpita a Natureza
Entre os beijos de fogo das espheras,
No êxtasis de amor dum arrebol !
E tereis, quando muito, conseguido
Reproduzir um raio esvaecido
Da infinidade dos clarões do sol.

¡ Imaginai, porém, um collar vivo
De sóes, como este sol que nos anima !
Sim, porque além, nesse infinito ácima
Ha de certo outros sóes, e mais systemas
Planetarios tambem :

São os diademas
Da fronte dô Sêr Unico, Impalpavel,
Creador, Increado e Perduravel.

Conduzam-no ao Calvario... ¡ o Redivivo !
Considerem-no ALLAH... ¡ que nunca morre !
Chamem-lhe VICHNOU, ou DÉVA, ou THEUS,
A idéa universal que nos occorre
É de que existe um DEUS.

II

O Todo Poderoso,
Com o seu manto azul de sóes bordado,
Assenta-se no throno esplendoroso
Por sobre o firmamento constellado.

Arrojadas columnas opalinas,
Sustentando uma cúpula brilhante,
Deixam vagar nas regiões divinas
Os sons da eterna música distante
Do concerto feérico dos mundos
Que giram pelos páramos profundos.

Cantam Anjos, pousando ali por perto,
Com a graça das mãis — acalentando
Seus filhinhos, a rir de vez em quando;
E a voar pelo azul do ceu aberto
Abraçam-se, com as azas, docemente,
Mas com tanta alegria e mimo tanto
Que nem fazem rumor...

E no entretanto
Jehovah escutou distinctamente,
No leve perpassar da fresca aragem,
Esse roçar macio da plumagem
Das azas brancas, longas, palpitantes,
Como uns flocos de neves fluctuantes.

Luzes, sons e perfumes se misturam
Numa condensação mysteriosa;
Ali — a violeta, o lirio, a rosa,
Todas as flores dos vergeis sagrados
Seus divinos effluvios mais apuram,
Embalsamando o ambiente rarefeito,
Onde palpitam corações e azas,
Nuns frémitos cadentes, irisados,
Como um rumorejar que fosse feito
Por cinzas fluctuantes sobre brazas
Vívidas, crepitantes, purpurinas.

Casam-se ali as notas argentinas
De milhares de sons imperceptíveis
Da harpa sonorosa do Universo,
So na celeste acústica sensíveis,
Numa subtil e trémula surdina
Tansformadas em astro, e flor, e verso.

III

Anjos de azas abertas, palpitantes,
Voando sobre nuvens cambiantes,
Sopram clarins de prata;
Erguem-se vozes claras, transparentes...
¡Soam risadas virginaes, contentes!
¡Como que o ceu inteiro se dilata
Em ondas de alegria
Para conter em si tanta harmonia!...

Aos clangores sonoros e vibrantes
Dos arejados, límpidos clarins,
Surge neste momento
O intemerato Archanjo Rafael,
Á frente da legião dos Serafins,
¡Que empunham os seus gladios flammejantes,
Mais bellos e soberbos que Ariel!

Tirando o capacete, de plumagens
Trémulas, multicolores, luminosas,
Curvam-se os Serafins, ajoelhados,
Pousando ao lado as armas victoriosas.

Aéreos coros rendem homenagens
Ao Pai dos bons e Pai dos desgraçados.

Os rápidos cometas resplendentes
E as estrellas, não trémulas e incertas
Mas rútilas, sem veu,
Suspendem o seu giro harmonioso
Para escutar no espaço silencioso
As músicas do ceu.

A um aceno de Deus — tudo é silente,
Não se escuta siquer um rumor brando,
Como que tudo e todos emudecem...
Os varios instrumentos adormecem :
E os astros erradios vão girando
Vertiginosa e silenciosamente...

Rafael ajoelha-se por fim
No último degrau d'oiro e marfim
Do throno celestial do Creador,
E diz : — ¡ Sêr Poderoso! ¡ Deus do Amor!
¡ Mixto de Gloria e Luz! ¡ Tu, que não és
So o que eu sei dizer, mas muito mais
Do que tudo que eu penso! ¡ Oh, meu Senhor!
Eis-me aqui a teus pés.

— Levanta-te, e responde, Rafael.
(O Archanjo ergue-se e diz) : — Fala, meu Pai.
— Escuta, filho meu : ¿ porque não vejo
Aqui, como desejo,
O nosso porta-voz, que ainda exilado,
Ha tanto, pelo abysmo de miserias
Onde as coisas incógnitas e ethéreas
Profanadas por Cesar e Mastai,
São levadas de envolta no tropel
Dessas philosophias
Que não passam de estéreis utopias ?

¿Que faz elle na terra?

— Anda engolfado
Nesse profundo Oceano de vaidades,
A recolher, mergulhador ousado,
As pérolas occultas das Verdades.

E espalhando-as, Senhor, por toda parte,
Em turbilhões de flores e de sóes,
Transformou o seu lar num baluarte,
Onde defende os fracos, os vencidos
Que lhe batem á porta, perseguidos
Por tyrannos, com máscaras de heróes.

Outras vezes, caminha solitario,
Queimando os pés nos areaes ardentes,
A regar, com as lágrimas que chora,
Essas mesmas sementes
Que nem com teu divino sangue, outr'ora,
Brotaram ¡entre as sarças do Calvario!

— Basta. A sua missão está completa.
Desce, meu filho, á treva... e dize á Morte
Que no seu vôo rápido transporte
Da terra ao céu o Sonhador-Propheta.

IV

PARENTHESE

¿Que importa que na lâmpada de argilla
Desmaie a luz?
Na região tranquilla
Do vasto ceu aberto, indefinido,

¡Um raio lampejou! porém tão breve
Que a mente a descrevel-o não se atreve.

CANTO SEGUNDO

PRIMUS INTER PARES

I

... o último gemido,
O derradeiro arranco, a suprema agonia
Daquelle coração herculeo, não podia
Deixar de ter um éco enorme e prolongado
No peito universal de um século cançado
De tanto o applaudir, batendo noite e dia
Ao forte latejar da immensa fantasia;
Sentindo o sangue em fogo a galopar nas veias
Ao calor e á luz do turbilhão de ideias
Do pensador profundo, incomparavel, forte,
¡Ja immortal em vida, inda immortal na morte!

¡Ó Mestre, ó grande Mestre! Ao ver-te frio e mudo,
Pode o mundo pensar que onde imperava tudo
Pernoita emfim o nada... e no entretanto eu juro
Por ti, por Deus, por tudo o que ha de grande e puro,
Que nada se extinguiu, nem se extingue jamais:
O que foste, inda és; o que és, sempre serás.

Ora, uma cruz de mais no chão do cemiterio,
É uma onda, talvez, no oceano do mysterio;
Para o corpo, que cai, ha o nome, que fica;
A lei da evolução lógicamente explica

Essa transformação eterna e permanente,
Que se analyse em tudo e em todos igualmente.

Além disso, o que mais nos punge e martyrisa,
A ferida fatal que nunca cicatrisa
É a saudade : o pensar que nunca mais veremos
Uma imagem, que nós no coração trazemos
Dia e noite comnosco ; e que é tão bom revel-a
¡ Depois que a gente vê que ja não pode vel-a !

Mas tua imagem, Mestre, antes de transformada
Em po, ja tinha sido em bronze perpetuada ;
Antes dessa final, subtil metamorphose,
Assististe de pé á propria apotheose.

II

¡ Que estranho funeral o desse estranho vulto !

¡ Toda a raça latina a tributar seu culto
De amor e gratidão ao pródigo de idéas,
Que viveu a espalhar perdões e epopéas !

¿ É condemnado á morte um estrangeiro ? ¿ e onde ?
¿ Pede por elle o povo ? ¿ O rei não lhe responde ?
¡ E aproxima-se, ó Deus, o trágico momento
Em que por esse pária ha de gemer o vento !...
Mas Victor Hugo fala... A sua voz, pelos ares
Ecôa, repetida em todos os logares...
¿ Pediu por elle ? ¡ Então salvou-o !

¡ A tal pedido
Não ha Rei que não sinta o coração varrido
Por lufadas de luz de claridade estranha !

¡ Si nas mãos delle em sol transforma-se uma aranha

¡ Christo ! eu sei que tu foste o único na vida
A fazer reflorir a palma reseguida;
Tu semeaste o bem nas solidões da terra ;
Venceste com a paz as multidões em guerra ;
E foste ao mesmo tempo humildoso e violento,
Meigo, justo e fatal, no austero julgamento.

E os discípulos teus, que te ouviram de perto,
Fosse na Synagoga ou fosse no deserto,
Nem um soube seguir os teus divinos passos :
Ao verem-te da cruz nos estendidos braços
Prostraram-se, a chorar, como si a humanidade
Não precisasse mais do Verbo da Verdade ;
E foram-se comtigo, humildes, a gemer,
Em vez de proseguir, ¡ lutando até morrer !

Tantos séculos depois da scena do Calvario,
A humanidade viu um louco, um visionario
Tranquillo proseguir pelos caminhos rudes
Por onde ias, outr'ora, a semear virtudes ;
Elle tentou fazer o mesmo que fazias,
Espalhando perdões, enchendo de alegrias
Os tristes corações feridos pelo tédio ;
Dando ás almas amor, aos enfermos remédio ;
Aos cegos da razão a vista da consciencia ;
Afugentando os vis, protegendo a innocencia,
Mais ainda : ¡ porque elle, além de fazer isto,
Deixa nos livros seus um Evangelho, ó Christo !

Elle tambem chamou a si as criancinhas...
O seu peito era o ninho em flor das andorinhas
Que entre o berço e a escola andam em seus fol-

Enchendo o nosso lar de risos e brinquedos...[guedos
E enchendo-nos de amor, de crenças, de alegrias
Os nossos corações — cofres das utopias,
¡Donde emigram tão cedo as aves das chimeras,
Em busca de outros sóes e de outras primaveras!

Tu nos déste a lição, elle nos deu o exemplo.

Tambem azorragou os vendilhões do templo;
Tambem não consentiu que a turba apedrejasse
A mulher sem pudor...

¡E ai de quem ousasse
Desattendel-o! então, ¡fosse Rei ou plebeu,
Sacerdote ou soldado, o mísero que o seu
Verso em brasa marcasse em cheio alguma vez,
Havia de rugir até cair-lhe aos pés!...
Ou então era exposto, em livros triumphantes,
Ao escarneo feroz dos povos mais distantes,
¡Num cárcere de fogo, a arder constantemente,
A sátyra — que mata... e vive eternamente!

III

Não se vê deslisar um préstito funéreo...
¡Não ousam esconder dentro dum cemiterio
Quem encheu com seu nome o abysmo do universo!

¡Oceano! ¡ja não ha quem faça mais um verso
Com a cadencia enorme a esse rythmo profundo
Com que andas a cantar e a rugir pelo mundo!...

¡Calou-se o teu rival! ¡Emudeceu assim
Que tinha como tu as pérolas sem fim

Das brancas illusões, e o rubor dos coraes
Nos escrínios de luz duns novos ideaes!
¡E as fortes convulsões e os bíblicos lamentos
Com que gemes á noite ao látego dos ventos!...

¡Calou-se o teu rival, Oceano! ¿Mas que importa?
Tambem pegas no somno em calmaria morta...
E não deixam por isso as rápidas correntes
De agitar do teu corpo os músculos dormentes.

Assim, nessa mudez do seu dormir profundo,
Elle escuta, em silencio, os funeraes do mundo.

IV

¡Que dantescas visões contemplo com espanto!

Esmeralda, a cantar, com lágrimas no canto;
¡*Quasimodo*, agachado, horrendo, furioso,
Fazendo trovejar o sino monstruoso
Da torre colossal da eterna *Notre-Dame!*
¡*Claudio-Fróllo*, mordido, a sos, pelo enxame
Das vêspas da luxúria, a pensar na cigana,
Blasphemando, no templo!

E á luz meridiana,
Nas ruas de Paris, *Phébus*, feliz, contente,
¡Ao galope febril do seu cavallo ardente!

Mais longe *Jean-Valjean*, e *Javert*, e *Fantina*,
¡Elles, os maus, tão bons! ¡Ella, a infame, heroína!
E *Mario*, a conduzir *Cosetta*, a bem amada,
Pelo vergel em flor da eterna madrugada...

Escuto os ais de dor da canalha indefesa :
¡ Passa correndo, a rir, cantando a *Marselhesa*,
O *Gavroche*, ideal, espléndido, atrevido,
Que, podendo viver como qualquer bandido,
Morre como um heróe ! nas pedras da calçada,
¡ Como expira *Eponina*, em plena barricada !

Vejo um palacio aceso : e nelle se adivinha
Que *Ruy-Blas* se ajoelha aos pés duma Rainha...
Ou então, no jardim, na noite do noivado,
Como o dobrar dum sino, *Ernani*, horrorisado,
Sente a fatal bozina ao longe restrugir...
¡ Que *Dona Sol* escuta — e elle não quer ouvir !...

Mas são tantas e taes as creações estranhas,
Brilhantes como sóes, altas como montanhas,
Que mal posso avistar, na extrema latitude,
Atravez do oceano encapellado e rude,
A sombra de *Gilliatt*, nos rochedos medonhos,
E essa ventosa, a *pieuvre*... ¡ esse polvo dos sonhos !

É esta a procissão que pára neste instante
Ao pé do Pantheon... Mas que vai para diante.

LXIX

O CANTICO DOS CANTICOS

DRAMA HEBRAICO [3]

(Ao meu amigo Dr. Luis A. da Silva Santos)

ACTO I

AREM DE SALOMAO

SCENA I

A SULAMITA E AS MULHERES DO HAREM

UMA MULHER

¡ Quem me dera que eu ficasse
De amores perdida e louca,
Con tanto que assim lograsse
Um beijo da sua boca !

CÕRO DAS MULHERES

Os violentos perfumes,
Acres, subtis, enervantes,
Dos teus seios palpitantes,
Causam vertígens e ciumes...

Os teus nervosos carinhos
Mantam a todos de amores :
Tens mais aroma que as flores,
¡ Embriagas mais que os vinhos !

O teu nome, nós pensamos
Ouvir um hymno encantado,
Vendo um óleo derramado...
¡ Eis porque todas te amamos !

A SULAMITA

(Com enfado, falando comsigo mesma)

Vamos ! eu quero, além,
Viver comtigo ; embora
O rei me prenda agora
Neste sombrio *harem*...

CÔRO DAS MULHERES

¡ Formosa rival das flores,
Que embriagas como os vinhos !
— ¡ Terás os nossos carinhos,
Ouvirás sempre louvores !...

A SULAMITA

Sou trigueira, mas formosa,
— ¡ Filhas de Jerusalem ¡
Sem inveja de ninguem,
Eu me comparo, orgulhosa,

Aos pavilhões triumphantes
E ás tendas em profusão
Que ostentam de Salomão
As riquezas deslumbrantes.

Não zombeis com ironia
Por ver minha cor morena :
É que eu andava, sem pena,
Exposta ao sol todo o dia.

Além disso, com as visinhas
Os meus irmãos passeavam,
Emquanto a mim... me deixavam
Nos campos, guardando as vinhas.

Eu mil modos empreguei
Por bem guardal-as; eu tinha
Tal intenção : mas a minha...
Ai, ¡ della me descuidei!...

SCENA II

AS MESMAS E SALOMAO

A SULAMITA

(Scismando)

Dize-me tu, bem amado,
    Por que lado
Conduzes os teus rebanhos,
Para que eu não vague errante,
    Tão distante,
Entre pastores estranhos.

Quero ver, sempre ás parelhas,
    As ovelhas
Cor de escuma, de tão brancas ;
Que eu via passando, outr'ora,

Campo fora,
Ou a saltar nas barrancas.

Dize á tua bem amada
Por que estrada
Te desvias da floresta,
Quando conduzes ao banho
Teu rebanho
Nas quentes horas da sesta.

Vem dizer ao meu ouvido,
Commovido,
Teus juramentos de amores,
Para que eu não va, saudosa,
Vergonhosa,
Procurar-te entre os pastores.

UMA MULHER

¡ Ó formosa entre as formosas
Si és tão simples e modesta,
Vai nos campos correr lesta
Como as cabras mais fogosas.

Vai colher frutos e flores,
Exposta ao sol e aos ventos ;
E entre ovelhas e jumentos
Enamorar os pastores.

SALOMÃO

¡ Bella !... ¡ Comparo-te so
Á minha égua luzida
Quando arrasta á toda a brida
O carro do Pharaoh !

As tuas faces rosadas
Aos brilhos dos teus olhares
São como ao sol os collares
De pérolas agitadas.

Os contornos triumphaes
Do teu pescoço comprido
Lembram-me un galho florído
Todo enleado em coraes.

¡ Formosa entre as mais formosas !
¡ Morena — inveja das claras !
¡ Terás as coisas mais raras
E as joias mais preciosas !...

SCENA III

A SULAMITA, depois SALOMÃO

A SULAMITA

(So)

Emquanto o rei no seu *divan* macio
Jaz somnolento,
Eu penso *nelle*... que anda exposto ao frio,
Ao sol e ao vento.

O nardo, que perfuma os meus cabellos,
Tem seu aroma ;
¡ Os mais pastores enchem-se de zelos
Quando *elle* assoma !

O meu amado é para mim um ramo
De myrrha ; ¡ é flor !

Ha de em meus seios repousar : ¡ que o amo
Com muito amor !...

É o cacho das vinhas que eu, outr'ora,
Longe daqui,
Colhi, cantando, ao despontar da aurora,
Em terras de Engaddi.

SALOMÃO

(Entrando)

¡ Como que a formosura
Dos meus desejos zomba,
— Dando ideal doçura
Ao seu olhar de pomba !

A SULAMITA

(Pensando no Pastor ausente)

Antes que meus beijos colhas,
Previno-te, ó bem amado,
Que o nosso leito de folhas
É de flores perfumado.

SALOMÃO

Meu palacio se reveste
De arvoredos e cascatas :
Os tectos são de cypreste,
São de cedro as columnatas.

SCENA IV

A SULAMITA E O PASTOR

A SULAMITA

(Cantando)

Minh'alma sabe os segredos
Que o perfume diz ao som...
¡ Sou a rosa dos silvedos,
Sou o lirio de Saron !...

O PASTOR

(Entrando)

Como o lirio no meio dos espinhos
Assim és tu no grupo das donzellas
Teus seios — são dois pombinhos
¡ Teus olhos — duas estrellas !

A SULAMITA

Como a árvore altiva da floresta
Assim és tu na roda dos pastores :
Macieira, á cuja sombra
Quero, nas horas da sesta,
Cançada de colher fructos e flores,
Dormir, deitada sobre a verde alfombra.

(Reunem-se os amantes)

O meu amado, com mimo e arte,
Introduziu-me no seu celeiro,
Na sua adega deu-me vigor ;
Sobre nós ambos seu estandarte

Fluctua ovante, bello, altaneiro...
¡ E esse estandarte — chama-se Amor !

(Ao côro das mulheres)

¡ Dai-me uvas e fructas,
Que eu sinto o languor
Das féras, nas grutas,
Morrendo de amor !...

(Cai meio desmaiada nos braços do amante,

A sua mão esquerda ampara-me a cabeça,
Com a direita aperta ao seio os seios meus ;
Ai ! sinto-me morrer... ¿ Que tem que eu desfalleça,
Si desmaio de amor, feliz, nos braços seus ?...

O PASTOR

(Ás mulheres)

Pelas corças e gazellas
Que andam errantes além,
— ¡ Filhas de Jerusalém,
Deixai-a, mulheres bellas !

Deixai-a dormir, sonhando,
Que é bom sonhar a dormir :
Quem sonha — acorda a sorrir...
¡ E o somno della é tão brando !

ACTO SEGUNDO

O MESMO HAREM

SCENA I

A SULAMITA

(So, como em sonho)

¡ E a voz delle, a voz do meu amado!
Eil-o que vem, pulando nas montanhas,
Saltando nas collinas...
Ouço nos ares vibrações estranhas :
¡ São as notas suaves, argentinas,
Do seu canto inspirado!

Não saltam mais ligeiros os cabritos,
Nem correm com mais impeto os veados,
Do que elle, quando vai, cantando, aos gritos,
Por esses descampados...

Eil-o que vem : encosta-se á parede,
Olha pela janella,
A espreitar pelas altas grades della,
Esgueirando-se... vede,
¡ A ver si vê quem vive so por vel-a!...

¡ Como é bom desejal-o e merecel-o!
¡ Que bom que é vel-o, em plena liberdade,

Livre correr para quem quer prendel-o...
Por presa se sentir — e por vontade!...

Eil-o que vem, correndo, a olhar para mim,
Dizendo alegre assim :
(Imita a voz do Pastor)
— « ¡ Levanta-te, formosa!
¡ Ó minha amiga, vem!...
Ja longe vai a quadra nebulosa
Das chuvas e dos ventos; ja ninguem
Espera que o sol doure as penedias
Para nos dar *bons-dias*...

« As flores ja rebentam novamente
Nos galhos oscillantes,
Onde pipilam delirantemente
Leves aves de pennas fulgurantes.

« Brincam raios de luz nas amplidões;
Tremem fios de prata
No lago e na cascata...
¡ É este o tempo alegre das canções!

« Ja as rôlas arrulham no arvoredo...
Ja os novos rebentos da figueira
Enrubecem ao sol;
¡ Como é bello acordar de manhã cedo
E saltar pelos campos, de carreira,
Aos raios indecisos do arrebol!...

« A vinha em flor exhala o seu aroma;
¡ Levanta-te, formosa!
Chega á janella, assoma
Ao balcão dessa casa mysteriosa,

Tão cheia de grandezas e primores...
¡ Que so me inspira zelos e temores !...

« ¡ Levanta-te, formosa !
¡ Ó minha amiga, vem !...
Minha pomba innocente e carinhosa,
Que voaste d'além,
Indo pousar no côncavo da rocha,
Dura e fria, onde a flor não desabrocha...

« Escondida no alto do rochedo,
Nos buracos das pedras aninhada,
¡ Deixa-me ouvir a tua voz a medo
E ver teu rosto, minha bem amada !
¡ Pois tua voz — é um canto
E o teu rosto — o meu suave encanto ! »

(Canta)

Arma o laço ás raposinhas,
Arma o laço, ó caçador ;
Que ellas devastam as vinhas :
E eu tenho uma vinha em flor...

(Scismando)

Não sei de nada
Que mais me encante
Do que isto : ¡ a amante
Ser muito amada !...

E o meu amado é meu, é meu somente,
Como eu sou toda do meu bem amado,
Que doura o meu porvir no seu presente
Desde o nosso passado.

¡Como eu gósto de vel-o!... E como estranho
Que as mais todas não sintam meus delírios
Ao vel-o apascentar o seu rebanho
Por entre os lirios...

¿Onde estás, brando sonho da minh'alma?
¿Onde estás, meu amor, que eu te não vejo?
¿Não ves que sem te ver não tenho calma?
¡Vôa... — nas azas deste meu desejo!

Quando as sombras cahirem, vacillantes,
Do sol poente aos últimos arrancos,
Volta, como os cabritos saltitantes,
Ou os ênhos das corças nos barrancos.

SCENA II

A SULAMITA, depois O PASTOR

A SALUMITA

Acordando, esta noite, achei-me só no leito;
Senti o coração querer saltar do peito
De medo e de ciume... Ergui-me, allucinada,
Fui á porta, sahí... « Onde está elle? » Nada...
Debalde andei á tôa, errante, pelas ruas,
¡Ó ingrato! ¡ninguem me deu notícias tuas!...

Estrellas, que expiraes á luz da aurora...
¿Onde está *elle*, o que a minh'alma adora?

Voltei, quasi sem ar; mas, ao entrar em casa,
Não pude mais (si eu tinha esta cabeça em brasa),

Desatei a chorar... Sahi de novo; errante,
Fui, correndo, ao mercado, ás tendas do Levante,
E ás cisternas do sul... Chegando ao fim da praça,
Vejo a ronda; mas, nisso, um vulto ao longe passa...

¡Soldados! tende pena de quem chora...
¿Onde está *elle*, o que a minh'alma adora?

Eu perguntava assim, por ti, no mesmo instante
Em que te vi passar, ¡meu adorado amante!...
¡Eras tu! ¡eras tu! nem ninguem mais podía
Ser visto em horas taes sinão so quem eu via:
Não com os olhos, não, ¡mas com os meus sentidos
Todos num so, por ti, comtigo confundidos!...

¡Eil-o comigo, o que a minh'alma adora!...

¡Vamos á minha casa sem demora,
Antes de amanhecer, meu bem amado!
¡Abraça-me! ¡inda mais! ¡beija-me, louco!
Olha-me... — ¡num olhar bem demorado!
Ai! que saudade que eu sentia ha pouco...
¡E que feliz ja sou, por ser comtigo!...
¡Anda, leva-me, vamos, vem commigo!...

¡Como eu me sinto bem, por ter agora
Nos braços meus o que a minh'alma adora!

Eu quero que antes que desponte o dia
Minha Mãi abençõe esta alegria
Que ja transborda dos meus seios nus...
Quero que ella nos deixe, sem cuidados,

— Sosinhos, venturosos, aninhados —
No mesmo quarto onde me deu á luz !...

(Os amantes se reunem. Apparecem as mulheres do Harem. A Sulamita desmaia nos braços de Pastor)

O PASTOR

(Ás mulheres)

Pelas corças e gazellas
Que andam errantes além,
— ¡ Filhas de Jerusalem,
Deixai-a, mulheres bellas !
Deixai-a dormir, sonhando,
Que é bom sonhar a dormir :
Quem sonha — acorda a sorrir...
¡ E o somno della é tão brando !

ACTO TERCEIRO

RUAS DE JERUSALEM

SCENA I

CÕRO DE HOMENS

(Apparece ao longe o cortejo de Salomão)

¿ Mas que é aquillo
Que se levanta
Em espiraes da banda do deserto ?...
Ah ! é de certo
A columna de fumo, ardente e santa,
Subindo em nuvens pelo ar tranquillo...

¡ E que aromas suaves, penetrantes !...
— Boia no ar o cheiro das resinas,
Como de incenso e myrrha os odorantes
Vapores sobre brasas purpurinas.

(Passa o cortejo)

PRIMEIRO BURGUEZ

Eis o andor de SALOMÃO... Garbosos,
Rodeiam-no os guerreiros victoriosos
Do povo de Israel ;
Passam todos altivos, triumphantes,
Com elmos de pennachos oscillantes,
Arrastando as espadas em tropel,

Ante o sereno aspecto dos valentes,
Dessa cohorte aos vivos resplendores,
As mulheres sorriem-se, contentes;
Fogem da noite os tétricos pavores.

SEGUNDO BURGUEZ

O régio palanquim foi todo feito
Das madeiras do Líbano mais raras;
¡E que riquezas se gastou com isso!...
Vede... ¡que finas púrpuras no leito!
São so de prata essas columnas claras
E os balaústres são — d'ouro massiço.

No fundo, entre nuvens de sedas e rosas,
Sem que ouse fital-a de perto ninguem,
Vai — cheia de argolas e pedras custosas —
¡A filha mais bella de Jerusalem!

CÔRO DE HOMENS

(Ás mulheres, que estão dentro de suas casas)

Correi, donas e donzellas,
Chegai depressa ás janellas,
Para ver a bella das bellas,
A esposa de SALOMÃO:
Eil-o... em seu throno sagrado,
— Com sua corôa coroado —
E o manto de ouro bordado,
¡O meigas filhas de Sião!

SCENA II

(Harem)

SALOMÃO

¡ Minha amiga, como és linda !...
— Os olhares que me lanças
São mais suaves ainda
Que os olhos das pombas mansas.

Teu cabello, em fios solto
Da cabeça aos pés, revolto,
Quasi no chão a roçar,
Lembra as cabras penduradas
Pelas íngremes quebradas
De Gallaad, a pastar...

Teus dentes têm mais brancura
Do que a lã suave e pura
        Das ovelhas
        Que ás parelhas
Sahem do banho, apressadas,
Todas d'agua borrifadas...

— Lanígeros singulares :
Que augmentam sempre o rebanho,
Pois têm os filhos aos pares,
E os gêmeos dum so tamanho.

Os teus beiços cor de rosa
Lembram vermelhos coraes ;

E a tua boca mimosa
É uma fructa cortada,
Por uma arésta afiada,
Em duas partes iguaes.

A tua fala é suave
Como o gorgeio duma ave.

Não sei quem te terá posto
Romãs e rosas no rosto,
Pois si beijo, com vistas irrequietas,
Essas faces macias e cheirosas,
Penso estar a morder romãs abertas...
¡ Penso estar a sorver pétalas de rosas !...

Teu collo altivo, offegante,
É o pedestal triumphante
Do terrão deslumbrante
Desse pescoço — enleado de collares —
Pescoço mais bello ainda
Que a muralha antiga e linda
Da torre de David, onde os heróes gloriosos
Penduravam os seus escudos victoriosos,
Perdendo-se nos ares...

Teus peitos duros, cheirosos,
Palpitantes, voluptuosos,
Onde parece que apenas
Pousaram duas abelhas
Na pôlpa, foram deixando
Essas pontinhas vermelhas ;
Ai ! os teus seios, criança,
Trazem-me sempre á lembrança

Duas corcinhas pequenas
Entre lirios resomnando.

. . . .

Quando a sombra rolar nos descampados
E a luz crepuscular, tremeluzindo,
For as nuvens dourando...
Sahiremos nós dois de braços dados,
A collina do Incenso ambos subindo
E no monte da Myrrha pernoitando.

SCENA III

(Noite)

SALOMÃO

¡ És toda linda !... Tambem
Como tu não ha ninguem.

O PASTOR

(Fóra, junto da torre do serralho)

¡ A mim, a mim, querida da minh'alma !
Desce d'ahi — do píncaro elevado
Desse Líbano escuro... ¡ e ao meu lado
Vem vêr nos ermos como a noite é calma !

A um lado o Sanir se ostenta,
Fica o Hermon sombrio além ;
Vê si foges : olha, intenta
Quebrar as grades... ¡ e vem !...

¡ Fugiremos os dois p'ra o fim do mundo !
Desce desta montanha do leopardo...

’Stás da caverna do leão no fundo...
¡ Sem que te possa defender meu dardo !...

¡ Olha para mim, ao menos !,..

(A Sulamita debruça-se para elle)

¡ Arrancaste
Meu coração de dentro deste peito
No derradeiro olhar que me lançaste
Debruçada desse alto parapeito !...

¡ Minha irmã ! ¡ minha esposa ! ¡ minha amiga !
Teu olhar trespassou-me o coração
De fórma tal, ¡ que eu ja não sei que diga
Para pintar ao vivo esta paixão !...

Os teus lánguidos carinhos
Me embriagam mais que os vinhos,
¡ Doce amor !

As tuas carnes cheirosas
São mais suaves que as rosas,
¡ Linda flor !

Ha bálsamos odorantes
Dos teus seios palpitantes
Na frescura.

Em teus labios encarnados
Ha leite e mel derramados
De mistura.

Tuas roupas, agitadas
Quando rijo sopra o norte,

Têm o cheiro activo e forte
Dessas resinas queimadas
Do Líbano entre a folhagem,
E que se embebem na aragem
Que a gente ao longe respira:
E pára... e sorve... e aspira...
Como flores machucadas.

Ás vezes eu fico mudo,
Pensativo, ancioso, triste,
Porque vejo em toda parte
Que na terra nada existe
A que eu possa comparar-te:
¡Pois tu vales mais que tudo!

Mas teimo, medito, insisto...
E apenas lembro-me disto:

Do jardim cheio de flores,
Onde vôa o passarinho,
Cantando ao fazer o ninho
Para esconder seus amores.

Da cisterna bem guardada,
Toda noite e todo dia,
Cheia d'agua descançada,
Muito clara e sempre fria.

Duma fonte vagarosa,
Vagarosa e transparente;
Transparente e buliçosa,
Buliçosa e negligente...

Dum bosque muito entrançado,
Onde ninguem penetrasse,
E nem siquer avistasse
Do monte mais elevado
As suas sombrias grutas
E os mil ramos tentadores,
Cheios de folhas e flores,
Vergando ao peso das fructas.

Dum regato que manasse
Do Líbano, e que, de rastros,
Num lago se transformasse,
Servindo de espelho aos astros.

Isso me vem á lembrança
¡ Ao ver teu corpo, criança !

Ah ! mas como o meu desejo
Não se limita so nisto,
E nada tão bello eu vejo
Como o teu corpo, — desisto

Desse proposito louco,
E triste, sombrio, mudo,
Vejo apenas que é bem pouco,
¡ Depois de ver-te, ver tudo !...

(Apparece Salomão, perto da Sulamita)

O PASTOR

¡ Brisas do sul e virações do norte !
¡ Vinde, correi, voai !... Quero que um forte
Tufão violento agite o meu jardim :
¡ Antes que um outro sorva os seus odores,
Quero ver derramadas estas flores
Numa chuva de aromas sobre mim !...

A SULAMITA

Pois entra na tua gruta
E come da tua fructa.

(Dá-lhe um beijo)

O PASTOR

(Comigo mesmo é que luto
Por abrandar meus ardores)...
Primeiro dá-me das flores,
Depois me darás do fructo.

(Sulamita salta da janella, cahindo-lhe nos braços; beijam-se)

O PASTOR

¡Não mais meus ímpetos domas!
— Dá-me os teus seios morenos :
¡Quero sorver-te os aromas,
Embora tenham venenos!..

. . . .

Sonho — acordado — em teu seio...
¡Como é bom sonhar assim!...
O bálsamo, — respirei-o...
A myrrha, ¡colhi-a emfim!...

Comi meu favo gostoso,
Meu vinho e leite bebi;
Oh! ¡não se morre de goso...
¡E a próva é que eu não morri!...

(Desprendendo-se dos braços da amante)

¡Venham agora os guerreiros!
¡Ja posso affrontar perigos!...

(Ao côro)

¡Bebei, bebei, companheiros,
Embriagai-vos, amigos!...

ACTO QUARTO

HAREM

SCENA I

A SULAMITA

(So)

Mesmo dormindo eu velo, porque vela
Sempre o meu coração ;
Quantas vezes no leito perfumado
Não ouço as falas do meu bem amado,
Dizendo-me : — « ¡ Formosa ! ¡ minha bella !
¡ Tira-me desta densa escuridão !...

¡ Minha irmã ! ¡ minha esposa ! ¡ minha amiga !
Si estás dormindo, acorda, os sonhos corta...
E corre a abrir-me a porta,
¡ Que o vento a chuva sobre mim fustíga !...

« Tenho os cabellos todos ensopados
E as roupas gotejantes »...

— Vens tão tarde : ja cantam, vigilantes,
Os matutinos gallos ;
Ja me despi, ja tenho os pés lavados ;
¿ Hei de agora sujal-os ? —

Teimoso, então, o meu querido amante
Quiz abrir a janella nesse instante :
Empurrando-a, fez bulha... quando eu via
Que o ferrolho rangia,
Faltou-me o ar, — ¡ e de alegria tanta
O coração saltava-me á garganta !...

Levanto-me, dum pulo : e, por brinquedo,
Finjo oppor-lhe uma leve resistencia ;
Do húmido ferro onde roçou meu dedo
Pingou de manso uma suave essencia...
E eu recolhi a mão, no mesmo instante,
De orvalhos e de myrrha gotejante.

Tomo a túnica ás pressas, porque o frio
Me fazia tremer como um arbusto ;
Abro a janella... ¿ e qual não foi meu susto
Ao ver-me a sos nesse logar sombrio ?!

O meu amado desapparecera...
¡ Tinha fugido !
E o brando som da sua voz morrera
No meu ouvido...

. . . .

Perco a razão de todo :
Saio, de pés descalços sobre o lodo,
Emquanto a chuva molha meus cabellos,
Ao vento embaraçando-se, em novellos..

Corri, allucinada, em anciedade ;
E desatei no pranto,

Pois perseguem-me os guardas da cidade,
¡ Que me pisaram — ao tirar-me o manto !...

(Ao côro das mulheres)

Imploro-vos, supplicante,
Peço-vos, bellas, insisto,
— ¡ Filhas de Jerusalem !
Si virdes o meu amante,
Dizei-lhe que a causa disto
¡ É elle so, mais ninguem !...
¡ Dizei-lhe que eu ando louca,
Cheia de prantos e dor !
¡ Que ouvistes da minha boca
Estas loucuras de amor !...

SCENA II

CÔRO DAS MULHERES

¿ Que dotes tem esse amante,
Tão raros e tão sublimes,
Que num delírio constante
Tão viva paixão exprimes ?

A SULAMITA

Olhem... a cor do seu rosto
É como a nata do leite ;
Não ha quem não sinta um gosto
Assim que os olhos lhe deite.

A sua cabeça é d'ouro ;
Os cabellos são escuros
Como o corvo ; e tem de puros
Pensamentos — um thesouro.

Seus olhos são pombas mansas
Roçando nagua corrente,
Ou a voar sobre as franças
De arvoredo viridente.

Suas faces lembram rosas
Que vão se-abrindo, orvalhadas;
— São frescas e perfumadas
Como as plantas mais cheirosas.

Os seus labios, em se-abríndo
Vertem myrrha; são dois lirios
Que a gente sorve, ¡ fruíndo
Cheiros que causam delírios!

As suas mãos são uns áros
De ouro com pedras custosas,
Pedras de Tharsis, radiosas,
Como as dos aneis mais raros.

Os seus quadris opulentos
São redondos, são assim
Como as torres de marfim
Dos sagrados monumentos.

As suas pernas, iguaes
Ás dos deuses de mais glorias,
Lembram columnas marmóreas
Em seus áureos pedestaes.

O seu aspecto formoso
É como o cedro altaneiro
Que se ostenta sobranceiro
No Líbano silencioso

Tão bello e tão delicado
Como elle não ha ninguem;
¡Tal é o meu bem amado,
Filhas de Jerusalem!

O CÔRO

¡Ó formosa entre as mulheres!
É so dizer neste instante
P'ra que lado o teu amigo
Foi, ¡o teu formoso amante!
Que nós iremos comtigo
Buscal-o, si assim o queres.

(Encontram-se os amantes)

A SULAMITA

Desceu o meu amante ao seu jardim,
No canteiro dos bálsamos parou;
Seu rebanho entre os lirios dispersou
E voltou-se p'ra mim.

O meu amado é meu, é meu somente,
Como eu sou toda do meu bem amado,
Que doura o meu porvir no seu presente,
Desde o nosso passado.

¡Como eu gósto de vel-o!... ¡E como estranho
Que as mais todas não sintam meus delírios
Ao vel-o apascentar o seu rebanho
Por entre os lirios!...

ACTO QUINTO

HAREM DE SALOMÃO

SCENA I

SALOMÃO

¡Minha amiga! tu és linda
Como Thersa, ¡e mais ainda
Que a bella Jerusalem!
¡És formosa!... Mas, tambem,
És terrivel e bravia
Nesses teus ímpetos fortes;
¡E a tua cólera aterra
Como as tremendas cohortes
E toda a cavallaria
Dum grande exército em guerra!

Ja que te esquivas, bravia,
Resistindo a quem te affaga,
Teus olhos de mim desvia,
¡Que o teu olhar me embriaga!

Teu cabello, em fios solto,
Da cabeça aos pés revolto,
Quasi no chão a roçar,
Lembra as cabras penduradas

Pelas ingremes quebradas
De Gallaad, a pastar...

Teus dentes têm mais brancura
Do que a lã suave e pura
Das ovelhas,
Que ás parelhas
Sahem do banho, apressadas,
Todas d'agua borrifadas...

— Lanígeros singulares,
Que augmentam logo o rebanho,
Pois têm os filhos aos pares
E os gêmeos dum so tamanho.

Os teus beiços cor de rosa
Lembram vermelhos coraes;
E a tua boca mimosa
É uma fructa cortada
Por uma aresta afiada,
Em duas partes iguaes.

O PASTOR

(Fóra)

Sei que ha la dentro encerradas,
Neste inferno delicioso,
Umas sessenta Rainhas,
Mais de oitenta concubinas,
¡Fóra as donzellas votadas
Ao sacrificio do goso!...

Mas a única innocente,
A única immaculada

¡É a minha bem amada,
O meu lirio florescente!

Alva e leve como a túnica
Com que dorme no seu leito,
É a mais bella : — ¡é a única
Que a todos impõe respeito!...

Concubinas e donzellas,
As Rainhas, todas ellas,
Chamam-lhe ¡a bella das bellas,
A formosa sem rival!
¡E cheia de mimo e graça,
Prodígio da nossa raça,
Quando orgulhosa ella passa,
Rompe um côro triumphal!...

SCENA II

CÔRO

¿Quem é aquella, que tem
A aurora no seu olhar,
Formosa como ninguem,
Rival do sol e do luar?

¡E tão linda flor da terra
É tão terrivel e forte
Como a tremenda cohorte
Dos exércitos em guerra!...

A SULAMITA

(Á parte, voltando as costas ao côro)

¿Quem me mandou descer, naquelle dia,
Ao pomar de nogueiras,

Indo ver si a romeira floréscia
E si pendiam cachos das parreiras?...

¡Imprudente que fui!... Nem presentia
Que o séquito do Príncipe ness'hora
Passava estrada fóra...
Quiz vel-o: e curiosa
Metti-me, na carreira,
Entre os seus carros, prendem-me: ¡e saudosa
Eis-me aqui prisioneira!...

AS MULHERES DO HAREM

Nuvem do ceu ao sol posto,
Qual onda que vai e vem,
¡Sulamita! ¡volta o rosto
Que queremos ver-te bem!

UMA DANÇARINA DO HAREM

¿Quem vai ver a Sulamita,
Quando pode contemplar
O meu corpo — que palpita
Nas danças que eu sei dançar?...

(Dança)

SALOMÃO

¡Que lindos são os teus pés
Nessas sandálias bordadas,
Filha de príncipe, que és!...

As curvas arredondadas
Dos teus quadris, meu thesouro,
São como as dum collar d'ouro
Feito por habil artista,
Como outro igual não exista.

O teu seio me recorda
Taça esphérica e prismática
Que, scintillando, transborda
Doce bebida aromática.

Teu corpo, (que allucinado
Bem sei o que é, mas não digo)...
Parece um feixe de trigo
Todo de lirios rodeado.

Os teus seios, ricos prêmios
Do teu amor, minha bella,
São assim como dois gêmeos
De uma ligeira gazella.

Teu pescoço... ¡como é bom
Vel-o!... é a torre das campinas...
Teus olhos são as piscinas
Das muralhas de Hesebon.

Teu nariz é afilado
Como o torreão que assenta
Sobre o Líbano, e se ostenta
De Damasco para o lado.

Tua cabeça é formosa
Como o Carmello; e os cabellos
— Os grilhões dum Rei — ao vel-os
Vejo púrpura sedosa.

Ah! ¡mas que atroz crueldade!
¡Como fascinas e prendes
Nas horas em que te estendes
Com tanta sensualidade!...

Teu corpo é como a palmeira;
Teus seios são cachos de uvas,
Ora molhados das chuvas,
Ora rubros da soalheira.

Ao vêr-te, eu disse: « ¡Pois vamos!
Embora sinta canceira,
Hei de subir á palmeira,
Hei de apanhar os seus ramos! »

¡Encanto da vida minha!
¿Porque te esquivas?... Consente
Que sejam, p'ra mim somente,
Teus seios — cachos de vinha.

— ¡A tua respiração
Suave e tranquilla, cheira
Como si uma macieira
Tivesses no coração!...

Do vinho da tua boca
Deixa pingar um bocado
Neste meu labio abrasado,
¡Que me abrande a sêde louca!

A SULAMITA

(Persistindo na resistencia)

Sou so do meu bem amado,
¡Sou so d'elle, que tambem
É so meu, de mais ninguem!

SCNEA III

A SULAMITA

(Correndo para o Pastor)

¡ Vem, meu amado, vem!
¡ Que eu sinto a alma de saudades cheia!...
Assim que despontar a luz da aurora,
Correremos nos campos, como outr'ora;
E quando o sol for descambando além,
Dormiremos na aldeia...

Vamos viver emfim nas solidões,
Onde ha fios de prata
No lago e na cascata...
¡ É este o tempo alegre das canções!...

Ja as rôlas arrulham no arvoredo;
Ja os novos rebentos da figueira
Enrubecem ao sol...
¡ Como é bello acordar de manhã cedo
E sahir campo fóra, na carreira,
Aos raios indecisos do arrebol!...

¡ Que bom!... ¡ Vou ficar douda de delícias!...
¡ Vamos! ¡ mas corre, vem!...
E la — onde não haja mais ninguem —
¡ La te darei, então, minhas carícias!

Olha.., o pomo do amor solta de si
Um aroma que enerva e que conforta:
Cai o fructo e a flor á nossa porta...
¡ Tudo eu guardo p'ra ti!...

Ah! ¿porque não és tu, meu bem amado,
O meu irmão, para eu poder beijar-te
E andar em toda parte
Comtigo ao pé de mim, sem ser notado?...

Eu quero que hoje, vendo-te aos meus beijos,
Minha Mãi abençôe estes desejos
Que ja transbordam dos meus seios nus...
¡Quero que ella nos deixe, sem cuidados,
— Sosinhos, satisfeitos, aninhados —
No mesmo quarto onde me deu á luz!

Das ovelhinhas mortas sobre as lãs
Tudo me ensinarás... De vagarinho
La poderás beber todo o meu vinho...
¡La poderás comer minhas romãs!...

(Desfallece e diz á meia voz)

A sua mão esquerda ampara-me a cabeça;
Com a direita aperta ao seio os seios meus.
Ai! sinto-me morrer.. ¿Que tem que eu desfalleça,
Si desmaio de amor, feliz, nos braços seus?...

O PASTOR

(Ao côro)

Pelas corças e gazellas
Que andam errantes além,
— ! Filhas de Jerusalém,
Deixai-a, mulheres bellas!
Deixai-a dormir, sonhando,
Que é bom sonhar a dormir;
Quem sonha — acorda a sorrir...
E o somno d'ella é tão brando!

SCENA IV

(Suppõe-se já effectuada a jornada de Jerusalem para a aldeia)

O CÔRO

(Vendo a Sulamita, que o amante traz desmaiada nos braços)

¿Quem é essa que surge do deserto,
Sem sentidos, nos braços de quem ama?...

(Os amantes chegam á aldeia)

O PASTOR

Acorda... estamos perto
Da casa onde nasceste; vejo a rama
Das árvores da horta de teus lares...
¡Vê, com teus olhos, todos os logares
Onde sempre a meu lado
Enchias de prazer nosso passado!...

(Descança a amante debaixo da macieira da casa materna e accorda-a)

Acordas mesmo embaixo da macieira
Que me viu te beijar a vez primeira.

A SULAMITA

¡Une-me bem ao coração! — ¡aperta
Meu seio contra o teu! ¡passa o teu braço
Pela minha cintura!...
Ninguem nos vê... a aldeia está deserta,
¡Somente as aves, pelo azul do espaço,
Invejam nosso amôr, nossa ventura!

Ai! — ¡o amôr é perennal e forte!
Ai! — a paixão é forte e perennal!...

O amor é poderoso como a morte,
¡Como o inferno é fatal!

O SABIO

(Apparecendo para tirar a conclusão do Poema

Sim! o amor não se apaga,
Nem sob a chuva que alaga
Toda a terra em todo o mundo;
Sim! ¡o amor não mergulha
Na torrente que marulha
No rio mais grosso e fundo!...

¡Ai do nescio, que pretenda
— Como coisa que se venda —
Querer comprar o amor!
O amor é dado: ¡e é tão raro
Que, si o vendessem bem caro,
Tiravam — o seu valor!...

LXX

PARISINA

PARAPHRASE BYRONIANA (*)

I

É o momento solemne, a hora mysteriosa
Em que dos rouxinóes a música saudosa
Sôa no arvoredo.

É a hora indefinida
Em que os beijos de amor como que têm mais vida...

É a hora em que o som das virações nas mattas
Se casa á grande voz da queda das cascatas;
É a hora ideal em que o poeta sente
As tristezas dum sabio e os êxtasis dum crente.

Adorna-se o azul de estrellas scintillantes,
Nas flores derramando as gotas cambiantes
Do orvalho, que parece o crystallino pranto
Das lágrimas do céu...

É mais escuro o manto
Dos bosques; e do lago a superficie azul
Arrufa-se ao passar das virações do sul.

A luz crepuscular vasqueja, a estremecer,
Vendo por sobre um monte a lua apparecer.

II

Mas não é para ouvir a bulha das torrentes,
Nem o leve rumor dos zéphyros plangentes,
Que Parisina desce a escadaria vasta
Do castello feudal dos nobres D'Este:

Afasta
O portão do jardim, entra, assustada, incerta;
Não sabe o que fazer, colhe uma flor aberta,
Escuta... mas não é a voz dos rouxinóes
Que ella deseja ouvir nuns lyricos bemóes;
Espreita... ouve um rumor, que lhe fere o ouvido,
E empallidece: então, precipite, opprimido,
Sente com violencia o coração pulsar;
Ouve distinctamente alguem pronunciar

O seu nome, estremece : e nesse mesmo instante
Atira-se em delírio ás carícias do amante,
Que lhe espalha no seio os seus proprios desejos
Ao sopro varonil de impetuosos beijos.

¡E as flores em redor ouviam os gemidos
Daquelles corações estreitamente unidos!...

III

¿Sentistes no peito acaso
A labareda que lavra,
Esse fogo que a palavra
Não consegue definir?
¿Um não sei quê indizivel
Um fluido mysterioso
Que nos invade dum goso
Que faz chorar e faz rir?

¿Sentistes no peito acaso
Essa dormencia suave
Que é feita de pennas d'ave
E claridões de luar?
¿Isso que faz com que o homem,
Diante de todos, de tudo,
Fique inerte e fique mudo,
Sem nada ver, mesmo a olhar?

¿Sentistes no peito acaso
Essa fagulha exquisita,
Que irrompe, lavra e crepita,
A devorar-nos, sem dor?
¡Ah! ¡os que amaram, que digam
Si vão nas azas dos ventos

Os grandes deslumbramentos
Dum so instante de amor!...

Pergunto, aos que têm amado,
Si nesse momento amigo
Recuaram dum perigo,
Ou tremeram de pavor :
¡E no entanto é forçoso
Que, sem perder um instante,
Se afaste tão louco amante
Da amante — louca de amor!

IV

Trocando juramentos, entre beijos,
Deixam os dois o thálamo de flores,
¡Onde mataram férvidos desejos
De criminosos, infernaes amores!...

Abandonam o leito do adulterio
Com aquelle remorso concentrado
De quem esconde um Crime no Mysterio,
Sem ver que a Consciencia anda a seu lado.

Ella, inquieta, nervosa, — e sempre linda —
Aperta-o contra os seios palpitantes ;
E fugindo, a correr, ¡volve-lhe ainda
Os grandes olhos, húmidos, brilhantes!

Elle, na embriaguez voluptuosa
Dos perfumes subtis da flor do crime,
Vendo-a fugir-lhe, tímida e medrosa,
¡Sente aquillo que o homem nunca exprime!...

Trocando olhares e atirando beijos,
Mil promessas e juras renovavam ;
¡ Loucos ! ardendo em febre de desejos,
Era a última vez que se abraçavam !

« ¡ Adeus ! » — « ¡ Adeus ! » — Indifferente e calma
A Lua os viu ; ¡ no trágico momento
Em que sentiram enroscada n'alma
A serpe de um fatal presentimento !...

Como a sombra seguindo silenciosa
Atraz do corpo, e o cão junto do dono,
A Consciencia (mandando, imperiosa,
Que o Remorso do Crime agite o somno),

Não o deixa. É a luz, que bruxoleia
No silencio das câmaras mortuarias ;
É a fera, que á luz da lua cheia
Penetra nas cavernas solitarias.

V

Hugo jaz no seu quarto, entregue ás mil lembranças
Da entrevista de amor, aquelle amor fatal
Que ameaça arrebatar-lhe as verdes esperanças
Na voragem do mal.

Emquanto, em turbilhões, os sensuaes desejos
Assopram-lhe no peito as brasas da paixão,
Parisina, a sonhar, aperta alguem, aos beijos,
Contra o seu coração.

¿ Mas a quem abraçava ? ao desgraçado esposo,
Que nada suspeitava ; e o triste, ao despertar,

Recua de sorpreza : e attento, cauteloso,
Sustém o respirar.

¡ Ironia da sorte! ¡ escarneo da ventura
Lançado assim ás cans dum trémulo ancião!
¡ O pranto do carrasco ! ¡ o riso da loucura!
¡ O beijo da traição!...

VI

Parisina sonhava... e assim beijava
Do nobre esposo a fronte veneranda,
Fronte que ella de espinhos coroava ;
Julgando que estreitava
Numa carícia branda
Bem contra o coração
O peito palpitante
Do seu robusto e juvenil amante.

Alto o luar boiava na amplidão.

¡ Sonhava!... ¡ E que tremenda punição
Veio cortar-lhe os sonhos
Inefáveis, risonhos,
Onde se reproduzem as carícias,
O êxtasis sem fim,
O goso forte e as trémulas delícias
Entre as flores e as sombras do jardim.

D'Azo desperta ao crepitar dos beijos
Que o vento dos desejos
Soprou nos labios quentes, purpurinos,
Da esposa adormecida.

E ella... ¡tão linda! de cabellos soltos,
Seminua, estendida
Por sobre a alvura dos lençóes revoltos...

Elle escutava uns hymnos,
Umas notas de músicas distantes :
Eram ais e suspiros repetidos,
Uns soluços pungentes,
Uns estremecimentos, uns gemidos
Borrifados de brilhos palpitantes
De umas lágrimas claras, opalinas,
Como si fossem pedras de brilhantes
Agitadas em taças crystallinas ;
E um chôro preso, hystérico, teimoso,
Num espasmo nevrálgico de goso.

Mas, denvolta com lânguidos queixumes,
Soam phrases de amor, entrecortadas,
Que expiram, esvaídas nos perfumes
Das tranças longas, negras, enroscadas.

D'Azo, attento, anhelante,
Vendo-a em tanta volupia inda mais bella,
Vai beijal-a na boca...

Nesse instante
Descerram-se de manso os labios della,
¡E o nome, não do esposo, mas do amante,
Sôa, com a tremenda vibração
De uma eterna e terrivel maldição!...

¡Em delirio, sem luz, sem ar, sem calma
O grande desgraçado

Recua, espavorido, anniquillado,
¡ Sentindo um peso de montanhas n'alma!

Para pintar ao vivo horror tamanho,
Fôra mister reproduzir o brilho
Do trágico olhar delle, no momento
Em que, para requinte do tormento,
Em vez dum inimigo, ou dum estranho,
¡ Ouviu o nome do seu proprio filho!...

VII

D'Azo empunha o punhal, despe-o, e, no mesmo
Mergulha na baínha a lámina brilhante. [instante,

Quando uma dor assim agita um peito forte,
Deve ser a vingança inda peior que a morte.

¿ Mas como assassinar essa criança bella,
Que ja não ri nem sonha? ¡ É triste a sorte della!

Ao suggestivo olhar que o duro ancião lhe vibra
Um calefrio atroz corre-lhe fibra á fibra...

¡ E ella sempre a dormir! Aquelle olhar pungente
Foi talvez o que a fez dormir profundamente.

¡ Si ella visse, acordando, esse sinistro olhar,
Tornaria a dormir — sem nunca despertar!

Dorme... ¡ E não sonhes nunca, ó mísera dormente,
Que os teus dias estão contados fatalmente!

VIII

Mal vai amanhecendo, corre d'Azo
A interrogar os fâmulos : patentes
São as sobejas provas ; urge o praso
Para a condemnação dos delinquentes.

¡ E as criadas, que tão discretamente
Foram as confidentes da Princesa,
Fazem agora recahir somente
As culpas sobre a víctima indefesa !

IX

D'Azo é impetuoso ; e vendo nesse instante
A deshonra cahir sobre o representante
De tão preclara estirpe, ordena em desvario
Que, reunida a côrte em seu solar sombrio,
Venham á sua presença, humildes, escoltados,
Os mártyres do amor, de pulsos algemados.

¡ O Christo ! ¿ deve um filho apparecer assim
Á face de seu pai?...

Hugo surge por fim,
Para ouvir em silencio, ah ! ¡ mas altivo e forte,
Dos labios paternaes a sentença de morte !...

X

Muda, como elle, assoma Parisina.

A mísera aguardava, resignada,

Na sentença fatal a paz da morte;
Sem ver que, em vez do raio que fulmina,
Lhe estava reservada
Condemnação mais prolongada e forte.

¡Que mudança, meu Deus, na face linda
Onde tão cedo ainda
Se entre-abriam os risos, com as flores,
Como as pétalas das rosas nas roseiras!

Os olhos della ja não têm fulgores;
E nas trémulas pálpebras doridas
Como duas mortalhas estendidas
Enrugam-se as olheiras...

¡E eram esses os olhos vivos, bravos,
Que illuminavam do castello as salas
Quando em festas de galas
Viam nesses senhores seus escravos!

Ah, que si aquelles olhos deslumbrantes
A eloquencia das lágrimas tivessem,
¡Talvez que mil punhaes apparecessem
Despidos pela mão de mil gigantes!...

Os nescios cortesãos e as damas fatuas
Jazem mudos e inertes como estatuas.

E Hugo, o heróe, que bem quizera ter
Mil vidas, para todas offerecer
Pela vida da amante,
Para maior vergonha e mais tormento
Nem pode defendel-a em tal momento:

E ao vel-a muda, e pálida, e sombria
¡Mudo e sombrio e pálido, soffria
Um século de dor em cada instante!...

XI

Si não fosse a presença daquelles
Que faziam corar Parisina;
Si não visse esse pai, que o fulmina
Com olhares que humanos não são;
Ah, de certo ness'hora, arrancando
Do seu peito essas pontas de lanças,
Choraria, bem como as crianças,
¡Si é que chora no ermo um leão!

Esse amor... esse crime... esse ódio...
Esse olhar dessa turba insolente;
Esse braço, robusto e potente,
Algemado, e sem armas na mão;
Vendo a amante, que soffre em silencio,
Vendo o pai, que o condemna terrivel:
¡Christo, ó Christo! ¡parece impossivel
Que isso tudo não tolde a razão!...

XII

D'Azo rompe o silencio finalmente:
— « Hontem ainda eu me orgulhava tanto
Desta mulher, meu derradeiro encanto,
E deste filho vil... ¡filho — e rival!...
Sonhava, (antes sonhasse eternamente
A ter de despertar desta maneira,
Fôra melhor dormir a vida inteira,
Passar dormindo ao leito sepulchral.

« ¿Por que me despertaram?! Mas, agora,
Cumpre retroceder por um instante,
Para avançar a passos de gigante
Levando ao cimo do Calvario a cruz.
¡Traidor! Não verás mais nem uma aurora!
Has de tombar ao golpe do cutello
Assim que o sol cahir, trágico e bello,
No seu manto de púrpura e de luz.

« Cumpra-se o meu fadario, ¡E no entanto
Eu motivo não dei para que fosse
Víctima dum bastardo!... elle ultrajou-se,
Ultrajando seu pai, oh! ¡maldição!...
¡Adeus, ingrato filho, que amei tanto;
Adeus, mulher, que amei perdidamente!
Adeus... ¡eu ficarei, velho e doente,
Exposto á viuvez e á solidão!...

« Tu mesmo abriste a cova, onde tão cedo
Vais desfolhar a flor da mocidade;
¿Mas, porque em vez de bênçãos e saudade
Deixas remorso e levas maldição?
Bem, ja que as leis da terra te condemnam,
Ja que não ha perdão para o teu crime,
Vê si do Rei dos Reis, justo e sublime,
Podes ter o indulto... ¡de mim, não!

« Adeus!... Esperarei que chegue a hora
De acabar de soffrer; sombrio, exangue,
Vou fazer derramar meu proprio sangue,
Desde que um de nós dois deve morrer;
E tu... ¡mísera adúltera sem alma,
Que envenenas meu sangue e que o derramas,

Vel-o-ás gotejar no peito que amas :
¡Condemno-te a viver!

XIII

Hugo estende-lhe os braços algemados :
Ouve-se, então, o retinir vibrante
Do ferro dos grilhões, que nesse instante
Reproduzem no éco os tons pausados...

Mantendo sempre firme um ar supremo,
Diz, com sonora voz e gesto forte :
— « Tu viste-me na guerra exposto á morte,
Tu sabes muito bem que eu nada temo.

A espada, que aos teus guardas dei ha pouco,
Quando fulgia nua ao sol da guerra
Ja derramou mais sangue que o do louco
Cuja cabeça vai rolar por terra.

Podes tirar-me a vida, pois outr'ora
Recebi-a de ti; — com effusão
Devolvo-t'a ; mas vê, que desde est'hora
Eu não te fico mais na obrigação.

Bem ¡ ¿ e tu pensas que risquei da mente
O quanto minha mâi soffreu de ti?!...
¿Tu sabes si chorei constantemente
Desde que nunca mais, tão cedo, a vi?

Ella era bòa e linda e virtuosa,
Deixaste-a no mais tétrico abandono;
Como o verme que faz murchar a rosa,
Desfolhaste essa flor antes do outono.

A mísera e mesquinha, abandonada,
Mostra-me em ti um bandoleiro infiel;
¡Assim, minha cabeça — degollada —
Ha de mostrar ao mundo um pai cruel!

Offendi-te; mas vê, que te offendendo,
Apenas pago offensa com offensa;
Que o meu crime é enorme, eu estou vendo:
¡So tu não ves a tua culpa immensa!

Esta segunda víctima, indefeza,
Do teu orgulho (porque nunca a amaste),
Antes de ser tua esposa, tens certeza
De que era minha noiva: ¡e m'a roubaste!

Viste-me fascinado a um doce encanto...
¿Pois eu podia amar e ser amado?
Um bastardo... disseste: ¿e no entanto
De eu ser bastardo não és tu culpado?!...

Esse nome, que herdaste duns tyrannos,
E que tanto aviltaste — até ser teu,
Si eu pudesse viver... ¡em poucos annos
Poderias trocal-o pelo meu!

Talvez viesses a invejar as glorias
Que eu deixo de alcançar por ser teu filho...
¡Quantas grandezas fátuas, transitorias,
Ao olhar dum plebeu perdem o brilho!

As esporas brilhantes dos guerreiros
Nem sempre, como as tuas, são herdadas;
E as minhas, entre os bravos cavalleiros
De ágeis corceis e de ínclytas espadas,

Mil vezes conduziram-me á victoria,
Mantendo o meu corcel sempre á vanguarda;
¡Que loucura! lembrar tempos de gloria
Na occasião em que o algoz me aguarda...

Não supplico piedade, so desejo
Sentir tudo no nada dum momento;
Ja basta de soffrer : bemdigo o ensejo
De minhas cinzas agitar o vento.

O passado é o nada; e o futuro
Não vale talvez mais do que o passado;
¡So sinto terminar dum modo obscuro
Este sonho voraz, tão agitado!...

Condemnaste-me; bem, eu so lamento
Quc uma vez em tua vida fosses justo;
Pago-te assim tormento com tormento,
E ao saldar nossas contas não me assusto.

Quem por um crime entrou, sem consciencia,
Nesta prisão da vida, que me opprime,
Não podia deixar tal existencia
¡Sinão sahindo por um outro crime!

Eu saio como entrei. Tu me offendeste,
Eu offendi-te; somos reus; mas, ¡oh!
Como foste o juiz, tu te absolveste...
¡E punes nossas faltas em mim so!...

Sei que aos olhos dos homens o meu crime
É maior do que o teu; mas... pode ser
Que ambos, aos olhos do Juiz Sublime,
Na presença de Deus, não sei... ¡vou ver! »

XIV

Calou-se. E ao encruzar os algemados braços,
Os grilhões, a ranger, tiniram nos espaços...

O brutal retimtim feriu ruidosamente
Os tímpamos do ouvido a toda aquella gente.

Tem não sei quê de estranho o retinir dos ferros
Que nos traz á lembrança um trovejar nos serros...

Voltaram-se de prompto as vistas indiscretas
Para o bello ideal do sonho dos poetas :

Estava ali tambem, mas pálida, franzina,
Attônita, offegante, a triste Parisina.

Ella estava tão branca, então, que parecia
Uma morta de pé, ou uma estatua fria.

Seu olhar, desvairado, errava aereamente,
Sem que visse o que via, allucinadamente.

Tentou em vão falar... mas como que sentia
Uma força interior que as phrases lhe prendia.

Chorou; e do seu pranto as lágrimas ardentes
Formaram um collar de pérolas trementes.

Feriu-a o forte olhar desse auditorio mudo :
¿Ella teria ouvido e visto aquillo tudo?

Percebeu-se o tremer convulso dos seus dentes,
Tremiam-lhe do seio essas luas crescentes...

Quiz falar, mas em vão; houve uma luta interna,
Forte como leões dentro duma caverna.

Desprende um grito emfim... e cai redondamente
Como a estatua que tomba inesperadamente.

Esteve muito tempo immovel, muda, fria...
Depois, ao despertar, ergueu-se : e ria, ria,

Mas dum modo feroz : escancarando a boca,
Arregalando muito os olhos... ¡'stava louca!

Esmagaram de todo aquelle coração
Ao peso da vergonha e ao peso da traição.

XV

Sim, ¡foram esmigalhados
No cérebro os seus sentidos!...
Seus pensamentos, perdidos
Nuns labyrinthos fechados,
Faziam lembrar então
As cordas frouxas, molhadas,
Do arco d'algum selvagem,
Que assim que são esticadas
Esparramam na folhagem
As settas, sem direcção...

Seu passado, desditosa,
Bem se pode comparar

Ás pétalas duma rosa
Desfolhada sobre o mar.

Seu futuro, em trevas densas,
Era ferido ness'hora
Por umas chispas intensas,
Por uns fulgores de aurora
Tão vivos, porém tão rápidos
Recortando a escuridão,
Como em tormenta os relâmpagos
Á noite, na solidão.

¿ Sentirá tocar na areia
Com os seus pés pequeninos?
¿O firmamento se arqueia
Aos seus olhares divinos?...

¿Vê-se ainda entre os humanos?
¿Ou julga-se, nua e so,
Entre feras e tyrannos
Que a perseguem, sem ter dó?

Nada vê, nada distingue,
Nada escuta. ¡E são tão maus
Os seus sonhos de acordada,
Que o seu temor não se extingue...
Ella em tudo encontra o nada...
E, que horror! — ¡boia no cháos!

XVI

Dobram os altos sinos compassados,
E fúnebres ecôam lentamente

Na alma dessa gente
Que se agglomera em torno dos soldados.

Rouca retumba a voz dos campanarios;
Lúgubres dobres, frios e fataes,
Redobram pios fúnebres, mortuarios...
¡Ai dos que partem e não voltam mais!

Cahem do sol os raios derradeiros
Sobre a cabeça de Hugo, assim mais bello,
Resando, de joelhos...
E esses lampejos ásperos, vermelhos,
Derramam uns reflexos agoureiros
Na folha do cutello.

XVII

Ergue-se finalmente o peccador contricto.
Sôa a hora fatal...

Nas brumas do infinito
Desapparece o sol, vermelho, ensanguentado,
¡Não querendo assistir ao bárbaro attentado!

Tiram o manto de Hugo e cortam-lhe os cabellos,
Os cabellos gentis, tão longos, em novellos;
O gôrro de setim, esse querido gôrro
Bordado a fios d'oiro e de setíneo fôrro,
Dado por Parisina, oh! tyrannia nova!
Nem isso mesmo pode acompanhal-o á cova.

Tentam vendal-o...

— « ¡Oh, não! — diz elle, ¡isto é demais!

¡Não o consentirei, nem o fareis jamais!
Entreguei minha espada aos guardas receiosos,
Entreguei aos grilhões meus pulsos vigorosos,
Dou o sangue e a vida : o tempo não percamos,
Hei de morrer assim, de olhos abertos, ¡vamos! » —

Disse, altivo; e curvando a fronte, sem recuar,
Sobre o cepo bradou :
— « ¡Vamos! ¡descarregar! » —

Pensou em Parisina... ¡e nesse mesmo instante
A cabeça saltou do tronco palpitante!

Das artérias jorrou o sangue em borbotões...
Fecha os olhos e a boca... ¡abre-os, em contracções!...

XVIII

Mas no mesmo momento em que cahia
Sobre a cabeça a folha do cutello,
Um grito, estranho e trágico, se ouvia
Numa das altas torres do castello.

Foi um grito selvagem, estridente,
Mais dorido talvez que o que soltasse
A mãi, que algum bandido de repente
No seu collo o filhinho degollasse...

D'Azo morava ali : e nesse instante
Todos, olhando para aquelles paços,
¡Viram um velho tétrico, offegante,
Que prendia uma joven nos seus braços!...

LIVRO III

VIRILIDADE

I

VIRILIDADE

Nel mezzo del cammin di nostra vita,
Não sinto ainda o mínimo cansaço;
Ninguem se atreve a embaraçar-me o passo,
E ância de gloria a proseguir me excita.

Prosigo. Dentro em mim o amor palpita,
Como um sol, sem occaso, em pleno espaço;
A hygiene da alma transmittiu-me ao braço
O vigor, ¡que ás paixões se precipita!

Conservo as mesmas illusões de outr'ora;
¿Morre um sonho? ¡uma crença se avigora!
Nada me tolhe a marcha triumphante.

Arrasto a cruz no cimo da montanha:
Odiado, perseguido, em guerra estranha,
Amei e fui amado. — Isto é bastante.

II

O AMOR

Vive nas côrtes e nas aldeias;
Encontra Fadas... ouve Sereias...

Dorme em palacios, sonha em cabanas,
Abraça Infantas, beija serranas.

Faz mil loucuras... ¡e faz poemas!
Tem afogado tantas Moemas...

Aos seus olhares ardeu Lindoya;
¡E em labaredas crepitou Troya!...

Tem os espelhos incandescentes
Com que Archymedes pasmava as gentes,

Quando incendiava, com arrogancia,
As naus da frota surta á distancia.

Fluctua em ondas de magnetismo,
Voando em fundo somnambulismo...

Agita um facho que inflamma as almas
E faz mais verdes florirem palmas.

Quando em seus labios se enfloram risos,
Abrem-se portas de Paraisos.

Das mais formosas não sai de perto,
Vivendo sempre num ceu aberto.

Tem, nas viagens maravilhosas,
Galeras d'oiro num mar de rosas.

E abrindo as velas ás tempestades
Provoca as fúrias das Divindades.

Em noites frias, nos Pampas... *¡upa!*
Vôa em cavallos que dão garupa...

Tem em Veneza gôndolas, onde
O seu thesouro discreto esconde.

E dos palacios á luz da lua
Trémula a sombra n'agua fluctua.

Faz diabruras : desenha olheiras
Nas maceradas faces das freiras.

Faz sacrilegios : em nichos santos
Rasga ás Madonas os longos mantos...

Subjuga as forças da Natureza,
Como a poetisa SANTA THEREZA.

Senhor despótico, humilde escravo,
Domina, e cede... ¡covarde, e bravo!

Em serenatas, por horas mortas,
Gemem guitarras e rangem portas...

Rivaes, sahindo das mesmas salas,
Batem gatilhos que cospem balas.

Mulheres novas, ardentes, bellas,
Correm afflictas para as janellas :

¡E nas sombrias, desertas ruas,
Lampejam folhas de espadas nuas!...

Brancas Ophelias boiam, sombrias,
Engrinaldadas, nas aguas frias...

Romeus e Faustos, de braços dados,
Seguem Hamletos allucinados...

E estas palavras repete o vento :
« ¡ Vai para a cova... para o convento ! »

Frescos pomares, grutas floridas,
¡ Ai, Julietas e Margaridas !

Paolo e Francesca, sempre abraçados,
Num vôo eterno de condemnados,

Rasto de sangue deixam nos ares...
¡ Mas levam n'alma — sóes e luares !

III

TRES ENIGMAS

Na mesma igreja entravam nesse instante
O enterro, o casamento e o baptisado ;
Riam os noivos, soluçava o infante,
E o morto — duro, inerte, enregelado.

Chorava a pequenina creatura,
Ao receber a graça do baptismo ;
E sorriam os noivos ¡ na loucura
De quem dança nas bordas dum abysmo !...

So não chorava nem sorria o morto :
Os mortos têm essa apparente calma
Dos velhos nautas, que ao entrar num porto
Nada revelam do que sentem n'alma.

E eu disse então commigo, contemplando
O pranto, o riso, e esse caixão fechado :
¡Pranto inutil! ¡sorriso miserando!
¿Qual é delles o menos desgraçado?

IV

TORNEIO FATAL

(NO ALBUM DO PINTOR LOPES RODRIGUES)

Num castello alevantado
Num penhasco, ao pé do mar,
Onde o sol é mais doirado
E onde é mais frio o luar,

Vive a Castellã, formosa
Como a estrella da manhã :
A dos labios cor de rosa,
A das faces de romã.

Infanções, Donzeis e Pagens,
Todos, em justas de amor,
Vão tributar-lhe homenagens
Abrir-lhe as almas em flor.

Perpassam hostes luzidas
Na sombra dos torreões,
Expondo por Ella as vidas,
Com Ella em seus corações.

Travam-se prelios renhidos
Do mais pujante valor :

E Ella sorri dos vencidos,
Sorrindo-se ao vencedor.

Podemos dar testemunho
Desse combate cruel :
Eu, triste, de lyra em punho,
Tu, com teu nobre pincel.

Nós somos os cavalleiros
De um tempo que não vem mais :
Altivos, mas forasteiros
Nas proprias terras nataes,

E emquanto os mais, nestes dias,
Nem lutam, sempre a vencer,
Nós vivemos de utopias...
Si é que se vive a morrer!

Ha nestes versos a historia
Do nosso mutuo sentir :
A Castellã é a Gloria,
E o seu castello o Porvir.

E' nobre, é sublime, é bello
Seguir, sem nunca recuar;
Procura entrar no castello,
Que a Castellã sabe amar.

Teu murzello curveteia,
Rinchando, a escarvar o chão;
Mergulha as patas na areia,
¡Sacode a crina ao tufão!

E ja que vais na vanguarda,
De esporas d'oiro, a tinir,
Olha, que a morte não tarda...
¡ E inda está longe o porvir !

V

DIA E NOITE

Manhã de Abril; aves no azul, flores na terra ;
E alegre, ao sol, no seu terraço, a Minha Flor;
Eu, mais feliz que os generaes que vêm da guerra,
Entro, a cantar, e a repetir coisas de amor.

Ella sorri : e ao vel-a rir, a Natureza
Parece rir por toda parte, a gargalhar ;
Ella rasgou o véu de Viuva da Tristeza,
Num véu de Noiva, engrinaldada, a me tentar!

Vem! diz o olhar, *vem*, diz o riso ; Eu vou ! respondo :
E vou, e lanço-me, em delirios, a seus pés ;
O tempo foge, o sol se esconde, e eu mais me escondo,
Até que a aurora, em pleno céu diz : Não me vês ?

E ouvindo-a e vendo-o, allucinado e delirante,
Saio a correr mais espantado que um ladrão ;
O sol não tem a luz do olhar da minha amante,
O seu olhar tem Raios X na escuridão.

VI

¡ ALERTA !

(A FRANCISCO MANGABEIRA)

I

Ellas partiram cantando,
Dizendo alegres : — Amai ! —
E o éco, ao longe vibrando,
Repetiu ; — « Ai !... »

Elles voltaram chorando,
Dizendo baixinho : — Amor ! —
E o éco, se equivocando,
Murmura : « Dor !... »

Eu, que ouvi o canto d'*Ellas*,
E as lágrimas d'*Elles* vi ;
Eu, perdida sentinella,
Brado aos que andam por aqui :

¿ Quem vem la? ninguem responde
E a turba sempre a passar ;
A lua em nuvens se esconde...
E as ondas gemem no mar...

II

De tanto cantar ja rouco,
Passa mais tarde um poeta

¿Seria poeta, ou louco?
¿Seria louco, ou propheta?...

Das canções que elle cantava
Ja quasi nada se ouvia;
So minh'alma adivinhava
O que seu peito sentia.

III

Synthético era o cantor
Em tanta dor;

Vendo os homens a passar,
Poz-se a bradar:

— Amai, ¡ si quereis saber
O que é viver! —

Mas, vendo as bellas, por fim
Dizia assim:

— ¡ Vivei, si quereis saber
O que é soffrer!

VII

O MEU HAREM

Amei e fui amado. ¡ E foram bellas
As mulheres que arderam nos meus beijos!...

Adivinhei-lhes todos os desejos,
Fiz loucuras de amor com todas ellas.

Desde o pudor das tímidas donzellas
Que coram na volupia dos almejos,
Até á audacia dos fataes ensejos
Que provocam naufragios e procellas...

Saboreei as sensações mais fortes;
De Romeu tive os íntimos transportes,
Rasgos de Lovelace e de Antony...

Não invejo o Rei Sol : pois tenho ainda
Minha côrte de amor, ruidosa e linda;
Nem elle viveu mais do que eu vivi!...

VIII

ALTAS CAVALLARIAS

Havia num reino antigo
Uma Princesa orgulhosa,
Que era um primor e um perigo
De tão linda e mysteriosa.

Quando a guerra mais accesa
Seus exércitos varria,
A victoria lhes sorria
A um so olhar da Princesa.

Os generaes mais gloriosos
E os principes mais brilhantes

Iam de terras distantes
Beijar-lhe os dedos nervosos.

E nesses dedos ardiam
Pedras límpidas e bellas,
Como os olhos das donzellas
Que em phalanges a seguiam.

Seus quentes labios vermelhos
Tinham risos petulantes,
Quando seus olhos faiscantes
Dardejavam nos espelhos.

E nas vastas galerias
Ella scismava, scismava...
Num Trovador, que cantava
Pela estrada, em noites frias.

Casou mais tarde a Princesa
Com um Rei de longes terras ;
O Rei vivia nas guerras...
Ella, em seu palacio presa.

Mas levara como Pagem
O Trovador que cantava...
Por isso ja não scismava
Aos frios beijos da aragem.

O Pagem era um modelo
De singular galhardia :
Nas armas, ¿ quem o vencia ?
Na côrte, ¡ era um gosto vel-o !

De capa e chapéu de pluma,
Suas esporas vibravam;
Todas as damas o amavam,
Sem que elle amasse nenhuma.

Mas um viajante, oh! sorpresa!
Que a muito tempo o não via,
Notou que em seu dedo ardia
Um dos anneis da Princesa...

A noticia divulgou-se,
E a côrte, escandalisada,
Viu na Sultana sagrada
Uma Odalisca de alcouce...

Os ditos mais escarninhos
Repetiram-se irritantes,
Como os rumores constantes
Dos caramujos marinhos.

Chegou o Rei da batalha,
E o Pagem, no mesmo dia,
Para sempre se envolvia
Nas dobras duma mortalha.

¡E voltou ao reino antigo
Essa Princesa — saudosa —
Que era um primor e um perigo,
De tão linda e mysteriosa!

IX

O MEU AMOR

Meu amor é um cavalleiro
A galopar no infinito...
¡ Ai, mísero forasteiro !
¡ Si até mesmo na patria anda proscripto !...

Meu Amor, o marinheiro,
Era audaz e foi pirata ;
Viu mil terras, venceu mais de um cruzeiro,
! E naufragou nos braços de uma ingrata !

Meu Amor foi um guerreiro,
Passou por lanças e balas,
E aos hymnos triumphaes, foi prisioneiro
De umas mãosinhas brancas como opalas.

Meu Amor fez-se romeiro,
Tomou bordão e sacola ;
Andou de porta em porta, e no mosteiro
Pernoitou, so de amor pedindo a esmola.

E eil-o emfim forasteiro,
Nos proprios lares proscripto,
O meu Amor, ¡ o bello cavalleiro
Que viveu galopando no infinito !...

X

O NOMARCHO

(FRAGMENTO DE UM POEMA)

I

Sobre o fôfo espaldar de alta curul de couro,
Com gryphos de marfim entre arabescos d'ouro,
O Nomarcho Sekém reclina-se indolente,
Emquanto o escravo ethíope, humilde, reverente,
Serve um vinho espumante e loiro e aromático
Das videiras do Delta, ou costas do Adriático.

Nekos, o moço esbelto, o intrépido guerreiro
Que jaz ante o ancião, sombrio e forasteiro,
Conserva-se em silencio. E' bello, alto, elegante,
Traz com desembaraço a túnica ondulante,
E ostenta sobre o peito, em voltas caprichosas,
Seu rútilo collar d'oiro e pedras preciosas.

— Quero (disse Sekém) que em meu palacio esteja
O hóspede em seu lar ; que ninguem mais te veja
Taciturno a meu lado ; é mister que a alegria
Brilhe no teu olhar durante noite e dia.
Bebe, que encontrarás no vinho o esquecimento
Da Thebaida, onde sei que está teu pensamento.

Nekos, levando a taça aos labios, com dureza
Franziu a sobrancelha : e um raio de tristeza

Desenhou, ao ferir-lhe as pálpebras doridas,
A constante visão de noites não dormidas.

II

Densa nuvem de trágica amargura
Escurece do joven o semblante,
E o seu olhar mais tétrico fulgura,
Entrementes mais pálido e sombrio,
Tendo no labio ardente um riso frio,
Num gesto triumphante
Passa a mão pela fronte — afugentando
Os pensamentos máus, que vão em bando
A voar, a voar sinistramente...
Como agourentas aves, que soltassem
As azas, duma torre alta e silente,
E em silencio furassem
A escuridão da noite...

Lentamente
Empunha a taça e bebe, sacudindo
Os compridos cabellos; e, fingindo
Sorrir, num gesto irônico, insolente,
Diz ao velho Sekém :

— « Os teus favores,
Magnánimo Nomarcho, eu sei, fariam
O proscripto esquecer patria e amores ;
Porém eu, desgraçado,
De affectos falto e farto de amargores,
¿ Que é que de mim diriam?
Si além de ter na patria os meus haveres,
¡ Tenho la meus deveres
De filho, e de soldado!

SEKÉM

Tudo isso é pouco, si os laços
Do amor, a eterna paixão,
De alguma mulher nos braços
Não prendem teu coração.

Tudo é nada, si entre abrolhos
La não deixaste ficar
A flor, que, longe dos olhos,
Nunca se deixa de olhar.

NEKOS

¿Quem é que na minha idade,
Cheio de crenças e ardor,
Ajoelhar-se não ha de
Diante das aras de Astor?

Amo; acorrentam-me algemas
Á imagem duma mulher...
Ah! mas por mim nada temas,
¡Que est' alma sabe o que quer!

Por uns sorrisos amantes,
Que mais nos sabem pungir,
Não troco, nem por instantes,
Sonhos de gloria e porvir.

¿Quem é que na minha idade,
Cheio de crenças e ardor,
Ajoelhar-se não ha de
No eterno templo do Amor?

SEKÉM

¡ Insensato ! ¿ por ventura
Sabes la que estás dizendo ?
¡ Ai do triste, em noite escura,
Que entre abysmos vai correndo !

¿ Sentes amor ? ¡ Que esperança !
Sonho de um deus desvairado...
Que desvairada lembrança :
¡ Limitar... o illimitado !

¡ Invejo-te, criança !
¿ Sabes o que é o amor ?... ¡ Para medirmos
Sua extensão, fôra mister possuirmos,
Geômetras do céu, esse compasso
Com que traçam os deuses pelo espaço
O arco da alliança !

O amor ! o indefinido...
Para que o veja o sonhador desperto,
Ja que de nós se esconde,
Necessita, quem sabe ? haver nascido
Nestas paragens, onde
Nasce tambem o sol, que em seus lampejos
Queima de rubros beijos
A palma, que na aragem curveteia,
A movediça areia
E os immóveis rochedos do deserto.

Amar, para os egypcios
Pode ser um deleite, uma aventura...
¡ Mas para nós, o nómadas da Asia,
E' a perenne amargura !

E' a única paixâo da vida, é a propria vida;
Amar e ser amado, eis a nosssa existencia.
Amar, sem ser amado, é a vida não vivida...
¡A ironia do luar na noite da demencia!

¿E amar e ser trahido?!... Ah! si procuras
Sondar tão fundo oceano encapellado,
Nâo dês um passo adiante;
¡Imagina que os Anjos, das alturas
Rolassem num instante
Ao bárathro infernal — todo incendiado!

— ¿Amaste ja, Sekém? —

Perguntou Nekos,
Emquanto ainda os écos
Repetiam as syllabas pausadas,
Como um tinir de algemas arrastadas.

O Nomarcho fitou-o, silencioso,
Com sinistra expressão d'odio e de orgulho;
Depois, como o marulho
Das ondas numa praia, em tom raivoso
Interrogou-o assim:

« ¿Pois tu pensavas
Que o amor possa ser de hontem sem ser de hoje?...
Perdoa-me, que a calma se me foge...
Amei, amo. Sekém em toda a vida
So pode amar uma so vez. ¡Eu amo! ».

Com raiva mal contida,
Como si em seu olhar soprassem brasas,
Fitou o moço e repetiu: — ¡Eu amo! —

« ¿ Vês estes altos muros?
São do meu gyneceu ; sê todo ouvidos :
E os pensamentos castos e mais puros
Pairem agora sobre os teus sentidos.

« Meu sumptuoso gyneceu encerra
A mais bella mulher que ha sobre a terra,
Cuja alvura divina
Supplanta a neve alpina
E os mais custosos mármores de Athenas.

« Essa mulher, nas suas mãos pequenas
Segura o meu destino :
Tem a minha consorte
Comsigo a minha vida ou minha morte.

« Tudo que é meu é della. E si ella um dia,
Por capricho ou paixão,
Quizer do meu punhal a ponta fria
Ver entrar no meu proprio coração,
¡ Senhor e dono della, que é senhora
E dona do meu sêr, eu, com vehemencia
Farei correr o sangue — que devora
Toda a minha existencia !

III

O fogo da paixão illuminava o rosto
Do sombrio Nomarcho. Um estranho desgosto
Minava-o surdamente... O joven contemplou-o
Com espanto; o sarcasmo, alevantando o vôo,
Sacudiu-lhe no labio a aza da ironia...
E com voz que rangia
Respondeu-lhe, num tom nervoso, allucinado :

— Vejo que amas, Sr. E *Ella* ama-te? És amado?

Naquelle mesmo instante
Um relámpago d'odio e de sarcasmo
Lampejou dardejante
No nostálgico e baço olhar do velho.

Tremia-lhe o joelho,
Manifestava as ãncias de um espasmo.

Erguendo emfim a fronte pensativa,
Disse ao escravo ethíope :

« Enche as taças!
Dormem no fundo dellas as desgraças ».

De âmphora em punho, diz a Nekos :
« ¡ Viva
O hóspede!... Mas ah! não te debruces
No abysmo da minh'alma... ¡ Inutilmente
Teu olhar tentaria ver-lhe o fundo!... »

— ¡ Viva o Nomarcho! — paulatinamente
Respondeu-lhe o mancebo : — E queira Ossyris
Tornar realidades
Todos os teus desejos.
Quanto a mim... nada mais quero do mundo.

— « Crê no porvir, e espera... Que ao sentires
Em boca de mulher fogo de beijos,
Terás o que pedir ás Divindades.

O poderoso Pharaó, em breve,
Saberá premiar teu heroismo,

Como a um valente um soberano deve
Dar provas d'alta estima. Ao despotismo
Do tyranno de Thebas,
Que so procura ter servos de glebas,
Prometto-te antepôr meu valimento
Ante o nobre Anaham, em teu auxillo,
E assim terminará o duro exilio
Que te traz num tormento ».

Disse. Enrolou-se cuidadosamente
Na túnica; e, sahindo, de repente
Accrescentou, voltando-se :

« Na horta,
Cercada de sycômoros frondosos,
Que fica ao pé da porta
Dos aposentos teus, ha abundancia
De fructos saborosos
E de flores de mystica fragrancia ».

E perdeu-se na extensa galeria...

IV

Mal o som dos seus passos se extinguia,
Silente, o escravo ethíope, retirando-se,
Deixou cahir aos pés do prisioneiro
Um annel... que ao rolar foi faiscando
Como um olhar de amor...

O joven, inclinando-se,
Examina-o primeiro,
Ergue-o súbitamente e diz :
— Astor!

O annel d'Ella!..

Um raio de alegria
Illuminou-lhe o juvenil semblante;
Como que o seu olhar boiava errante
Em busca de miragem fugidia...
E sem ver o que via,
As paizagens de caça, desenhadas
Nas paredes de rígido basalto,
Nem as estatuas, que de pé, no alto
Dos pedestaes, se ostentam, destacadas,
Todas immóveis, cada qual mais bella;
Repetiu em voz alta:
— *O annel d'Ella!*

E accrescentou depois:
— ¡ Temos o Amor, Nomarcho, entre nós dois!

XI

MONOLOGO DO CAVALLEIRO

(SONETO LAUREADO)

Por minha Dama e por meu Rei, outr'ora
A vida expuz, audaz e temerario;
E em procura dos Sonhos, solitario,
Fundo cravei no meu corcel a espora.

Fui menestrel e paladino; agora,
Não passo de um sombrio visionario

Que anda espalhando as contas do rosario
Formado pelas lágrimas que chora...

En sou a sombra tétrica de MARIO,
Que parece crescer á luz da aurora,
De Carthago no ermo cinerario.

¡Tédio fatal os dias meus devora!
¡Mas fiz do verso um gladio de sicario
Por minha Dama e por meu Rei, Senhora!...

XII

AUGUSTO ALVARES GUIMARAES

Companheiro! uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento.
(CASTRO ALVES)

I

(DIANTE DO AMIGO MORTO)

Os meus doridos e primeiros prantos
Derramados na terra onde nasceste,
Transformou-os a Musa nestes cantos.

Mais lágrimas e bênçãos mereceste,
Graças ao teu espírito pujante
E ás lições de altruismo que nos deste.

O teu talento másculo e vibrante
Tinha os vivos lampejos das espheras
E a rigidez dum límpido diamante.

¡ São raros os que são como tu eras!
Foi teu peito — um escrínio de bondades
Teu cérebro — um estojo de chimeras.

Paladino das patrias liberdades,
Em gladio heroico transformaste a penna,
Lutando, sem rancores, nem vaidades.

A tua fronte impávida e serena
Era a mais nobre a se ostentar na luta
E a mais modesta, ao se afastar da arena.

Agora, que a tristeza nos enluta,
E a saudade (teimosa te buscando)
O éco de tuas vozes inda escuta...

Agora, que as lembranças, como um bando
De pássaros que voltam para o ninho,
Em torno do teu nome vão pousando;

Meu amigo! ao deixar-te aqui, sosinho,
Na profunda mudez da sepultura,
Punge-me dentro d'alma agudo espinho.

Atormenta-me a idéa da amargura
Dessas, que amaste mais e mais te amaram,
Em cujos corações teu sêr perdura.

Bem sei que os labios teus lhes ensinaram
A sagrada doutrina da Verdade,
Com que teus pais tua mente illuminaram.

So do pharol da Crença a claridade
Pode guiar as naves fluctuantes

Nas trevas da viuvez e da orphandade...

Ampare Deus aos que amparavas d'antes.

II

UM ANNO DEPOIS

Ha rios largos, fundos, caudalosos,
Que atravessam paragens solitarias,
Soberbos, ululantes, impetuosos,
Salpicando de escuma as procellarias.

Sobre o seu dorso elástico, vibrante,
Sacodem naus de rangedores mastros,
Que se abysmam no pégo... e mais adiante
Como que buscam topetar os astros.

E ora se adornam de enfunadas velas,
Num forte sacudir d'azas ao vento,
Ora assopram a trompa das procellas
Que estrugem na amplidão do firmamento...

Tal o nosso Amazonas; orgulhoso
Do seu curso feraz por ínvias zonas,
— É o espelho do céu! — thálamo undoso
Do Adamastor dos Andes, o Amazonas!

Outros rios, porém, férteis, deslisam
De manso, á fresca sombra de arvoredos,
Onde as aves a sêde suavisam,
Cansadas de voar sobre os rochedos.

E as suas aguas frias, transparentes,
Enluaradas num clarão de aurora,
Vão fecundando as margens viridentes
Na pompa tropical da nossa flora.

Aquelles grandes rios impetuosos,
Numa auréola de estranha magestade,
Lembram, Augusto, os teus ideaes radiosos,
Teus ímpetos em prol da Liberdade.

E as aguas mansas, que do monte agreste
Descem, na sombra, procurando o mar,
Lembram teu coração — ¡ ave celeste,
Que so no ninho ouvíamos cantar !...

XIII

SAUDADE MATERNA

A alma do teu filhinho,
Que partiu daqui tão cedo,
Como ave que deixa o ninho
Na sombra de um arvoredo;

Bem pode ser hoje em dia
Uma estrella em pleno espaço,
Cheia de luz e harmonia,
¡ Mas longe do teu regaço!...

Sobre o crescente da Lua,
— Essa galera sem mastros —

Mais perto de Deus, fluctua
Por sobre a escuma dos astros...

E entre os simples e innocentes,
Sem sobresaltos nem sustos,
Ouvindo as resas dos crentes
E vendo as almas dos justos;

Das nuvens sobre os arminhos,
No mais frio das alturas,
Do Creador aos carinhos
Aquecem-se as creaturas.

Ha estrellas mensageiras
De mãis e filhos na infancia :
Assim tambem as palmeiras
Podem beijar-se á distancia.

XIV

DIANTE DE UM BERÇO

Deram-se *rendez-vous* as Graças nesta casa,
No dia em que nasceu teu gárrulo filhinho.
E a mais bella das tres abriu sobre elle a aza.
Enchendo de esplendor o berço quasi ninho.

A segunda, sorrindo aos maternaes afagos,
Disse-lhe : — O teu viver deslisará sereno,
Has de fluctuar á flor de transparentes lagos,
Has de ouvir dia e noite as tradições do Rheno...

A terceira, inundando o coração paterno
De crenças, de illusões, de força e de coragem,
Disse-lhe : — Sobre ti chovam bênçãos do Eterno,
Que o berço é uma galera e esta vida uma viagem.

E todas, sacudindo a plumagem gloriosa,
Para voltar num vôo a plagas mais amenas,
Abriram sobre o berço um palio cor de rosa,
Onde o sol irisava as fluctuantes pennas.

E disseram em côro : — Um dia voltaremos,
Trazendo cada qual um talismã bemdito; [remos
Uma, o Amor; outra, a Força; a outra, os fortes
Que affrontam os tufões nos mares do infinito.

E partiram, cantando, e atirando-lhe beijos,
Desenhando no espaço esteiras de fulgores;
Deixando em seu olhar olympicos lampejos,
Deixando no seu corpo as pétalas das flores.

E eu fico, a meditar, sombrio ante esse berço,
Como um crente ajoelhado á porta de uma ermida.
O berço é tão pequeno e é tão grande o Universo...
¡ E o mundo não é mais que o cárcere da Vida !...

Mas elle tem na fronte a predição das Fadas,
Interpretada aqui nos versos do Poeta :
Quando entrar seu navio em ondas empoladas,
Terá como santelmo a estrella do propheta.

XV

BYRON EM VENEZA

(VERSÃO)

Sobre a escuma da onda, illuminada
Pela auréola do Sol, passa ligeira
Do Bardo Inglez a gôndola doirada,
Cortando o vento a trémula bandeira.

De pé, na pôpa, a loira fronte ardente
Banhada em luz, o olhar como uma setta
Varando o vasto mar resplandecente,
Scisma triumphante o espléndido Poeta.

Em seus balcões de artísticos lavores
As moças de Veneza mais formosas
Não tiram delle os olhos seductores,
Sorrindo e suspirando, voluptuosas.

E a noite inteira sonham, agitadas,
Com as canções do peregrino loiro;
¡ E ouve-se um rijo ritinir de espadas...
E um ruidoso rumor de taças d'oiro!...

XVI

BANHO IDEAL... REAL

(A LUIS NÓBREGA)

Ante o liso crystal dos límpidos espelhos
Jaz de pe a Rainha. As Damas, de joelhos,
Atam-lhe do sapato as preciosas fitas;
E á cauda do vestido as flores mais bonitas
(Que El-Rey nessa manhã colheu no seu jardim)
Prendem, aqui e ali, na alvura do setim
Com alfinetes d'oiro e de pedras preciosas.

É a rosa do amor, que o amor enche de rosas.

Quem penetrasse ali mais cedo alguns instantes
Veria, no esplendor das linhas triumphantes,
Em completa nudez, as fórmas voluptuosas
De mais alto valor que as vestes mais custosas.

A alvura do setim de seu melhor vestido,
Cujo brando ranger parece ao nosso ouvido
O resomnar da fera, em languidez prostrada
Quando dardeja o sol nos areaes da estrada,
Desmaia ante a brancura olympica dos seios,
Alvos pombos no ninho, a pipillar de enleios,
Macios como o arminho e brancos como a escuma
A constellar o azul das vagas, uma a uma.

No seu manto real ardem estrellas d'oiro
Sobre o velludo azul; e o seu cabello loiro

E mais fino, mais longo, e tem maior encanto
Que o pesado fulgor do seu comprido manto.

Sahiu do banho ha pouco: a marmórea banheira
Guarda ainda no bôjo a essencia alcoviteira
Desse corpo excitante, électrico, nervoso,
Fina taça, onde El-Rey sorve os filtros do goso.

Mergulhou... e surgiu das aguas irrequietas
Como um novo ideal na mente dos poetas;
Foi um instante: entrou, sentiu a vista turva,
Ergueu-se, a tiritar, fez uma leve curva,
Perfilou-se, e, pousando os dedinhos nos hombros
Da sua Dama, saltou...

¡Oh! si a vissem... ¡que assombros!...
¡Que delírios de amor!... ¡que turbulentas scenas!...
Ah! mas eu nada vi... tudo imagino apenas.

¿Que diríamos nós, poetas, se isso víssemos?

De pé, sobre o tapete, alvos lençoes finíssimos
Envolvem-lhe os quadris, os braços, os cabellos;
Como que a propria agua, a estremecer de zelos,
Com ciume dos lençoes que roçam na epiderme,
Comprime-os, sobe, desce, enruga-os... e qual verme
Que, por tocar na flor, se arrasta pelo galho,
Se esgueira, escorre, cai... ¡em pérolas de orvalho!...

Vestiram-na depois de frocos de cambraias,
Ataram-lhe á cintura as ondulantes saias,
Esconderam-lhe os pés e as pernas peregrinas
Numas meias da cor das mais escuras minas;

E a liga preciosa, ácima dos joelhos,
Elástica, inda assim, deixa uns signaes vermelhos...

XVII

TODAS ELLAS

Eu bem quizera celebrar o nome
Das mulheres que amei, — nos meus poemas;
Mas entreguei os pulsos ás algemas
Da discrição fatal, que me consome.

Força não ha que os ímpetos me dome
Na intrepidez das explosões supremas;
Mas, por Ellas, as loiras e as morenas...
— ¡ So por Ellas — o ánimo faltou-me!

Mostral-as, uma a uma, á sociedade,
Seria a maior gloria da vaidade,
Bradando: — ¿ Quem ja viu outras mais bellas?

¡ Invejai-me, orgulhosos!... Eu não minto:
¡ Sentem por mim o que por ellas sinto!
¡ São todas minhas! ¡ e eu sou todo d'Ellas!

XVIII

DATA DO CORAÇAO

Albo lapillo notare diem.
(HORACIO)

E este dia um dia feito aurora,
Desde que outr'ora
Appareceste pela vez primeira,
Qual estrangeira
Que vem de longe, sem que saiba donde,
Pois elle esconde
Da origem tua a mysteriosa senda
Numa legenda.

¡Mas que legenda de suave encanto,
Divino e santo!
Assim, a Deusa da Mythologia
Tambem surgia,
Como uma estrella, dissipando brumas,
Dentre as escumas,
¡De pe, na concha que no mar fluctua,
Formosa e nua!...

Eu julgo vel-a, neste mesmo instante,
Vir triumphante,
Húmida a pelle, estremecendo ainda,
¡E assim maïs linda!
Guiando pombas, que, voando aos pares
Roçam nos mares,

Presas por fitas, que na mão nervosa
Sustém garbosa...

¡ É ella ! a Deusa da immortal belleza,
Que com presteza
Vem tributar o merecido preito
Á que no peito
Encerra um nobre coração mais brando
Que o leve bando
De aves que vôam pelo azul afóra,
Durante a aurora.

Mal vendo, a furto, os seios teus morenos,
Disse-me Venus :
« ¡ Louco poeta ! ¿ e resistir querias?...
« ¡ As poesias
« Que antes de eu vel-a, me mostraste outr'ora,
« Bem vejo agora
« Que eram apenas suggestões de espanto
« Por tal encanto ! »

Vendo teus olhos, as estrellas puras
Pelas alturas
Empallidecem, a tremer de zelos...
E em teus cabellos,
Não muito loiros e nem muito escuros,
Ha raios puros
Do sol, que vive a te cobrir de beijos
Nos seus lampejos...

A passarada tropical, voando,
Si vai cantando,
Por mais que cante, minha flor, não canta
(E nem me encanta)

Com essa voz com que a paixão exhalas
Quando me falas :
¡ E esse teu modo de cantar, sublime,
Que tudo exprime!...

¡Olha-me bem! e fica assim... falando,
Mas sempre olhando;
Pois quem a um tempo pode ouvir-te e ver-te,
Lágrimas verte
Dum sentimento, que não é tristeza
Nem com certeza
É alegria... ¡ mas que pode, flor,
Chamar-se — Amor!...

XIX

O ZAIMPH SAGRADO

Toda nua, ao luar, na solidão da praia,
Desenhando na areia os indecisos passos,
Solto o cabello ao vento, encruzados os braços,
Vejo-a... Desejos meus! não será sonho? Olhai-a...

A onda beija-lhe os pés, e trémula desmaia;
Beija-lhe o meu olhar os impeccáveis traços;
E o luar, alongando um raio nos espaços,
Faz fugir do seu corpo a sombra, que se espraia.

Nisso, um polypo audaz, um verme membranoso
Nos filamentos seus envolve-a, voluptuoso,
Comprimindo-a e lambendo-a, em fogosos desejos...

Tal a minha vontade, a seguir-te constante :
Quero estreitar-te assim, sôfrego, delirante,
¡ Despir-te ao meu olhar, vestindo-te de beijos !

XX

EIDALDÉA

I

Dos teus seios sobre a rêde
Quero embalar meus desejos ;
Os teus olhos causam sêde
Numa volupia de beijos.

Os teus olhos têm um fluido,
Têm um tal somnambulismo
Que ao vel-os eu sonho... ¡ e cuido
Rolar, do ceu, num abysmo !...

Outras vezes têm uns brilhos...
Que vejo e ouço (e me espantas) :
Punhaes — em mãos de caudilhos...
Resas — em bocas de santas...

Teus olhos dardejam settas
Que cravas nos meus desejos ;
Tenho vontades secretas...
¡ De devorar-te de beijos !

II

Ha nos teus beiços, morena,
Filtros de goso e loucura;
Um beijo teu — envenena...
¡Teu corpo — vence a esculptura!

Rival das virgens sidéreas,
Sentes um êxtasis rude
Em rir das coisas ethéreas
E blasphemar da Virtude.

Os torreões da esperança
Tu enches de maus desejos,
¡Saboreando a vingança
Numa embriaguez de beijos!

III

Fechaste as crenças... e a chave
Lançaste num precipício...
Feres a nota mais grave
De toda a orchestra do Vício.

Quando febril te commoves,
Agitas-me os nervos todos;
És como a corça de Clovis
Farejando os Vesigodos...

Causam naufrágios e guerras,
Teus satánicos desejos;
¡E os mais valentes aterras
Num estrépito de beijos!...

IV

Passas das outras ao lado,
E o teu porte soberano
Lembra um barco embandeirado
Sobre as ondas do oceano.

Tu tens a airosa elegancia
Das palmeiras do deserto,
Que embalsamam, á distancia,
E refrigeram, de perto.

Mas no tremedal viscoso
Onde enterras teus desejos,
Manchaste as azas do goso
Com que voavam meus beijos.

V

Si te vestissem de Santa,
Sobre um altar reluzente,
Rendido a belleza tanta
Satanaz seria um crente...

E eu, á luz do alampadario,
Despindo-te os hombros régios,
Profanaria o santuario
Perpetrando sacrilégios.

¡Abres o ceu da bellesa
No inferno dos teus desejos!...
— Eis, nesta côrte, Princesa,
As credenciaes dos meus beijos.

XXI

O INFERNO

Santa Thereza dizia
Que o inferno é não se amar ;
Eu digo que quem ama é que podia
Dizer o que é o inferno... E vou provar :
¡ Amai, amai ! e então
Vereis quem tem razão.

XXII

A ALMA E A PEDRA

> Necessidade e liberdade são as duas grandes leis da vida ; estas duas leis formam uma so, porque uma não prescinde da outra. A necessidade sem liberdade seria fatal, assim como a liberdade, privada do freio da necessidade, seria insensata. O direito sem dever é loucura ; o dever sem direito é escravidão.
>
> (E. Levy)

Toda a Sciencia do Occultismo,
Á luz das causas primordiaes,
Repousa, neste profundo abysmo,
Em tres principios fundamentaes.

É a chave d'oiro desse mysterio
Que as portas abre da Evolução :

Colloca o berço no cemiterio...
E empresta á inercia maior acção.

Da mesma fórma porque em materia
Se torna a essencia do *Parabrahm*,
O sêr sensivel, na plaga etherea,
Passa da Noite para a Manhã.

Nós somos fios de astral novello,
Obedecemos a eternas leis ;
Pode uma simples pedra de gelo
Servir de exemplo, como vereis :

O gelo, em alta temperatura,
Vemos em agua se converter ;
Soffre, portanto, nessa tortura,
Uma mudança no seu viver.

Apenas tendo dado um so passo
Na estrada immensa da evolução,
Mas livre, occupa maior espaço,
Gosa de muito mais expansão.

Ja pode agora ser empregado
Como bebida dos animaes ;
Motor e agente, é applicado
Até nas fainas industriaes.

Si o submettemos a um grau mais forte,
Não é mais agua, — ja é vapor ;
Deu mais um passo nesse transporte,
Sendo intangivel, tem mais valor.

Tem mais constante mobilidade,
Dispõe de muito mais amplidão;
Fluctua livre na immensidade,
Vôa, sem azas, como um balão.

Em grau mais alto, mais livre impera;
E tão potente se torna assim,
Que á luz dos astros se retempera
Num transformismo que não tem fim.

Núcleo de forças e dons ignotos,
Agita as furias dos turbilhões :
Na epilepsia dos terremotos...
¡ Soprando forjas d'ígneos vulcões!

Então, ja ether, enchendo o espaço,
Os elementos, que em sí contém,
Embora em nada deixem um traço,
Em tudo espalham-se, e vão além.

É uma dessas potencias vivas,
Um desses fluidos universaes
Que constituem as primitivas
Coisas, eternas e perennaes.

Si pode a simples pedra de gelo
Tão facilmente subir aos ceus,
¿ Como é que o Homem não é um élo
Dessa cadeia que o prende a Deus ?

XXIII

VIDA NÃO VIVIDA

As ondas vão pelo Oceano afora,
Sem saber a que ponto se destinam;
E ora marulham, rugem, e se empinam,
Num rebentar de escuma, que as enflora,

Ora adormecem... e se vão embora
Mansas, de leve, sem sentir que as minam
As occultas correntes, que dominam
Os ventos, caia a noite, ou surja a aurora.

Assim, da vida os passageiros dias
Sempre agitados, nunca em paz completa,
Seguem talvez mysteriosos guias...

E dentro de noss'alma, afflicta, inquieta,
¡Que rápidas que são as alegrias
Para as fundas tristezas de um poeta!

XXIV

A-O-U-M

Esta palavra sagrada, poderosa, nunca deve ser pronunciada nuito alto, salvo quando as trevas espirituaes nos envolvam, ou quando os membros da Nossa Ordem estiverem presentes.

(VAN DER NAILLEN)

Memento, homo, quia Deum est, et in Deum reverteris.

Ha na Maçonaria
Claros vestígios do Sagrado Rito
Que nas priscas idades florescia
No tôpo das Pyrámides do Egypto.

Mais de quarenta séculos passaram,
Sob o giro dos corpos planetarios,
E as gerações de espanto recuaram
Ante esses Tres Arcanos solitarios.

Immóveis como estatuas levantadas
No duro chão de frios cemiterios,
Encerram as Pyrámides sagradas
Setenta e dois Mysterios.

Eram ellas os templos primitivos
Onde se iniciavam
Nos Segredos da Morte os sêres vivos
Que as vivas leis da Morte desvendavam.

Inda hoje vemos, nos iniciados
Do principesco grau de Rosa Cruz,
Symbolos, que ja eram explicados
Muitos séculos antes de Jesus.

Moysés e Salomão, almas celestes,
Derramam sobre nós forças occultas ;
Ostentam-se, mais firmes que os cyprestes,
A sombrear vegetações incultas...

Santo Agostinho synthetisa a idéa
Do Magismo da Persia em Zoroastro,
Nesse tempo em que os Sabios da Chaldéa
¡ Passeavam á noite de astro em astro !

De Memphis na janella de granito,
Invisivel aos olhos dos atheus,
Serve o *Karma* de escada do Infinito :
Por onde o *Aura* nos conduz a Deus.

XXV

NO LEQUE DE UMA EMBAIXATRIZ

Quando em teus proprios olhos te abrazas
E o leque agitas na mão nervosa,
Eu vejo um pássaro abrir as azas :
E vôa... ¡ e pousa — sobre uma rosa !

XXVI

GRAZIELLA

Dos livros de Lamartine
O que mais paixão define
É essa triste novella
De *Graziella.*

Mas o poeta inspirado
Foi cruel e desalmado
Matando tão nova e bella
A *Graziella.*

Conheço nesta cidade,
Um encanto, uma deidade,
Que ora é Flor, ora Donzella,
E é *Graziella.*

És tu esse Anjo, criança,
Que me trazes á lembrança
Toda a meiguice singela
Da *Graziella.*

¡Mulher-Sonho! ¡tens diamantes
Nesses olhos rutilantes
Onde a Poesia se estrélla,
Ó *Graziella!*

Em noites de estio e lua,
Julgo ver a sombra tua

Na moldura da janella
De *Graziella.*

E o teu vulto se levanta
Como a imagem duma Santa
Sobre o altar da capella...
¡ Ai, *Graziella!*

Ai... não queiras no teu seio
Sentir o mágico enleio
¡ Que se transforma em procella,
Não, *Graziella!*

Não queiras amar... ¡ Contente,
Canta e ri, alegremente ;
¡ Foge ao mar, que se encapella,
Ó *Graziella!*

E eu ficarei, doce amiga,
A repetir a cantiga :
« ¿ Quem foi que te fez tão bella? »
Só Deus... ¿ pois não foi, *Graziella?*

XXVII

SÊDE DE VINGANÇA

De pé, a tiritar, numa a rocha varrida
Por um vento de peste, a blasphemar, potente,
¡ Eu desafio a sorte ! esta sorte inclemente
Que tudo me roubou que ha de melhor na vida.

Tenho dentro do peito uma fera escondida
Chamada Coração, famélica e fremente :
Morde-me dia e noite, a infiltrar lentamente
No tecido venoso uma baba homicida.

E zombo do poder dos mysteriosos sêres
Que vivem a roubar todos os meus prazeres,
Sacudindo-me assim, como um farrapo ao vento.

Minh'alma é porta aberta aos Vícios : e protege-os
Um desejo fatal de fazer sacrilégios...
¡Ja que escalar não posso o eterno firmamento!

XXVIII

NECRÓPOLO DE INSECTOS

Versos escriptos nas últimas páginas do Herbario Artificial da Joven Viuva de um Velho Naturalista, que foi enterrado de botas e guarda-po, no sertão de Vera-Cruz.

I

Iremos juntos a um cemiterio
Sem fogos-fátuos, nem presbyterio.

Não tenhas medo, que iremos juntos
E o cemiterio não tem defuntos.

— Não tem defuntos... ¿e é cemiterio?
— É, sim, Senhôra, que eu falo serio.

Nada de lousas, nada de cruzes,
Brancas caveiras, funéreas luzes,

Negros cyprestes, tristes letreiros,
Corujas, mochos, padres, coveiros.

Os que ali dormem, num somno brando,
¡Sentem delícias, talvez, sonhando!...

Sem epitáphios e sem capellas,
Dispensam resas, prantos e velas.

... Estamos perto do cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

II

Os jardineiros (sêres abjectos)
Cuidam das flores, matando insectos.

Agitam fachos devoradores,
Dando um exemplo sinistro ás flores.

Por isso, existem lindas mulheres
Que são terríveis nesses misteres...

Como *hay hogueras en sus miradas*,
¡Inflammam almas enamoradas!

E sobre a espádua soltando a coma
Supplantam Nero, queimando Roma,

¡Mais implacáveis do que os soldados
Ante os *jagunços* carbonisados!...

... Estamos dentro do cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

III

Num chão de areia, cinzas e urtigas,
Jazem besouros, entre formigas;

Moscas doiradas, azues, vermelhas,
Bichos da seda, (*bombix*), abelhas;

Os lepidópteros, astros diurnos,
Classificados entre os nocturnos;

Aranhas, grandes e cabelludas,
Com oito olhos, garras agudas;

Que têm nas têtas, vasos e veias,
Os longos fios das leves teias.

E borboletas, de várias cores,
Sobre mortalhas de seccas flores.

... Tudo repousa no cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

IV

Ja um insecto salvou da morte
Um Sabio, preso dentro dum forte. (*)

(*) LATREILLE, sentenciado á morte pelo Tribunal Revolucionario da França, viu um dia um insecto entrar na sua prisão. O illustre naturalista, esquecido por instantes da sua desgraça, começa a analysar esse curioso insecto e envia-o,

As borboletas de azas escuras
São mensageiras de desventuras...

As que são brancas, no po das asas
Espalham risos dentro das casas.

Mas — esses corpos não apodrecem;
Na própria morte vivos pareçem.

São como os astros incorruptíveis
E o perispírito dos intangíveis.

São como as almas — gloria da sorte —
Mortas na vida — ¡ vivas na morte!

... Mas não saiamos do cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

V

Aquellas fibras tambem vibraram,
Quando em volúpia se electrisaram.

O mesmo sopro de amor, fecundo,
Que os fez, dum beijo, surgir no mundo,

por intermédio do médico da prisão, ao seu collega Bory de Saint-Vincent, pois o insecto era de uma espécie ainda não classificada.

Este seu digno companheiro de sciencia, profundamente commovido, começa a trabalhar activamente para libertar Latreille da morte a que estava condemnado, e uma semana depois consegue a sua liberdade. O insecto libertador pertencia ao gènero *Necrobia*, que vive nos cadáveres, e quer dizer *vida e morte*. A sciencia, reconhecida, chama hoje este insecto — *Necrobia ruficollis, Latreille salus.*

Inda os anima na sepultura,
Por dias claros, ou noite escura.

Como gosamos — elles gosaram ;
Foram amados... ¡ e até voaram !

Arderam nelles fortes desejos :
¡ Nessas antennas cantaram beijos !

E dos attritos que provocaram,
Gosando, a espécie perpetuaram.

... Não ha tristeza num cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

VI

Vivos ou mortos, no mesmo abysmo,
As leis respeitam do transformismo.

Para as formigas laboriosas
A Natureza creou as rosas ;

Não para as jarras de porcelana,
Nem os decotes duma sultana.

Esses besouros e as borboletas,
Ao sol iriados, entre violetas,

Eram poetas... ¡ uns vagalumes,
Que doiram trevas, entre perfumes !

Elles viviam nessa ignorancia
Dos sêres todos que estão na infancia ;

... E agora dormem num cemiterio
Sem fogos-fátuos nem presbyterio.

VII

Ali repousam — paralysados —
Azas inertes, olhos vidrados :

Mas inda ostentam as mesmas cores
Dos bellos tempos dos seus amores.

Lembram amantes, nesse repouso,
Que adormecessem depois do goso...

¡ São mais felizes que os varões justos,
Sobresalteados sempre de sustos!

¡ São mais heróicos do que os guerreiros,
Com seus remorsos de carniceiros!...

Não duvidaram... como os poetas,
As mãis, os sábios... ¡ mesmo os prophetas!

¡ Dúvida!... — ¡ o verme do cemiterio
Com fogos-fátuos, com presbyterio!...

VIII

Alguns instantes depois da morte
Começa o tredo combate forte.

Antes do morto ser dado á terra
Ja no seu ventre começa a guerra...

¡Fome de vermes — insaciáveis!
Cheiro de gazes — insupportáveis...

Seios (que nunca roçaram beijos)
Que mal sentiram vagos desejos,

Seios de virgem, casta açucena,
Inchados, sujos pela gangrena,

Crescem, quaes peitos de meretrizes,
Moles, chupados pelas raizes...

... ¡Que differença — do cemiterio
Sem fogos-fátuos, nem presbyterio!

XXIX

O AERONAUTA

(*Original castelhano*)

No seu balão o aeronauta ousado
Á immensidade arroja-se atrevido:
Do sol poente pela luz banhado,
Vê a seus pés o mundo esvaecido.

Engolfa-se o balão no azul sombrio...
Sente-se o homem solitario e lasso;
E nas trevas, varado pelo frio,
Morre, perdido na amplidão do espaço.

Vil joguete do vento caprichoso,
Que as vaidades humanas amesquinha,

Ao subir — o balão silencioso
So levava um cadaver na barquinha.

Estranhos descampados percorrendo,
Em uma especie de ascensão demente,
Ia ascendendo sempre, ia ascendendo...
Conduzindo um cadaver simplesmente.

Bem pode ser que um outro mundo o attraia,
De onde a Lua mais triste se avisinha;
E la... desarvorado, em erma praia,
Tendo ainda o cadaver na barquinha,

Deixal-o-á por fim abandonado,
Como o último grão duma ampulheta;
¡ E ha de ser o cadaver devorado
Pelos vermes, talvez, d'outro planeta!

XXX

LE LORGNON DU DIABLE

Ella sonha; e na volúpia
Dum sonho, ao luar sonhado,
Vê sorrir-lhe Mefistófeles
De monóculo assestado...

Ai das donzellas somnâmbulas
Que passam noites inteiras
Em delíquio... acordam pálidas,
Nervosas, e com olheiras.

Festejam-se d'Ella as núpcias :
— No salão illuminado
Apparece Mefistófeles,
De monóculo assestado.

Aos sons convulsos da música,
Veloz como o pensamento,
A noiva gira nos vórtices
Da valsa, *qual piuma al vento.*

E no *buffet*, entre os íntimos,
De taça em punho, arroubado,
Brinda o noivo a Mefistófeles,
De monóculo assestado.

Nove mezes passam rápidos :
— Baptisa-se uma criança
Que nos leves traços physicos
Tem não sei que semelhança...

Não com o pai, um protótypo
De boa fe, — enlevado
Na *verve* de Mefistófeles,
De monóculo assestado.

E atravez desse monóculo
Viam todos claramente
O que so não via o mísero,
Que andava alegre, contente,

Nas ruas e praças públicas,
Radiante de braço dado
Com a esposa — e Mefistófeles,
De monóculo assestado...

XXXI

O BEM

Si soubessem os maus que é ideal
O bem que a gente sente em fazer bem,
Não havia no mundo mais ninguem
Que, mesmo sendo mau, fizesse mal.

XXXII

SOL DE INVERNO

(A TRAJANO CESAR)

As ruinas ao luar são mais poéticas do que as casas novas.

Estou devéras apaixonado
Por uma velha, de sessenta annos,
Que tem o rosto todo enrugado
E a alma cheia de desenganos.

Nunca foi joven : que a mocidade
Quer dizer graças e formosura;
E esta senhôra na flor da idade
Ja tinha aquella triste figura.

Nenhum poeta glosou-lhe um mote,
Frases ardentes ninguem lhe disse;
E ella foi sempre, qual D. Quixote,
Rica de sonhos e de meiguice.

Gosta de gatos e de crianças,
E conta historias na intimidade;
Não tem saudades, nem esperanças,
Mas tem coragem e tem piedade.

É monarchista e religiosa
Como a poetisa Santa Theresa;
Lírio do valle, mystica rosa,
Oleo de triste lâmpada accesa.

Nunca o seu peito correu o risco
De arder em chamma devoradora;
E nem um beijo, fatal corisco,
Brilhou nos labios dessa senhôra.

É virgem, pura com as mais puras
Sacerdotisas do Sol; a sua
Carne, enrugada por mil torturas,
Parece um branco raio da lua.

Eu, que estou farto de ouvir queixumes,
(A mesma coisa de toda gente)
Juras mentidas, tolos ciumes,
Queixas ja velhas antigamente...

Eu quero uns gosos estranhos, novos,
Umas volúpias que so eu sinta:
¡Sim, que o meu sangue salte, aos corcovos,
Beijando boca que me não minta!

Beijando boca virgem de beijos;
E que me diga por vez primeira
A historia antiga dos seus desejos,
Mais resguardados que os de uma freira...

Quero uns abraços que ha quarent'annos
Estão guardados nos braços della,
¡Como uns navios de grandes pannos,
Por altos mares, numa procella!...

Quero as carícias de quem na vida
Não teve aquillo — que todos temos:
Surdina branda, ¡nota sentida
Da orchestra forte dos seus extremos!

Volúpia estranha, branda loucura,
Realidade quasi mysterio...
¡Thálamo á beira da sepultura!
¡Núpcias na porta do cemiterio!...

XXXIII

EL REY NIÑO

NA COROAÇÃO DE D. ALFONSO XIII

> Lamentei a prematura morte de Teu Pai: admiro as virtudes de Tua Mãi: desejo do intimo d'alma que tenhas um longo e feliz reinado.

A corôa real dos Soberanos
De Aragão e Castella,
Arde como uma estrella
No céu azul dos teus primeiros annos.

Ainda te embalam infantis arcanos
A alma pura e singela :
¡ Parece em Ti mais bella
A corôa real dos Soberanos !

O Sceptro poderoso
Dos Sanchos, de Felipe e Carlos V,
Foi nas mãos de Teu Pai bastão glorioso.

Um reinado de Amor e Paz presinto :
¡ Não transformes em gladio temeroso
O Sceptro poderoso !

LIVRO IV

FLORES DE LOS ANDES

(ENSAYOS DE POESÍA CASTELLANA)

A' mis Amigos de Venezuela

VISIONES

I

He visto en el espacio trasparente
Una Visión envuelta en blanco velo,
Con guirnalda de estrellas en la frente
Y con los ojos del calor del cielo.

Un laud en su seno conservaba
Y mirándome ufana sonreía...
— ¡Poeta! La Visión que te inspiraba
Y que te inspira aún, es — Poesia.

II

Al despertar mi juventud ardiente
Contemplé la Visión bajar al suelo,
Con guirnalda de rosas en la frente,
¡Y en las miradas resplandor de cielo!

La túnica ondulante me dejaba
Verle desnudo el pecho... ¡qué hechicero!...
— ¡Poeta! la Visión qne te inspiraba
Era el amor... ¡pero el Amor primero!

III

En las bandas sin luz del occidente
Una Visión miré, pero llorando...
Con guirnalda de espinas en la frente,
¡Y el acero en su mano centellando!...

Cual Magdalena ante Jesús, lloraba,
Pero lloraba en triste soledad...
— ¡Poeta! en la Visión que te inspiraba
El Universo ve — ¡la LIBERTAD!

IV

Y aqui... y allá... más lejos... esplendente
Yo veo una Visión, pura, sin velo;
Con guirnalda de soles en la frente,
¡Y en la mirada más fulgor que el cielo!...

La veo por doquier... y el alma mía
Doquier la siente, y sigue de ella en pos...
— ¡Poeta! Esa Visión... ¡es — Poesía,
Y Amor, y Libertad; es todo : es DIOS!

II

DUELO ÉPICO

(EPISODIO DE LA REVOLUCIÓN DE RÍO GRANDE DEL SUR)

I

Yo soy de aquella tierra de guerreros,
Donde nacen las niñas más hermosas;

Columpiaron mi cuna los pamperos,
Deshojando en mi hogar lirios y rosas.

Sin rival en el mundo, una laguna
Siempre azul como el cielo allá se ostenta,
Donde es más melancólica la luna
Cuando flota en el aire, blanca y lenta...

Por sus llanos sin término, vestidos
Perennemente de soberbias plantas,
Los raudos avestruces van perdidos
Vagando entre los potros y las antas.

Brama la fiera horrenda junto al nido,
Mientras gimen las tórtolas amantes...
¡Ay! ¡tan lejos de tí, mi hogar querido,
Corren por tí mis lágrimas constantes!

. . . .

Además de las ínclitas hazañas
De mis viejos paisanos en la guerra,
Puede servir de ejemplo en las campañas
Esta leyenda heróica de mi tierra :

II

En medio de las planicies
De las brasileñas pampas,
Entre dos altas colinas
Dos ejércitos acampan.

En una están los *Harapos*
Con tres mil hombres en armas;

En la otra los *Legales*,
Que en defensa de la patria
Dos mil y pico de bravos
En línea extienden

Llegada
La hora más oportuna
Para empezar la batalla,
El Jefe republicano,
(Cuando todos aguardaban
Oír sus voces de mando :
¡Muchachos, pronto, á la carga!)
Desprende entonce un piquete
Parlamentario en demanda
Del ejército enemigo,
Llevando bandera blanca...
Mientras airosas flamean
En las puntas de sus lanzas,
Como enseñas gloriosas,
Banderolas coloradas.

El grupo parlamentario,
Cuyo pabellón flotaba
Como las alas abiertas
De un águila enorme y alba,
Iba en nombre de su Jefe
(Onofre, así se llamaba)
A decir al Jefe opuesto
Que su ejército aguardaba
Tan sólo la voz vibrante
Del clarín, para en las ancas
De sus caballos briosos,
Que parecen tener alas,
Volar de pronto á su encuentro :

Y en pelea encarnizada
Buscar la muerte gloriosa,
O la vida — conquistada
En pro de la independencia,
Bajo lluvia de metrallas!

Pero que el Jefe, pensando
Que en el suelo de la patria
Iba á derramar la sangre
De bravas huestes hermanas,
En tanto que aquellos héroes,
Que soberbios se ostentaban,
Tanto en la línea enemiga
Como entre sus camaradas,
Muchos de ellos ni sabían
La verdadera importancia
De la causa por la que ellos
La vida sacrificaban;
Así, pues, el proponía
Que la tremenda batalla
Fuese dada simplemente
Entres dos hombres; y estaba
Pronto á batirse él, el Jefe,
Con el Jefe de la causa
Enemiga, en *duelo á muerte*:
¡Pues tienen los dos espada,
Y son ambos Generales,
Y tienen la misma Patria!

Los dos ejércitos, firmes,
Con las banderas alzadas
Y con las armas en puño,
Sin uso hacer de las armas,
Servirían de testigos

En aquella escena extraña...
Y ya terminado el duelo,
¡Qué tantas vidas salvaba!
Uno á otro los ejércitos
Presentarían las armas,
Y tocarían los himnos,
Con sus banderas alzadas.

El General victorioso
Seguiría en retirada,
Con su ejército pujante,
Lleno de gloria y de palmas,
En honra al contrario muerto
Tocando fúnebre marcha...
Dando al otro el campo libre
Para rendir, entre salvas,
A su General vencido
Las ceremonias sagradas.

Por el Jefe imperialista
Fué la propuesta aceptada;
Y al darse los dos ejércitos
La señal de la batalla,
— Bajaron los Generales
Del punto donde acampaban:
Y en medio del *Campo-Verde*,
Al cruzarse sus espadas,
Dieron al mundo un ejemplo
Sin igual en las hazañas
Que refieren otros pueblos:
¡Y la mayor, la más alta
Epopeya de las guerras
Escrita fué con las armas

De esos dos valientes hijos
De la tierra americana!

El Jefe de los *Harapos*
Murió al filo de la espada...
¡Dando su nombre á la historia,
Y mayor brillo á su Patria!

El brioso imperialista
Venció; y el republicano...
¡De los héroes en la lista
Osténtase soberano!

III

LOS LEONES DEL SIGLO

Á LOS PUEBLOS DE LAS CINCO REPÚBLICAS CREADAS POR EL LIBERTADOR SIMÓN BOLÍVAR

En el siglo, dos héroes, en dos mundos,
Refrenan el corcel de la victoria;
¡Y ambos, llenos de audacia, fuerza y gloria,
Pasan como dos rayos iracundos!...

Uno, sobre los pueblos moribundos,
Sigue en pos de una imagen illusoria...
Otro, cual sol que alumbra vuestra historia,
¡Levanta Estados libres y fecundos!

NAPOLEÓN... BOLÍVAR... estos nombres,
Coronados de lauros por los hombres,
Admirarán por siempre las edades:

Aquél, como el titán del egoísmo...
Este ¡el mayor ejemplo de civismo
Por todas las humanas libertades!

IV

CARACAS

A la falda de un monte que engalana
Feraz verdura de perpetuo abril,
Tendida está cual virgen musulmana
Caracas la gentil.
(H. García de Quevedo)

Caracas, la ciudad de los paisajes,
La ciudad de las fuentes cristalinas,
Bella como sus flores campesinas,
Gloriosa cual la enseña tricolor.
(J. Ramon Yepes)

Sobre nicho de flores erguida,
Cual sultana que sueña extasiada,
Palpitante de amor y de vida
Reposa Caracas — que el Avila guarda.

Sus techados en línea veía
Deleitando mis tiernas miradas :
Un querube del cielo vi un día
Rozarlos volando con nítidas alas...

Más se ostentan, cual mudos gigantes,
De sus templos las torres sagradas,
Donde suenan campanas vibrantes
Que llenan de encanto las místicas almas.

Es el nido de niñas graciosas,
Andaluzas de sangre y de raza,

Que, de América al sol más hermosas,
Prodigan sonrisas, donaires y gracias.

Es la cuna también de guerreros,
¡Grandes héroes de grandes batallas!
Y de genios aun más altaneros
Que el vuelo gigante de olímpicas alas.

Vió BOLÍVAR la luz en su seno,
Donde brotan naranjos y palmas:
¡Y entre palmas reposa sereno,
Llenando de glorias el siglo y su Patria!

De ANDRÉS BELLO la espléndida lira,
Que de Chile fulgura en las aras,
Por Caracas amante suspira:
Pues quiere en sus sauces mirarse colgada...

Sus poetas, que son ruiseñores,
Siegan lauros en justas de España;
Sus mujeres inspiran amores:
¡Y son LA VALLIERES al ser adoradas!...

Yo, que vengo de lejos, muy lejos,
Te saludo ¡gloriosa Caracas!
Y en tu cielo contemplo reflejos
Del mismo lucero que alumbra mi Patria.

V

ISABEL

LA PRINCESA REDENTORA DE LOS ESCLAVOS DEL BRASIL

Dux femina facti.
(VIRGILIO — *En.* c. 1 v. 364)

I

Cuando feroz la esclavitud rugía,
Cual fiera hambrienta en su caverna, airada,
Y todo el pueblo, pávido, temía
La explosión de la rabia concentrada...
Una mujer, tranquila, aparecía,
Piadosa cual deidad inmaculada,
Y los niños esclavos libertando
De esperanza y de amor nos fué llenando.

Y las madres cautivas, con su llanto,
Con sus sentidas lágrimas ardientes,
Bordaron de la Reina el noble manto,
¡Como un cielo de estrellas refulgentes!...
De entonces él ostenta el sacrosanto
Lábaro de los niños inocentes,
Pues la mujer que así los libertaba
De gratitud llenó la raza esclava.

Los niños son arcángeles profetas
Que sueñan sin dormir, siempre sonriendo;

Con sus miradas cándidas, inquietas,
Que ven, aunque parezcan no estar viendo
Y así leyeron páginas secretas
En que Dios, sus designios escribiendo,
Dijo que tu serías ¡oh Señora!
¡Y lo eres ya, de un pueblo Redentora!

II

Tiende tu vuelo ¡oh Musa! libremente
Por este vasto hogar de poesía :
Pasa en triunfo los mares de Occidente
Y allá, do más fulgores tiene el día,
Bajo el cielo dorado del Levante,
¡Clama que somos libres!

¡Vuela avante!
Y dí á los extranjeros
Que entre los brasileros
Nunca más mirarán viles esclavos.

Habla de nuestros genios, nuestros bravos,
Y de estos nuevos héroes (*) que triunfantes
Entregan á la Historia
Sus trofeos olímpicos de gloria,
¡Cual diadema de soles rutilantes!

Vuela ¡oh Musa! y repite el nombre augusto
De la regia Princesa Redentora,
La hija del Monarca sabio y justo,
Que brillo á las tinieblas dió de aurora.

(*) Los Abolicionistas.

¡ Proclámalo en los cielos y en los mares !...
Desde las pampas, llenas de verdores,
Hasta las cordilleras
Donde el volcán palpita en sus ardores...
Del Amazonas, — ese largo espejo
De la Naturaleza exhuberante,
Hasta el río sagrado
Del Indostán ¡ el Ganges coruscante !...
Del polo, en noche siempre y siempre helado,
Hasta la Andalucía,
¡ Tierra de amores donde impera el día !

Ardiente España, que es jardín de amores
Donde en noche de luna alegres cantan
Morenos campeadores,
Mientras las dulces niñas se levantan
De su lecho de flores,
Oyendo en las ventanas enrejadas
Las tiernas seguidillas requebradas.

Del mágico país maravilloso
Donde el Guadalquivir con triste acento
Murmura aquel lamento
Con que gemía Boabdil de amores...
Traspórtate á París : al glorioso
Emporio de esplendores,
Al moderno cenáculo de artistas
Que van de toda parte
A ostentar del ingenio las conquistas.

¡ París ! ¡ París ! ¡ la tierra prodigiosa,
Donde en el siglo vió la tierra entera
A Augusto Comte, á Hugo, á Bonaparte !...

De esa eterna ciudad, siempre hechicera,
Ve á la Ciudad Eterna, vuela á Roma,
Donde el pasado con orgullo asoma,
Como fantasma que de lejos busca
La antigua Libertad, hoy forastera...

Y allá, donde la luna triste alumbra
Del mudo Coliseo las ruinas,
Donde en la altiva cúpula sagrada
De *San Pedro* aun se oyen, en sordinas,
Las aladas orquestas de los cielos...
En su lienzos — de tela iluminada —
Como que tiemblan los flotantes velos,
De las *Vírgenes* bellas, inmortales,
Del Sanzio peregrino,
Y las Diosas sublimes, colosales,
Del Toscano divino,
¡ El Buonarotti espléndido, estupendo !

Y si el *Juicio Final* no te perturba,
Y tal prodigio de aquel genio viendo
No sientes rudos vértigos frecuentes,
Mira — si tu mirada el sol no turba —
Contempla el Vaticano,
Donde el Sumo Pontífice hoy entabla
La paz de los creyentes...
Y... arrodíllate y habla :

« ¡ Señor ! la *Rosa de Oro*, destinada
De la Iglesia á una hija tan piadosa,
Vino, como paloma confidente,
A posarse en la frente
De la rubia Princesa generosa
Que antes de ser la Reina, es coronada,

Con la mejor corona de victoria
Que en esta edad se ha visto :
Diadema de arreboles,
De estrellas y de soles,
Y de espinas también, cual la de CRISTO :
¡ De Amor, de Luz, de Libertad, de gloria ! »

. . . .
. . . .

Suspende ¡ oh Musa ! allá tu vuelo inquieto,
No vibres más la lira
Que tus heroicos cánticos entona ;
Aun en Italia mira
Otra frente que el pueblo ama y corona
De bendiciones, gracias y respeto :
Besa su sien de nieve .. es la persona...
¡ Ejemplo de los Reyes para el mundo !
Es... Don PEDRO SEGUNDO.

Él se olvida que es Rey, por su modestia,
Siendo Mecenas siempre ¡ y siendo Horacio !
Enfermo, la fortuna
Distante de su Imperio lo retiene...
Pero al volver, ahora, á su palacio,
En día tan espléndido y solemne,
Que mire con sorpresa,
En medio á populares bendiciones,
Como la augusta, angelícal Princesa,
Su trono ha puesto... ¡ en nuestros corazones !

III

¡Oh Musa! vuela... y habla al viejo mundo
Del Mundo Nuevo, que despunta ahora,
Como Venus surgió del mar profundo,
Entre espumas al brillo de la aurora.

Narra las maravillas asombrosas
De estas fértiles tierras prodigiosas,
¡Criaderos de diamantes,
Y mármol, y coral, y plata, y oro!

Habla de estos torrentes espumantes,
De la grandeza casta y soberana
De la Naturaleza Americana,
Que es de Dios el más pródigo tesoro.

Alza tu vuelo impávido del lodo,
Y enseña al mundo todo
Que el Brasil, al luchar por su derecho,
Hizo con fiestas, júbilos y flores,
¡Lo que los otros pueblos solo han hecho
Con guerras y con lágrimas, y horrores!...

VI

SOMBRAS

Cual bandada de leves golondrinas
Que se alejan buscando primaveras,
Tal vuelan mis creencias peregrinas

Por ese vago azul de las quimeras,
Cual bandada de leves golondrinas...

Como niños sonriendo entre alabanzas,
Cual espuma del mar, como celajes
Así también mis dulces esperanzas
Flotan siempre en fantásticos oleajes,
Como niños sonriendo entre alabanzas.

Como el viento se olvida de las flores
Do se ostentan las perlas de la aurora,
Te olvidaste — visión de mis amores —
Del joven que por tí suspira y llora,
Como el viento se olvida de las flores.

Cuando yo duerma en fría sepultura,
Sin rezos y sin lágrimas de amante,
Si de mí te acordares, virgen pura,
¡Canta mis versos, triste y palpitante,
Cuando yo duerma en fría sepultura!

VII

A UNA MUJER

Yo te alzaré donde jamás un hombre
A ninguna mujer pudo elevar;
Siento que puedo eternizar tu nombre,
Que el canto de mi amor te hará inmortal
(GUTIÉRREZ GONZALEZ)

Tienes el tipo aquel de las baladas
Que nos inspiran íntimos amores:
¡Ah! fuera yo el Fausto de tus sueños...
Y tú... ¡la Margarita entre las flores!...

Vibrando mi laúd bajo palmeras,
Ciego á la claridad de tus encantos,
Te quisiera expresar lo que ambiciono...
¡ Sentirías orgullo de mis cantos!

Quisiera revelarte mis anhelos,
Decir... lo que la voz decir no sabe...
Cosas que el alma llenan ¡ cuando el alma,
Llena de tanto amor, en sí no cabe!...

Quisiera conquistar lauros gloriosos,
Bañados con mis lágrimas brillantes,
— Y á tu frente ceñir esas coronas,
¡ Que sólo á las Beatrices dan los Dantes !

Abrazarte quisiera — en el delirio
Que consumió mi juventud entera...
Cual pájaro que, huyendo á la borrasca,
Ve en su nido á la tierna compañera.

Y cual dos ríos que por varias sendas
A la mar llegan siempre, nuestros nombres,
— Unidas nuestras almas inmortales, —
¡ Provocarán la envidia de los hombres !

VIII

VENUS

I

En su balcón, al extinguirse el día,
Emma se muestra pensativa y bella;

Y en tanto vibra una guitarra al lejos
Canto de amor dulcísimo por ella...
Luego la puerta se entreabrió y un joven
A Emma besa en ardoroso anhelo;
La misma puerta se cerró de pronto...

Y Venus surge en el azul del cielo.

II

Duermen ya todos... en la oscura calle
No se ve sombra de persona alguna:
Y en el balcón los dos amantes juntos
Bésanse al rayo de la blanca luna...
¡Ay! el gusano en la virgínea rosa
Sorbe el perfume de mayor desvelo...
¡Más una flor que se marchita y cae!

¡Y Venus llena de esplendor el cielo!...

III

Despunta el día: saltadoras aves
Trinan volando en el verjel sombrío;
Tiemblan los euros al besar las rosas
Y en las húmedas rosas el rocío;
¡Sólo no tiembla del *Don Juan* lascivo
El egoista corazón de hielo!
Y mientras llora de pasión la niña...

Venus desmaya en el azul del cielo.

IX

LUZ Y SOMBRA

Hay dos poemas tácitos
De bardos peregrinos,
Dos cánticos divinos
Que suenan sin rumor :
En uno — los arcángeles
Buscando van guarida...
En otro — nuestra vida
Se extingue en el dolor.

Uno es la cuna mágica,
Mecida noche y día
Por brisas de alegría,
De amor y de amistad ;
Otro — es el lecho trágico
Donde la vida humana,
Después de lucha insana,
Pasa... á la eternidad...

El niño es cisne cándido
Que boga en la corriente,
Al centellar fulgente
De bienhechora luz ;
Y es el anciano náufrago
En tempestad bravía,
Triste — como María
Al contemplar la cruz ...

Aquél tiene en los párpados
Los límpidos reflejos
De un astro que de lejos
Le muestra el porvenir;
De éste la frente pálida,
Mirando el cementerio,
Se nubla ante el misterio
Profundo — ¡que es morir!...

A las sonrisas plácidas
Del niño descuidado,
Me acuerdo del pasado,
Tan rápido al pasar...
Y ante el anciano trémulo,
Doliente y moribundo,
¡Triste contemplo el mundo,
Cual un revuelto mar!...

X

LA RESURRECCIÓN DE DON QUIJOTE

(A ANNIBAL FALCÃO)

I

En el siglo pasado,
No me acuerdo del día...
Don Quijote, el Jesús de la ironía,
Salió del cementerio... esperanzado
De encontrar en el mundo la ternura
Humana y la virtud divina y pura,

La fe, la caridad, la bizarría,
Con que soñara siempre en su locura.

Salió del cementerio,
Siempre sombrío y serio,
Más triste y solitario que el mendigo
Que anda de puerta en puerta,
Pues la ternura humana... encontró muerta.

Entonces, meditando gravemente,
En una biblioteca, aun existente
En la ciudad de Vigo,
Por un cura fué visto, casualmente...

Tan honda era la pálida tristeza
Del caballero trágico y famoso,
Que hasta los pergaminos polvorientos,
En aquellos oscuros aposentos,
Brillaban con más lustre y gentileza
Que su rostro marchito y anguloso.

Yo, reflexionando en mi descanso,
He conseguido adivinar la esencia
Do soliloquio suyo, en el remanso
De la propia conciencia :

II

PRIMER PASO

« Un día, al fin, caí descoyuntado,
Negra sangre manando mis heridas,
Ardiendo en fiebre y sed, desalentado,
Con las tristes ideas confundidas.

El sol, que centellante encadecía
Mi armadura de hierro, parecía
Abrazar la planicie : y me asfixiaba
Escaldando el gorjal, que me quemaba
El pescuezo oprimido,
Cual si fuera un collar de fuego intenso
En mi cuello suspenso,
A estrangularme el pecho dolorido.

Durante aquel desmayo, me cercaron
Mis visiones constantes y sinceras,
Ellas sólo, que nunca me olvidaron,
¡ Mis crueles y tiernas compañeras !...

¡ Soñé pugnas tremendas,
Acciones victoriosas!
Después... miréme entre floridas sendas,
Bajo azahar y rosas,
Y sentía mi alma columpiada
En ensueños de amores singulares,
Escuchando en la atmósfera agitada
La vibración de eróticos cantares...

¡ Ay ! desperté... La sed, hora excitada
Por el calor, la fiebre y las heridas,
Era como la hoja de una espada
A cortar mis entrañas resequidas.

Me levanté... pasaban en bandadas
Los niños que volvían presurosos
De la vecina escuela, y venturosos
Soltaban infantiles carcajadas.

Yo les abrí mis brazos
Y los atraje á mí, tierno y amante,
Con paternal cariño — todos, riendo,
Huyeron... ahuyentado con estruendo
Y á duros garrotazos
A mi fiel Rocinante,
¡A quién yo nunca he dado latigazos!...

III

SEGUNDO PASO

El domingo, en la aldea, ruborosas
Niñas bailaban mágicos boleros,
Con quiebros picarescos, más graciosas,
Al son de guitarrillos y panderos.

Son torneos galantes,
Unas justas (pensé) caballarescas...

A la córte de amor llego contento,
Me arrodillo em señal de reverencia
Y busco una pareja... En el momento
Todos, con insolencia,
Huyen de mí ¡soltando carcajadas!...

No escuchan mis protestas
Los hombres... y las niñas impudentes
Me apuntan con sus manos inocentes...
¡Haciéndome señales deshonestas!...

IV

TERCER PASO

Salvé siempre tu nombre omnipotente,
Señor Dios ¡oh Divina Esencia Pura!
Siempre te he bendecido,
Siempre he sido creyente,
Siempre la fe mi brazo ha defendido.

Pues una vez un cura,
Al mirarme en la iglesia arrodillado,
Del púlpito me indica y vocifera:
A los fieles diciendo... ¡que yo era
Un triste condenado!

¡. . . . .
. . . . !

V

CUARTO PASO

He defendido al Rey, prestéle atento
Respeto y homenaje;
Y además de mi simple vasallaje
Ofrendéle mi brazo y mi talento.

Y un tiempo, cuando auduve por las guerras
En pro de los humildes é inocentes,
Vendieron en subasta sus agentes
Mis heredadas tierras.

VI

QUINTO PASO

Nunca he tenido esclavos ni mancebas.
A mis fámulos siempre yo les daba
De protección y de amistad mil pruebas;
Si enfermaban, yo mismo los curaba;
Pues... todos... me robaron,
¡Y traidores é ingratos se alejaron!...

Hasta mi Rocinante, que conmigo
Se ha conducido siempre tan cordato,
Y en quien yo señalé mis trazos físicos...
Hasta él parece ingrato:
Pues ese viejo amigo,
Que es casi como Sancho tan sensato,
Cuando se halla en sus días metafísicos...
¡Me llama mentecato!

VII

SEXTO PASO

Una virgen amé... ¡mi Dulcinea!...
Nadie podrá jamás tener idea
De mi amor... ¡ni tampoco ha amado así!

¡Oh! ensueños de paz y de ventura...
Pero ella fué cruel, pérfida, impura:
¡Ay! no me traicionó... ¡se rió de mí!...

Cuando pude sondear la herida oscura
Que produjo en mi ser su risa ardiente,

En la noche me vi de la locura...
¡Y la vida perdí rápidamente!. .

VIII

SÉPTIMO PASO

Resusité de mi dormir profundo :
Y vengo, entre las turbas agitadas,
Buscando en este mundo
La virtud de las épocas pasadas.

Entro aquí... miro y abro con espanto
Esta novela, llena de ironía,
De Miguel de Cervantes Saavedra :
Fué hecha con la risa... ¡y causa llanto!
Tiene el fuego del genio... ¡pero es fría
Y dura como piedra!

Ella es mi vida triste y lastimosa,
Narrada por un genio altisonante
Con una carcajada clamorosa,
¡Eterna, retumbante!...

¡Genio del pensamiento! ¡Desgraciado
Aun más me siento cuando te he leído!...
— El genio de mi amor has profanado,
¡Oh genio! ¡ni tu mismo has comprendido
Mi sublime ideal, puro y sagrado!...

Tu libro mofador me deja atento
Oír hablar la humanidad ingrata :
Y escucho con tormento
La mofa torpe, el chasco detestable,

El desprecio perenne, interminable,
Que me torna inmortal... ¡pero me mata!

¡Oh Cervantes! tu libro bien podría
Ser la parodia eterna y gloriosa
Del *Amadis de Gaula*... sí, debía,
Al pasar por tu mente prodigiosa,
De mí dar otra idea;
Pues con tanta pericia
Bien pudiste escribir una Odisea
De Amor, de Lealtad y de Justicia:
Mas esto... es para mí ¡oh triste suerte!
¡La terrible Comedia de la Muerte!... »

IX

Y Don Quijote, trémulo, orgulhoso,
Dejando el libro abierto, en el momento
Salió del aposento,
Siempre sombrío, y triste, y silencioso.

Tiempo después, el cura,
Al abrir aquel libro de Cervantes,
Vió en él resplandecer una figura
Que nadie miró antes ..

— Representaba al lidiador caído,
Muerto, manando sangre su cabeza;
¡Y en su rostro anguloso y consumido,
Una expresión de trágica tristeza
Dibujaba uñ pesar indefinido!...

Caracas: 14 de junio de 1889.

LIVRO V

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

TRADUZIDAS EM VARIAS LINGUAS [5]

I

MULIER

MUCIUS TEIXEIRA

Ut rosa, sic poterit mulier formosa videri,
Pulchrâ nec terris quidquam pretiosius existat;

Mens mala mutatur, mulier si casta refulget,
Quique videt, subito prosternitur ante pudícam:

Si bona, vel conjux, mater, vel nata, sororque,
Flos, lux, et volucris fiunt meliora per illam.

Tu vero, Vates, qui talia conjuge cernis,
Jam citharam pulsa; jam conjugis edito laudes.

Dr. Castro Lopes.

Rio de Janeiro, 1887.

II

EL SUEÑO DE LOS SUEÑOS

MUCIO TEIXEIRA

Cuanto me vuelvo más á lo pasado,
Más siento haber pasado no advertido

De tanto bien cual mal reconocido,
De tanto mal cual bien recompensado.

Tiendo en vano los ojos, fatigado,
Por el desierto campo recorrido :
¡Cuánto anduve en tan poco! ¡Y ya perdido
Todo está cuanto ví sin ser mirado!

Y prosigo mi senda, hacia adelante,
Viendo lo que más ansio más distante,
Y mi ventura ya desvanecida.

Cuanto me vuelvo más á lo pasado,
Hallo la vida un sueño mal soñado
De quien ni sueña que es soñar la vida.

José Antonio Calcaño.

Caracas, 1888.

III

SARAH BERNHARDT

MUCIO TEIXEIRA

Elle est là devant toi, peuple brésilien,
La femme qui surprit le vieux monde — et le tien,
Celle qui répandit la gloire et la lumière,
Soleil au firmament de l'art — et — nouvelle ère!...

— Splendide vision! rêves de l'univers!
Tu volas tes feux aux antres des enfers

Et ta froideur de marbre à l'antique statue;
Voyageuse des arts! solitaire en la nue
Errante tu t'enfuis; tes immortels rivaux
Sont dans la nécropole ouverte à leurs tombeaux!..

Ici que viens tu faire au pays des montagnes?
Viens-tu voir nos forêts? nos étranges campagnes?
Ou bien... pour offusquer des soleils de tes yeux
De ce pays nouveau le soleil merveilleux!

Autrefois, je croyais: que dans les solitudes
De nos vierges forêts, écoutant les prédules
De ce chant si suave et si doux des oiseaux,
Qu'on ne pouvait entendre ailleurs des chants si
Mais de ta douce voix écoutant la musique [beaux;
Je compris qu'en ton cœur est ce chant mélodique!

Peuple! je t'applaudis, silencieux, ravi;
Pour ton enthousiasme encore inassouvi
Qui t'a laissé sans force aux pieds de cette femme
Ainsi que le jaguar attaqué par la lame
Qui lèche sa blessure et se roule au desert
Et dont la flèche est là dans le cœur entr'ouvert!..

C'est la force domptée ici par la faiblesse
Les hommes — la valeur — et la femme l'ivresse;
C'est la lutte sublime et bataille sans mort
Où le beau s'impose aux ovations du fort!..

Et sur tous vient planer l'ange de la victoire,
Car elle est l'art français, le Génie et la Gloire!

Et devant cette femme au talent merveilleux,
Mon front devient rêveur, mon esprit soucieux,

En la voyant passer triomphante : je pense
Que la blonde Phoebé malgré cette distance
Dans la nuit transparente agite ainsi la mer,
Que son calme est troublé jusqu'en son gouffre amer
Sous le froid satellite enveloppé de brumes,
Le flot épuisé jette un tourbillon d'écumes.

Salut! femme sublime! O prodige de l'art!
Salut! O peuple heureux qui vis Sarah Bernhardt,
Toi qui pus contempler de près ce grand génie
Que le Seigneur écoute en sa sphère infinie.

Alice de Chazot.

Paris, 1886.

IV

IL SOGNO DEI SOGNI

MUCIO TEIXEIRA

Quanto più lancio lo sguardo al passato,
Più lamento di non aver atteso
A tanto bene — cosi mal compreso,
A tanto mal — si ben ricompensato!...

Invan rivolgo lo stanco sguardo mio
Per l'oscuro cammino già percorso :
Errai tanto — si presto... che già porso
Vedo, tutto ció che viddi, senza l'io!

E cosi sieguo sempre più avante,
Vedendo, ciò che bramo, più distante;
Senz'aver nulla — di tutto quel che avea...

Quanto più lancio lo sguardo al passato,
Credo la vita — sogno mal sognato
Di chi nè sogna, che a sognar vivea!

Rosa Rossi.

V

A' MI HIJITA

MUCIO TEIXEIRA

De mi noche eres aurora,
Dulce hija que naciste
A ensayar tu risa... ahora,
Cuando sin fe lloro triste!

Tú me nombras, hija mía;
Me insulta la envidia cruenta;
Y al hielo de esta ironía
Mi hondo tedio se acrecienta.

Si antes hubieras nacido,
Cual mi Alvaro, ha tres años...
No me hubieras visto hundido
En un mar de desengaños.

Tarde viniste: tan dura,
Tan amarga es hoy mi suerte,
Que á mi corazón tortura
Presentimiento de muerte.

Él me acosa y me quebranta...
¡Mas la fe vive en mis sueños!
¡La eterna noche me espanta
Por mis dos hijos pequeños!...

Ah! si callo, en tanto lodo,
Cuando nombrarme te escucho,
Es que la nada hallo en todo...
¡Es que con el tedio lucho!

Si hay dolor que el alma rinda,
Miedo en que el alma zozobre,
¡Es ver que naces tan linda,
Hija de un padre tan pobre!...

Julio Calcaño.

VI

LA MUJER

DE DON MUCIO TEIXEIRA

Si la mujer es bella, de la rosa
La cándida beldad deslustra élla;
Y no hay cosa en el mundo más preciosa
Que la mujer, si la mujer es bella.

Si la mujer es pura, de la mente
Ahuyenta el vicio y la virtud procura...
Y las almas en éxtasis ferviente
Véis á sus pies, si la mujer es pura.

Si la mujer es buena: esposa, hermana,
Ó madre, ó hija; ni raudal que suena,
Ni canto de turpial, ni azul mañana,
La igualarán, si la mujer es buena.

Y tú que ves en tu feliz esposa
La virtud, la beldad y la pureza,
Canta ¡oh bardo! con cítara armoniosa
¡De tantos dones la immortal belleza!

Felipe Tejera.

VII

EL LEÓN ENFERMO

(MUCIO TEIXEIRA Á D. PEDRO II)

Cual los héroes antiguos que la historia
En sus relatos épicos nos pinta,
Que al caer aun mimados por la gloria
Contemplan tristes la esperanza extinta,
Los altos montes y el azul del cielo
Como entre nubes de crespón doliente:
El mar, que lucha en eternal desvelo;
El sol, que es siempre sol aun en poniente;

Así postrado al fuerte no vencido
Mirad luchando por altivo erguirse,
O escasas ya las fuerzas, decaído,
De su pueblo en los brazos adormirse.
Luego miradle: — álzase valiente
Y águila regía que en el éter mora,

A su mirada olímpica se siente
Que despierta la Patria á nueva aurora.

En las horas de fiebre en que se agita
En confuso tropel el pensamiento,
Blanca paloma en su interior palpita
Y canta versos épicos su acento;
Que no en la sombra y en delirio aciago
De la consciencia airada la voz siente;
Sueña como poeta, y boga en lago
De onda apacible, azul y trasparente.

En esas horas tristes, cuando el susto
Nos asalta, — que luego no sentimos —
Soñar él puede, con la paz del justo,
Sin sufrir por nosotros que sufrimos;
Y es entonces que, trágica y siniestra,
De sus ministros el reir artero
La fiebre acaso con verdad le muestra...
¡ Y de sus pueblos el dolor sincero !

En reposo le ví, tranquilo y fuerte,
Audaz y activo en rápidos viajes,
Y en la calma ó tumulto, de igual suerte,
Recibir bendiciones y homenajes,
Expresión éstas del amor nativo
Cual rosas que á su paso se abren puras,
Y aquellas, ¡ gratitud de un pueblo altivo
Que sube como incienso á sus alturas!

Nunca fue más hermoso ó más sublime
El amor que se olvida de si mismo
Y en la noche del mal salva y redime,
¡ Luz suspendida al borde de un abismo!

Y así como fanal que en templo oscuro
Disipa con su luz toda quimera,
El se ha de alzar con gloria ante el futuro
Cual claro sol de alegre primavera.

Está en reposo ahora, y es más bella
Que la imperial espléndida corona,
La de alba nieve de su sien, porque ella
Su amor al pueblo y su cuidado abona.
¡Cuán dichosos los reyes! se murmura;
¡Mas qué triste es su suerte! ¡qué oprimidos!...
¡Pues como montes de mayor altura
Por el fuego del cielo son heridos!

Está en reposo ahora. Duerme y sueña
Y sonrisa infantil vaga en su labio,
Que siempre en alto del deber la enseña
No hace el recuerdo á su consciencia agravio;
Y son las horas de su vida entera
Como un íris radiante de victoria.
¡Del trono del Brasil, noble heredera,
Tienes un padre símbolo de gloria!

Heraclio M. de la Guardia.

VIII

PRIMERA AUSENCIA

MUCIO TEIXEIRA

¿En dónde están los ojos seductores
De mi existencia luz? ¿Por qué no veo

El regazo en que vive mi deseo,
Lecho feliz, altar de mis amores?

¿Dónde del labio ardiente los rubores
Que me dieran tan dulce devaneo?
¿Dónde la hermosa que constante creo?
¿Por qué no vuelve á mí con sus favores?

« ¡Soy tuya! » ella me dijo. En ese instante
Vino junto á mi pecho delirante
A compartir mis locos desvaríos.

Desde entonces perdí ventura y calma;
Pues aunque, noche y día, está en mi alma,
Ya no la estrechan ¡ay! los brazos míos.

Jacinto Gutiérrez Coll.

IX

LA SIESTA

DE D. MUCIO TEIXEIRA

Cual rey del espacio, en medio del cielo
Descoje sus rayos ardientes el sol...
La sombra en la selva detiene su vuelo;
        Y bajo el ramaje
        Del bosque salvaje
Se esconde medrosa del ígneo arrebol.

Allí solitaria, feliz y tranquila,
Bajo arbol frondoso del Sur del Brasil,

Velada la inquieta, radiante pupila,
Hermosa morena
Dormita serena
Sonriendo al arrullo de sueño gentil.

¡Desnuda y hermosa! Se siente al encanto
De tanta belleza letal languidez;
Húmedos los ojos de amor, no de llanto,
En rapto fogoso,
Su cuerpo nervioso
Da saltos felinos, soñando tal vez.

Ostenta su seno las formas turgentes,
Y el labio convulso, su afán de reir;
Si entonan las aves sus cantos dolientes,
Los brazos agita,
Se asusta, palpita,
Y torna risueña, feliz, á dormir.

Y sueña, en deliquios de plácida calma,
Cual cuentan antíguas leyendas del Rhín,
Que á un príncipe rubio, señor de su alma,
Se entrega rendida,
Y duerme, querida,
Por meses, por años, por siglos sin fín.

Sus negros cabellos, con alas ligeras
Agitan los Genios del aire al pasar,
Fingiendo al oido la voz plañidera,
Los ecos perdidos,
Dolientes gemidos
Que dan á los vientos las ondas del mar.

Del bronce sagrado vibrante remedo,
Su grito estridente un ave lanzó;
La pálida joven, temblando de miedo,
Cubrió diligente
Su seno turgente,
Y, al aire el cabello, la selva cruzó.

A orilla de un lago su rauda carrera
Detiene un instante, transida de horror;
Al tronco abrazada de verde palmera
El cuerpo afianza;
Al lago se lanza,
Y oculta en sus ondas tesoros de amor.

Diego Jugo Ramirez.

X

MI REQUEZA

DE MUCIO TEIXEIRA

Tienes, mujer querida,
En tus labios gemelos
El color que da celos
A la rosa encendida,

Cuando apenas nacida
A la luz de los cielos
Se ostenta en sus hoyuelos
De diamantes vestida.

Tú tienes cuanto encierra
El cielo, el mar, la tierra :
Astro, coral y flor.

Yo tengo todavía
Algo mejor, María,
Tú lo sabes : — tu amor.

Eduardo Calcaño.

XI

HOMENAGE

DE MUCIO TEIXEIRA

(EN EL CENTENARIO DEL MARQUÉS DE POMBAL)

En cuanto el pueblo en Portugal se atreve
De noble independencia á dar ejemplo,
Heroico el pueblo del Brasil se mueve,
¡Y el mismo altar les ve y el mismo templo!

Un tiempo... fué el Brasil sombra gloriosa
Que al través de tres siglos se extendía;
¡Hoy es cual luz radiante y poderosa,
Como la luz del luminar del día!

Entre los héroes de la insigne historia
De esta patria de heroicas tradiciones,
Álzase de Pombal la alta memoria
Cual águila de un antro de leones.

Aquí : la Inquisición, como tormenta,
Huyendo con pavor del vasto imperio;
Allá, Lisboa, que su reino asienta
Sobre ruinas de inmenso cementerio.

Del luso admiración ¿quién no la ha visto?
Rotos hierros cercando el pedestal,
Solemne, altiva, cual la cruz del Cristo,
Levántase la estatua de Pombal.

Julio Calcano.

XII

SONETO DE MUCIO TEIXEIRA

Tienes formas de Venus florentina,
Y de imperial alcurnia la altiveza;
Tu voz suena con ritmo que alucina,
Y es tu aspecto de olímpica grandeza.

Para hacerte labró Naturaleza
La gracia más hermosa y peregrina,
Y al ver en ti tan singular belleza
Quebró su molde y te llamó divina.

Por eso temo yo que de la altura
Y de tanta beldad enamorado
Baje un ángel por ti con raudo vuelo.

¿Cómo luchar con él, yo sin ventura?
¡Yo que llevo la afrenta del pecado!
Si tú no eres de aquí sino del cielo!

Felipe Fejera.

XIII

SERENATA

MUCIO TEIXEIRA

I

Si tú me vieses soñando,
Soñando siempre contigo,
¿Querrías vivir volando,
Volando siempre conmigo?
—Querrías?...

Habla, mi niña; responde :
Si con mis vuelos soñases
Y con tus sueños volases,
Adonde irías?
—Adonde?...

II

¿Irías hasta Sorrento,
Madona mía ideal?
La góndola en movimiento
Está ya sobre el canal...
—Irías?...

Háblame, niña, responde :
Si con mis vuelos soñases
Y con tus sueños volases,

Adonde irías?
—Adonde?...

III

¿A Italia? Sí, que es la tierra
De las ardientes pasiones,
Donde amor todo lo encierra,
Músicas, besos, visiones...
—No irías?...

Angel de fe y de bondad,
Si con mis vuelos soñases
Y con tus sueños volases,
A Italia irías...
—¿Verdad?...

D. Jugo Ramirez.

XIV

SUEÑO DE LOS SUEÑOS

DE D. MUCIO TEIXEIRA

Cuando vuelvo mis ojos al pasado
Lamento más no haberme detenido
Por tanto bien — tan mal correspondido,
Por tanto mal — tan bien recompensado...

Hoy dirijo la vista, ya postrado,
Por el oscuro campo recorrido :

¡Tanto anduve! ¡que encuentro en el olvido
Mi propio sér, sin alma, abandonado!

Y asi prosigo ansioso en mis arrojos,
Mirando lejos lo que tánto he amado,
Y aquí... ¡la nada! que á mi sér proscribe...

Cuando el pasado miran más mis ojos,
¡Juzgo la vida un sueño mal soñado
De aquel que sueña que soñando vive!

G. Uzcanga.

XV

¡TU... SOLO TU!

MUCIO TEIXEIRA

I

Oigan otros las notas peregrinas
De Schubert, Massenet ó Berlioz;
Del numen de Mozart las cavatinas,
De Boito las fantásticas sordinas;
Yo prefiero tu voz.

II

Miren otros los lienzos deslumbrantes
De Murillo, del Sanzio ó de Makart;
De Ribera los ángeles radiantes;
A Fornarina en formas palpitantes
Prefiero tu mirar.

III

Gozen otros instantes que embelesan,
Gratos como el aljófar á la flor ;
Sonrían, como novios que se besan,
Que á las dichas que á ellos interesan
Yo prefiero tu amor.

Eduardo Calcano.

XVI

CAMPO-SANTO

MUCIO TEIXEIRA

Ya viene el triste día de finados,
En que los vivos van en romería
A orar por los que yacen sepultados
En fosa oscura y fría.

Y no muy tarde nuestros hijos bellos
Irán á nuestras tumbas ese día;
! Y el oro ocultará de tus cabellos
La fosa oscura y fría!

Pronto la vida acabará en mi pecho...
Y tú también irás, triste y sombría,
A mi postrero y silencioso lecho :
La fosa oscura y fría.

¿A qué tu paso al cementerio avanzas?
¿Qué necesitas ir?... Oye, María:
Mi pecho es cementerio — de esperanzas!
¡Fosa — mi corazón — oscura y fría!...

D. Jugo Ramirez.

XVII

VENENO SOCIAL

MUCIO TEIXEIRA

Jamás la mano pura de las vírgenes
Roce siquiera á la mujer perdida;
Que el contacto tan sólo de su túnica
La sangre inflama y el pudor marchita.

Ella con gasas de labor artístico,
De oro y seda bordadas se atavía;
Y la ondulante falda cubre pérfida
La lepra que aquel cuerpo estigmatiza.

El seno inverecundo se alza túrgido,
Cual blando nido que al amor cautiva;
Y sólo es el tenebroso féretro
Donde por oro un corazón palpita.

Allí letal veneno apuran míseros,
Cuantos ardiendo en sórdida lascivia,
De aquel abismo al borde, arrastra el vértigo
Hasta el inmundo cieno de la sina.

Es por ella que en vano acerbas lágrimas
Vierte la esposa cuyo honor mancilla;
Y la madre á sus hijos mira esquálidos
Al venenoso aliento que respiran.

Huíd de que os fascine, incautos jóvenes,
Con sus hechizos la mujer perdida;
Que empozoñada está su blanca túnica
Cual la veste infernal de Dejanira.

Diego J. Ramirez.

XVIII

IRONIA DE UNA ESTATUA

DE MUCIO TEIXEIRA

Catalina de Rusia, que sentía
Por Voltaire una extraña simpatía
Encomendóle á Houdon, gran estatuario,
Magnífico prodigio de escultura
El cual llevase hasta la edad futura
La efigie de aquel sabio solitario.

Asombro tal del Arte
No vió la Emperatriz, más sí su hijo
Que cual airado Marte
Ante la estatua dijo :
— « Lleváosla de aquí, doquiera sea;
¡ Donde quiera que yo jamás la vea ! »

Años después, el gran Señor augusto
La pleve oye rugir so la muralla;

Mas él, con ceño adusto
Pone pasmo y silencio á la canalla...

Cruza luégo una espléndida crujía
Do resaltan imágenes de gloria;
Ante un busto que aleve le veía,
Que en su mente despierta atroz memoria;
Que altivo allí se engríe,
Y de todo parece que se ríe.

Circulan por su espírito abultados
Pensamientos fatídicos de horrores
Como demonios por Satán airados
E increpando á sus grandes servidores
Ordena que la estatua despedacen
O la quiten de allí.

— ¿Cómo agradaros,
Si es un primor del Arte en mármol Paros?

— Todo será; pero me espanta el modo
De su riza fatal, crispa mis nervios
Ese que está riéndose de todo.
Así á quitar de su palacio aspira
Aquel fantasma que terror le inspira.

Llegaron otro día
A decir hijodalgos al Monarca,
Que ya una torre con fragor ardía:
Que ya el incendio su palacio abarca,
Mas las torres que asombro al mundo fueron
Del gran incendio y su furor rieron.

El coronado Rey busca anhelante
Socorrerse en la opuesta galería

Que está de su palacio hacia el Levante;
Mas á la luz que vierte
El rojo incendio, advierte
El mismo busto aquel, que allí se engríe,
Y de todo parece que se ríe.

En ímpetu violento
Y con robusta mano
Romper osa el soberbio monumento;
Mas fue su enojo vano,
Pues el golpe imperial apenas pudo
Mover el pedestal del sabio mudo.

— ¡ Quitad este baldón de mi palacio !
Clamaba enfurecido,
¡ Ay de aquel, que á mis órdenes rehacio,
Muestre piedad por tan atroz bandido?

Museo de escultura
De la difunta Emperatriz, había
En un salon secreto. Allí podía
Reposar la satánica figura
Lejos del mundo y del monarca augusto.
Allí fue conduzido
El solitario busto
Y puesto en sombra de perpetuo olvido.

Corrieron voladoras
Las inconstantes horas...
Y la Fama, que airosa gallardea,
Del mundo á los confines
Con bélicos clarines
Canta las glorias que ganó en Crimea.

Mas el gran Nicolás que presentía,
Con no sé qué fatal presentimiento,
Que ya el sol de su gloria se ponía,
Ve llegar á su espléndido aposento
Y con semblante que el pesar altera,
Un heraldo que habló de tal manera :

— ¡ Vencido estáis, oh gran señor, vencido
En la batalla de Alma !
Al escucharlo El-Rey pierde la calma
Y exclama para sí, de horror transido :
¡ Si dice la verdad, estoy perdido !

Inmovel un momento
Permanece el monarca y silencioso;
Mas luégo un pensamiento
Funesto y tenebroso
Discurre por su mente :
¡ Ya no parece un Rey sino un demente !

Y vaga desolado
Del uno al otro lado;
Ya tímido se pára
Cual si su propia sombra le asustara :
Ya mira el cielo azul sin nube alguna,
Y que alumbra la luna
Un pedazo de mármol de Carrara.

La figura fantástica del paria
Allí estaba, en la yerma galería;
La misma estatua muda y solitaria
Que de todo en el mundo se reía.

Con rostro cejijunto:
— Que venga, manda, su ministro al punto.
Lo ve llegar, y con airada diestra
La figura fatídica le muestra.

— ¡ Perdonadme, señor! De vuestros fieles
El más constante soy; mas la escultura
Fuera envidia al cincel de Praxiteles.
Ni ¿ cómo si os figura
Esta efigie romper, por más que os cuadre,
Si es recuerdo inmortal de vuestra madre?

Tornó á su mente la perdida calma
Y la razón perdida,
Curada ya la penetrante herida
Que la estatua fatal abrió en su alma.

Era el ministro astuto
Y, cierto, no quería
Perder por exabruto,
Lo que ganado con ardid había.
Y porque nunca viera
La estatua el Rey que impera,
La puso en los salones
De la real Biblioteca y manuscritos,
A donde sólo van, en ocasiones,
Para el tedio matar, los eruditos.

Dijo el ministro : *¡ Eureka !* Otro qualquiera
Idea tan feliz no concebiera.

¿Del ministro atinó la mente clara?
Yo no lo sé; pero al lector advierto
Que puede ser incierto...
Atinar un ministro: ¡cosa rara!

Felipe Tejera.

Caracas, Enero de 1889.

NOTAS

NOTAS

NOTAS DO TOMO I

1. — Um volume de XXXIII—212 páginas, prefaciado por JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, dividido em 3 partes : *Intimas*, *Diversas*, *Humorísticas*. — Typ. do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1873. (São versos dos 12 aos 15 annos).

2. — Poema em 5 cantos, de metrificação variada, publicado em 1873-1874, em fragmentos, em revistas literarias de Porto-Alegre e no jornal *A Academia de S. Paulo*, precedidos de um longo juizo critico do Dr. ANTONIO PALMEIRO, poeta e jornalista porto-alegrense, fallecido na flor dos annos, pouco depois de ter sido deputado provincial e presidente da provincia de Santa Catharina.

3. — Poesías, prefaciadas pelo Dr. OLIVEIRA BELLO. — 1 vol. de 216 páginas, edição da *Imprensa Literaria*. Porto Alegre, 1875.

4. — Collecção de 54 poesias, que se perdeu no naufragio do vapor *Guahyba* a bordo do qual o autor esteve durante sete dias esperando a morte a todo o momento. Conseguiu mais tarde, por um esforço de memoria, recapitular mais da metade dessas composições; mas conservou-as inéditas até hoje, por lhe parecer sacrificada a expontaneidade primitiva.

5. — Um volume de poesias, de 396 páginas, dividido em 3 partes : *Vozes da Mocidade*, *Vozes do Século*, *Vozes do Coração*. Edição do *Jornal do Commercio* de Porto-Alegre, 1877.

6. — Poema dramático, em XII quadros da tragedia de GOETHE. 1ª edição (1877), 2ª (1879) e 3ª, (1882), todas esgotadas. Um volume de 248 páginas.

7. — Drama en verso, traduzido do original de CAMPRODON. Prólogo e tres actos. Foi publicado em rodapé na *Gazeta da Noite* do Rio de Janeiro, 1879.

8. — Lendas e poemas, 1 volume de 242 páginas, edição da Livraria F. Leal. Rio de Janeiro, 1879.

9. — Poema em 7 cantos, 1 volume publicado em fascículos, editor Serafim José Alves, Rio de Janeiro, 1879.

10. — Poema, 1 volume de 112 páginas, edição da Livraria Lombaerts. Rio de Janeiro, MDCCCLXXX.

11. — Poesias, divididas em 4 partes : *Flores do Pampa*, *Somnâmbulas*, *Vivandeiras*, *Páginas de bohemia*, 1ª edição (1879), segunda (1880), terceira (1890) e quarta em 1898, todas esgotadas. Um volume de 432 páginas.

12. — Poesias, 1 volume de 216 páginas, com o retrato do autor. Rio de Janeiro, editor Hildebrandt, 1882. Tem nova edição, de 1885, precedida do juizo crítico dos escriptores nacionaes e estrangeiros; 1 volume de 300 páginas.

13. — Sátyra politica, 1 fascículo de 16 páginas. A primeira edição tem o pseudônymo de MUSSET ; a segunda sahiu com a assignatura do autor. Rio de Janeiro, typographia da Livraria do Povo, 1882.

14. — Poema político contra um senador do Imperio. Um volume de 126 páginas, tres edições esgotadas. Porto Alegre e Pelotas, 1881-1882. O editor da 1ª foi o proprietario do *Conservador*, jornal político; o editor da 2ª foi o Dr. FERNANDO OSORIO, o da 3ª o Dr. SILVA TAVARES.

15. — Poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por Poetas Brasileiros, com a biographia do Mestre por MUCIO TEIXEIRA, que traduziu muitas poesias, além de um poema original com que completa a obra. Edição de luxo, mandada fazer pelo Imperador D. PEDRO II, á sua custa, na Imprensa Nacional. É um volume de 494 pánal, impresso todo a duas cores. Rio de Janeiro, 1885. Tem segunda edição, mais simples, ambas esgotadas.

16. — Poema paraphraseado de LORD BYRON. 1 volume de 66 páginas, 1883.

17. — Edição de luxo, mandada fazer por Sua Alteza a Augusta Princeza Imperial Regente. Um volume de 238 páginas, todo a duas cores, com uma lyra doirada na capa e o retrato do autor (em phototypia). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, MDCCCLXXXVIII. Tem seguida edição, ambas esgotadas.

18. — Poema de *Larming* (pseudônymo), prefaciado por D. GASPAR NUÑES DE ARCE. 1 volume de 262 páginas, Rio de Janeiro, edição da *Revista do Novo Mundo*, 1891. Tem 2ª e 3ª edições esgotadas.

19. — Poema heróe-cômico, contra um deputado castilhista... 1 volume de 120 páginas, edição do *Mercantil* de Porto Alegre, 1895.

20. — Publicadas no *Jornal do Commercio* e no *Mercantil* de Porto Alegre (1893-1895), no jornal *A Bahia* (1896) e na *Cidade do Rio* (1899).

21. — Traducção livre dos seguintes poemas de CAMPOAMOR : *A Noiva e o Ninho*, *Doces cadeias*, *A historia de muitas cartas*, *Don Juan*, *O trem expresso*, *Os amores na lua*, e *O último sonho do Dante*, fragmento d'*El Drama Universal*.

22. — Poema chinez, em 4 cantos, do qual sahiram fragmentos no *Jornal do Brasil*, em 1901.

23. — Ultimas poesias de MUCIO TEIXEIRA, divididas em duas partes : a primeira, mystica, intitulada *Amuletos;* a segunda, satánica, intitulada *Amavios*. O livro está no prélo, um volume de mais de 300 páginas sob o titulo geral de *Campo Santo*, com illustrações.

24. — Epopea nacional, ainda em elaboração.

25. — Todos estes dramas estão manuscriptos, tendo sido representados *A Virtude no Crime*, no Rio de Janeiro (1880) e o *Montalvo* na Bahia, em 1898.

26. — Causas e effeitos da revolução federalista no Rio Grande do Sul, em 1893; un volume de 380 páginas, com a Constituição rio-grandense, edição do *Jornal do Commercio*, 1893.

27. — Synthese bio-bibliográphica, nos séculos XVII, XVIII e XIX. E uma obra em 4 volumes, da qual apenas

está impresso o tomo primeiro. Porto Alegre, edição do *Jornal do Commercio*, 1896.

28. — Resumo histórico dos nossos quatro séculos de elaboração mental. São 3 volumes : o 1°, dos *Tempos coloniaes ;* o 2°, *Do primeiro reinado até a minoridade*; o 3°, *Reinado de D. Pedro II*. As duas primeiras épocas e o principio da 3ª foram publicadas no *Jornal do Brasil*, 1901 e 1902.

29. — Crítica literaria dos autores nacionaes, editados pela casa Garnier, nestes últimos annos.

30. — Biographias dos Rio-Grandenses illustres na sciencia, nas letras, nas armas, na política, no commercio e na industria.

31. — Observação e análvse do meio corográphico, político e social, com a descripção dos typos populares e a biographia dos homens eminentes.

32. — Diario humorístico dos escândalos nacionaes que se têm reproduzido depois de 15 de novembro de 1889. Esta obra só poderá apparecer depois da morte do autor.

33. — Trata do seguinte : As Exposições e os Centenarios ; a Exposição Artístico-Industrial Fluminense de 1900; desenho e pintura; a photographia; a calligraphia; os relógios ; a música e a civilisação ante-colombiana; instrumentos indígenas; *Ollanta* (a *Iliada* americana); a música no Brasil, compositores e cantores brasileiros; *specimens* de chumbo, de ferro e arame ; obras de cimento e tijolo; ourivesaria; instrumentos cirúrgicos; trabalhos de próthese dentaria; mineralogia; indústria chimica e pharmacêutica; a luz artificial; Luiz Tarquinio e a *Villa Operaria;* o tear de Jacquard; tecidos de sêda, bordados e rendas; o histórico do chapéu; sellaria ; objectos cerámicos; a porcellana, o vidro e os ladrilhos; a evolução do calçado; marcenaria; os phósphoros; o fumo (tabaco) e seus preparados; o café; o matte; a extensão territorial do Brasil; a agricultura, etc. Um volume in-4° br. de 246 páginas, adornado de illustrações e retratos em photogravura. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1901.

34. — Prefacio (de 89 páginas) da edição definitiva das *Obras Literarias* de F. J. Bethencourt da Silva, 1 vo-

lume de III—465 páginas, edição de luxo. Rio de Janeiro, 1901.

35. — Um volume de 345 páginas, com 2 retratos do poeta, edição de luxo. Bahía, 1896.

36. — Ephemérides nacionaes das forças de mar e terra, desde os tempos coloniaes até a época da publicação, com a biographia e o retrato dos heróes, a descripção das batalhas, com o respectivo mappa, e a cópia em photogravura dos nossos quadros históricos. A obra completa deve dar 4 grandes volumes, de mais de 500 páginas cada um. O autor começou a publical-a em fascículos mensaes, de 32 páginas, in-4.º fr., ornadas de grande número de illustrações.

37. — Biographia de D. PEDRO II, demonstrando que a sua bondade parecia querer suplantar a sua propria grandeza moral e social.

38. — Impressões do primeiro anno passado na terra de BOLÍVAR, com o perfil dos seus grandes homens e a análvse do seu adiantamento moral.

39. — Perfis em verso de poetas venezuelanos.

40. — Biographia do grande americano que desmoronou a Bastilha de vinte annos de dictadura de GUSMAN BLANCO.

41. — Traducções de poetas brasileiros e portuguezes.

42. — Poesías em lingua castelhana; 1 volume de XVI—463 páginas. Caracas. Imp. y Litog. del Gobierno Nacional, 1889.

43. — Um elegante volume, de 254 páginas, com o retrato do autor. Barcelona, 1889.

44 (*página* 10). — JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS nasceu em Porto Alegre em 1848 e falleceu na mesma cidade em 1892. Foi poeta, romancista, dramaturgo, orador e jornalista.

Redigiu varias folhas políticas e literarias, foi um dos fundadores do Parthenon Literario, em cujas revistas collaborou activamente, além da revista *Murmurios do Guahyha*, de sua propriedade e direcção.

Nesta edição se encontra uma amostra da poesia e da prosa do festejado autor dos *Serões de um Tropeiro* e das *Rosas de Maio*. JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS foi o mestre de MUCIO TEIXEIRA, emendou-lhe os primeiros

versos e animou-o a publical-os. Os tópicos citados são do prefacio do volume das *Vozes trémulas.*

45 (*página* 11). — *O Polyantho*, de páginas 11 a 128 é transcripto do *Diario da Bahia*, collecção de 1895. A redacção desse conceituado jornal, que era então propriedade de uma das dignas irmãs de CASTRO ALVES, ao publicar essa serie de artigos (sob o titulo de *Mucio Teixeira e seus livros julgados por escriptores nacionaes e estrangeiros*), precedeu-os das seguintes linhas:

« Das officinas deste *Diario* acaba de sahir, nítidamente impresso, um volume de perto de 400 páginas, contendo a biographia do grande poeta bahiano CASTRO ALVES devida á penna laureada de MUCIO TEIXEIRA.

« Por mais que dissséssemos sobre o novo trabalho de MUCIO TEIXEIRA, diriamos menos do que dando á publicidade em nossos columnas o juizo crítico de diversos escriptores, nacionaes e estrangeiros, sobre as obras do poeta rio-grandense, o mesmo que acaba agora de fazer o mais completo estudo sobre o nosso glorioso poeta ».

46 (*página* 11). — O nome de SARAH BERNHARDT é tão universalmente conhecido, que dispensa qualquer commentario.

46*bis* (*página* 12). — LUIS NICOLAU FAGUNDES VARELLA é incontestavelmente um dos primeiros poetas lyricos do Brasil. Morreu no vigor da mocidade, deixando-nos esses bellos livros que se intitulam *Vozes da América*, *Cantos Meridionaes*, *Cantos e Fantasias*, *Cantos do Ermo e da Cidade*, os poemas *Diario de Lázaro* e *O Evangelho nas Selvas*, etc.

47 (*página* 13). — O Dr. OLIVEIRA BELLO, que desde os bancos acadêmicos, em S. Paulo, conquistara renome de orador, foi deputado provincial e presidente de uma provincia; e é autor de várias obras, sendo muito apreciado o seu romance *Os Farrapos*.

48 (*página* 13). — M. PINHEIRO CHAGAS, o illustre escriptor portuguez, subiu pelo seu talento ás mais altas posições politicas, sendo jornalista, deputado, ministro, membro da Real Academia de Sciencias, etc.

É verdadeiramente popular no Brasil o nome do festejado dramaturgo da *Morgadinha de Val-Flor* e inspirado poeta do *Poema da Mocidade.*

49 (*página* 14). — AMALIA FIGUEIRÔA era a princeza reinante de uma singular dinastia de poetisas e poetas, entre os quaes muito se distinguiram seus irmãos, Dr. MANUEL DOS PASSOS FIGUEIRÔA e D. REVOCATA FIGUEIRÔA DE MELLO, e suas sobrinhas REVOCATA HELOISA DE MELLO e JULIETA DE MELLO MONTEIRO.

AMALIA nasceu em Porto Alegre a 31 de Agosto de 1848 e falleceu na mesma cidade a 24 de Setembre de 1878. Esteve alguns annos no Rio de Janeiro, onde publicou bellas poesias em jornaes e revistas, principalmente no hebdomadario *A Luz;* regressou á terra natal, onde fez imprimir, em 1873, o seu volume intitulado *Crepúsculos*.

MUCIO TEIXEIRA, no primeiro volume dos *Poetas do Brasil*, diz : « Joven e bella, não tendo encontrado na terra quem comprehendesse os thesouros de sua alma, foi definhando, silenciosa e triste, até que desappareceu para sempre deste valle de lágrimas. Quando baixava o seu caixão á sepultura, recitei uns versos que terminavam assim :

> Si por ti perguntarem-me, algum dia,
> Responderei, chorando de saudade :
> Deixou na terra a flor — da poesia,
> Levou p'ra o céu a flor — da castidade ».

50 (*página* 15). — CARLOS FERREIRA, poeta e jornalista de invejavel reputação, nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1845, onde em 1868 publicou o seu primeiro livro, intitulado *Cânticos Juvenis*.

Quando o Imperador D. PEDRO II partiu para a guerra do Paraguay, em 1869, passando por Porto Alegre, CARLOS FERREIRA consagrou-lhe uns bellos versos. O soberano, estranhando que um poeta de tal merecimento não seguisse para uma das nossas academias, soube que lhe faltavam os meios materíaes; deu immediatamente ordens ao seu mordomo para que fosse dada ao poeta uma passagem para S. Paulo, onde por alguns annos se manteve o Sr. CARLOS FERREIRA com uma mezada do bolsinho particular do magnánimo monarcha.

O poeta seguiu mais tarde a corrente das idéas republicanas, dispensando o auxilio imperial, para poder livremente dar expansão aos seus bellos sonhos de independencia. Preferiu o jornalismo ao curso jurídico;

collaborou em diversos jornaes de S. Paulo e do Rio de Janeiro, principalmente no *Correio Paulistano* e no *Correio do Brasil.*

Publicou por esse tempo os seus bellos livros *Rosas loucas* e *Alcyones*; foi mais tarde proprietario e director da *Gazeta de Campinas*, publicou mais um volume de poesias, *Redivivas*, além de dramas, contos e romances.

51 (*página* 16). — O tenente-coronel AURELIO VERISSIMO DE BITTENCOURT, distincto jornalista portoalegrense, é actualmente o director geral da secretaria do governo do Rio Grande do Sul.

52 (*página* 19). — JOÃO MANUEL BAPTISTA PEREIRA nasceu na sua fazenda paterna, em S. Gabriel, no Rio Grande do Sul, em 1855 e falleceu na mesma fazenda, em 1875. Poeta e prosador de alevantados vôos, o seu genial talento possuia assombrosos conhecimentos. Depois de ALVARES DE AZEVEDO, ainda não se viu no Brasil um rapaz de vinte annos tão familiarisado com os clássicos de todas as literaturas, além dos conhecimentos scientificos que já lhe opulentavam o cabedal literario.

Era um bello typo, alto, loiro, de grandes olhos azues, vestindo com despretenciosa mas distincta elegancia, tudo isso emoldurando um coração generoso, uma alma transparente, um cérebro illuminado.

Abandonando a carreira das armas, já no curso superior de engenharia, dispunha-se a matricular-se na academia de S. Paulo, quando a morte o roubou á familia e á patria, victimado por uma lesão cardíaca.

53 (*página* 19). — GUSTAVO VIANNA, poeta e folhetinista de fino espirito, nasceu em Porto Alegre em 1852 e falleceu na mesma cidade em 1876. Foi um dos fundadores da sociedade *Ensaios Literarios*, em cujas revistas collaborou com distincção. Tambem foi collaborador do *Album Semanal* e redigiu, nos seus últimos mezes de vida, *O Mercantil*, onde tambem publicava, com o pseudônymo *Pery*, uns primorosos folhetins intitulados *Rectas e Curvas.*

54 (*páginas* 20). — Theodoro de Miranda nasceu em Porto Alegre em 1852 e falleceu na mesma cidade em 1877. Poeta inspirado e prosador distincto, ainda não foram colleccionadas em livro as suas muitas composi-

ções em prosa e verso, exparsas nas folhas diarias, no *Album Semanal* e nas revistas do Parthenon e da sociedade *Ensaios Literarios*.

Improvisava tambem com muita graça e facilidade. MUCIO TEIXEIRA (que contava então apenas 15 annos de idade) disse-lhe uma vez que não sabia decifrar charadas, ao que THEODORO DE MIRANDA retorquió-lhe immediatamente com esta (cuja decifração, como se vai ver, é o nome de *Mucio*) :

« Em música chamai por um poeta, — 1 — 2
Estrella que desponta em céu de anil ;
Ha de acudir-vos logo á mente inquieta
Uma fronte altaneira e juvenil ».

55 (*página* 20). — A Exma. Sra. D. REVOCATA H. DE MELLO, já citada na nota 49, é poetisa inspirada e prosadora elegante. Nasceu em Porto Alegre, mas reside desde menina na cidade do Rio Grande, onde tem um collegio particular.

Em 1882 fez imprimir no Rio de Janeiro o seu bonito livro das *Folhas Errantes*, prefaciado por MUCIO TEIXEIRA.

56 (*página* 22). — ARTHUR ROCHA, dramaturgo, jornalista e poeta, nasceu em Porto Alegre a 1º de Janeiro de 1859 e falleceu na cidade do Rio Grande a 26 de Junho de 1888. — CARLOS FERREIRA, analysando os dramas de ARTHUR ROCHA, — *O Anjo do Sacrificio* e *O Filho Bastardo*, diz :

« O nome do Sr. ARTHUR ROCHA merece-me a mesma sympathia que me despertam os de IGNACIO DE VASCONCELLOS, MUCIO TEIXEIRA, APOLLINARIO PORTO ALEGRE e seu irmão, os de BERLINCK e AURELIO BITTENCOURT, o da illustre poetisa D. AMALIA FIGUEIRÔA. Elle somente pensa no ideal da arte, sem que lhe dê a mínima preoccupação o lucro material dos seus dramas postos nas mãos profanas dos emprezarios theatraes ».

57 (*página* 23). — CARLOS VON KOSERITZ, digno representante de uma nobre familia da Allemanha, emigrou muito joven, por motivos políticos, fixando a sua residencia no Rio Grande do Sul.

Exerceu nos primeiros annos o magisterio particular. dedicou-se mais tarde ao jornalismo, fundando duas

importantes folhas diarias, que redigia simultaneamente uma em portuguez, a outra um allemão.

Chefe da numerosa colonia teuta, mesmo depois de naturalisado cidadão brasileiro, continuou a prestar-lhe assignalados serviços. Promoveu a primeira Exposição que se realisou em Porto Alegre, cooperando na imprensa e na assembléa provincial para a grande emigração expontanea de seus compatriotas para a terra onde constituiu familia.

Falleceu em 1890, preso por ordem do primeiro governo republicano do Rio Grande do Sul, que lhe não perdoou e enthusiasmo que sempre manifestou pelas virtudes pessoaes e o supremo valor do Imperador D. PEDRO II. CARLOS VON KOSERITZ deixou muitas obras scientificas e literarias, sendo notavel a que se intitula *Roma perante os Séculos*.

58 (*página* 23). — O Dr. FRANCISCO ANTONIO DE CARVALHO JÚNIOR (filho de pais rio-grandenses) nasceu no Rio de Janeiro a 6 de Maio de 1879.

Formou-se em direito em S. Paulo, tendo cursado os dois primeiros annos em Pernambuco. Teve uns amores funestos como os de CASTRO ALVES por EUGENIA CÂMARA; viveu quatro annos na intimidade de uma actriz, então muito em voga, que foi a musa de quasi todos os seus versos.

En 1878 foi nomeado promotor público em Angra dos Reis, mas, aggravando-se-lhe os padecimentos do coração « que o perseguiram como assassinos ferozes durante todo o período acadêmico », regressou ao Rio, onde, poucos dias antes de expirar, foi nomeado juiz municipal.

Escreveu soberbos folhetins nas principaes folhas de S. Paulo e Pernambuco, além de magnificos artigos de critica e de politica, taes como *A evolução democrática*, *A Legenda Republicana* e *A Liberdade de Cultos*. É notavel o seu drama *Parisina* e são deliciosas as poesias do formoso volume *Jardim das Hesperides*.

Diz MUCIO TEIXEIRA, no primeiro volume dos *Poetas do Brasil* : — « Fui muito amigo de CARVALHO JÚNIOR, o Carvalhinho, como lhe chamávamos. Era um rapaz adoravel : bonito, elegante, de maneiras fidalgas, e mo-

desto como todos os homens de verdadeiro mérito. Falava com eloquencia, mas as suas dyspnéas cardiacas interrompiam-lhe amiudadamente os enthusiasmos, e então elle ficava silencioso e triste, levava a mão ao coração e disse-me um dia : — « Bate com tanta força este maldito relogio, que não tarda a rebentar a corda que lhe resta ».

59 (*página* 23). — JOAQUIM SERRA, poeta essencialmente nacional, jornalista de primeira agua, coração generoso e espirito scintillante, tanto na assembléa geral legislativa como na imprensa do Rio de Janeiro, foi um dos mais pujantes athletas da abolição.

Durante seis annos (1882-1888) foi o companheiro de todos os dias de MUCIO TEIXEIRA. Elles e ANDRÉ REBOUÇAS, aos quaes amiudadas vezes se reuniam BITTENCOURT SAMPAIO, o BARÃO DE PARANAPIACABA, o VISCONDE DE TAUNAY e JOAQUIM NABUCO, tinham o seu quartel general na extincta livraria do Visconde de Faro, de onde partiam ás vezes para o *Café da Imprensa*, na rua do Ouvidor.

CARLOS GOMES e LUIS GUIMARÃES, nas suas rápidas visitas á terra natal, eram tambem diariamente vistos na mesma roda. Falava-se de tudo... menos da vida alheia. A poesia e a arte eram os eternos themas, que ás mais das vezes eram portas escancaradas para os assumptos politicos, que JOAQUIM SERRA temperava com o sal da opportunidade, carregando a mão na pimenta, como si chegasse a mostarda ás ventas dos escravocratas.

Deixou JOAQUIM SERRA, além de dramas que fez representar, e um poema até hoje inédito, os seguintes livros : *Sessenta annos de jornalismo*, *Um coração de mulher*, *Quadros* (poesias) e *Versos de Pietro de Castellamare*.

60 (*página* 24). — AUGUSTO-EMILIO ZALUAR nasceu em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1826 e falleceu no Rio de Janeiro a 4 de Abril de 1882. Naturalisou-se brasileiro e aqui constituiu familia. Poeta inspirado e verdadeiro scientista, JOSÉ DE ALENCAR disse-lhe, num banquete : — « Peço licença ao romancista para saudar nelle o poeta; e no poeta, que sempre amei, começo a respeitar o sabio. »

ZALUAR foi um dos escriptores mais fecundos do seu tempo. Além de mais de vinte livros em prosa e verso, o

poeta das *Dores e Flores* e das *Revelações* mostrou-se um erudito nos romances scientificos : *O Doutor Benignos* e *Os Segredos da Noite*. Companheiro de casa de MUCIO TEIXEIRA, morreu-lhe nos braços.

Disse FELIX FERREIRA, ao noticiar a sua morte : — « Baixou á campa um desses grandes perdularios para quem o dinheiro foi sempre um meio, nunca um fim. ZALUAR ganhou muito, gastou muito mais ainda, d'ahi *um deficit* contra elle... mas o poeta não tinha um saldo a pagar, e sim a haver.

« Viveu sempre a sonhar, e era dos que sonham falando alto. Na primavera da mocidade, votou culto ardente ás mulheres; e no outono da vida, adorou com igual paixão as crianças. As mulheres deu versos, ás crianças livros escolares; e a umas e outras todos os enthusiasmos de seu coração de poeta.

« ZALUAR bem presentia o que lhe estava reservado quando escreveu estes versos :

> « ¿ Que busco ? ¿ que mundo habito?
> ¿ Quem sou eu ? ¡ que importa quem !
> Sou um trovador proscripto,
> Que trago na fronte escripto
> Esta palavra ; — *Ninguem* ».

« E ZALUAR desceu á campa como si fosse realmente ninguem. Apenas alguns amigos, entre os quaes QUINTINO BOCAYUVA e o major SOLON, o acompanharam ao cemiterio do Cajú ; algumas palavras e uma corôa de MUCIO TEIXEIRA, ¡e foi tudo quanto coube áquelle que tudo dera em vida! »

61 (*página* 25). — O Dr. ALFREDO BASTOS foi folhetinista do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro em 1880, com o pseudônymo de *Fantasio*. Transferiu pouco depois a sua residencia para o Rio da Prata, onde actualmente collabora na imprensa, tendo publicado um romance — *A Madrasta*.

62 (*página* 27). — Vide a nota 57.

63 (*página* 28). — O Dr. OSCAR PEDERNEIRAS, primo e amigo de infancia de MUCIO TEIXEIRA, nasceu no Rio Grande do Sul em 1859 e falleceu no Rio de Janeiro em 1890. Foi redactor do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, fez representar diversas operêtas e *revistas* nos

principaes theatros da mesma cidade e publicou os livros intitulados *Sons e Tons*, versos humoristicos, *Historiophobia*, poemeto, e *A Côrte em Ceroulas*, prosa.

64 (*pagina* 28). — ARTHUR DE OLIVEIRA nasceu em Porto Alegre em 1850 e falleceu no Rio de Janeiro em 1882. Era um talento genial, mas pouco produziu, e isso mesmo, bom como é, não dá a medida exacta da sua poderosa cerebração. Foi lente do collegio Pedro II e morreu numa casa de saude, na maior pobreza.

ARTHUR DE OLIVEIRA estudou os preparatorios no Río Grande do Sul e seguiu para a Europa, onde fez proezas. Estava em Berlim, quando rebentou a guerra franco-prussiana : foi preso por dar *vivas* á França nas ruas da capital da Allemanha. Posto em liberdade pela intervenção do nosso ministro naquella côrte, partiu para Pariz, onde foi visto nas barricadas, entre os communistas...

Um bello dia quiz ver VICTOR HUGO, e logrou o seu intento graças á provocação de um escândalo : o creado disse-lhe que HUGO estava nos seus aposentos, ARTHUR DE OLIVEIRA ordenou-lhe que o annunciasse, e, como não fosse attendido, prorompeu num berreiro tal, que alarmou a familia do poeta.

Correm todos em soccorro do fâmulo ultrajado, e o nosso compatriota, com o sorriso mais natural deste mundo explicou que aquillo não passava de um simples pretexto de que se servira para que, ao regressar de Pariz, sem ter visto VICTOR HUGO, não lhe dissessem que fôra a Roma e não vira o papa.

Elle falava o francez como o mais fino parisiense. Ora, aquillo, dito como elle sabia dizer, encantou a familia do formidavel poeta, que o recebeu na intimidade. Travou, então, relações com os mais illustres membros da Academia Franceza, sendo visto em passeios com THEÓPHILO GAUTIER, JUDITH GAUTER e GUSTAVO DORÉ, com o qual por um triz não se bateu em duelo.

Allude a ARTHUR DE OLIVEIRA o conto *Um saco de assombros* do Sr. MACHADO DE ASSIS, que tambem á memoria delle consagra talvez a melhor de suas poesias. Todos os nossos escriptores escreveram longos artigos quando morreu ARTHUR, sendo de todos o mais vibrante

firmado por ADELINO FONTOURA, na *Gazeta da Tarde.* (Vide no segundo volume d'esta edição, á página 134, a poesia de MUCIO TEIXEIRA—*A Arthur de Oliveira*).

65 (*página* 29). — O Dr. GARCEZ PALHÁ, médico da armada e 1º secretario do Instituto dos Bachareis em Letras, é o autor da obra intitulada *Ephemèrides Navaes.*

66 (*página* 30). — O Dr. LUIS DE CASTRO, illustre redactor-chefe do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, era um distincto poeta e jornalista de alto valor. Depois da sua morte foram colleccionadas as suas *Obras Literarias* em 6 volumes.

67 (*página* 30). — VICTOR DA CUNHA nasceu no Rio Grande do Sul em 1854 e falleceu no Pará em 1890. Foi redactor do *Economista* no Rio de Janeiro, e consul geral do Brasil na Bolivia.

68 (*página* 30). — FRANKLIN TÁVORA nasceu no Ceará a 13 de Janeiro de 1842 e falleceu no Rio de Janeiro a 17 de Agosto de 1889. Escreveu uma terrivel critica ás obras de JOSÉ DE ALENCAR, que appareceu em jornaes e depois em livro com o titulo de *Cartas a Cincinnato*, e pretendeu fundar uma exclusiva *literatura do norte* com os romances *O Cabelleira*, *Lourenço* e *O Matuto.*

69 (*página* 31). — LINS DE ALBUQUERQUE nasceu no Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1886. Era um poeta distinctissimo e folhetinista de fino espirito. MUCIO TEIXEIRA, numa nota á página 223 do livro *Poesias e Poemas* diz:

« Aos 20 annos publicou um volume de versos a que deu o modesto titulo de *Filhos das Sombras*; e de então para cá collaborou em muitas folhas literarias, sendo por espaço de cinco annos redactor do *Mequetrefe*, onde deixou scintillantes artigos e primorosos versos.

Morreu quasi repentinamente. Nos seus últimos tempos falava-me em publicar as suas novas poesias com o título de *Ficções e Realidades*. LINS DE ALBUQUERQUE era um *bohemio*, mas, na bohemia doirada dos heróes de MURGER, soube conservar immaculado o seu caracter altivo, e conseguiu illustrar o seu grande talento ».

MUCIO, poucos dias depois do seu casamento, encontrando LINS, convidou-o para almoçar no dia seguinte. Este, apparecendo em casa d'aquelle com a pontualidade

de quem vai almoçar, desengatilhou-lhe logo de chegada este soneto :

¡ REMORSO !

(Ao meu amigo Mucio Teixeira, indo visital-o na sua *lua de mel.*)

Na rua do Barão de Guaratyba, um dia
Em que o céu era azul e trémulo o arvoredo,
Eu quiz ver si advinhava o mágico segredo
Duns noivos que ali ha ; — e vivem de poesia.

Cantava a Natureza a louca symphonia
Das cores e da luz; ao longe, o oceano, ledo,
Lambia sensual os flancos dum rochedo;
O sol tinha o perfume e o lirio a melodia.

Dois pombos a arrulhar... Onze horas eram dadas,
E aquellas almas sãs, de amor narcotisadas,
Dormiam, a sonhar... ¿Dormiriam? talvez...

Eu cheguei, alterando aquella paz serena;
¡Persiga-me o remorso, a dor, a funda pena!
DEUS, ¿por que me talhaste ao moldo dum burguez?

Rio, Junho, 1880.

Lins de Albuquerque.

Quatro annos depois, no dia do baptisado do primeiro filho do seu amigo, LINS recitou ao jantar estes bellos versos :

ALVARO-MUCIO

Eis um pequeno galante,
Deslumbrante,
Scintillante,
¡ Wlan !
Tem a alvura da açucena,
Lirios a boca pequena,
Raios a fronte serena,
Mas inda não diz — *mamã...*

O heróe talvez de amanhã,
Quando rufar *ra-tan-plan*
No seu tambor marcial,
¡Ai, ai !
¡Será um Deus nos acuda !
Em casa tudo se muda :
— ¡ Oh, que barulho infernal !
mamãi, carrancuda...

— ¡ Deixa, filha, não faz mal!
Diz radiante o papai.

É um pequeno galante,
Deslumbrante.
Scintillante,
¡ Wlan !
Tem a alvura da açucena,
Lirios a boca pequena,
Raios a fronte serena,
Mas... ¡inda não diz *mamã!*

70 (*página* 32). — MANÇOS D'ASIA nasceu no Paraná em 1857 e falleceu no Rio de Janeiro em 1882. Poeta e prosador distincto, dado inteiramente ao exclusivismo orthodoxo dos discipulos de AUGUSTO COMTE, morreu cedo, na maior obscuridade, nunca tendo apparecido nas rodas literarias, dia e noite a estudar.

71 (*página* 33). — SYLVIO ROMERO é um dos mais eminentes criticos nacionaes. Nasceu em Sergipe em 1851, formou-se em direito na faculdade do Recife e em 1879 fixou residencia no Rio de Janeiro. Foi lente do collegio de Pedro II, tem publicado várias obras em prosa e verso e é actualmente deputado ao congresso nacional.

72 (*página* 33). — O major SERVILIO GONÇALVES é engenheiro militar. Publicou um poemeto sobre o assassinato do *Tenente Lucas*, muitas poesias avulsas e alguns artigos notáveis de philosophia e arte. É tambem autor de obras de assumptos militares e tem em adiantada via de elaboração um poema nacional.

73 (*página* 35). — Vide a nota 66.

74 (*página* 35). — VASCO DE ARAUJO E SILVA nasceu em Porto Alegre em 1840 e falleceu na mesma cidade em 1893. Poeta, dramaturgo e jornalista, foi um dos fundadores do *Parthenon Literario*, em cujas revistas collaborou assiduamente.

75 (*página* 36). — Vide a nota n.º 57.

76 (*página* 38). — MANHÃES DE CAMPOS foi o primeiro jornalista da Academia de S. Paulo nos tres últimos annos do seu curso juridico. Nasceu em 1855, na cidade de Campos, onde falleceu em 1883, deixando profundas saudades no grupo dos *bohemios*, que o idolatravam, tante na Paulicéa como no Rio, onde residiu alguns

annos, logo depois de formado. Era um dos espiritos mais encantadores do seu tempo.

77 (*página* 38). — SILVA FIGUEIRÓ substituiu VICTOR DA CUNHA na redacção do *Jornal dos Economistas*. Fundou depois *A República*, dando a direcção literaria dessa folha ao notavel crítico e poeta LUIS DOS REIS. Transferiu em 1901 a sua residencia para S. Paulo, onde fundou de chegada a *Revista de Economia*.

78 (*página* 40). — CARLOS JANSEN nasceu na Allemanha, em 1830, veio para o Brasil em companhia de CARLOS VON KOZERITZ, em 1858, fixando residencia em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Em 1858 fundou o hebdomadario *O Guahyba*, que se publicou até 1860, no qual collaboravam os mais distinctos literatos rio-grandenses daquella época : FELIX DA CUNHA, IGNACIO DE VASCONCELLOS, JOÃO VESPUCIO, CAPISTRANO FILHO, LEONEL, ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES, etc.

Em 1879 transferiu CARLOS JANSEN a sua residencia para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor de allemão no collegio Pedro II e redactor do *Cruzeiro*. Publicou algumas obras didácticas e traducções de livros literarios. Falleceu em 1890.

79 (*página* 41). — O Dr. ALFREDO DE PAULA FREITAS, literato e médico militar, foi fuzilado em Santa Catharina durante a revolta da esquadra, em 1895. Nascera na Bahia em 1854.

80 (*página* 42). — CAMILLO DŒMON era o redactor-proprietario do jornal *Espirito-Santense*, orgam do partido conservador, durante o tempo em que MUCIO TEIXEIRA foi secretario do governo daquella provincia (1880-1882), estando então no poder o partido liberal.

81 (*página* 43). — M. J. CORRÊA DE MENEZES foi um dos redactores da *Tribuna Liberal* e exerce actualmente o cargo de delegado de policia em Paquetá.

82 (*página* 44). — FRANCISCO LOBO DA COSTA, inspirado poeta lyrico, nasceu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul em 1853 e falleceu na mesma cidade em 1888. Foi official de gabinete do Dr. ALFREDO DE TAUNAY, depois VISCONDE DE TAUNAY, quando este eminente escriptor administrou a provincia do Paraná.

Nunca mais exerceu cargo algum. *Bohemio*, entregue a todos os desregramentos de uma vida sem orientação, escreveu muitos versos, dramas e romances, que lhe grangearam verdadeira popularidade na terra natal.

Publicou os seguintes livros: *Rosas Pállidas*, *Lucubrações*, *Sertanejas*, poesias; o poemeto *O Solitario dos Tapes*, e o drama *Tempestades no Lar*. Ha um outro volume de poesias de LOBO DA COSTA, publicação pósthuma, que não vi. Era uma das mais pronunciadas vocações poéticas, infelizmente mallograda nas suas aspirações.

83 (*página* 45). — O Dr. FERNANDO LUIS OSORIO nasceu no Rio Grande do Sul a 30 de Maio de 1848 e falleceu no Rio de Janeiro em 1898.

Era poeta, orador, musicista, jurisconsulto, parlamentar e diplomata. Herdeiro de um dos nomes mais gloriosos do Brasil (era filho do legendario GENERAL OSORIO), foi deputado á assembléa geral do Imperio, ministro plenipotenciario na República Argentina e ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Era um dos mais íntimos amigos de MUCIO TEIXEIRA, que, todos os annos, no dia anniversario do seu passamento, vai visitar-lhe a sepultura, no poético retiro do cemiterio de S. João Baptista.

FERNANDO OSORIO, perpetuando as glorias de seu pai num grande livro, intitulado *Historia do General Osorio*, quiz ligar o nome do amigo ao seu, confiando-lhe os manuscriptos para que os prefaciasse; e, além do prefacio, que se lê de páginas 28 a 37, escreveu, á página 114, este tópico :

« Temendo que o amor filial me cegasse ao ponto de considerar dignas de publicidade as poesias de meu Pai, embora fosse meu firme proposito não occultar o mais ligeiro incidente da sua vida pública e particular, consultei muito de industria dois poetas contemporaneos: o venerando Dr. CASTRO LOPES e o meu amigo MUCIO TEIXEIRA; aquelle, representante da escola em que OSORIO se inspirou; este, poeta genial e fecundo, que acompanha a evolução da poesia moderna ».

84 (*página* 48). — FERNANDES COSTA, um dos eminentes escriptores portuguezes da actualidade, é um insigne

poeta lyrico. Foi um dos redactores do *Correio da Europa*, redige com o maior brilhantismo *O Século*, de Lisboa, e publicou, em 1894, o delicioso *Poema do Ideal*, obra como ha poucas na lingua de CAMÕES.

85 (*página* 51). — Videa nota 50.

86 (*página* 54). — TEIXEIRA BASTOS, outro escriptor e poeta portuguez da actualidade, é um digno amigo e rival de THEÓPHILO BRAGA. Além de excellente poeta, é tambem scientista notavel. Tem publicado muitos trabalhos de philosophia e crítica, sendo dignos de menção o seu livro sobre os *Poetas Brasileiros* e o bello volume de poesias *Rumores Vulcânicos*.

87 (*pagina* 56). — O conselheiro GUILHERME BELLEGARDE, nascido e fallecido no Rio de Janeiro, ainda no vigor do talento, era um escriptor erudito, de estylo elegante e vernáculo. É importante o seu livro intitulado *Subsídios Literarios*.

88 (*página* 58). — O coronel d'engenheiros Dr. JOAQUIN DE SALLES TORRES HOMEM é o digno continuador das glorias intellectuaes de seu pai, o illustre VISCONDE DE INHOMERIM. Tem o illustre militar publicado varios livros de sciencia e literatura, sendo considerado uma das mais robustas cerebrações do exército brasileiro.

89 (*página* 59). — O VISCONDE DE TAUNAY é uma das personalidades mais completas do nosso scenario político-literario. Poeta, romancista, historiador, guerreiro, músico e parlamentar, foi um vulto extraordinario.

Nasceu no Rio de Janeiro a 22 de Fevereiro de 1843 e falleceu na cidade de Petrópolis a 23 de Janeiro de 1899. Suas principaes obras são: *Ouro sobre azul*, *Mocidade de Trajano* e *Innocencia*, romances, este último traduzido em várias linguas; *Historias Militares*, *Ceus e Terras do Brasil* e *La Retraite de Laguna*.

O *Correio da Europa* de 20 de Setembro de 1880 dá na sua página de honra os retratos de TAUNAY e MUCIO TEIXEIRA, acompanhados de notas bio-bibliográphicas. O *Almanack de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1899, tambem dá os retratos e resumos biográphicos de ambos.

Deixou o illustre TAUNAY, no Arca de Sigilo do Instituto Histórico do Brasil, um volumoso envólucro envolvido em papel preto, amarrado com arame e lacrado

com as suas armas, encerrando manuscriptos que só poderão ser publicados em 1943, segundo disposição que fez o dedicado amigo de D. PEDRO II.

90 (*página* 60). — O Dr. AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES, proprietario e redactor do *Diario da Bahia*, foi, diz MUCIO TEIXEIRA no livro *Vida e Obras de Castro Alves* : « uma das almas mais generosas que tenho amado e um dos talentos mais robustos que tenho admirado. A esses raros dons do espirito e do coração reunia uma modestia verdadeiramente singular ».

Foi o maior amigo de CASTRO ALVES, ou seu *fidus Achates* virgiliano, de quem desposou uma das irmãs, depois da morte do poeta. Chefe do partido liberal na capital da Bahia, foi deputado provincial e senador do Estado; abolicionista, escreveu e publicou em 1875 um livro notavel, intitulado *Cartas de Vindex*. Nasceu em 1846 e falleceu a 17 de Março de 1896. (*Vide a poesia de páginas... deste volume.*)

91 (*página* 60). — Vide a nota n.º 67.

92 (*página* 61). — RAYMUNDO CORRÊA, o inspirado poeta das *Symphonias*, é um dos mais festejados artistas da geração actual.

93 (*página* 62). — O conselheiro REINALDO CARLOS MONTÓRO, distinctissimo literato portuguez naturalisado brasileiro, desempenhou saliente papel na imprensa do Rio de Janeiro e na literatura luso-brasileira.

Collaborou em muitos jornaes e revistas, principal mente na *Revista Contemporanea*, e foi redactor-chefe do *Cruzeiro*, importante folha diaria do Rio de Janeiro, onde escreviam talentos como A. E. ZALUAR. Escreveu um importante livro sobre *O Centenario do Marquez de Pombal*, e é notavel o seu artigo sobre CASIMIRO DE ABREU, que se lê em todas as edições do volume das *Primaveras*, transcripto tambem no das *obras completas* do mesmo poeta.

94 (*página* 62). — O Dr. JOSÉ FERREIRA DE MENEZES notavel abolicionista, orador e poeta, foi jornalista e advogado de grande fama, o folhetinista brasileiro mais festejado do seu tempo, amigo de CASTRO ALVES e FAGUNDES VARELLA, de quem prefaciou a primeira edição do

livro *Cantos e Fantasias* e do poema *O Evangelho nas Selvas.*

Deixou quasi concluido um livro intitulado *Os apaixonados*, narrando os amores de MACIEL MONTEIRO, CASTRO ALVES, CARVALHO JÚNIOR e MUCIO TEIXEIRA; publicou um volume de poesias intitulado *Flores sem cheiro*, e morreu repentinamente, num baile, a 6 de Junho de 1881, contando apenas 33 annos de idade.

95 (*página* 65). — O desembargador JOÃO ANTONIO DE BARROS JUNIOR é actualmente o presidente do Superior Tribunal no Paraná. Publicou na mocidade um bello volume de versos, *Sensitivas*, e o romance *Emilio*, que está na segunda edição, com um prefacio da A. E. ZALUAR.

96 (*página* 66). — DANTAS JÚNIOR foi durante alguns annos redactor da *Revista Illustrada* do Rio de Janeiro. Falleceu, ainda moço, no Rio Grande do Sul.

97 (*página* 68). — FELIX FERREIRA era poeta, romancista, biblióphilo e jornalista. Foi companheiro de MUCIO TEIXEIRA na redacção do *Cruzeiro*, durante a chefia da redacção de REINALDO CARLOS MONTÓRO.

Publicou muitos livros, sendo os mais notáveis: *A má estrella*, romance; *Rimas innocentes*, poesias (de collaboração com FERREIRA NEVES), e as obras didácticas *Vida Prática* e *Vida Doméstica.* Morreu em 1899, quando fazía parte da redacção do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, sua terra natal.

98 (*página* 73). — LUIS AUGUSTO DOS REIS é um distincto poeta e elegante prosador. É tambem crítico literario de comprovada competencia. Representando o Brasil na Europa, em uma Congregação Internacional de Pedagogia, escreveu um livro de mais de 500 páginas sobre a instrucção pública em diversos paizes.

99 (*página* 74). — Vide a nota n.º 78.

100 (*página* 74). — Vide a nota n º 77.

101 (*página* 75). — O Dr. OLIVEIRA DE MENEZES, distincto mathemático e professor do collegio Pedro II, foi companheiro de MUCIO TEIXEIRA na redacção do *Cruzeiro.*

102 (*página* 75). — O Dr. JOSÉ MARIA VELHO DA SILVA JÚNIOR, médico e jornalista, foi tambem collega de MUCIO TEIXEIRA na redacção do *Cruzeiro.*

103 (*página 76*). — *Bulletin Bibliographique du Messager du Brésil* de 11 de Junho de 1882, cuja traducção é a seguinte :

« Accusam a nossa época de muito positiva e de não ter deixado ao sonho e ao ideal sinão um logar essessivamente restricto.

Com effeito, ha sempre alguma temeridade em abordar um gênero tão descurado como a poesia.

A musa, porém, do Sr. MUCIO TEIXEIRA é boa menina, sem pretenções, despida dessa especie de solemnidade que o rythmo algumas vezes imprime ao pensamento ; possue uma graça saltitante, e a fantasia arrasta o poeta de assumpto em assumpto, como o capricho leva o beija-flor de uma flor a outra.

O volume que acabamos de percorrer compõe-se de uma serie de pequenas novellas, de reflexões rimadas e impregnadas de uma amavel philosophia.

Os raios do sol dos trópicos, atravessando o prisma de um puro crystal, reflectem sobre essas poucas páginas as vivas cores do arco-íris. Os assumptos escolhidos são, além de tudo, attrahentes. Umas vezes, é um pequenino drama en vinte linhas como *Atala;* outras, uma fantasia viva como *Minha riqueza*; outras, ainda, uma descripção a transbordar frescura.

Em summa, leitura encantadora, verdadeiro prato escolhido para os delicados e refinados paladares, patenteando mais uma vez que ha no autor um homem de espírito além de um escriptor ».

104 (*página 77*). — *The Rio News*, June 15 the 1882. Eis a traducção :

« Recebemos um pequeno volume de poesias da penna do bem conhecido escriptor MUCIO TEIXEIRA, intitulado *Prismas e Vibrações*, que foi publicado em edição especial contendo uma photographia do autor no frontespicio.

Sem entrar em uma crítica detalhada da obra, o que seria difficil tarefa para quem não está familiarisado com a lingua, é sufficiente dizer que o autor já alcançou um elevado logar entre os poetas brasileiros da actualidade, e que as suas poesias são muito apreciadas por todo o Brasil.

O pequeno volume que temos diante de nós contêm algumas de suas melhores producções, e occuparia logar em qualquer collecção de obras da literatura brasileira.

Tributamos os agradecimentos ao autor pelo volume elegantemente impresso que foi deixado sobre a nossa mesa ».

105 (*página* 77). — Este ligeiro tópico é extrahido do volume *A Literatura Brasileira* por EDUARDO PERIÉ, edição de Buenos Aires.

106 (*página* 78). — O Dr. JOSÉ JOAQUIM PESSANHA PÓVOA, natural da cidade de Campos, formou-se em S. Paulo em 1865. Foi jornalista no Rio de Janeiro e na cidade da Victoria, director geral da instrucção pública da província do Espírito Santo e chefe de policia do Estado do Rio.

Viajou por vários paizes da Europa, tem publicado diversos livros, sendo notáveis os que se intitulam *Annos Acadêmicos* e *Tradições da Provincia do Espírito Santo*. — JULIO CESAR MACHADO tem interessantes páginas sobre PESSANHA PÓVOA no livro *Manhans e Noites*.

107 (*página* 78). — Este tópico é transcripto do livro *Le Bresil*, um bello volume de mais de 500 páginas, do BARÃO DE SANT'ANNA NERY. — O glorioso Sr. BARÃO DO RIO BRANCO, em obra com o mesmo título (ambas escriptas em francez) tem lisongeiras referencias a MUCIO TEIXEIRA.

108 (*página* 81). — O coronel EMYGDIO DANTAS BARRETO é actualmente o commandante do 25° batalhão de infantaria do exército, estacionado em Porto Alegre. Nasceu a 17 de Fevereiro de 1855 e assentou praça em 1869, seguindo logo para a guerra do Paraguay.

Distinguiu-se nas revoluções do Rio Grande do Sul (1893-1895) e da Bahia, em 1897. Tem publicado varios trabalhos literarios e um importante livro sobre o guerra de *Canudos*.

109 (*página* 82). — D. JULIETA DE MELLO MONTEIRO, digna sobrinha da poetisa AMALIA FIGUEIRÔA e irmã da poetisa REVOCATA DE MELLO (de que trata a nota 55), nasceu na cidade de Porto Alegre e reside na do Rio Grande, onde redige o hebdomadario *Colibri*, desde 1880.

A inspirada poetisa tem publicado mais de um livro em prosa e verso, dos quaes apenas conheço os que se intitulam *Oscillações* e *Preludios*, prefaciado este por A. E. ZALUAR.

110 (*página* 83). — MIGUEL DE CASTRO DE WERNA E BILSTEIN foi o último representante de uma das mais nobres familias do Rio-Grande do Sul. Era poeta, romancista, e moço fidalgo com exercício na casa imperial.

Fundou e redigiu *A Actualidade*, jornal diario, e annos depois *O Século*, periódico illustrado, ambos publicados em Porto Alegre. Transferiu em 1893 a sua residencia para o Rio de Janeiro, onde falleceu nesse mesmo anno.

111 (*página* 85). — Fragmento de uma serie de artigos sobre a literatura nacional, intitulados *Cartas a Mucio Teixeira*, públicados em 1883 no *Correio* de Cantagallo.

112 (*página* 85). — Vide a nota n.º 106.

113 (*página* 86). — Vide a nota n.º 59.

114 (*página* 86). — Vide a nota n.º 59.

115 (*página* 89). — O Dr. CARLOS PIMENTA DE LAET, engenheiro, é um dos mais brilhantes escriptores brasileiros. Jornalista e poeta, publicou pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro uma notavel serie de folhetins sob o titulo de *Microcosmo*, redigiu a *Tribuna Liberal*, o *Liberdade* e *O Brasil*, jonnaes de propaganda monarchista e cathólica.

É autor (de collaboração) de uma obra didáctica, de um livro sobre o Estado de *Minas* e de um volume de *Poesias*. Foi professor do collegio Pedro II, aposentando-se logo que se proclamou o actual regimen político.

116 (*página* 91). — Vida a nota n. 93.

117 (*página* 93). — O commendador FRANCISCO JOAQUIN BETHÉNCOURT DA SILVA é o benemérito fundador e director do Lyceu de Artes e Officios. E tambem o actual director do Archivo Público do Rio de Janeiro. Vide o que delle diz MUCIO TEIXEIRA, no prefacio das *Obras Literarias de Bethéncourt da Silva.*

118 (*página* 97). — O Dr. ANTONIO DE CASTRO LOPES

nasceu no Rio de Janeiro a 5 de Janeiro de 1827 e falleceu na mesma cidade em 1901.

Nenhum escriptor brasileiro publicou ainda tão grande número de livros, abrangendo tão vasta e variada somma de assumptos literarios e scientíficos.

Era um verdadeiro erudito. Foi poeta, dramaturgo, latinista, philólogo, médico e banqueiro, vindo a morrer na maior pobreza. Escreveu sobre astronomia, occultismo, medicina, literatura, artes, commercio e industria, revelando sempre a mais profunda competencia. Tem num dos seus livros uma poesia originalíssima, que tanto pode ser lida em latim como em portuguez, corroborando assim o verso de CAMÕES que diz que a nossa lingua « com pouca corrupção crê que é latina ».

119 (*página* 99). — Pseudônymo, que uns dizem ser do poeta rio grandense ALBERTO CORRÊA LEITE, que morreu na flor dos annos, mas que outros atribuem ao bravo e talentoso tenente de cavallaria TRAJANO CESAR, um dos mais finos intellectuaes do nosso exército, nascido em Porto Alegre em 1864.

120 (*página* 100). — FRANCISCO ANTONIO VIEIRA CALDAS JÚNIOR nasceu em Sergipe em 1868 e foi na infancia para o Rio-Grande do Sul, onde sempre tem vivido. É proprietario e redactor do *Correio do Povo* de Porto Alegre, em cujas columnas tem publicado muitos trabalhos em prosa e verso.

Eis uma amostra do seu modo de poetar, extrahida do *Jornal do Commercio* da mesma cidade, de 12 de Janeiro de 1895 :

CARTA SEMI-ABERTA

¿Tu queres, MUCIO, umas notas
Sobre a vida do poeta
Que rimou quadras (pateta!)
Em quadras pouco remotas ?

¿Que notas iria eu dar-te?
A um notario pede-as antes,
Que as notará mais flagrantes,
Denotando ter mais arte.

Um dia... quando eu as tenha,
Dar-te-ei notas do Thesouro,

Que, por terem lastro em ouro,
Mostram feição mais gamenha.

Mesmo então, susta as profalças,
Pelo mimo, até lhes teres
Examinado os dizeres :
Poderão ser notas falsas...

121 (*página* 101). — ACHILLES PORTO ALEGRE, distincto poeta rio-grandense, nasceu a 29 de Março de 1848. Foi um dos fundadores do *Parthenon Literario*, em cujas revistas collaborou assiduamente. Comprou mais tarde a empreza do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, no qual tem publicado muitos artigos literarios e poesias lyricas. Seus livros de versos intitulam-se *Esculpturas* e *Illuminuras*, sendo o primeiro prefaciado por CARLOS VON KOZERITZ.

ACHILLES PORTO ALEGRE pediu a MUCIO TEIXEIRA um prólogo para um novo livro de versos, intitulado *Flores do Gelo*, que não sei si já foi publicado.

122 (*página* 102). — O Sr. TORQUATO, sobrinho do popular actor bahiano XISTO BAHIA, cultiva a poesia, collabora na imprensa da sua terra natal e é um festejado amador dramático.

123 (*página* 103). — O conselheiro JOÃO BAPTISTA GUIMARÃES CERNE, nascido na Bahia em 1847, falleceu na mesma cidade em 1899, no cargo de ministro do Superior Tribunal. Amigo e companheiro de infancia de CASTRO ALVES, foi seu companheiro de casa na célebre *república* da rua do Hospicio, quando ambos estudavam na academia do Recife.

GUIMARÃES CERNE publicou algumas obras jurídicas e o livro de versos humorísticos *Favos e Travos*, que tem páginas muito interessantes. Era tambem repentista exímio, como se vê do seguinte improviso, que exige explicação prévia :

Havia na casa da familia de CASTRO ALVES uma preta velha e cega, que só se ocupava em afiar as facas e arear os talheres. GUIMARÃES CERNE, indo lá jantar um dia, levando distrahidamente a faca á boca, cortou-se. (Escusado é dizer que as facas, afiadas por uma cega, eram

verdadeiros ferros de dois gumes, cortantes como navalhas). Disse então o poeta :

« Si como as facas os donos
Cortam tambem pelas costas,
Não sai ninguem desta casa
Que não seja feito em postas ».

124 (*página* 105). — O Dr. DIOGO DE VASCONCELLOS, antigo deputado geral do Imperio, foi por muitos annos o chefe político de Ouro Preto, então capital da sua terra natal. Foi ahi presidente da Câmara Municipal e últimamente redactor do *Pharol* de Juiz de Fóra. Monarchista e cathólico, é um dos mais illustrados escriptores mineiros.

125 (*página* 106). — Vide a nota n. 98.

126 (*página* 108). — Importante jornal diario de Caracas, capital de Venezuela. Esta transcripção é feita do número de 15 de Setembro de 1888.

127 (*página* 109). — O Dr. GERÓNIMO DE CHIARA é um distincto médico italiano residente em Venezuela. Esta transcripção é feita do jornal diario *La Era Civil* de Caracas, numero de 3 de Novembro de 1888.

128 (*página* 110). — Do número da citada folha, de 3 de Novembro de 1888.

129 (*página* 115). — Importante folha diaria de Caracas, de propriedade e redacção do eminente acadêmico venezuelano D. MANUEL MARÍA FERNANDEZ, que firmou este artigo, no número de 16 de Novembro de 1888.

130 (*página* 118). — Artigo transcripto do nº de 17 de Novembro de 1888.

131 (*página* 123). — Editorial do já citado *Diario de Avisos,* de 4 de Dezembro de 1888.

132 (*página* 123). — Transcripto do já citado jornal, de 23 de Janeiro de 1889.

133 (*página* 124). — D. MARCO-ANTONIO SALUZZO, insigne poeta e eminente político venezuelano, é um dos maiores oradores da América. Nasceu em Cumaná em 1834, foi deputado á Constituinte e membro do Congresso Nacional, presidente do Estado Barcelona é ministro da Fazenda e das Relações Exteriores. Traduziu as *Melodias Hebraicas de* BYRON, e é admiravel a sua *Mese-*

niana á memoria de una filha que perdeu na flor da idade.

134 (*página* 125). — Escriptor hespanhol, de quem apenas conheço ligeiros trabalhos literarios.

135 (*página* 126). — Editorial do número de 30 de Novembro de 1889. Foi o adeus de despedida da redacção ao consul geral do Brasil.

136 (*página* 128). — O Dr. EDUARDO CALCAÑO é um dos mais gloriosos representantes de uma dynastia reinante de poetas de Venezuela. Nasceu em Cartagena (Colombia), a 10 de Dezembro de 1831, foi várias vezes ministro d'Estado, jornalista, deputado, senador e ministro extraordinario na Hespanha.

E membro das reaes Academias da Lingua e da Historia de Madrid, da Sevilhana de Boas Letras, da de Jurisprudencia, de Hespanha, e da Venezuelana. É poeta insígne, músico inspirado e orador de prodigiosa eloquencia. Além de varios poemas e primorosas poesias, tem uma zarzuela (música e letra de sua lavra), que é deliciosa, *La Perla de las Antillas.*

137 (*página* 130). — O Dr. CALDRE E FIÃO nacceu em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) a 22 de Agosto de 1813 e falleceu na mesma cidade a 20 de Março de 1876. Era doutor em medicina, chefe do partido liberal rio-grandense, foi deputado á assembléa geral legislativa, poeta, romancista e jornalista.

Diz ACHILLES PORTO ALEGRE : — « A' proporção que o corpo envelhecia, a sua alma parecia rejuvenescer. No meio dos moços, com quem sempre conviveu, era o mais moço de todos pelo coração. O seu bem estar e o de sua familia, sacrificou-os pela sua inexcedivel dedicação aos infelizes ».

138 (*página* 132). — TERENCIO DE MIRANDA nasceu em Porto Alegre em 1856 e falleceu na mesma cidade em 1889, no posto de capitão do exército. Fez brilhante figura na Escola Militar, consorciando na maior harmonia as musas com as mathemáticas.

139 (*página* 134). — Vide a nota nº 109.

140 (*página* 135). — LUCIO BRASILEIRO CIDADE nasceu em Porto Alegre em 1857 e tem vivido sempre no Rio Grande do Sul, onde collaborou em diversos jornaes,

exercendo actualmente a medicina na villa da Estrella, fundada pelo avô de MUCIO TEIXEIRA, o benemérito coronel VICTORINO JOSÉ RIBEIRO, pai do glorioso GENERAL SOLON.

LUCIO CIDADE deu ao seu primeiro filho o nome de MUCIO, em testemunho de estima ao seu amigo e companheiro de infancia.

141 (*página* 136). — O Dr. JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL nasceu no Rio Grande do Sul a 29 de Julho de 1858, formou-se em direito em S. Paulo, foi deputado á Constituinte, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario em varios paizes da Europa e da América, actualmente acreditado junto ao governo dos Estados Unidos, em Washington.

A poesia transcripta é do seu volume das *Chispas*. Tem em elaboração um poema intitulado *Libellos a Deus*, e é autor de notáveis livros em prosa, dos quaes apenas conheço a *Historia da Revolução* (de 1835), *A República Federal* e *Democracia Representativa*.

142 (*página* 137). — GUILHERME PINTO MONTEIRO, literato portuguez naturalisado brasileiro, fixou residencia na cidade do Rio Grande, onde falleceu, poucos annos depois de ter desposado a poetisa JULIETA DE MELLO MONTEIRO.

143 (*página* 138). — Esta poesia é transcripta do mimoso volume *Aljófares*, poesias do Sr. ANTONIO MOREIRA DE VASCONCELLOS, irmão do intelligente actor e autor dramático MANUEL MOREIRA DE VASCONCELLOS.

144 (*página* 140). — O Dr. ANASTACIO DO BOM SUCCESSO, considerado o primeiro fabulista brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro a 5 de Agosto de 1833 e falleceu na mesma cidade a 15 de Março de 1899. Era doutor em medicina e presidente do Instituto dos Bachareis em Letras pelo Collegio Pedro II.

145 (*página* 142). — Vide a nota n. 60.

146 (*página* 143). — Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente o autor destes vessos, publicados na *Revista Literaria*, anno I, n. 6, do Rio de Janeiro, em 1882.

147 (*página* 144). — Esta distincta poetisa, em cujas veias corre o glorioso sangue do general DUQUE DE

Caxias, escreveu este soneto no album do cantor dos feitos marciaes do heróe da ponte de Itororó.

148 (*página* 146). — Epaminondas Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Porto Alegre em 1860 e transferiu a sua residencia para o Rio de Janeiro em 1890. Foi cadete de cavallaria, collaborador de alguns jornaes e publicou, em 1891, um poemeto intitulado *A Orgia dos Grandes*, prefaciado por Mucio Teixeira. Entregando-se aos desregramentos de uma vida byroniana, vivendo mais de noite que de dia, foi em 1899 recolhido ao Hospicio de Pedro II, onde jaz sepultado.

149 (*página* 147). — O Sr. Guilherme de Noronha é um intelligente guarda-livros portuguez, que muito joven fixou sua residencia no Rio de Janeiro. Acha-se actualmente na Europa, para onde seguiu durante a última Exposição Universal de Paris.

150 (*página* 147). — O mesmo da nota precedente.

151 (*página* 150). — Vide a nota n. 98.

152 (*página* 151). — D. José Antonio Calcaño, o irmão mais velho da dynastia poética dos Calcaños de Venezuela, nasceu na cidade de Cartagena (Colombia) em 1827 e falleceu em Caracas em Dezembro de 1897. É um dos maiores poetas americanos. Foi durante 21 annos Consul de Venezuela em Liverpool e depois Consul geral da Colombia em Venezuela. Em 1857 publicou o poema *El Leñador*, e de então por diante muitos outros, publicando o seu último livro de *Obras Poéticas* em Pariz em 1895.

Presidente da Academia Venezuelana, foi na sua sumptuosa residencia que se realisou a festa literaria que os melhores escriptores de Venezuela offereceram a Mucio Teixeira, na noite de 15 de Novembro de 1888. A 2 de Dezembro desse mesmo anno a illustre esposa do ministro do Brasil, D. Adelaide de Almeida e Vasconcellos, offereceu aos eminentes escriptores de Venezuela outra festa literaria, em retribuição á que fôra consagrada a Mucio Teixeira, na qual D. José Antonio Calcaño recitou uma admiravel poesia ao Imperador D. Pedro II, intitulada *La Levita Negra*, que, por ser muito extensa, sinto não poder transcrever aqui na inte-

gra. Da traducção que della fez Mucio Teixeira eis algumas estrophes :

Oh! que ! bonita lembrança !
¡ Mover poética justa
Sob esta bandeira augusta
De Dom Pedro de Bragança!

Elle, o das régias bondades,
Dos seus poetas Mecenas,
¡ Que fez do Brasil a Athenas
De luz e de liberdades!

Gloria de uma raça antiga,
Esse príncipe excellente,
Que é Monarcha e Presidente
Da Grande Nação amiga.

Julgo estar vendo Dom Pedro :
¡ Que magestosas maneiras!
Parece as nossas palmeiras...
¡ Parece o vetusto cedro!

O nobre rosto lhe alegra
Expressão modesta e franca :
¡ Fluctua-lhe a barba branca
Por sobre *a levita negra!* (1)

Dos reis ¿qual o triumphante?
¿ Qual de todos vale mais?
¿ Os outros, a olhar p'ra traz,
Ou Dom Pedro, a olhar p'ra diante?

Disse um pensador profundo
(Já Napoleao sepultado)
Que o seu fardão, agitado,
Chamaria á guerra o mundo.

A guerra... ¿ha um mal maior?
E a humanidade se agita...
¡ Pois de Dom Pedro *a levita*
Proclama a Paz e o Amor!

¡ Feliz Nação! sua ventura
Jamais desconheça, ingrata,
Para que assim não se abata
Sob ás cóleras da altura...

O céu não tem perdoado
Ingratos povos; e a historia

(1) *Levita* é sobre-casaca.

Não tece o laurel de gloria
Aos que a não têm conquistado.

E em seu febril desafogo
Os povos tremem, ao jugo
Da espada de algum verdugo...
¡ Do punhal dum demagogo !

. . . .

. . . .

153 (*página* 152). — HERACLIO MARTIN DE LA GUARDIA nasceu em Caracas a 13 de Setembro de 1829. É general, foi deputado e senador ao Congresso, consul do México em Venezuela e membro de número da Academia Venezuelana. Em 1870 publicou o primeiro livro de suas bellas *Poesias* Tem muitos outros, alguns poemas e grande número de dramas em verso. É um dos grandes poetas da sua gloriosa patria.

154 (*página* 153). — JACINTO GUTIÉRREZ COLL, filho do presidente da República do mesmo nome, nasceu em Cumaná a 10 de Outubro de 1836. Foi secretario das legações de Venezuela em Paris e Roma, director da instrucção superior de Caracas, ministro d'Estado e consul geral em New York. Os seus poemas, todos do maior esmero artístico, são tão admirados em Venezuela como na fina roda dos intellectuaes de Pariz, entre os quaes tem vivido muito annos. Era o companheiro inseparavel de MUCIO TEIXEIRA em Venezuela.

155 (*página* 154). — Vide a nota n. 136.

156 (*página* 155). — Dom FELIPE TEJERA nasceu em Caracas a 26 de Maio de 1816. É lente da Universidade Central de Caracas, censor da Academia Venezuelana, bibliothecario da Nacional de Historia e correspondente da Real Academia Hespanhola.

E um dos escriptores mais fecundos e illustrados da sua patria. Tem um poema em 12 cantos, *La Boliviada*, que é a epopéa nacional de Venezuela. São lindas as suas poesias lyricas, todas caprichosamente artísticas. FELIPE TEJERA é uma das grandes cerebrações da raça latina. Um de seus irmãos, MIGUEL TEJERA, tambem poeta e scientista, esteve no Brasil, como membro da Commissão Venezuelana que, conjuntamente com a

Commissão Brasileira, foram estudar as nascentes do Orinoco.

157 (*página* 155). — JULIO CALCAÑO, um dos príncipes reinantes da dynastia intellectual de Venezuela, nasceu em Caracas o 14 de Dezembro de 1840. É general, jornalista, membro correspondente da Real Academia Hespanhola e secretario perpetuo da Academia Venezuelana.

E grande o número de suas obras, em prosa e verso, todas revelando inspiração e saber. O seu poema *Hojas de Ciprés*, á memoria de um filhinho, é modelo de poesia, de sentimento e de resignação evangélica. Não são menos notaveis : *El Sello Maldito, Las Hojas de Mirto*, *La Danza de los Muertos*, *La Leyenda del Monge*, *El Pájaro Errabundo*, *Et Rey de Tebas*, *Las Lavanderas Nocturnas*, etc.

158 (*página* 156). — DIEGO JUGO RAMÍREZ, nasceu em Maracaibo a 18 de Novembro de 1836. Seu illustre pai, o coronel DIEGO JOSÉ JUGO, foi um dos próceres da independencia de Venezuela. Este notavel poeta e distincto prosador foi ministro d'Estado, deputado ao Congresso pelo Estado Zulia, é correspondente da Real Academia Hespanhola e membro numerado da Academia Venezuelana.

Seus bellos livros de poesias, todas inspiradas e caprichosamente artísticas, intitulam-se : *Violetas Arpegios*, *Hojas de Estio*, *Cantos de la Patria*, *Armonias Filosóficas y Religiosas* e *Restos del Naufragio*. Tem publicado em jornaes e revistas umas soberbas *Historias Extraordinarias*, no gênero de HOFFMAN e EDGAR PÖE.

159 (*página* 158). — MANUEL MARÍA FERNÁNDEZ, nasceu em Maracaibo em 1830. É capitão de mar e guerra, reformado por se ter invalidado em combate, commandando uma galeota de guerra, recebendo um grave ferimento que lhe rebentou um dos tympanos auditivos. Foi capitão do porto de La Guayra e é actualmente redactor-proprietario do *Diario de Avisos* de Caracas.

Diz um dos seus biógraphos : — « Escriptor humorista e de fina veia epigrammática, tão facil e expontanea que não tem rival em sua patria, é insinuante e communicativo, fazendo rir, sem ferir susceptibili-

dades, etc. » Tem publicado muito poesias lyricas e patrióticas, mas no maior número satyricas.

Suas principaes peças dramáticas, todas em verso, intitulam-se : *Bien por Mal; El Todo de una Charada; El que despaliba, pierde; Sinverguenza, avaro y flojo, Zapatero, á tus zapatos* e *La Caridad en Accion*. A seguinte sátyra de Don MANUEL MARÍA FERNÁNDEZ, *El Sordo* (como lhe chamam os intimos) y *Don Simon*, pseudònymo com que firma *sus letrillas*, é um modelo de graça e malicia :

¡LÍBREME DIOS!

A Mucio Teixeira.

Del candidato que grita :
« ¡Patriotismo! ¡Abnegación! »
Y hace brillantes programas,
Y á nadie le dice no;
Y después, cuando las riendas
Agarra de la Nación,
Las leyes pone en olvido
Y al pueblo que lo eligió...
¡Líbreme Dios!

De la que está en todas partes,
A pesar de no ser Dios,
Pujando donde hay mortuorio,
Baibando donde hay violón,
Coqueteando donde hay hombres,
Murmurando donde hay... ¡oh!
De una mujer que gorjea
En tan ancho diapasón;
¡Líbreme Dios!

De aquel que se llama digno,
Dice que nunca aduló,
Que como Bruto es patriota,
Abnegado cual Catón;
Y sin embargo se arrima
Á donde calienta el sol,
Con desdén mira al caído
¡Y hace halago al que subió!
¡Líbreme Dios!

De la mamá que á su hija
Vigila si llega Antón,
Que es pretendiente de aquella,
Pretendiente *comme il faut*;
Y luego la deja sola
Cuando llega *Don Melchor*
Á enseñarle lo que enseña,
El que hipócrita nació;
¡Líbreme Dios!

De los jóvenes imberbes,
Que en el templo del Señor
No guardan la compostura
Que impone la educación;
Aplauden con el garrote,
Hacen mofa del honor,
El codo empinan y juegan,
Del crimen corriendo en pos;
¡Líbreme Dios!

De mujer que sólo sabe
Repasar el *si* y el *do*,
Darle sopa al falderillo,
Pintarse con arrebol;
Ir á la iglesia por lujo,
Escribir cartas de amor,
Y leer por complemento
Á Zola y á Paul de Kock;
¡Líbreme Dios!

Del profesor infatuado
Que á todo lo dice *fo*,
Aunque se trate de Verdi,
De Mozart y de Gounod;
Que sólo halla perfecto
Lo que se numen creó
Y aplauden los ignorantes,
Que abundan como frijol;
¡Líbreme Dios!

De la coqueta que vive
Jugando con el amor,
Como juegan los chicuelos
Con las bombas de jabón;
Al uno le guiña el ojo,
Al otro le da una flor,
Á aquel un mechón de pelo
Y al más pánfilo una coz;
¡Líbreme Dios!

Del magistrado que explota
La miseria y el dolor,
Encarcela al ciudadano
Que no le templa el bordón:
De la ley hace almoneda,
Y la justicia ¡qué horror!
Convierte en ramera inmunda
Y al derecho en un histrión:
¡Líbreme Dios!

De la novia que á su novio
Hace protestas de amor,
e llama: — « ¡Mi bien, mi vida,
Mi cielo, mi corazón! » —
Y cuando el desventurado
Le da su uombre y su honor,
Hace da su honor ludibrio
Y de su honra borrón;
¡Líbreme Dios!

De la que deja al marido,
Que es paciente como Job,
Encargado del aseo
De los niños y el fogón;
Y se va por esas calles,
Apenas despunta el sol,
Á hacerles mimos á todos
Y á menear el polizón;
¡Líbreme Dios!

Del marido que á la esposa,
Abandona en un rincón,
Y se larga á picos pardos,
Sin consciencia y sin pudor;
Y cuando al hogar regresa,
Ebrio de inmunda pasión,
Á su compañera insulta
Porque á visitas salió;
¡Líbreme Dios!

Del que se finge beato,
Cuando es el mismo Astarot;
Del que critica lo ajeno,
Cuando lo suyo es peor;
Del que la echa de sabio,
Cuando no sabe el catón;
Del que ataque esta letrilla
Por haberla escrito yo;
¡Líbreme Dios!

160 (*página* 159). — D. Francisco Calcaño, irmão mais novo dos já citados JOSÉ ALTONIO e EDUARDO, nasceu em Caracas a 18 de Agosto de 1842. Foi durante onze annos consul de Venezuela em Marselha e Saint-Nazaire, regressou á patria em 1885, militando na imprensa até ser nomeado ministro do Tribunal de Contas. É poeta e prosador do merecimento, sendo laureadas, em concursos differentes, tres de suas composições poéticas: a ode *¡Tierra!*, no certamen em homenagem a COLOMBO, pela Sociedade Colombiana de Huelva, em 1884; a silva *La Mañana del Campo* (com o pseudônymo *Pastor, Jesus Herrera*), no certamen do Cassino do Macuto; e o canto épico *La Gloria de Urdaneta*, no concurso da Academia Venezuelana, em 1888. É tambem notavel a sua poesia heróica *La Batalla de Carabobo;* tem feito representar alguns de seus dramas, sendo muito applaudido o que se intitula *La Cruz de la Honra;* e a

31 de Dezembro de 1885 foi FRANCISCO CALCAÑO laureado com as palmas da Academia Franceza.

161 (*página* 160). — Vide a nota n. 153.

162 (*página* 160). — Vide a nota n. 154.

163 (*página* 161). — DOMINGO RAMON HERNÁNDEZ, o poeta mais popular de Venezuela, nasceu em Caracas a 3 de Agosto de 1829. O seu livro das *Flores y Lágrimas*, que acaba de ter nova edição em Pariz, pode ser comparado ao das *Primaveras* do nosso CASIMIRO DE ABREU.

Afastado completamente da politica, viveu muitos annos leccionando música, pois é tambem um inspirado artista e distincto compositor. Quando MUCIO TEIXEIRA o conheceu, já o desventurado e glorioso poeta estava cego, vivendo na pobreza do seu isolamento.

164 (*página* 162). — O distincto literato e poeta venezuelano Dr. MANUEL FOMBONA PALACIO tem sido deputado, senador e ministro.

165 (*página* 162). — O illustre poeta D. FÉLIX SOUBLETTE, nasceu na Havana, a 18 de Maio de 1820, mas foi menino para Venezuela, que é a sua patria adoptiva. Tem muitas poesias lyricas e épicas, é autor de uma célebre ode á *La Gloria de Páez*, que foi laureada em concurso da Academia Venezuelana, além de outra, não menos notavel, *A' Bolivar*. Foi presidente do *Jurado Dramático* de Caracas, viu coroado de applausos o seu drama em verso *Cada cual según sus obras*, devendo naturalmente já ter concluido outro magnifico drama, tambem em verso, celebrando as glorias e o martyrio do immortal *Miranda*, assassinado no cárcere, na guerra da Independencia.

166 (*página* 163). — HERRERA TORO, nascido em Caracas em 1859, é uma das mais completas organisações artísticas da actualidade. Estudou com os melhores mestres, na Italia, tornando-se um dos maiores pintores de Venezuela, onde os há eminentes, pois na sua galeria de Bellas Artes figuram vultos com os de ALIAGA, ASPURÚA, CARREÑO, MARTÍNEZ, MUÑOZ, RODRÍGUEZ, VELÁSQUEZ e TOVAR.

Além das grandes telas históricas, que lhe deram

reputação e fortuna, HERRERA TORO é tambem poeta e literato de fino espírito

167 (*página* 164). — D. SIMÓN SOUBLETTE é o digno filho e continuador das glorias de seu pai, o venerando poeta D. FELIX SOUBLETTE, de quem trata a nota n. 165.

168 (*página* 165). — LUIS NÓBREGA, joven poeta brasileiro nascido no Rio de Janeiro, é um dos talentos mais fecundos da actual geração. O seu volume de poesias, publicado quando estudava direito em S. Paulo, não dá idéa do seu alto valor mental. Escreve poesias, com a mesmo facilidade, tanto no lingua vernácula como na franceza, na italiana e na castelhana. Acaba de escrever um drama em verso, intitulado *A Flor da Noite*, que deve firmar a sua reputação.

169 (*página* 166). — JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, o mestre de MUCIO TEIXEIRA, nasceu em Porto Alegre em 20 de Maio de 1848 e falleceu, em viagem pelo interior do Rio Grande do Sul, em 1892. Era poeta, guerreiro, dramaturgo, romancista, orador e jornalista.

É notavel o seu drama *Y-Juca Pyrama*, baseado no poemeto de GONÇALVES DIAS; tem verdadeira cor local o seu romance *Serões de um Tropeiro*, e é pena que ainda não fosse publicado o seu livro de poesias intitulado *Flores de Maio*. Foi um dos fundadores do Parthenon Literario, em cujas revistas muito collaborou; fundou e redigiu durante um anno a revista *Murmurios do Guahyba*, foi redactor político da *Actualidade* e do *Rio Grandense*.

MUCIO TEIXEIRA entregou-lhe o seu primeiro livro (*Vozes trémulas*), e JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS limou-o e prefaciou-o.

170 (*página* 169). — O Dr. POMPILIO CAVALCANTI DE MELLO, distincto magistrado bahiano, é autor de varias obras em prosa e verso.

171 (*página* 170). — Este joven poeta bahiano, autor de um livro de inspiradas poesias intitulado *Madresilvas*, nasceu no Sitio da Pedra, em 1866, e redige actualmente o único jornal que se publica na cidade do Joaseiro.

172 (*página* 170). — FRANCISCO MUNIZ BARRETO é o digno filho e continuador das glorias literarias do mais

famoso repentista bahiano. Poeta inspirado e músico de renome em todo o Brasil, conquistou o primeiro premio no Conservatorio de Pariz. Seu irmão ROZENDO MUNIZ, o cantor dos *Vôos Icarios*, dos *Cantos da Aurora* e dos *Tributos e Crenças*, não era mais inspirado que o modesto e insigne cantor dos *Segredos dum alfinete* e da poesia *A uns pés*.

173 (*página* 172). — O distincto poeta HERMENEGILDO DA SILVA SENNA nasceu na Bahia a 4 de Abril de 1841. Foi amigo íntimo de Castro Alves, consagrando-lhe á gloriosa memoria umas sentidas e inspiradas estrophes. Seus livros de poesias intitulam-se : *Páginas rôtas*, *Perpétuas* e *Luares e Brumas*.

174 (*página* 172). — A Exma. Sra. D. ADELAIDE CASTRO ALVES GUIMARÃES é irmã do insigne cantor d'*Os Escravos* e viuva do eminente jornalista de que trata a nota n. 90.

Vivendo sempre numa atmosphera puramente intellectual, saturada de poesia e bondade, não podia deixar de ser o que é, uma das mais distinctas poetisas do Brasil. As poucas poesias que tem publicado appareceram sempre firmadas pelo seu pseudônymo, que é o bello anagramma de tão precioso nome : *Edaldeia*.

Tem, porém, colleccionadas em volume manuscripto, com o modeste título de *Telas*, as suas preciosas poesias, entre as quaes se destaca o poemeto *O Amor*, de uma delicadeza toda feminina, e estas originalíssimas estrophes ao pequeno MANUEL LOPES TEIXEIRA, o filhinho mais novo de MUCIO TEIXEIRA :

PASTEL

A Lopinhos, no seu 3° anniversario.

Sem ter palêta nem tintas
Nem amestrado pincel,
De teu rostinho mimoso
Vou tirar cópia fiel.

Começarei pela fronte,
Vasta plaga a cultivar,
Onde reside a innocencia
E o mal não veio pousar.

Em seguida o narizinho...
Dir-se-ia o dum cherubim ;
Ou melhor, um passarinho
Feito de branco alfinim.

Os olhos — dois besourinhos
Pretos, com pintas de luz,
Debatendo-se, travessos,
Num mar de scismas azues...

Os cilios e as sobrancelhas
Farei com todo o primor :
Tirando a curva e a pennugem
Das azas de um beija-flor.

A boquinha, uma pastilha
De rosa, cheia de mel
Das flores do Paraiso...
¡ Ainda pura de fel !

Falaste... e a volta do queixo
Me fez á idéa saltar
O papo dum canarinho
Que se puzesse a cantar.

De tuas faces roliças
O colorido e a maciez
Só pode dal-os o Artista
Que as rosas e os lirios fez.

Guardarei das orelhinhas
O contorno original,
De brancas e finas conchas
Com leves tons de coral.

Nos fios destes cabellos,
Fios de escuro setim,
Tu levas teus pais escravos
De teus caprichos sem fim.

Si te puzer umas azas,
Mesmo de gaze ou papel,
Dirão — anjinho descido
Das telas de RAFAEL.

Cumpri a minha promessa,
Em paga has de rir e rir...
— De moedas de oiro e prata
Quero escutar o tinir...

175 (*página* 173). — Poetisa franceza, residente em Pariz, que esteve algum tiempo no Rio de Janeiro.

176 (*página* 175). — Vide a nota n.º 84.

177 (*página* 182). — O general ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS FRANÇA E LEITE foi um dos heróes da guerra do Paraguay, para onde partiu como capitão de um corpo de Voluntarios da Patria, sendo gravemente ferido em combate, em consequencia do que veio a fallecer annos mais tarde, no Rio de Janeiro, em 1901.

Era primo de MUCIO TEIXEIRA, que morou em sua companhia desde que chegou do Rio Grande do Sul até o dia do seu casamento, com a Exma. Sra. D. MARIA HENRIQUETA DE PINTO PEIXOTO VELHO. Deste consorcio existem seis filhos : ALVARO, ADA, MUCIO, MARIA JOSÉ, MANUEL LOPES e ANNA EMILIA, tendo fallecido o innocente ALFREDO, com seis annos de idade.

MUCIO TEIXEIRA, consagrando o poema *Cérebro e Coração* ao seu primo e particular amigo, nos dois últimos versos da *Dedicatoria* allude aos de CASIMIRO DE ABREU, quando diz á virgem dos seus sonhos :

« Si o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor são todas tuas ».

178 (*página* 315). — Nas tres edições, completamente esgotadas, do livro dos *Novos Ideaes*, ha notas explica-

tivas do originalíssimo vocabulario gaúcho que se encontra nas *Flores do Pampa*. Reproduzil-as aqui, occuparia muitas páginas, numa edição que já vai muito além do que se esperava.

NOTAS DO TOMO II

179 (*página* 145). — Este poema, escripto na propria noite da morte de Victor Hugo, foi publicado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. O Imperador D. Pedro II, encarregando Mucio Teixeira de organisar o livro das *Hugonianas*, quiz que esse poema figurasse no fim das traducções; Mucio Teixeira, no livro o consagrou-o então ao Imperador, precedendo-o do soneto que se lê á página 145).

180 (*página* 158). — Lê-se á página 229 da 2ª edição do livro *Poesias e Poemas* de Mucio Teixeira : — « Cesar Cantu, referindo-se a este drama pastoril, que é considerado a obra mais importante da literatura profana dos hebreus, diz :

« *O Cântico dos Canticos* já andou e ainda anda incluido nos livros sagrados, em parte por homenagem ao *seu supposto autor*, Salomão, em parte porque se julgou ser um escripto allegórico, partindo-se do principio de que o sabio rei não podia ter malbaratado a sua sabedoria compondo poemas eróticos. Mas anda incluído indevidamente. Foi Flavio José quem primeiro o mencionou entre os livros chamados divinos.

Appareceram interpretações, ora poéticas e engenhosas, ora insignificantes e ridículas, mas sempre aventurosas. Após os intérpretes judeus appareceram os christãos. Orígenes aventurou uma explicação completa da obra, declarando que o amor, que nella transpirava, só podia ser o amor divino, e que o *Cântico* era, portanto, o epithalamio da Igreja com o seu celeste esposo, Jesus Christo.

Posteriormente, a Sulamita foi identificada com a puríssima Virgem María. E, mercê destas piedosas mas

absurdas exegeses, o drama conservou-se encorporado com as *Psalmos* e as *Prophecias* na veneranda Biblia.

Está lá devidamente, na opinião de NIEBUHR. Conta-se que este erudito critico, interpelado por um sacerdote, a quem repugnava admittir no canon biblico um câustico de amor, respondeu com vivacidade : « Pois eu julgaria que faltava alguma coisa á Biblia, si não houvesse nella uma expressão para o mais profundo e vehemente sentimento da humanidade. »

Expressão de amor, e das mais eloquentes, é em verdade. Dissemos que é um drama, de muitos criticos, e especialmente na de RENAN. Esta illustre hebraista julgou-se habilitado para, com acerto, dividir e separar o diálogo, que na versão correntia do poema desappareceu, e dar-lhe a fórma dramática primitiva. »

O drama em verso de MUCIO TEIXEIRA é paraphraseado da traducção em prosa de ERNESTO RENAN, não havendo aqui espaço para reproduzir as rubricas explicativas, que se encontram nas duas edições do livro *Poesias e Poemas*, de páginas 230 a 234.

181 (*página* 195). — Este poema é livremente traduzido de BYRON. MUCIO TEIXEIRA finalisou o seu trabalho no episodio que lhe pareceu mais solemne. O grande poeta inglez não parou ahi, continuando a tratar do soffrimento do desventurado casal, o que obedece á precisão histórica, mas sacrifica a acção dramática.

182 (*páginas* 310 *a* 333). — Muitas outras poesias de MUCIO TEIXEIRA estão traduzidas por outros poetas, de diferentes paizes. Apparecem aqui apenas as principaes.

Esta edição foi por mim organisada durante o periodo agudo da grave enfermidade de Meu Pai, o Senhor MUCIO TEIXEIRA, que adoeceu a 24 de Junho de 1900, passando muitos mezes cego e paralytico, só agora entrando em convalescença.

Autorisado por Elle a extrair as poesias que designou, de alguns de seus livros, não me permittiu comtudo que aqui contemplasse fragmentes dos seus trabalhos politicos, nem dos poemas *Mulheres do Evangelho* e *Caprichos de Mulher*, o primeiro já em segunda edição, o outra ainda manuscripto, mas terminado em 1899.

A responsabilidade de preceder as poesias de um *Polyantho* e *Apotheosis Poética* corre por minha conta. Não me julgando no direito de analysar o mérito literario de Meu Pai, recorri ao juizo dos competentes, que expontaneamente se referiram ás suas obras.

Rio, 13 de Setembro de 1901.

ALVARO DE MUCIO TEIXEIRA.

FIM DO TOMO SEGUNDO

Errata do tomo II

PAGINA	LINHA	ONDE SE LÊ:	LÊA-SE:
9	24	tom, sinistro	tom sinistro
10	1	Em trémulo	E trémulo
24	12	podem ser amigos	podem ser amigas
25	6	Cristo	Christo
28	16	soltando os guinchos	Soltando uns guinchos
42	7	O Mãis!	O' Mãis!
45	21	E que vejo	E' que vejo
54	25	O minha patria!	O' minha Patria!
60	1	E não ter	E' não ter
72	18	Com desejos de medos	Com desejos e medos
89	19	viadade	vaidade
95	4	occano	occaso
109	15	¿onde vai?	¿aonde vai?
112	1	estrelia	estrella
137	8	sem se importar que alguem ouvisse	soprando a flauta da tolice
159	2	Mantam	Matam
210	4	tímpamos	timpanos

INDICE

LIVRO II

MOCIDADE

O CANTICO DOS CANTICOS

LIVRO III

VIRILIDADE

LIVRO IV

FLORES DE LOS ANDES

(*Ensayos de poesía castellana.*)

LIVRO V

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

Traduzidas em varias linguas.

Paris. — Typ. H. Garnier, 7, rue des Saints-Pères. 326.4.1903.